



**ENTRE MULHERES E FRONTEIRAS, UM ESCRITOR:  
LUGARES DO FEMININO NA OBRA DE LIMA BARRETO (1902-1922)**

**MARIA SANDRA DA GAMA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
PRÓ- REITORIA DE PÓS- GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA- MESTRADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA E ESPAÇOS  
LINHA DE PESQUISA II: CULTURA, PODER E REPRESENTAÇÕES  
ESPACIAIS

**ENTRE MULHERES E FRONTEIRAS, UM ESCRITOR:  
LUGARES DO FEMININO NA OBRA DE LIMA BARRETO (1902-1922)**

**Maria Sandra da Gama**

**Natal/RN**

**2015**

MARIA SANDRA DA GAMA

**ENTRE MULHERES E FRONTEIRAS, UM ESCRITOR:  
LUGARES DO FEMININO NA OBRA DE LIMA BARRETO (1902-1922)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História e Espaços, Linha de Pesquisa II, Cultura, Poder e Representações Espaciais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior.

**Natal/RN**

**2015**

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Bibliotecário:  
João Paulo Santos de Sousa CRB-5/1463

Gama, Maria Sandra da  
G184e Entre mulheres e fronteiras, um escritor: lugares do feminino  
na obra de Lima Barreto (1902-1922) / Maria Sandra da Gama.  
Natal – RN, 2015.  
202 f.

Dissertação (conclusão do curso de pós-graduação Strictu  
Senso / Mestrado em História, área de concentração em história e  
espaços, Linha de pesquisa II, cultura, poder e representações  
espaciais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior

1. Lima Barreto. 2. Literatura. 3. Lugares masculinos e femininos  
I. Título.

CDD – B869

MARIA SANDRA DA GAMA

**ENTRE MULHERES E FRONTEIRAS, UM ESCRITOR:  
LUGARES DO FEMININO NA OBRA DE LIMA BARRETO (1902-1922)**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pela comissão formada pelos professores:

---

Durval Muniz de Albuquerque Júnior – Orientador  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

---

Antonio Emilio Morga (examinador externo)  
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

---

Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior (examinador interno)  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

---

Raimundo Pereira Alencar Arrais (Suplente)  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Natal, 25 de agosto de 2015.

Com amor,  
para Ana Gabriela e Amanda Maria.

## AGRADECIMENTOS

Às forças que, mesmo diante dos obstáculos, me fizeram perseverante durante toda essa jornada.

A toda a minha família, pelo apoio sempre tão oportuno, em especial à minha mãe Albina e as minhas irmãs Benedita e Teresinha, pela silenciosa compreensão de meu momento, pela generosidade com seus préstimos, resolvendo inúmeros assuntos meus.

A meu orientador, Durval Muniz de Albuquerque Júnior, de modo especial, pela leitura e aceitação em orientar meu projeto, ainda na fase de seleção do mestrado; pelas aulas intelectualmente instigantes, e hilariantes, graças a seu fino senso de humor e pela postura profissional, que fizeram aumentar ainda mais o meu respeito por ele. E, acima de tudo, pela orientação, com todo o repertório que ela envolve e que me possibilitou tanto a realização deste trabalho dissertativo quanto a fazer inúmeras conexões com outros aspectos da minha vida.

A meu amigo-irmão Zeni, por ser meu refúgio e conforto em Natal, pela gentileza, solidariedade e hospitalidade, pelas viagens poético-musicais, que me proporcionaram emoção e alívio ao cansaço, principalmente durante aqueles meses de “loucura” em que vivi entre Eunápolis e a capital potiguar e cuja jornada parecia ainda mais pesada.

A Joane Luísa, pela acolhida em Natal, pela cuidadosa instrução sobre locomoção na cidade e dentro da UFRN, pelas conversas e amizade e por me apresentar a Zeni.

A Célia Santana, pela preocupação e encorajamento dedicados a mim, por proporcionar muitas risadas e divertimentos, ao lado, também, de Lara e Élcio, a quem sou eternamente grata pelo gesto de generosidade em resolver a minha mudança, pelo companheirismo, acolhida e múltiplas partilhas junto à maravilhosa família de vocês!

A Joceneide Cunha, por me incentivar com o tema da pesquisa logo após a “Semana da Consciência Negra”; pelas refeições partilhadas, conversas, amizade e, em especial, também por resolver questões burocráticas, durante a minha licença e solicitação de incentivo profissional; sem sua generosidade, eu não teria conseguido.

A André Heloy, pelo estímulo desde a época da seleção, pelas longas conversas ao telefone sempre tão importantes por me fazerem rir e refletir, pela paciência em ouvir os meus desabaços, pelas dicas de ergonomia, por se disponibilizar a ler meu texto, por ser meu amigo-psicólogo durante esta jornada, que começou na “igreja” (Santo André), enquanto louvávamos aquele *Blue Moon* sobre o encontro das águas doces do Rio João de Tiba com as do mar salgado, em 2012.

A Neide e Angelina, por, generosamente, abrirem as portas de sua casa e me acolherem entre suas graças e amizade.

A Sandra Regina Barbosa, pela leitura e anotações no projeto, pela socialização de muitos textos, por me atualizar sobre as produções historiográficas.

A Roberto Bueno, pelas risadas, pelo carinho e informações sempre pontuais.

A Fábio Nunes, conterrâneo jacobinense que passou por experiência semelhante à minha, em terras potiguares, pelo empréstimo de livro na época da seleção de mestrado e por ser a ponte entre mim e Joane.

À Universidade do Estado da Bahia – UNEB, por me conceder afastamento por dois anos das minhas atividades de sala de aula e pela bolsa de estudos (Programa de Apoio à Capacitação - PAC). Em particular, aos colegas de Colegiado de História, do Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, *Campus XVIII*, de Eunápolis, que, mesmo diante da carência de professores no curso de Licenciatura em História, foram favoráveis à minha liberação.

Aos/às colegas da turma de mestrado, sobretudo os/as do Seminário de Pesquisa da Linha II: Cristiano, Priscilla, Renan, Paulo Ricardo, Arlan, Arthur, João Gilberto, pela leitura e sugestões ao projeto; Leonardo; e Rafaele Sabrina, pela amizade, pela companhia inteligente e sensível nas tardes de terças-feiras e durante nossa estadia em Recife.

À professora Ilza Matias de Sousa, pela forma com que conduziu as aulas na disciplina “Poéticas em suas Múltiplas Experimentações”, na qual as leituras e discussões me possibilitaram a construção de conhecimento teórico e, de modo sensível; pelas observações no exame de qualificação.

À professora Márcia Vasques e ao professor Raimundo Arrais, pela instrumentalização intelectual e profissional que me concederam durante as aulas de suas disciplinas.

Ao professor Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior, pela valiosa contribuição no exame de qualificação, pelo cuidado na leitura de meu texto, pontuando-o com anotações e sugestões que muito colaboraram para melhor estruturar esta dissertação.

Aos funcionários da secretaria do PPGH, Luann e Layrlla, pela atenção e paciência em atender às minhas dúvidas e solicitações.

A Solange Fonsêca, tanto pela revisão do texto quanto pelas mensagens bem-humoradas e estimuladoras que, além de trazer alegria, aprendizado sobre o uso da Língua Portuguesa, trouxeram também riquíssimos ensinamentos de vida.

Cresce destroço em minhas aparências  
Nesse destroço finco uma açucena  
(É um cágado que empurra estas distâncias?)  
A chuva se engalana em arco-íris.  
Não sei mais calcular a cor das horas.  
As coisas me ampliaram para menos.

(Manoel de Barros, 2006, p.67)

## RESUMO

O período entre os anos de 1902 a 1922 correspondem à trajetória de Lima Barreto, seja no universo das letras brasileiras, na repartição da Secretaria da Guerra ou ainda em tantos outros espaços onde ele circulou e pôde observar as diversas transformações em curso na cidade do Rio de Janeiro, como as práticas e ações discursivas que instituíam a distribuição de lugares sociais masculinos e femininos, baseada nas convenções de gênero. Nesse contexto se demarcavam, como espaços de atuação para a mulher, os ambientes privados da casa. Enquanto, para os homens, se destinavam os espaços públicos, como as repartições públicas, o parlamento, entre outros. Durante esse período, o escritor produziu crônicas, contos, romances, nos quais apresenta uma variedade de imagens e enunciados em torno do que seria ser mulher. Nessa perspectiva, a investigação proposta no trabalho busca analisar os lugares do “feminino” presente nos escritos do autor. A mulher barretiana é apresentada, nos espaços público e doméstico, como figura submissa, de capacidade intelectual limitada. E, ao mesmo tempo e de forma contraditória, ela é inscrita, quando se apresenta nos espaços públicos, como figura transgressora dos limites dos lugares sociais impostos e capaz de empreender mecanismos de subversão da ordem da dominação masculina sobre ela. Dessa maneira, tais elaborações sobre as mulheres foram examinadas em conexão com a historicidade da vida e da obra do escritor, buscando, assim, acolher também à interpretação dessas cartografias femininas e entender as ambiguidades barretianas, nas quais, residia a coexistência de um Lima Barreto delator das mazelas vividas pelas mulheres e, ao mesmo tempo, avesso ao alvorecente movimento feminista, um crítico das certezas uniformizadoras da diversidade das pessoas e, no entanto, muitas vezes, complacente com os discursos científicos e costumes regrados masculinos que desqualificavam a mulher. As fontes estudadas foram correspondências, anotações pessoais, artigos e crônicas e, especialmente, os romances *Clara dos Anjos*, *Numa e a Ninfa*, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Para efetivação da pesquisa, as abordagens teóricas se ancoraram nas contribuições de Michel Foucault, Félix Guattari e Suely Rolnik, com as acepções de *heterotopia* e *subjetividade* respectivamente, além do aporte teórico-metodológico de Judith Butler, a partir de sua acepção de *gênero*. Suportes que autorizaram a interpretação da historicidade dos agenciamentos “do feminino”, operados pelo autor, como registros discursivos das experiências vividas por ele ao longo de seu trajeto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lima Barreto. Literatura. Mulheres. Lugares masculinos e femininos.

## ABSTRACT

The span of time between 1902 and 1922 comprehend the trajectory of Brazilian writer Lima Barreto, both in Brazilian literary metier and in the public service at the Secretary of War. Also, it comprehends his trajectory along many other places in which he circulated and could observe the several transformations the city of Rio de Janeiro was undergoing, such as the discursive practices and actions underlying the distribution of female and male social places, i.e., gender conventions. In this context, the private spaces of the house were those marked for female acting, while the public spaces were reserved for man: public institutions, the parliament, among others. During this time, the writer produced chronicles, short stories, and novels in which he presents a variety of images and statements regarding the issue of being a woman in such society. Under this light, the research proposed by this work aims at analysing the place of the female in the author's writings. Barreto's woman is presented, both in domestic and public space, as submissive and intellectually limited. At the same time, contradictorily, she is inscribed, when re-presented in public spaces, as transgressive and able to act on subversive mechanisms regarding male domination upon her. These elaborations regarding women were examined from a historical perspective in relation to the author's life and work aiming at sheltering his interpretation of these female cartographies as well as the ambiguities of these Barretian women. The research carried out reveals the co-existence of a writer that would denounce the shortcomings experienced by women while against the rising female movement, a critic of homogenizing certainties but also a supporter of scientific discourses and female disqualifying habits. The sources of this piece of research were his correspondences, personal notes, articles and chronicles and, particularly, the novels *Clara dos Anjos*, *Numa e a Ninfa*, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, and *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. The theoretical approach was based on Michel Foucault, Félix Guattari and Suely Rolnik, namely regarding the concepts of *heterothopy* and *subjectivity*, respectively. Also, we have based our elaborations on Judith Butler's concept and discussions regarding *gender*. These choices have allowed us to interpret the historicity of female acting operated by the author, as discursive registrations of the experience he had undergone along his trajectory.

**KEY WORDS:** Lima Barreto. Literature. Women. Male and female places.

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>11</b>  |
| <b>1 CAMINHOS BATIDOS E NOVOS CAMINHARES: LUGARES DE LIMA BARRETO .....</b>               | <b>21</b>  |
| 1.1 DRAMAS URBANOS: REMODELAÇÃO DO RIO DE JANEIRO E (RE)LOCAÇÃO DE MULHERES E HOMENS..... | 21         |
| 1.2 LIMA BARRETO ENTRE O CENTRO E A VILA QUILOMBO.....                                    | 40         |
| 1.3 O AMANUENSE-ESCRITOR E AS MULHERES ÀS MARGENS DO FUNCIONALISMO.....                   | 69         |
| <b>2 NO CURSO DAS LETRAS, AS TENSÕES E VARIAÇÕES DE FRONTEIRAS ....</b>                   | <b>87</b>  |
| 2.1 A PRÁTICA INTELECTUAL INSCRITA EM CARTAS E NA IMPRENSA .....                          | 87         |
| 2.2 CONTESTAÇÃO AOS <i>PREFÁCIOS</i> EM TEMPO DE FEMINIZAÇÃO SOCIAL.....                  | 114        |
| 2.3 A PRÁTICA DE ESCRITOR-CRÍTICO INSCRITA EM CARTAS PARA AS MULHERES ESCRITORAS.....     | 128        |
| <b>3 MULHERES BARRETIANAS NAS FRONTEIRAS DA DOMESTICIDADE .....</b>                       | <b>140</b> |
| 3.1 <i>SOU EU MESMA, MINHA SENHORA</i> .....  | 140        |
| 3.2 VIVER NA INTIMIDADE DO LAR: INQUIETAÇÕES E INSUBORDINAÇÕES EM OLGA E EDGARDA .....    | 155        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>   | <b>188</b> |
| <b>FONTES E REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>194</b> |

## INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que o texto é autobiográfico, desde que entendamos por “auto”, aqui, não a individualidade de uma existência, a do autor, mas a singularidade do modo como atravessam seu corpo as forças de um determinado contexto histórico.<sup>1</sup>

A reflexão acima, formulada por Suely Rolnik em seu livro *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*, diz respeito às múltiplas dimensões que compõem a vida de um indivíduo nas quais se articulam, também, sua trajetória individual com as coletivas. Experiências que se realizam ao longo do percurso histórico de cada um e, por isso mesmo, sugerem o caráter mutante das impressões e apreensões humanas, sejam sobre si ou sobre a realidade circundante. Essa assimilação foi o fio condutor do estudo sobre a diversidade de apresentação de lugares para a mulher na obra de Afonso Henriques de Lima Barreto, no contexto do Rio de Janeiro do início do século XX, realizado nesta pesquisa.

O escritor nasceu e viveu no Rio de Janeiro entre 1881 e 1922. Mulato, de condição econômica modesta, desde a infância transitou entre os universos da gente humilde suburbana de quem era vizinho, e o da gente socioeconomicamente privilegiada com a qual passou a conviver de perto durante os tempos em que recebeu sua diferenciada instrução escolar. Nesse transcurso, experimentou uma série de reveses pessoais e familiares, assistiu a muitos acontecimentos que marcaram a história das mulheres e homens cariocas e do País como um todo, entusiasmou-se com a escrita e fez dela a grande paixão de sua vida inteira. Nesta sua grande dedicação, construiu em seus textos uma grande variedade de figuras femininas, que desvelam sua diversidade de percepção sobre a mulher e se constituem num rico painel para estudiosos da temática feminina.

Apesar de tal riqueza, o tema da mulher na obra do autor começou a se delinear, como possibilidade de estudo, muito recentemente, quando de nossa participação na “VI Semana da Consciência Negra”, no ano de 2012, no Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – *Campus XVIII* da Universidade do Estado da Bahia, em Eunápolis. Naquela ocasião, apresentamos trabalho no qual eram observadas questões referentes à condição feminina a partir do romance *Clara dos Anjos* e da obra fílmica de Fernando Meirelles e Nando Olival: *Domésticas – o filme*. Levando-se em consideração as particularidades de cada linguagem e

---

<sup>1</sup> ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011. p.22.

de seus respectivos momentos de produção, buscamos discutir, a partir das duas obras, sobre as permanências e transformações dos muitos aspectos que, ainda hoje, concorrem para a desvalorização profissional da mulher, sobretudo, da mulher pobre e negra.

A constatação acima abriu horizontes para pensarmos em ampliar estudos sobre condição feminina, tendo como base os textos de Lima Barreto. A partir de então, a possibilidade de trabalhar com a obra do escritor foi se materializando na confecção do projeto para o mestrado em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Inicialmente, a proposta de investigação buscava discutir a construção dos perfis femininos inscritos na literatura do autor, exatamente os correlacionados com as reformas urbanas empreendidas pelo projeto republicano modernizador do Rio de Janeiro no início do século passado. Procurava-se, assim, analisar vendedoras, moradoras dos subúrbios, entre outras, como sendo aquelas que, diretamente, vivenciaram o impacto das mudanças estruturais da cidade.

Entretanto, durante o curso e com o aprofundamento das análises da investigação, possibilitado não apenas pela ampliação das fontes de estudo, como também da produção de outros estudiosos do autor, foi se desenhando outro caminho interpretativo para a pesquisa. Da releitura dos escritos ficcionais, somada à leitura dos não-ficcionais, emergiram evidências das muitas ambivalências barretianas. No que tange a sua apreensão sobre a mulher, constatou-se a variação de seu posicionamento em relação a ela, tanto como seu defensor quanto como seu crítico ferrenho. Diante de tais aspectos, surgiram novas questões que solicitaram que a pesquisa fosse redesenhada.

Nessa reconfiguração, as ambivalências inscritas na produção barretiana podiam facilmente induzir ao delineamento classificatório dos escritos do autor, pela própria ambiguidade instalada neles, dentro de uma lógica binária. Entretanto, longe de qualquer tentativa de “capturar” as (re)leituras barretianas a partir de um ponto fixo, o que se pretendeu, foi analisar a inscrição de lugares do feminino em sua obra, tentando se distanciar de premissas que o reduzissem meramente a ser pró ou contra as mulheres.

Buscando, então, apreender a variação barretiana a partir de uma perspectiva mais ampla, a pesquisa se tornou credora da noção de *subjetividade* elaborada por Félix Guattari e Suely Rolnik. Essa acepção possibilitou o alcance de outro modo de leitura dos escritos do autor, porque se refere à produção constante de sentidos construídos pelas pessoas a partir das partículas liberadas dos afetos dos encontros com o outro, pelos quais são afetados seus corpos e modos de vida.

De acordo com Guattari e Rolnik, a construção de *sentidos* é produzida ininterrupta e continuamente em movimentos integrados com a coletividade, com o social. Desse modo, as *subjetividades* não podem ser apreendidas como fixas ou totais, mas como processos que se relacionam com os universos das existências humanas, daí, então, cabe compreendê-las como múltiplas, fragmentárias e variáveis <sup>2</sup>. A proposição dos dois estudiosos abria, assim, a trilha para a interpretação dos escritos de Lima Barreto, sobretudo aqueles que contêm características e perfis femininos, como inscrição das cartografias femininas produzidas pelo autor, tecidas com sua subjetividade mutante que o autorizava a compor “suas” mulheres tanto como figuras em deslocamento quanto enrijecidas, desenhadas com traços baseados nas convenções estabelecidas que desqualificavam a mulher.

Como sugere Rolnik na epígrafe acima, pensar sobre produção de subjetividades pressupõe que se pense também que ela se articula com os contextos históricos de suas emergências. Nessa dimensão, a reflexão da estudiosa propõe que se correlacionem, à interpretação dos traços biográficos colocados na obra de um autor, aspectos como lugares sociais ocupados por este durante sua trajetória de vida, considerando-se aí que as posições que um indivíduo ocupa, muitas vezes decorrem de imposições do sistema de dominação vigente.

De par com a compreensão acima, as leituras realizadas sobre a obra barretiana permitiram lançar o olhar para as cartografias femininas inscritas nela como registros que precisavam ser analisados em conexão com a própria historicidade do escritor. Na busca de alcançar tal interpretação, a pesquisa se tornou credora, também, do trabalho de muitos estudiosos da obra barretiana.

Os escritos de Lima Barreto já foram amplamente estudados por diversas lentes do conhecimento, como a da História, da Literatura, da Sociologia, da Educação, da Psicologia Social. Na impossibilidade de se dar conta de toda essa produção, é preciso elencar aqui os trabalhos que, diretamente, contribuíram para as análises empreendidas na pesquisa, para se dar o devido crédito a seus autores.

O trabalho de Nicolau Sevcenko, *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*<sup>3</sup>, desde sua publicação, tem servido de referência para muitas pesquisas cujos temas e análises se baseiam no uso das fontes literárias. Nesse estudo sobre Lima Barreto e Euclides da Cunha, Sevcenko, ao examinar a linguagem e os temas inseridos

---

<sup>2</sup> GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 6.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p.31.

<sup>3</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

nas obras deles, destaca a predominância da temática social em suas literaturas. A flagrância dessa constatação é o mote para o historiador inserir suas análises no contexto histórico das produções barretianas e euclidianas, um momento marcado pelas mudanças empreendidas no projeto republicano modernizador e cuja recepção provocou tensões, desilusões entre as pessoas, inclusive em parcelas da intelectualidade daquele momento, como os dois escritores. Nesse horizonte de interpretação, Sevcenko apreende os escritos de Barreto e Cunha como sendo o local de abrigo das muitas vozes descontentes contra a ordem estabelecida, sugere, assim, o entendimento das insurgências colocadas nas duas literaturas como oriundas da escrita política e “missionária” dos dois autores.

Divergindo da interpretação de Nicolau Sevcenko, Regina Maria Dias, em *Lima Barreto: uma máquina de guerra na cidade do Rio de Janeiro*<sup>4</sup>, privilegiando o exame dos romances *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* e *Triste fim de Policarpo Quaresma*, mas também entrelaçando ao estudo, crônicas e correspondências, empreende outra perspectiva de análise da figura de Lima Barreto. Com base no repertório teórico conceitual de Gilles Deleuze e Elias Canetti, a autora trata as problematizações lançadas pelo autor às arbitrariedades empreendidas pelas engrenagens normalizadoras das vidas dos habitantes da cidade como aspectos surgidos da relação entre produção social e produção do desejo. Dessa forma, ela acolhe as multiplicidades barretianas em seu trabalho e, nesse movimento, destaca que, nas indagações e críticas de Barreto contra as forças conservadoras estabelecidas na sociedade brasileira, ecoam esperanças das coletividades. Entretanto, nas indagações construídas com estética divergente das formas canônicas, inscreve-se a cartografia desejante do autor, tanto de ele viver como de escrever diferente. Nessa medida, Dias propõe o desvio das formas que interpretam os escritos barretianos a partir de olhares classificatórios e obliterantes da riqueza das diferenças neles inseridas, e, assim, convoca à apreensão de Lima Barreto como um evento.

Trabalho publicado anteriormente ao de Regina Maria Dias, incorporado por ela às próprias referências bibliográficas e que, igualmente, convoca o leitor a mergulhar nas complexidades de Lima Barreto, as quais moviam o curso de sua escrita, é *Correspondência de Lima Barreto: à roda do quarto, no palco das letras*, de Fátima Maria de Oliveira<sup>5</sup>. Detendo-se, prioritariamente, nos volumes de correspondências do escritor e servindo-se de perspectivas teóricas de vários autores como Deleuze, Homi Bhaba, Roland Barthes, a autora

<sup>4</sup> DIAS, Regina Maria Santos. *Lima Barreto: uma máquina de guerra na cidade do Rio de Janeiro*. Curitiba: Appris, 2013.

<sup>5</sup> OLIVEIRA, Fátima Maria. *Correspondência de Lima Barreto: à roda do quarto, no palco das letras*. Rio de Janeiro: Caetés, 2007.

realiza uma vasta e rica pesquisa sobre o escritor, na qual examina o trânsito de Lima Barreto pelos espaços de sua intimidade, bem como pelo do universo literário. Ao examinar os vestígios autobiográficos instalados nos escritos, nos quais se flagram linhas de entusiasmo, ressentimentos, críticas, humor, ironia, Oliveira chama a atenção para o fato de que eles são produtos das encenações assumidas por Lima Barreto ao longo de sua existência oscilante.

O Lima Barreto emerso das páginas íntimas examinadas no trabalho de Fátima Oliveira é construído na confluência de suas dimensões enquanto intelectual e enquanto indivíduo. Nessa medida, ela focaliza que o escritor observa os acontecimentos em processo no Rio de Janeiro e, então, descerra uma trilha para suas expectativas de poder intervir socialmente. Assim, “[...] é a experiência do relato cotidiano e a confiança na palavra que lhe permitem a sobrevivência pela escritura, transformando-a em ‘empreendimento de saúde’”<sup>6</sup>. O estudo da autora e o de Regina Maria Dias se constituem em duas referências importantes nesta pesquisa. Todavia as análises aqui realizadas, em diversos momentos, percorrerão um percurso mais próximo ao da forma como Oliveira construiu seu trabalho.

Destaca-se ainda, entre os estudos baseados na obra barretiana, três, cujo foco das investigações trata de questões relacionadas ao universo da mulher: *Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto*, de Eliane Vasconcellos<sup>7</sup>; *Perfis da Belle Époque brasileira: uma análise das figuras femininas de Lima Barreto*, de Fabiana Câmara Furtado<sup>8</sup> e *A educação da mulher em Lima Barreto*, de Jomar Ricardo da Silva<sup>9</sup>.

No livro *Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto*, Eliane Vasconcellos, visando dar relevo à forma como Lima Barreto “[...] mostra a posição da mulher na realidade social brasileira”<sup>10</sup> em seus escritos ficcionais e não-ficcionais, analisa temas como: casamento, viuvez, educação, profissão, prostituição. As análises construídas pela pesquisadora têm como base teórica o pensamento de Michel Foucault, bem como de pensadores de tendência marxista como Engels e Alexandra Kollontai. Somado a outros estudos, esse arcabouço serve de orientação para Vasconcellos esclarecer as diversas formas de dominação da mulher. Nesse movimento, ela localiza aspectos de denúncia da sujeição

<sup>6</sup> OLIVEIRA, Fátima Maria. *Correspondência de Lima Barreto*, op.cit., p.135.

<sup>7</sup> VASCONCELLOS, Eliane. *Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

<sup>8</sup> FURTADO, Fabiana Câmara. *Perfis da Belle Époque brasileira: uma análise das figuras femininas de Lima Barreto*. 2003. 132f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. Disponível em: <<http://www.liber.ufpe.br/teses/arquivo/20031119153251.pdf>>. Acesso em: 18 jun.2015.

<sup>9</sup> SILVA, Jomar Ricardo da. *A educação da mulher em Lima Barreto*. 2007. 197f. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

<sup>10</sup> VASCONCELLOS, Eliane. *Entre a agulha e a caneta...*, op.cit., p.20.

feminina na literatura do escritor, bem como de sua postura conservadora em relação à mulher e conclui que “[...] conservador ou moderno Lima Barreto concede às mulheres um amplo espaço em sua obra [...], preocupou-se com os mais variados aspectos da condição humana oprimida, e nos legou seu brado de denúncia e dor”<sup>11</sup>.

*Perfis da Belle Époque brasileira: uma análise das figuras femininas de Lima Barreto* é a dissertação de Mestrado em Literatura de Fabiana Câmara Furtado, na qual a pesquisadora privilegia o exame dos romances barretianos *Numa e a Ninfa* e *Clara dos Anjos*, com o objetivo de focalizar neles “[...] a denúncia de situações de exploração contra a mulher, tentando também, desmistificar a existência de um suposto comportamento misógino do autor”<sup>12</sup>. Furtado conclui tratar-se de uma injustiça se considerar Lima Barreto como misógino, porque, para ela, o contexto no qual ele viveu, em grande medida, o autorizava a inscrever aspectos desfavoráveis à mulher em sua obra e, a despeito disso, produziu figuras femininas com características que iam na contramão da visão dominante em seu tempo.

Na tese *A educação da mulher em Lima Barreto*, Jomar Ricardo da Silva privilegia, principalmente, o estudo das produções ficcionais do escritor com vistas a elucidar o processo de educação da mulher brasileira no início do século XX. Como o próprio autor escreve, sua investigação se realiza sob a ótica das relações de gênero, em especial, a nascida do conceito de configuração de Norbert Elias. Com essa lente, desnaturaliza as normas que prescreviam práticas e comportamentos sociais adequados a mulheres e homens, além disso, localiza nos textos barretianos a denúncia ao modelo de educação imposto à mulher, que legitimava a sujeição dela ao homem. Seguindo nessa direção, Silva ressalta que, ao longo de seu trajeto, Lima Barreto construiu sua própria “[...] concepção de educação da mulher, tendo como fundamento sua representação de vida, que para ele foi calcada em ideais de justiça, respeito pelo direito dos outros, deveres morais e soberania do conhecimento”<sup>13</sup>.

A realização dessas leituras, juntamente com as da obra do autor, como romances, escrita íntima, jornalística, constituiu um momento oportuno para se pensar a variedade de apresentação da mulher nos escritos estudados, como fio condutor da investigação. De par com a noção de subjetividade empreendeu-se a investigação a partir da relação entre a vida e a obra. Então, foram se destacando, nessas leituras, as muitas facetas barretianas, assumidas

<sup>11</sup> VASCONCELLOS, Eliane. *Entre a agulha e a caneta...*, op. cit., p.20. O professor de literatura da UNICAMP, Antonio Arnoni Prado, em resenha intitulada “Entre agulhas e preconceitos”, tece ressalvas às análises realizadas por Vasconcellos porque, segundo ele, em grande parte da obra da pesquisadora, a voz autoral barretiana é retirada do contexto em que foi produzida. Ver: PRADO, Antonio Arnoni. *Entre agulhas e preconceitos*. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 set. 1999. *Jornal de resenhas*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenha/rs11099908.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

<sup>12</sup> FURTADO, Fabiana Câmara. *Perfis da Belle Époque brasileira...*, op. cit., p. 11.

<sup>13</sup> SILVA, Jomar Ricardo da. *A educação da mulher em Lima Barreto*, op.cit., p.43.

por ele nos diversos espaços onde viveu experiências de ser tanto alguém com certa autoridade quanto alguém, em certa medida, em posição subalterna.

Nessa operação, a pesquisa buscou acolher as multiplicidades de Lima Barreto apreendidas na interpretação das fontes. Assim, apreender o Afonso Henriques homem “comum” e o Lima Barreto escritor/intelectual como componentes da amplitude de um mesmo indivíduo tornou-se elementar não somente para a compreensão dos impasses vividos por ele, como também para a inscrição de diferentes lugares do feminino em seus textos. Para poder alcançar as formas como ele procurava intervir, através de sua escrita, nos acontecimentos vividos ou assistidos, a noção foucaultiana de *heterotopia* pode iluminar tais operações realizadas pelo escritor. Segundo Michel Foucault, *heterotopias* são “[...] espécies de lugares que estão fora de todos os lugares”<sup>14</sup>, espaços reais e efetivos, instituídos socioculturalmente. Entretanto, os indivíduos, na efetivação de seus posicionamentos nesses espaços, contestam e invertem seus usos.

O conceito de Michel Foucault autorizava, assim, a possibilidade de interpretação dos textos barretianos como matérias de expressão nas quais o escritor buscava construir um lugar de inscrição da própria *diferença* – sendo ele um *fora* e um *entre* nos espaços brancos, burgueses, sofisticados, ornamentados, e nos espaços de sua circunvizinhança entre seus familiares e vizinhos suburbanos.

Levando em consideração as ambivalências barretianas no estudo dos lugares do feminino em seus textos, a pesquisa procurou destacar, entre o amplo repertório de transformações ocorridas durante o período da existência e da produção do autor, aquelas ligadas à institucionalização de estilos de vida regradados e idealizados entre as pessoas e em cuja operação se instalam modelos de conduta para mulheres e homens, elaborados nas práticas e ações discursivas de gênero, produtoras da polarização entre masculino e feminino, que afetam os corpos dos indivíduos.

Desse modo, a acepção de *gênero* de Judith Butler se constituiu importante para a efetivação da baliza metodológica da pesquisa<sup>15</sup>. Em seu estudo, a filósofa, partilhando de referentes foucaultianos sobre poder/saber, concebe *gênero* como uma construção simbólica elaborada no registro sócio-histórico dos indivíduos, na qual os lugares de sujeitos masculino/feminino são balizados pela linguagem, resultando em meios discursivos emitidos de um dado lugar que, reiterados, contribuem para a legitimação e sustentação das normatizações

<sup>14</sup> FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. In: \_\_\_\_\_. *Ditos e escritos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. v.3, p. 415.

<sup>15</sup> Devemos a incorporação do importante estudo de Judith Butler ao trabalho à sugestão do professor Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior, durante o exame de qualificação do mestrado.

reguladoras das relações de poder desiguais entre os gêneros. Assim, a proposição de Butler viabiliza a interpretação da(s) apresentação(ões) da mulher na obra barretiana, como registros discursivos que se constroem, também, do lugar social de gênero do escritor.

Buscando analisar os múltiplos lugares de inscrição do feminino na obra barretiana correlacionados com vida do escritor, a pesquisa se colocou diante de questões que orientaram a investigação, como pensar sobre: em quais lugares as mulheres estão distribuídas nos escritos barretianos? Quais condições históricas possibilitaram tal distribuição, bem como que significados do “feminino” se inscrevem na escrita de Lima Barreto? De que modo e como foram construídas as (re)leituras espaciais sobre as mulheres pelo autor?

Diante das questões condutoras das análises da pesquisa, foi preciso selecionar, dentre o vasto conjunto de textos do escritor, especialmente o material que possibilitasse a efetivação do objetivo a que se propunha efetivar, o de analisar os lugares do feminino na obra de Lima Barreto. Assim, com vistas a realizar tal propósito, entre os itens de sua ficção, os romances *Clara dos Anjos* (1922), *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1916), *Numa e a Ninfa* (1915), *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919) foram privilegiados na escolha do estudo. Escritos em diferentes momentos da vida do romancista, eles apresentam aspectos nos quais é possível se apreender a diversidade de significados sobre as mulheres, construída pelo olhar barretiano.

Na impossibilidade de se dar conta da análise de toda a produção do escritor, às quatro produções citadas, foram incluídos, no *corpus* documental da pesquisa, os romances *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, *O Cemitério dos Vivos* e outros textos não ficcionais como artigos jornalísticos, crônicas, material para conferência literária, caderno de anotações pessoais e correspondências trocadas entre o escritor e seus interlocutores, que se constituíram em fontes importantes para serem interpretadas na tentativa de apreensão das cartografias femininas inscritas nesses textos, bem como da “marca” da escrita de Lima Barreto e da compreensão desta em relação à singularidade do escritor, construída nas múltiplas experiências vividas nos espaços dos subúrbios, da Escola Politécnica, da repartição pública, do hospício, das redações da imprensa, enfim, do mundo das letras.

O recorte temporal da pesquisa está situado entre 1902 e 1922. O primeiro ano marca o período no qual o autor estreou seus artigos e crônicas na imprensa do Rio de Janeiro e remonta a seus tempos estudantis. Já o ano final escolhido para balizar a investigação, 1922, se justifica tanto por ser o ano da morte de Lima Barreto, como por ser o de publicação do romance *Clara dos Anjos*, o qual integra o conjunto das fontes analisadas na construção deste estudo.

É importante salientar que a referida baliza temporal se vincula não apenas às obras produzidas, mas também à própria trajetória do escritor. Assim, os referentes cronológicos não foram tratados como grade aprisionadora da qual não se podia sair. Sobretudo, quando o presente estudo parte da compreensão dos escritos a partir da interação entre a vida do indivíduo Afonso Henriques de Lima Barreto e sua obra, para isso então, quando se fez necessário, foi feito um recuo aos anos anteriores a 1902.

A proposta de interpretação das fontes pesquisadas procurou se orientar na perspectiva de apreendê-las como elaborações discursivas nas quais o escritor realizou a inscrição de seu pensamento literário, inscrevendo nele seus múltiplos lugares de sujeito assumidos durante sua trajetória de vida, e as apresentações do *outro* coletivo, como a mulher, com quem ele se depara em seu percurso e perante a qual assume diferentes posicionamentos, cujos vestígios deixou registrados em seus textos. Assim, também materializa neles lugares do feminino. Nessa dimensão, fez-se importante a aproximação entre seus escritos ficcionais, como os romances apontados acima e os escritos não ficcionais, como cartas, memórias, crônicas e artigos, para se tentar iluminar o que o escritor fazia funcionar, por meio de suas elaborações, tanto em relação à mulher quanto em relação a seu projeto literário e de vida.

O texto da dissertação está organizado em três capítulos. O primeiro tem como objetivo apresentar, de modo mais amplo, as vivências de Lima Barreto pelos espaços do centro e dos subúrbios cariocas, locais onde ele trabalhou, morou e frequentou. São discutidas as impressões do escritor em relação às mulheres com as quais se deparou nesses ambientes. Além disso, foram analisadas as transformações ocorridas no início do século XX no Rio de Janeiro, focalizando-se nelas o processo de generificação dos espaços de atuação das pessoas e os mecanismos de legitimação da distribuição social hierarquizada de espaços para mulheres e homens. Também foi estudada a atuação do escritor no espaço público da Secretaria da Guerra e, seguindo nessa direção, foram examinados o antifeminismo barretiano e as formas de embate contra o alvorecente movimento, abordadas em suas crônicas.

No segundo capítulo, analisa-se o trajeto de Lima Barreto nos espaços nos quais exerceu sua atividade como escritor, como nas redações da imprensa com a colaboração em jornais, revistas. Delineiam-se não apenas a particularidade do pensamento artístico-literário do autor, bem como a exiguidade de espaços para sua obra nos meios majoritários de divulgação das produções literárias. São examinadas ainda a recepção de sua literatura por parte da crítica contemporânea e as reações do autor diante de tal acontecimento. Além disso, o texto problematiza a produção das imagens cristalizadas sobre o escritor, sejam as construídas em seu tempo ou as posteriores que, mesmo procurando exaltar sua obra,

terminaram, em certa medida, por reforçar classificações a partir de pontos unidirecionais, indo de encontro ao que o escritor tanto combatia. Da atuação de Lima Barreto como escritor-crítico, sublinha-se a troca epistolar com as mulheres escritoras, na qual as reflexões se voltam para as relações de poder em torno dos lugares de autoria e de gênero.

O terceiro capítulo versa sobre as análises das personagens da ficção barretiana Margarida Pestana, Olga Borges e Edgarda de Castro. Nele procura-se delinear quais são as convenções sociais sobre as mulheres que Lima Barreto afronta em sua literatura. Explora os mecanismos pelos quais, no jogo das relações desiguais de gênero, essas mulheres barretianas se servem para driblar os limites dos lugares sociais em que elas estavam inseridas. Ressalta-se que o escritor realiza, com elas, sua cartografia desejante de outro mundo feminino, inscreve-as na correlação com seu pensamento literário-sociológico e também deixa escoar para sua literatura seus traços de homem de seu tempo.

Nos três capítulos, a abordagem dos escritos que cartografam as “figuras femininas”, enrijecidas ou em deslocamentos em relação aos lugares sociais prescritos, construídas por Lima Barreto, busca desnaturalizar tanto as imagens que “capturam” o escritor a partir de um ponto fixo, classificatório, quanto as relações de gênero colocadas em sua produção. Desse modo, a pesquisa se propõe a interpretar esses aspectos como construções que guardam sentidos que atendiam a objetivos delineados nas vivências do autor no período em que foram inscritos em seus textos.

# 1 CAMINHOS BATIDOS E NOVOS CAMINHARES: LUGARES DE LIMA BARRETO

## 1.1 DRAMAS URBANOS: REMODELAÇÃO DO RIO DE JANEIRO E (RE)LOCAÇÃO DE MULHERES E HOMENS

No Brasil, os ecos das transformações científico-tecnológicas advindas do período caracterizado como Segunda Revolução Industrial se fizeram sentir não apenas com a adoção de invenções e descobertas, mas também com a modificação das atuações nos campos da arte e cultura, política e economia. Do último quartel do século XIX aos primeiros anos do século passado, o Rio de Janeiro se transformaria no principal ícone dos empreendimentos dedicados à modernização do País. O ideário de progresso adotado pelos administradores republicanos e seus apoiadores modificaria, com seu redemoinho de novas experiências, a cidade e todos os elementos da sua composição. As gestões dos presidentes Campos Sales (1898-1902) e Rodrigues Alves (1902-1906) marcariam o tom a ser tocado, na tentativa de alinhar a República aos moldes civilizatórios europeus e estadunidenses.

O intento de equiparar o País às potências “civilizadas” e de modificar a imagem negativa do Brasil perante os estrangeiros gerou um intenso replanejamento urbano. O prefeito Pereira Passos, capitaneado pela esfera federal, instituiu uma série de reformas para *afrancesar* o Rio de Janeiro, aperfeiçoando formas impeditivas e extintivas de antigos costumes e práticas dos moradores. Deu continuidade ao costume de remoção das moradias populares do centro da cidade, promoveu o alargamento de ruas e construção de avenidas e novas fachadas arquitetônicas, proibiu antigos hábitos perpetrados em locais públicos e ao ar livre, como “a venda de vísceras de reses, expostas em tabuleiros e a ordenha de vacas”<sup>16</sup>, as práticas e algazarras “dos vendedores ambulantes de bilhetes de loteria”<sup>17</sup>. Do mesmo modo, implementou a “extinção de milhares de cães, que vagavam pela cidade”<sup>18</sup>, bem como “a extinção da mendicidade pública”<sup>19</sup>.

<sup>16</sup> PASSOS, Francisco Pereira (apud BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos um Haussmann tropical*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura; Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992. p. 277).

<sup>17</sup> Id., *ibid.*, p. 278.

<sup>18</sup> Id., *ibid.*, p.277.

<sup>19</sup> Id., *ibid.*, p.278.

O conjunto de medidas adotadas no governo de Pereira Passos é representativo das intervenções efetuadas num momento histórico de conjugação de sentimentos e interesses das camadas mais elevadas e dos grupos dirigentes em modificar a estética da sociedade, garantir “a segurança e a moral públicas”<sup>20</sup> brasileiras. Assim, a demolição de casarões populares, e as intervenções urbanas e higiênicas no combate às epidemias de doenças infectocontagiosas faziam parte do rol das medidas adotadas para embelezar a Capital federal. Desse modo, os arraigados hábitos e maneiras de sobrevivência da população, como os biscates, a venda ambulante e a mendicância, tornavam-se um entrave a ser superado.

Na ótica moderna da jovem República, era imperativo romper com os aspectos do passado colonial. A adoção do estilo de vida burguês europeu era também uma forma de ostentação pública de *status*. Desfilarem uma “bela” aparência fazia parte do espetáculo do “melhoramento” do Rio, por isso, a noção de incompatibilidade com os estilos culturais da “gente humilde” e a imposição de novas práticas comportamentais. As ruas por onde passeariam o cavalheiro e a *madame*, com seus trajes finos e elegantes, não poderiam mais ser “o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte”<sup>21</sup>. Nesse sentido, a Rua do Ouvidor, com seus cafés, livrarias e vitrines, se destacava entre os anos da *belle époque* como centro irradiador do consumo febril de produtos e modismos culturais vindos do exterior, cuja influência se estendia aos diversos segmentos sociais e institucionais.

Na crônica “As mariposas do luxo”, do livro *A alma encantadora das ruas*, de 1908, o cronista João do Rio elabora um texto no qual flagra, em meio a Ouvidor, duas moças seduzidas pelas rendas, sedas, leques e outros itens artisticamente arrumados e expostos nas lojas *chics* do Rio de Janeiro:

As duas raparigas curvam-se para a montra, com os olhos ávidos, um vinco estranho nos lábios. Por trás do vidro polido, [...] bugingangas de fantasia e a fantasia policroma de coleções [...].

Elas, coitaditas! passam todos os dias a essa hora indecisa, parecem sempre pássaros assustados, tontos de luxo, inebriados de olhar. Que lhes destina no seu mistério a vida cruel? Trabalho, trabalho; a perdição, que é a mais fácil das hipóteses; a tuberculose ou o alquebramento numa ninhada de filhos. Aquela rua não as conhecerá jamais. Aquele luxo será sempre a sua quimera.

São mulheres. Apanham as migalhas da feira. São as anônimas, as fulanitas do gozo, que não gozam nunca. E então, todo dia, quando o céu se rocalha de ouro e já andam os relógios pelas seis horas, haveis vê-las passar, algumas loiras, outras morenas, quase todas mestiças. A idade dá-lhes a

<sup>20</sup> PASSOS, Francisco Pereira (apud BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos...*, op. cit., p.277).

<sup>21</sup> RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Disponível em: <objdigital.bn.br/Acervo\_Digital/livros.../alma\_encantadora\_das\_ruas.pdf>. p.2. Acesso em: 8 jun. 2014.

elasticidade dos gestos, o jeito bonito do andar e essa beleza passageira que chamam – do diabo. Os vestidos são pobres: saias escuras sempre as mesmas; blusa de chitinha rala. Nos dias de chuva um parágua e a indefectível pelerine. Mas essa miséria é limpa, escovada. As botas brilham, a saia não tem uma poeira, as mãos foram cuidadas. Há nos lóbulos de algumas orelhas brincos simples, fechando as blusas lavadinhas, broches “montana”, donde escorre o fio de uma *chatelaine*.<sup>22</sup>

As moças pobres e anônimas da crônica podem ser compreendidas como moradoras da antiga Capital federal que, como tantas outras de mesma condição social, quanto as “notáveis” mulheres e/ou homens de sociedade, bem providos economicamente, compunham a lista dos cidadãos cingidos pelo fascínio das vitrines luxuosas que enchia a todos de cobiça. Entretanto, o olhar observador e atento do cronista, apresenta aos leitores, por meio das mulheres trabalhadoras, pobres, mas caprichada e asseadamente vestidas, as contradições da modernidade brasileira. Ainda que elas passeassem ou mesmo trabalhassem nos ambientes onde também transitavam e passeavam os ricos, em meio a tantos símbolos de distinção; elas não passavam de *mariposas* atraídas pela luz do *luxo* encantador que ofuscava seus gostos e costumes, apagava suas batalhas cotidianas por sustento, subtraía suas presenças e as excluía dos lugares e templos do consumo luxuoso.

Vestuário e objetos de decoração são apenas alguns exemplos sintomáticos de como, no início do século XX, se acentuou entre muitos brasileiros, a reverência a ideias e produtos fabricados ou vindos do exterior. A trilha dos modismos estrangeiros em voga passava também por uma valorização da técnica e do saber científico como mecanismos aliados à condição de elevar a sociedade brasileira a padrões considerados aceitáveis de “Nação moderna”.

A estima pelo saber técnico remontava aos tempos coloniais quando a família real se transferiu para o Brasil e se viu necessitada da criação de condições estruturais na sede provisória da monarquia portuguesa. As faculdades de Medicina e Direito são algumas das instituições de saber que foram criadas e depois se tornaram responsáveis por propagar a justificação científica para o “atraso” nacional.

Lilia Moritz Schwarcz observa que, no País, “[...] a ciência penetra primeiro como ‘moda’ e só muito tempo depois como prática e produção”<sup>23</sup>. A prática médica, especialmente, ganhou no Rio de Janeiro uma dimensão higienista. Os estudos médicos se dirigiam, sobretudo, ao modo de vida da população, enquanto os estudiosos da Escola de

<sup>22</sup> RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*, op. cit., p.62. Acesso em: 13 abr. 2015.

<sup>23</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.30.

Medicina da Bahia fariam atravessar, no ideário de higienização urbana, o componente racial no seu programa de identificação dos males da sociedade brasileira. Assim, a execução do projeto de higienização e saneamento, justificado na tentativa de extirpar as doenças, colocava a especialidade médica como um importante contribuinte na identificação e extinção das anomalias travadoras do projeto civilizacional em curso.

Os estudos pautados nas teorias evolucionistas e social-darwinistas e nas ideias liberais oriundas das Escolas de Direito de Recife e São Paulo, entre as três últimas décadas do final do século XIX e as três primeiras décadas do século XX, reforçaram o coro das vozes ordenadoras do rompimento com o “atraso nacional”. Preocupados com a superação de tal fenômeno, os estudiosos trouxeram à baila o tema da mestiçagem na formação da sociedade brasileira. Ao realizarem suas análises, “os homens do direito”, em grande parte, apreendiam a temática como algo negativo<sup>24</sup> que precisava ser equacionado. Tal compreensão entendia o modelo racial do branco como solução para o “problema” da mestiçagem. Desse modo, “os homens do direito” fortaleciam as visões dos “homens da saúde”, e ambos, em suas ciências, contribuíam para reforçar a manutenção dos privilégios das minorias e da injusta hierarquização social assentada na composição racial.

Assim, as tentativas de extirpar os problemas das epidemias levadas a efeito no projeto *higienizador* também vinculavam doença à raça, à pobreza e, dessa maneira, empreendiam o ideário coercitivo de salubridade, atormentador da vida das pessoas dos estratos sociorraciais já penalizados, como os pobres, negros e mestiços. Ideário formulado pela medicina social, assegurado na legislação e legitimado na “[...] vigência de um Estado autoritário e [...] manipulador”<sup>25</sup>, empregava a autoridade baseada numa racionalidade em desarmonia com os profundos e reais problemas das desigualdades sociais do País e que distanciava da maioria pobre e negra a *chance* de conquista da cidadania.

Em *Cidade Febri*<sup>26</sup>, Sidney Chalhoub estuda as ações violentas e autoritárias de higienização realizadas pelo poder público e ressalta que o ideário e a prática dos agentes fomentadores das campanhas contra febre amarela, varíola, bem como a demolição dos cortiços do centro da cidade, estabeleciam vínculo intrínseco entre pobreza e criminalidade. A invasão do cotidiano dos populares era acompanhada da noção de “classe perigosa”,

---

<sup>24</sup> Lilia Schwarcz, ao traçar a tendência teórica em curso nas Escolas de Direito, sobre os pensadores do Recife salienta que “[...] apesar do ‘elogio à mestiçagem’ não se deve incorrer em procurar em Silvio Romero um defensor da igualdade entre os homens. Ao contrário, esse pensador foi um fiel seguidor do determinismo racial” (SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças...*, op.cit., p.154).

<sup>25</sup> Id., *ibid.*, p.182.

<sup>26</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

importada da Inglaterra. No Brasil, recém-saído da escravidão, vivia-se um momento de propaganda das virtudes do trabalho e, por oposição, a condenação do ócio, considerado um vício. Tal dimensão ampliou o conceito inglês para além dos casos comprovados de práticas de delitos, assim, ex-escravos e pobres se tornavam suspeitos em potencial das autoridades até provarem o contrário.

Dessa forma, a suspeição generalizada instrumentalizava as políticas públicas a submeterem os cortiços e costumes de seus moradores às obras moralizadoras, higienizadoras e branqueadoras da nova ordem, principalmente porque essas habitações populares se concentravam nas ruas centrais do Rio de Janeiro, áreas em que incidia a maior concentração dos focos de epidemias de febre amarela e varíola. Nesse sentido, a retórica científica se tornava indispensável na realização das reformas urbanas.

Esses ingredientes corroboravam para o recrudescimento da separação social, acompanhado de suas tensões e conflitos entre os interesses do Estado e os da massa populacional, o descontentamento desta última à imposição de medidas unilaterais e o enorme desfavorecimento pelas leis, tornava imprescindível aos populares recorrer à velha tradição dos quebra-quebras como uma das formas de atuação e de fazer garantir o uso de suas velhas tradições culturais no embate entre as forças contrárias. Nesse sentido, o episódio da Revolta da Vacina <sup>27</sup> soma-se a mais uma postura gestacional de contenção do universo das “classes perigosas”, pois seu mundo:

[...] estava repleto de sobrevivências culturais que precisavam ser erradicadas para abrir caminho ao progresso e à civilização – havia hábitos condenáveis nas formas de morar, de vestir, de trabalhar, de se divertir, de curar etc., muitos deles mais abomináveis ainda porque manifestações das raízes culturais negras disseminadas nas classes populares.<sup>28</sup>

Colocada nesses termos, fica evidente que a sonhada “Regeneração” republicana objetivava desmoralizar os modos de vida dos populares, bem como esvaziar seus saberes e costumes, pois, como demonstra Chalhoub, vigorou, no episódio de 1904, a intervenção técnica da ciência médica em confronto com a longa tradição de crenças sobrenaturais e intervenções ritualísticas de cura realizadas por curandeiros. Desse modo, a impopularidade

---

<sup>27</sup> Para aprofundamento das análises sobre a lei de obrigatoriedade da vacinação contra a varíola, que culminou nos embates máximos da Revolta da Vacina de 1904, ver: CARVALHO, José Murilo de. *Cidadãos ativos: a Revolta da Vacina*. In:\_\_\_\_\_. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 91-139; e SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Scipione, 1993.

<sup>28</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril...*, op. cit., p. 181.

da vacinação dizia respeito também à impossibilidade de atuação das forças mágicas das divindades afro-brasileiras.

Nesse contexto de tensões, havia ainda a desarmonia entre políticos e técnicos no tocante às prescrições a serem regulamentadas na condução da ordem pública, guardadas as diferenças em relação às formas de aplicação dos regulamentos, o objetivo em comum dizia respeito a civilizar o corpo da população com vistas a operacionalizá-lo para a entrada no modelo capitalista de labor. Promoviam-se, assim, novos jeitos de viver em que se criminalizava a sobrevivência de antigos modos de existir, as artes e velhas formas de subsistência dos carentes tinham o rótulo de malandragem.

Instrumentalizado pela prescrição técnica, o autoritarismo normativo da ordenação e disciplina da vida pública tinha como alvos as mulheres, os necessitados de moradia, os miseráveis, os despossuídos de documentação, os desempregados, os vitimados da crise da reurbanização. Na verdade, “tratava-se de livrar a cidade desse entulho humano como uma extensão da política de saneamento e profilaxia”<sup>29</sup>. Com o mínimo de garantias ou amparo e vendo seu mundo de pernas para o ar, a população pobre via a insatisfação se generalizar. Diante do universo de insatisfeitos, “[...] a repressão não se limitava à detenção, mas dependendo da ameaça, podia ir do espancamento sistemático ao exílio na selva, ao fuzilamento sumário, à degola em massa”<sup>30</sup>. Sobre esses enfrentamentos, Lima Barreto registra em suas anotações de 1904:

O govêrno diz que os opositoristas à vacina, com armas na mão, são vagabundos, gatunos, assassinos, entretanto ele se esquece que o fundo dos seus batalhões, dos seus secretas e inspetores, que mantêm a opinião dele é da mesma gente.

[...]

Pela vez primeira, eu vi entre nós não se ter medo de homem fardado. O povo, como os astecas ao tempo de Cortés, se convenceu de que eles também eram mortais.<sup>31</sup>

As vítimas do “bota-abaixo”, de hábitos e aparências criminalizados – agora habitantes de barracos nas encostas dos morros<sup>32</sup> –, lutavam pela manutenção de seus hábitos, pelo

<sup>29</sup> SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina...*, op. cit., p.70.

<sup>30</sup> SEVCENKO, Nicolau. Introdução: o prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. v.3, p.7-48. p.30.

<sup>31</sup> BARRETO, Lima. *Diário íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 47-48.

<sup>32</sup> Nicolau Sevcenko informa que a política do “bota-abaixo” deslocou famílias inteiras sem qualquer compensação ou compromisso de realocação delas. Sem opções, as “[...] multidões juntaram restos de madeira dos caixotes de mercadorias descartados no porto e se puseram a montar com eles toscos barracões nas encostas íngremes dos morros que cercam a cidade, cobrindo-os com folhas-de-flandres de latões de querosene desdobrado” (SEVCENKO, Nicolau. Introdução: o prelúdio republicano..., op. cit., v.3, p. 23).

direito ao uso das ruas centrais do Rio de Janeiro e expunham as rachaduras da cidade pretensamente administrada, catapultada nas amarras da ciência, da proposta republicana de salvação do atraso nacional. Nesse sentido, as ações de rejeição aos padrões impostos, efetuadas pelos contingentes marginalizados recebiam as congratulações do escritor Lima Barreto. O episódio da Revolta da Vacina se soma a outros acontecimentos de intensificação das divergências entre população e Estado, ocorridos durante os anos de vida do literato e que mereceram a argúcia e a reflexão do seu olhar impressas na escrita.

As divergências entre o Estado e a população negligenciada ou preterida na implantação da “nova ordem” geraram, além do episódio da Revolta da Vacina, muitos outros enfrentamentos descortinadores dos enraizados problemas de desigualdade e confinamento do *outro*. Também expuseram as feridas, em grande parte, denunciadoras do arbitrário projeto republicano burguês que minguava a possibilidade de aglutinação da diversidade de expectativas na construção das mudanças a serem adotadas na sociedade brasileira, já que as vozes ouvidas na execução do projeto eram as dos grupos privilegiados naquele momento, daqueles que alcançaram proximidade com as instâncias influentes das esferas do poder institucionalizado.

Os enfrentamentos da massa populacional alarmaram os moralistas, entretanto a situação de alarme experimentada não se restringia apenas aos confrontos da massa. O pensamento conservador de parte da sociedade carioca alargou o campo de contenção a toda e qualquer mudança que lhes causava apreensão.

Desse modo, mesmo novos hábitos comportamentais das mulheres das altas e médias camadas sociais, aparentemente inofensivos, como andar pelas ruas desacompanhadas, ainda que fosse para extensão de tarefas domésticas como compras de mantimentos e utensílios necessários em casa, causava imenso desconforto entre os conservadores do início do século XX<sup>33</sup>, principalmente porque, pelos códigos morais em vigor desde fins do século anterior, a rua era espaço interdito para elas, por ser espaço público, considerado masculino. O número de mulheres presentes em tais esferas públicas era grandemente constituído pelas pobres, mestiças e prostitutas, que ali estavam, sobretudo, para garantir suas sobrevivências materiais.

O desagrado em relação a comportamentos e atitudes femininas ainda pouco habituais naquele momento histórico, ao menos entre as parcelas das mulheres pertencentes aos grupos “economicamente favorecidos”, relaciona-se ao temor da “desierarquização”, e da perda do controle da sociedade, grandemente considerada competência do masculino. Daí a

---

<sup>33</sup> MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil*, op. cit., v.3, p.367-421. p. 368.

necessidade de regularizar a “moderna” vida brasileira, de fazer triunfar os protocolos de separação entre os indivíduos a partir de uma multiplicidade de normatizações pautada em indicadores étnicos, socioeconômicos, intelectuais, espaciais e sexuais. Nessa diretiva, tentava-se instituir a demarcação entre as áreas de atuação “do homem”, endereçando-o a atividades e ações merecedoras de serem mostradas, divulgadas, e, por isso, realizadas no âmbito da esfera pública; em contraposição às ações, atividades e atitudes supostamente irrelevantes, ignoráveis e ocultáveis; em vista disso, exercidas na esfera do *privado*, nos espaços considerados como de “domínios da mulher”.

Em *A Condição Humana*, Hannah Arendt adverte que o termo “privado” está profundamente relacionado à noção de *privação*. Em tal estado, os indivíduos são despojados de elementos cruciais da constituição humana, como a vida partilhada com o outro na qual se pode atuar, opinar, ser visto e ouvido. Disso resulta uma interlocução entre as intersubjetividades, pensadas objetivamente e conduzidas na direção do compartilhamento de significados em comum. Para a filósofa, a privação resulta da perda do espaço público e “[...] o homem privado não se dá a conhecer, e portanto é como se não existisse. O que quer que ele faça permanece sem importância ou consequência para os outros, e o que tem importância para ele é desprovido de importância para os outros”<sup>34</sup>. A formulação de Arendt permite depreender que mulheres e homens em *privação*, desprezados, com vidas destituídas de oportunidades objetivas, na grande maioria das vezes, almejam a conquista de uma existência no espaço público e uma experimentação nas realidades do mundo.

Nesta perspectiva, em meio ao vertiginoso turbilhão de mudanças que ocorriam no mundo entre o último quartel do século XIX e primeiras décadas do século XX, as mulheres também adicionaram ao fenômeno os ingredientes de seu inconformismo com os lugares sociais que lhes foram infundidos, traduzindo seus esforços nas tentativas de transgressão às normatizações, no objetivo de saída da obscuridade para a aparição nos espaços públicos. Empenhos que provocavam ansiedade nos espectadores de seus comportamentos e hábitos, produzindo certo temor nos moralistas e apologistas da tradição, porque atitudes femininas ousadas e diferentes das expectativas almejadas podiam ser sintomáticas também da possibilidade de uma mudança social maior, de uma “horizontalização dos costumes”<sup>35</sup>. O receio quanto à desobediente postura feminina, no entanto, não era privilégio apenas das

<sup>34</sup> ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. p.68.

<sup>35</sup> Tal noção indica a possibilidade de diluição das diversas fronteiras verticalizadas e confinadoras dos indivíduos, tais como: raça, etnia, gênero, bem como sinaliza também a viabilidade de inclusão progressiva das pessoas dos grupos excluídos nas variadas esferas de organizações societárias (ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo”*: uma história do gênero masculino (1920-1940). 2.ed. São Paulo: Intermeios, 2013).

peças dos grupos economicamente favorecidos, o pensamento conservador em relação às mulheres foi assimilado por muitos e muitas, sem aceção de origens intelectuais, econômicas e/ou socioculturais.

Envoltos entre a imperativa necessidade de romper com o passado colonial e o “caos” provocado pelas mutações burguesas em curso, os homens cultos, por meio de seus estudos e dados técnico-científicos, forneceram mecanismos para respaldar a administração pública na investida de contenção das multiplicidades da “desordem” urbana do período. Os saberes elaborados na tentativa de manutenção da “ordem” direcionaram suas lentes para toda a população carioca. Como apontado antes, isso ocorreu com grande prejuízo principalmente para os segmentos populares, alvejados pelos olhares perscrutadores de médicos, higienistas, juristas e policiais que analisavam e classificavam suas práticas, costumes e prescreviam normatizações e administrações de seus cotidianos e comportamentos.

Tais ações diziam respeito a preocupações com a população enquanto problema “econômico e político”<sup>36</sup> governamental. Administrar esses problemas se tornava questão de controlar a capacidade de geração, distribuição e manutenção das riquezas com que se geria a cidade e seus habitantes. Porém, os preceitos e regulamentos “orientadores” das mais amplas áreas da vida dos moradores do Rio de Janeiro, emitidos unidirecionalmente, penalizaram um vasto número de indivíduos, subtraíram a oportunidade de muitas mulheres e homens do início do século XX de terem suas ações e opiniões reconhecidas e respeitadas, negando-lhes, assim, o direito de participação política e o usufruto pleno dos espaços da cidade.

Para o efetivo sucesso dos sustentáculos das prescrições que visavam preservar a “ordem e os bons costumes”, bem como o “progresso científico”, foi preciso contar com muitas instâncias colaboradoras de tal empreitada. Assim, a principal instância social a cumprir com esse papel, a se impor tanto perante instituições quanto perante indivíduos, foi consolidada na função exercida pela família, especificamente a família nuclear burguesa, “[...] a responsável pelos ‘interesses privados’, cujo bom andamento” era “fundamental para o vigor dos Estados e o progresso da humanidade”<sup>37</sup>, graças, sobretudo, ao principal atributo afiançado à instituição familiar: o de que ela era eminentemente responsável pelo

---

<sup>36</sup> Michel Foucault ressalta que a preocupação com a população enquanto técnica de poder a vigorar na agenda dos programas dos gestores públicos existe desde o século XVIII: “Os governos percebem que não têm que lidar simplesmente com sujeitos, nem mesmo com um ‘povo’, porém com uma ‘população’, com seus fenômenos específicos e suas variáveis próprias: natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado de saúde, incidência de doenças, forma de alimentação e de *habitat*” (FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 23.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2013. p. 31).

<sup>37</sup> PERROT, Michelle. Funções da família. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. v.4, p.105-119. p. 105.

“funcionamento econômico e a transmissão do patrimônio”<sup>38</sup> material e simbólico dos grupos sociais.

Nesse sentido, qualquer possibilidade de perturbação do edifício familiar era imediatamente contingenciada, tachada de desviante. Nessa visão, depositava-se a crença na convergência de interesses privados e públicos, dessa forma, às “boas famílias”, em seus ambientes privados, competia zelar pela transmissão de ideais e valores de cidadania e civilidade, na cooperação com a ordem pública, de responsabilidade do Estado. São visões constantemente reforçadas e estendidas a cada membro da célula familiar para assumir a responsabilidade na colaboração de valores, costumes e práticas mantenedores da “ordem” social. Desse modo, a instalação da “civilização” nos moldes europeus solicitou a criação e o estabelecimento de limites comportamentais, elegeu condutas modelares para mulheres e homens, com vistas a construir a “sociedade civilizada” e, finalmente, romper com as noções de atraso envoltas nas imagens do Brasil, recepcionadas tanto externa quanto internamente, e que remontavam aos tempos coloniais, passado com o qual se queria romper na recém-implantada República.

A reconfiguração espacial burguesa colocava, sobre os ombros de homens e mulheres, o pesado fardo dos lugares sociais a serem cumpridos por eles e elas. Sobre estas últimas, especialmente entre as mulheres dos setores médios, a visão que se incutia como parte primordial de seus “deveres femininos” constava de itens como as obrigações de se casarem, serem mães zelosas, aptas esposas para homens públicos – e, portanto, de condutas impecáveis nos ambientes de domínio de seus honrados esposos –, além de boas anfitriãs. A educação escolar recebida por elas as “preparava” para o exercício de atividades “exclusivas” do seu sexo, condizentes com as posições a ocupar nas relações familiares onde eram tuteladas por seus pais, esposos ou irmãos mais velhos. Em vista disso, aprendiam as boas e refinadas maneiras de se portarem em público, a tocarem instrumentos como flauta e piano, para alegrarem as reuniões e cerimônias realizadas em suas casas ou na casa de amigos, a caprichar na caligrafia para copiarem as receitas culinárias, as músicas, e escreverem seus diários.

Aprendiam, enfim, a aprimorar o conteúdo do aprendizado doméstico iniciado com as próprias mães – no caso das “moças de família” –, como garantia na conquista dos futuros maridos, destino que as transferia do jugo paterno para o dos esposos, para a domesticidade

---

<sup>38</sup> PERROT, Michelle. Funções da família, op. cit., p.105.

do casamento, quando seriam as “senhoras do lar”<sup>39</sup> e exímias administradoras dos domínios privados familiares onde preparavam a boa atmosfera de descanso e acolhimento para receberem seus maridos quando retornavam das atividades “extenuantes” do mundo exterior. Lima Barreto traz em dona Maricota, personagem do romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, uma amostra da mulher que se adapta a essa situação:

Muito ativa, muito diligente, não havia dona de casa mais econômica, mais poupada e que fizesse render mais o dinheiro do marido e o serviço das criadas.

[...] Dona Maricota não compreendia que uma mulher pudesse viver sem estar casada. Não eram só os perigos a que se achava exposta, a falta de arrimo; parecia-lhe feio e desonroso para a família. A sua satisfação não vinha do simples fato de ter descontado uma letra, como ela dizia. Vinha mais profundamente dos seus sentimentos maternos e de família.<sup>40</sup>

Dona Maricota é um exemplo do sucesso da introjeção dos preceitos da domesticidade burguesa disseminada na transição dos séculos XIX para o XX. Para ela, parece inconcebível outra condição de vida para a mulher que não a de estar inserida no matrimônio, por isso, sem se inquietar, executa as tarefas do seu mundo privado, em contraposição ao de seu esposo, e do universo dos maridos em geral, circunscritos ao desempenho de ocupações públicas, nas vidas cadenciadas no tempo da racionalidade dos negócios, na dedicação ao trabalho externo para proverem os lares<sup>41</sup>. Compromisso que referenciava, nos homens, a dotação de características como liderança, responsabilidade, criatividade, entre outras, do “algo a mais que possuíam”, subseqüentes da justificativa da “sua relação hierárquica com as mulheres, ou pelo menos com a sua”<sup>42</sup>.

É importante não perder de vista o momento histórico da distribuição normatizada e assimilada dos deveres, lugares sociais e fronteiras simbólicas entre as esferas do feminino e do masculino para apreensão da funcionalidade da fixação desses elementos na vida das mulheres e homens do Rio de Janeiro, nos apreensivos tempos do início do século XX. Essa apreensão era decorrente também da transição dos estilos de vida eminentemente agrários para o estilo urbano, que depauperou as condições de vida de alguns cariocas e desacomodou velhas práticas, além de abortar sonhos e esperanças de muitos outros. Em meio ao caos

<sup>39</sup> MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michelle (Org.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*, op. cit., v.4, p.193-261. p. 201.

<sup>40</sup> BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Penguin: Companhia das Letras, 2011. p.123.

<sup>41</sup> MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa, op. cit..

<sup>42</sup> BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p.6.

instalado, os grupos dirigentes e seus sequazes tentaram conter as perturbações, e dividir as responsabilidades entre as esferas públicas e privadas provinha do objetivo de se inculcar o fortalecimento de condutas no sentido de trazer êxito ao empreendimento “civilizador” brasileiro. Dessa maneira, velhos modos de existir passaram a ser estigmatizados, discriminados étnica, social, econômica e sexualmente sob o crivo da moralização burguesa.

Sob essa perspectiva, tentava-se posicionar mulheres e homens nos lugares sociais prescritos, de modo a assegurar o funcionamento da nova ordem, seja garantindo a formação de mão de obra “adequada” ao novo labor capitalista ou evitando a reprodução de práticas estigmatizadas como prostituição, mendicância e atividades do pequeno comércio informal, como a venda de alimentos nos espaços públicos agora eleitos para os passeios e lazeres – aos moldes europeus – das camadas cariocas privilegiadas.

A moralidade oficial fez recair sobre as mulheres as diretrizes médicas com relação à sua constituição física e mental, o que serviu para justificar um “destino” feminino à maternidade, à vida íntima na qual executavam ou administravam afazeres domésticos como bordar, costurar, cozinhar, arrumar a casa, e o cuidado para que não faltassem itens nas despensas e, de preferência, que soubessem ser econômicas. A elas cabia ainda o cumprimento das tarefas instrutivas dos frutos nascidos do matrimônio, devendo, assim, criar os meninos para conseguirem conquistar posições de prestígio social, educando-os dentro da lógica do “cuidado” com as futuras gerações mantenedoras da sociedade moralizada e *higienizada* implantada no País.

Com relação às meninas, as mães zelosas se tornavam as principais responsáveis, perante todos os familiares, por investir seus cuidados na preservação da castidade delas até o casamento, esforço oriundo na crença de que a perda da reputação social se daria quase exclusivamente por um mau passo das mulheres da família. Assim, empenhados em preservar a “moral e os bons costumes”, mantinham as “rédeas curtas” sobre elas, até mesmo quando as moças já tinham um pretendente potencial a marido. A respeito do intenso controle sobre essa etapa pré-matrimonial, o narrador de *Numa e a Ninfa* observa:

O namoro, como em toda a parte impera; é feito, porém, com tantas precauções, é cercado de tanto mistério, que fica tendo o amor, além da sua tristeza inevitável, uma caligem de crime, de cousa defendida.

Por parte dos pais, dada a sua condição, há o temor de sedução, da desonra e a vigilância se opera com redobrado vigor sobre as filhas.<sup>43</sup>

---

<sup>43</sup> BARRETO, Lima. *Numa e a Ninfa*. Belo Horizonte: Rio de Janeiro: Garnier, 1989. p.67.

A intensificação da vigilância sobre as moças com vistas a evitar a desonra, era parte integrante das instruções disseminadas para o universo feminino, com o objetivo de se transmitir o capital simbólico familiar, bem como a garantia do repasse de tal aprendizado quando elas constituíssem suas próprias famílias<sup>44</sup>.

Sem abrir mão de sequenciar antigos estigmas sobre a mulher, a conjugação de saberes, estabelecida entre fins do século XIX e as primeiras décadas do século passado, atualizou o repertório discursivo de prescrições aos novos jeitos femininos de se viver que despontavam. Para isso, distribuiu posições sociais imóveis, como as noções procedentes do crivo da medicina social, amplamente repercutidas nas ideias de inferioridade intelectual feminina, de deveres ligados à domesticidade, ambiência na qual as mulheres executariam tarefas onde se supunha não ser necessária a emissão do uso do raciocínio e da inteligência criativa. De acordo com o que se tentava comprovar, a própria biologia feminina as dotava de traços como fragilidade, recato e subordinação sexual<sup>45</sup>, fazendo prevalecer nelas a emotividade e afetividade, em detrimento da racionalidade, por conta de tais atributos serem considerados “naturais” ao sexo da mulher<sup>46</sup>.

A demarcação de lugares sociais procurava universalizar a hierarquização entre mulheres e homens a partir da prescrição de locais de condutas “adequados” para ambos os sexos. Para isso, essas concepções elaboradas pelos homens cultos foram difundidas na tentativa de persuadir as pessoas aos novos padrões de conduta requisitados pelo mundo “moderno”. Essas tentativas resultaram, ainda, na composição de aparatos jurídicos para referendar a reconversão dos comportamentos das pessoas, como a elaboração de leis nas quais constavam tópicos referentes a obrigações e deveres de mulheres e homens, como

---

<sup>44</sup> D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (Org.); PINSK, Carla Bassanezi (Coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed., 2.reimp. São Paulo: Contexto, 2009. p. 230.

<sup>45</sup> Rachel Soihet chama a atenção para a afinidade discursiva entre os princípios religiosos cristãos e médico-científicos em torno das características “naturais” da feminidade, como o fato de atribuírem às mulheres pouca inteligência e apetite sexual reduzido, em comparação com os homens. Não obstante, no século XIX, o médico criminologista italiano Cesare Lombroso, defendendo a legislação contra o adultério, alegava características natas em algumas mulheres que as constituíam “fora dos padrões” e as predispunham a cometer crimes, infidelidades e ainda correrem o risco de enlouquecer ou de caírem na prostituição já que, ao contrário das dóceis e recatadas, estas eram dotadas de inteligência afiada e possuíam erotismo elevado, o que justificava o perigo delas para o convívio social. O pensamento de Lombroso foi bastante disseminado entre médicos legistas brasileiros, principalmente no início do século XX, quando se tentou conter as liberdades e autonomia femininas, constituindo-se, conforme Soihet, em aparatos de violência contra a mulher brasileira (SOIHET, Rachel. Violência simbólica, saberes masculinos e representações femininas. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, IFCS/UF RJ, v.5, n.1, p.7-30, 1997. Disponível em: <<http://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12558/11703>>. Acesso em: 24 set. 2014).

<sup>46</sup> Id., *ibid.*, p.10.

alguns artigos do Código Civil de 1916<sup>47</sup>, que delimitavam atribuições e funções de maridos e esposas na garantia da solidez do matrimônio.

Em caso de transgressão às posições sociais reguladas, também se recorria ao aparato legal como medida de punição aos possíveis desvios. Em nome da defesa da honra da família, da erradicação das “sujeiras”, vícios e mazelas persistentes na sociedade brasileira do início do século passado, as leis elaboradas asseguraram as desigualdades em vigor na sociedade e reafirmaram as assimetrias sexuais, na medida em que ratificavam as práticas de submissão da mulher ao homem, consolidando as visões negativas que a desqualificavam em relação a ele.

As exigências quanto aos modos de se comportar foram igualmente difundidas pela imprensa, que colaborava com a difusão das demarcações de fronteiras entre as áreas de atuação de mulheres e homens nas duas primeiras décadas do século XX, disseminando os ideais burgueses. Naquele cenário histórico, as leituras dos periódicos especialmente voltados para o público feminino funcionavam como reforço dos valores dos grupos dominantes. Muitos jornais e revistas ajudaram a divulgar os deveres das mulheres brasileiras em páginas traçadas de ideologias conservadoras de “[...] diferentes matizes [ou] de reformistas, [o] que acabou por desumanizá-las como sujeitos históricos, ao mesmo tempo que cristalizava determinados tipos de comportamento convertendo-os em rígidos papéis sociais”<sup>48</sup>.

A escolha de itens como benevolência, submissão, doçura, fragilidade, amorosidade, maternidade como correspondentes à natureza das mulheres, em contraposição à natureza seca, dura, autoritária, ativa e racional dos homens, traduz a elaboração de uma discursividade preocupada em assentar condutas modelares. Com essa diretiva, instituíram-se fronteiras nos procedimentos comportamentais, laborais e intelectuais dos indivíduos a partir do binarismo sexual, estipulando limites entre “coisas de mulher” e “coisas de homem”. Nessa perspectiva, em relação à sexualidade, as mulheres eram orientadas a constituir uma família institucional, gerando filhos e cumprindo os deveres de serem boas mães e recatadas esposas. Aquelas que não conduziam sua sexualidade nessa diretriz, como “as solteiras, as libertinas, as prostitutas e as apaixonadas”<sup>49</sup>, eram consideradas desordeiras, porque não correspondiam aos padrões prescritos na visão de mundo burguesa, e, fora deles, outros modos, usos e costumes de viver eram considerados nocivos.

<sup>47</sup> A esse respeito, ver especialmente os artigos 233 e 240, do Código Civil brasileiro de 1916 (BRASIL. *Código Civil de 1916*. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L3071impressao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L3071impressao.htm) >. Acesso em: 25 set. 2014).

<sup>48</sup> MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do mundo feminino*, op. cit., v.3, p. 373.

<sup>49</sup> SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989. p.116.

Com esses preceitos, anulava-se a existência objetiva das mulheres, obstaculizavam-se as possibilidades de saída das posições forçadas para elas de “esposa-mãe-dona-de-casa”<sup>50</sup> para outras formas de sentir, trabalhar, agir ou existir de modo diferente. Entretanto, a imposição dessas regras para moralizar os costumes e hábitos indica a desconexão entre as visões planejadas e fixadas e os usos e práticas comportamentais de muitas mulheres.

O contexto urbano em transformação no Rio de Janeiro, ajustado com as transformações mundiais, acenava para a oportunidade de as mulheres alcançarem independência e manifestarem suas disposições contrárias às discriminações sofridas, às imposições prescritivas de valores e de conduta moral e profissional. Entretanto, suas movimentações para fora dos espaços estabelecidos como femininos foram alvos de contenção e controle, de reelaboração de prescrições demarcadoras de seus supostos lugares sociais, de medidas que objetivavam refrear as possibilidades de transgressão das forças hegemônicas constituídas. Desse modo, procurava-se dificultar ou mesmo impedir as tentativas de conquista de autonomia feminina, caminho através do qual as mulheres poderiam lograr o direito de decidir e opinar sobre seu destino, sem necessariamente depender da tutela masculina, como a possibilidade de, livremente, escolher atividades profissionais em outras instâncias que não as da própria casa.

Em relação às mulheres das camadas mais baixas e populares, a determinação dos hábitos moralizados alvejava a moderação ou mesmo a eliminação dos distintos e, muitas vezes, costumeiros modos de viver por elas praticados. Compelidas a garantir a complementação ou mesmo a total sustentação de suas famílias, elas se mostravam o oposto das características femininas situadas no ideário burguês.

Ativas no mercado de trabalho, seja executando em suas casas atividades para terceiros, ou em casa desses, servindo como domésticas das famílias modelos da nova ordem, ou ainda ocupando as ruas da cidade com seus ofícios, comportamentos e linguajares despudorados, as mulheres dos segmentos populares sentiram sobre si o peso da discriminação sexual, econômica e intelectual da moral burguesa, que considerava seus modos torpes, promíscuos e danosos aos hábitos da “civildade” imposta. No caso das mulheres negras, a esse pesado fardo se acrescia ainda a força da discriminação racial vigente na sociedade brasileira das primeiras décadas do século passado.

As formulações estabelecedoras de limites que ressalvavam a presença das mulheres nos ambientes públicos resultavam numa incoerência em relação às que pertenciam aos

---

<sup>50</sup> RAGO, Margareth. A colonização da mulher. In: \_\_\_\_\_. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar* (Brasil 1890-1930). 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 61-116. p. 62.

estratos sociais mais baixos, pois, para elas, o trabalho em ruas, fábricas, escritórios, lojas e outros postos de serviços era uma questão indispensável para conseguirem garantir, muitas vezes sozinhas, a manutenção do próprio sustento e de seus filhos, ou, então, assegurar a manutenção da família, complementando a renda familiar, ao somarem seus magros recebimentos aos também escassos salários dos companheiros.

Muitas mulheres populares não podiam ser situadas exclusivamente no universo da domesticidade, no entanto, as prescrições científico-morais de recato, pudor, afetividade, obediência e maternidade se impuseram sobre elas igualmente como para as demais, e acresceram suas labutas cotidianas extradomésticas com as obrigações do cumprimento de funções assentadas no fato de elas serem também mães e donas de casa. Entre tantas pressões vividas, as mulheres populares se viram envolvidas na imposição do modelo feminino burguês disseminado naquele contexto e na forte pressão da justiça, que as obrigava a se submeterem aos domínios masculinos.

Contudo, muitas delas, de muitos jeitos, ousaram transgredir as normas e se deslocaram em direções contrárias às impostas e se arriscaram a criar novos modos de existir, ou, ainda, tentaram fazer perdurar hábitos e costumes ancestrais aprendidos, que diferiam dos modos que eram coagidas a praticar. Na já mencionada obra *Condição feminina e formas de violência*, Rachel Soihet, a partir dos processos sobre crimes de violência praticados pelas mulheres dos segmentos populares do Rio de Janeiro, entre os anos 1890 e 1920, analisa a situação das mulheres desses segmentos para discutir as motivações que resultaram na prática desses delitos e apresenta a especificidade dos crimes analisados como resultante tanto de questões sociais como de questões de gênero.

Rachel Soihet analisa que as situações em que as mulheres populares geriam seus lares fugiam à regra do assentamento feminino burguês universalizado naquele contexto, pois, nesses casos, se dispensava a submissão econômica delas aos companheiros. Além disso, a historiadora observa que elas não reivindicavam a fidelidade de seus parceiros, e os atos violentos praticados por elas, cuja gravidade em alguns casos resultou em homicídios, apresentavam “[...] o outro lado da imagem macia, acomodada e disciplinada da mulher de classe dominante”<sup>51</sup>. De acordo com a análise realizada por Soihet, esses elementos de algum modo contribuía enormemente para favorecer o posicionamento firme das mulheres dos segmentos mais baixos ante os horizontes de opressão, e abriam caminhos para a eliminação e corte das formas opressoras.

---

<sup>51</sup> SOIHET, Rachel. *Condição feminina...*, op. cit., p.117.

Rachel Soihet ainda ressalva que a ocorrência de casos de violência praticada pelas mulheres populares muitas vezes provinha da reclamação delas por conta da falta de suprimentos materiais para o sustento da família, alegada com base no descumprimento da posição de “provedores” do lar por parte de seus companheiros. Nessa direção, pelo estudo da historiadora, as ações violentas delas não deixam de ser amostras de suas investidas contra as tradicionais relações desiguais de gênero, revelando também o fato de que as mulheres das classes “populares” tanto sabiam reclamar as injustiças sofridas como praticavam comportamentos, localizando-se neles a partir das posições sociais hegemônicas prescritas para o universo feminino.

Nos meios populares, a forte influência das regras dominantes, instaladoras de mulheres e homens em lugares sociais fixos, não se processou sem gerar muitos desconfortos entre elas e eles, e, por mais que seus costumes e práticas solicitassem outras demandas nas quais não cabia seguir à risca as características “naturais” de seus sexos, ambos sentiram o desconforto de viver entre dois mundos. Tendo suas condições materiais de vida distantes das dos “bem situados” – produtores da universalidade dos hábitos –, essas mulheres e homens conviviam com toda sorte de infortúnios, como o risco de desemprego, da violência contra seu sexo, entre outros que, no caso dos homens, os impossibilitavam de exercer a função de mantenedor da família e, com isso, os distanciavam também da função de “dominador”, como ditava a moral burguesa vigente. Instaurava-se, dessa forma, a insegurança entre eles, o que, muitas vezes descambava para a violência doméstica contra as companheiras<sup>52</sup>.

No caso das mulheres, aos velhos preceitos sexuais, como o tabu da virgindade, naquele contexto urbano das primeiras décadas do século XX, adicionaram exigências como as obrigações morais de responsabilizá-las pelo zelo com os filhos, o lar, o companheiro ou esposo<sup>53</sup>. Tendo que se dividir entre essas exigências e a necessidade de trabalhar, e sem contar com apoio na socialização dos filhos, as mulheres das camadas populares eram acometidas de “um sufocante sentimento de culpa”<sup>54</sup>, ao ter de se ausentar de casa e deixar suas crianças, ou ainda pelo fato de não estarem presentes quando os companheiros retornassem para casa, exauridos após a jornada de trabalho.

Sidney Chalhoub, em *Trabalho, lar e botequim*, traz a interessante observação de que a interiorização de alguns elementos dos preceitos predominantes do “ser mulher”, como a passividade e a submissão incorporadas na conduta de algumas mulheres pobres, acarretou em

---

<sup>52</sup> SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: DEL PRIORE, Mary (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*, op. cit., p.362-399. p.370.

<sup>53</sup> RAGO, Margareth. A colonização da mulher, op. cit., p. 63.

<sup>54</sup> SOIHET, Rachel. *Condição feminina...*, op. cit., p.10.

muitas delas a imagem de si mesmas como “mulher-vítima”. Segundo o historiador, tal mecanismo talvez funcionasse “como uma espécie de freio aos impulsos femininos”<sup>55</sup>, que iam na direção do rompimento com as forças que as subjugavam e, no caso do estudo de Chalhoub, para evitar que as mulheres recorressem ao uso da violência física direta contra os parceiros amorosos.

As ocorrências analisadas, tanto por Soihet quanto por Chalhoub, apontam situações nas quais havia misturas de sentimentos vividos por mulheres e homens daquele período, mesclas onde se descortinavam os malefícios advindos da imposição e assimilação dos estereótipos que pretendiam alocar e unificar as múltiplas diversidades entre as pessoas.

As medidas que visavam evitar a perturbação da “ordem”, demarcando o posicionamento dos indivíduos a partir de assentamentos científicos universalizantes, remontam às intensas transformações ocorridas na transição do século XIX para o XX, período atravessado por intempéries sociais e econômicas, pela emergência de outras e novas demandas democráticas advindas do processo de industrialização do mundo ocidental, e que modificou as condições e a organização do trabalho, cada vez menos dependente da exclusiva força dos trabalhadores masculinos. Foram fatores conjugados, que perturbaram os antigos valores familiares e as visões de mundo arraigadas na tradição, incorrendo na grande contribuição para mudanças nas atitudes comportamentais e posturas, tanto de mulheres quanto de homens.

Essas mudanças trouxeram, em seu bojo, um amplo repertório de incertezas, angústias, ansiedades, expectativas e esperanças para os contemporâneos do período, itens que permitiram aumentar e mesmo aflorar questionamentos quanto à organização hierárquica excludente da sociedade europeia ocidental e estadunidense. Em tais lugares, esses questionamentos ganharam repercussão graças à força questionadora dos novos agentes, como a nova classe média, nascida das exigências do capitalismo industrial, que passou a reclamar direitos, a solicitar a quebra de tradições<sup>56</sup>.

Os ecos das alterações ocorridas na Europa e nos Estados Unidos reverberaram no Brasil, dando ensejo aos brasileiros, como apontado anteriormente, de também reivindicar sua inclusão no projeto republicano. Isso afetou, principalmente, os grupos que emergiram das transformações adotadas, os quais, no novo cenário, por sua capacidade de mobilização, de exaltação de conflitos, davam indícios de suas habilidades em provocar mudanças na ordem

---

<sup>55</sup> CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. 2. ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2001. p. 230.

<sup>56</sup> BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre identidade masculina*, op. cit.

estabelecida, como “os comerciantes, os industriais, os operários [...] e notadamente as mulheres”<sup>57</sup>.

Desse modo, as questões suscitadas nas movimentações efetuadas pelas mulheres se somavam à variedade de exigências de democratização na participação das maiorias excluídas naquele cenário, acionadas pelos muitos grupos descontentes com os rumos econômicos, políticos e sociais assumidos pela administração do País, e cujo calendário de reivindicações inquietava e incomodava apologistas da manutenção dos privilégios e estruturas tradicionais vigentes.

A composição dos grupos reivindicadores de mudanças foi formada por muitos escritores em cuja produção aparecem as marcas das mudanças em curso nos agitados anos em que viviam, seja tanto por apresentar nela o caráter de denúncia social, quanto por abraçar uma forma inovadora em relação aos padrões estéticos literários em voga no Brasil no início do século XX. É o caso, por exemplo, dos escritores Monteiro Lobato e, em especial, Lima Barreto, com sua narrativa prenhe desses aspectos, bem como dos registros pessoais de sua condição multifacetária de jornalista, suburbano, amanuense, homem mulato, espectador das lutas e labutas das mulheres fluminenses, desde as suburbanas às pertencentes aos estratos mais altos.

Foram trajetórias paralelas almejando democratizar direitos: elas, visando sua participação ativa nos espaços públicos; ele, denunciando amplas injustiças, dispendo-se a desmobilizar, por meio da sua arte, os excludentes bloqueios étnico e socioeconômico confinadores das pessoas. Visava, com isso, colaborar para uma reconfiguração em que as maiorias pudessem ser partícipes ativas de vidas mais aprumadas, como a dele próprio, mediante a conquista de um lugar de destaque nas exíguas letras brasileiras. Sob essa perspectiva, as análises empreendidas nas páginas seguintes do presente texto se debruçam sobre o estudo da trajetória de Lima Barreto e suas apreensões sobre as mulheres, nascidas das deambulações e experiências vividas nos diferentes espaços de convívio do autor.

---

<sup>57</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo”...*, op. cit., p.29.

## 1.2 LIMA BARRETO ENTRE O CENTRO E A VILA QUILOMBO

Em vastas jornadas pelas ruas do Rio de Janeiro, sejam as feitas em bondes, trens, caminhando a esmo ou com paragens certas entre os subúrbios de Todos os Santos e a Escola Politécnica, cafés, livrarias, bibliotecas e a Secretaria da Guerra no centro da cidade, Afonso Henriques de Lima Barreto se tornou um dos moradores mais versados e perspicazes na observação da gente e da geografia cariocas do início do século passado. Ele também fez deste acervo vivido matéria de inspiração para escrever os muitos textos produzidos por ele, enquanto praticou seu exercício preferido, que começara a aperfeiçoar nos tempos de estudante, no jornal estudantil *A Lanterna*, em 1902.

Afonso Henriques de Lima Barreto, o segundo – o primeiro morrera ainda bebê – entre os cinco filhos do casal de mestiços, a professora Amália Augusta de Lima Barreto e o tipógrafo e administrador de Colônia de Alienados João Henriques de Lima Barreto, nasceu no dia 13 de maio de 1881. Ficou órfão de mãe aos seis anos de idade, mas, sempre assistido pelo zeloso pai, iniciou as bases de sua esmerada instrução escolar patrocinado pelo padrinho Afonso Celso Figueiredo, o Visconde de Ouro Preto, no Liceu Popular Niteroiense – instituição de direção britânica, onde estudavam muitos filhos de famílias ricas. Após completar o ensino secundário e parte suplementar dos estudos, Afonso realizou intensos preparativos e exames, estudando ainda no Colégio D. Pedro II e no Colégio Paula de Freitas onde complementou a instrução para obter aprovação no curso de engenharia da Escola Politécnica, esforço que lhe valeu o ingresso no ensino superior e no qual se aventava um futuro promissor para a vida do jovem mulato, filho de João Henriques de Lima Barreto.

Ter o filho encaminhado na vida, com uma carreira assegurada, era não só o cumprimento da obrigação de pai a que se impunha, mas também uma espécie de realização do próprio objetivo, que João Henriques de Lima Barreto não pôde concretizar por conta dos acontecimentos e reveses vividos, como a morte da esposa e a própria loucura. Ele fora um homem esforçado e talentoso, e, quando jovem, ainda no Império, foi aluno do Instituto Comercial da Corte onde estudou humanidades e aprendeu francês enquanto trabalhava como tipógrafo em jornais do Rio de Janeiro e se dedicava com afinco aos estudos, objetivando aprovação nos exames para entrada na Escola de Medicina<sup>58</sup>, pois aspirava se diplomar e fazer carreira numa das valorizadas profissões da época, na qual depositava a esperança de

---

<sup>58</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 10.ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2012. p.38.

conquista de uma vida material mais sólida e abundante para si mesmo e para a futura família que viria a formar.

Por intermédio do futuro compadre Afonso Celso de Figueiredo, seu conhecido desde a oportunidade em que trabalhara no jornal do Partido Liberal, chegou a compor os quadros do funcionalismo da Imprensa Nacional. Após doze anos nessa atividade, ele mesmo se destituiria da ocupação por ocasião da ascensão do novo regime republicano<sup>59</sup>. Enquanto funcionário da Imprensa, João Henriques Barreto traduziu do francês para o português o *Manual do Aprendiz Compositor*, de criação de Jules Claye. Após sua dispensa da repartição, não demorou muito a conseguir outra colocação, pois, no mesmo ano de 1890, o então ministro do Interior Cesário Alvim, intermediou a nomeação dele como escriturário nas Colônias de Alienados na Ilha do Governador<sup>60</sup>, atividade na qual permaneceu até o agravamento de seus problemas de saúde, que o obrigaram a se afastar do trabalho em 1902, e somente um ano depois teve sua aposentadoria concedida.

Já sem o apoio financeiro do padrinho Afonso Celso, entre os anos 1897 e 1902, o agora primogênito de João Henriques Barreto, o jovem Afonso Henriques de Lima Barreto, então aluno da Escola Politécnica, construía por lá algumas sólidas e duradouras amizades como Bastos Tigre, Levi Carneiro, Ribeiro de Almeida, entre outros, mas também começava a se dar conta de experimentar, em seu corpo, as sensações de rejeição por ser mulato, de asfixia ao conviver com os colegas e sofrer sobre si os olhares indelicados e pouco acolhedores de alguns estudantes em direção à sua cor e indumentária simples, a ponto de o fazerem se sentir desambientado e desanimado em continuar na escola do Largo São Francisco de Paula:

Desde muito que eu desejava abandonar o meu curso. Aquella atmospherá da Escola Superior, não me agradava nos meus 16 annos, cheios de timidez, de pobreza e de orgulho.

Todos os meus collegas, filhos de graúdos de toda sorte, que me tratavam, quando me tratavam, com um compassivo desdém, formavam uma ambiência que me intimidava, que me abafava, se não me asphyxiava.

Fui perdendo o estímulo [...].

Os últimos annos, passeio-os pelos corredores da Escola a discutir, já affeito ao seu *ar* – agora! – ou ler na bibliotheca nacional ou municipal; mas, sobretudo, na da própria Escola.<sup>61</sup>

<sup>59</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*, op. cit., p.57.

<sup>60</sup> Id., *ibid.*, p.67.

<sup>61</sup> BARRETO, Lima. Henrique Rocha. In: \_\_\_\_\_. *Bagatelas*. Rio de Janeiro: Empresa de Romances Populares, 1923. p.129.

Com tal apreensão a respeito das atitudes dos colegas sobre ele e já muito afeito a leituras, não foi difícil para Afonso Henriques começar a se emaranhar assiduamente nos acervos das bibliotecas. Na da Politécnica, dedicou boa parte do tempo às leituras filosóficas e literárias que o interessavam muito mais do que as aulas de Cálculo, Química ou Geometria Experimental. Apesar disso, ele se esforçava nas tarefas estudantis, entretanto era reprovado em alguns exames que realizava, ficando por cumprir parte das cadeiras necessárias para a conclusão do curso de Engenharia.

As reprovações o inquietavam porque elas descontentavam o pai João Henriques Barreto que, dadas as dificuldades de inserção dos desfavorecidos economicamente, creditava no acesso do filho à profissão de engenheiro a possibilidade de ascensão num novo cenário onde a escassez de recursos materiais com que se viam às voltas fosse compensada pela conquista de uma vida mais confortável, por isso ansiava ver Afonso Henriques doutor. Já para o filho, o traço de rebeldia para com os estudos específicos se tratava da inquietação de Afonso em fazer das matérias estudadas fontes de coerência e interpretação crítica para o vivido, daí a predileção pelas leituras auxiliadoras da sua fome de conhecimento<sup>62</sup>.

Entretanto, mesmo em desacordo com o modo como o ensino de algumas disciplinas específicas ocorria, tentava ir adiante para conseguir terminar o curso, repetia as cadeiras nas quais tinha sido reprovado, mas a de Mecânica Racional foi a pedra no meio do caminho. Antes que alcançasse aprovação, com o enlouquecimento do pai, em 1902, e como filho mais velho, Afonso teve de abandonar a engenharia para se responsabilizar pela numerosa família.

Durante os anos em que frequentou o ambiente escolar da Politécnica, o jovem Afonso não deixou de observar o arbitrário tratamento distribuído aos estudantes a partir de suas origens étnicas e familiares. Percebeu o destaque dado aos alunos brancos, de alto poder aquisitivo, vestes pomposas e filhos de gente de sobrenomes importantes, e teve amostra de como as influentes relações das famílias ricas facilitavam a vida dos herdeiros dentro e fora da escola, sendo eles aficionados ou não pelos estudos<sup>63</sup>.

---

<sup>62</sup> Francisco de Assis Barbosa informa que, dentre os professores da Politécnica, Lima Barreto admirava o geômetra Oto de Alencar por seu vasto conhecimento, inteligência desprovida de pedantismo e requintado gosto artístico-literário, que trazia para as suas empolgantes aulas. Já Licínio Cardoso marcaria as reminiscências barretianas como o oposto do primeiro, como o professor de Cálculo inflexível, orgulhoso em reprovar os muitos alunos que não sabiam as “questões na ponta da língua”, e Lima Barreto era um desses estudantes (BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto...*, op. cit., p.102-103).

<sup>63</sup> Sobre o tratamento dado aos estudantes ricos da Politécnica e a aprovação destes por parte de alguns professores, Lima Barreto, anos mais tarde, faria crônica inserida na coletânea *Bagatelas* na qual escreve sobre a prática que acontecia na Escola do Largo São Francisco de Paula: “É de praxe, de regra até, que todo filho, sobrinho ou parente de capitalistas ou de *brasseurs d'affaires* [sic], mais ou menos iniciados na cabala crematística do Club de Engenharia, seja aprovado. É bem de ver por que. Os lentes das nossas escolas com raras exceções, não se contentam com seus vencimentos oficiais. Todos eles são mundanos, querem fazer parada de

O arguto Afonso Henriques abominava tais procedimentos, que contribuíam mais ainda para seu sentimento de inadequação naquele ambiente. Contudo, nem tudo era tão sombrio, se, por um lado, ele se sentia deslocado, por outro contava com companhias interlocutoras e instigadoras de sua avidez intelectual, com as quais podia dialogar e trocar elucubrações, prática da qual sentia falta quando estava em meio à vizinhança do subúrbio onde morava, gerando-lhe sentimentos ambivalentes. Na verdade, se a aprimorada educação recebida de algum modo lhe abria mais horizontes em relação à maioria da população pobre e negra no Brasil, de outro, ela desnudava a deficiente ou total falta de instrução escolar que os administradores do País convenientemente continuavam a praticar entre as pessoas carentes nos tempos republicanos, confinando essa gente a lugares subalternos na esfera social e lhe negando o direito a uma instrução habilitadora da autonomia de suas inteligências.

A situação ainda se tornava mais complicada quando se referia à educação feminina, já que, para as mulheres, os primeiros anos republicanos continuaram a designar, para elas, apenas os níveis elementares de instrução, enquanto em outra ponta se investia na formação contínua masculina. Lima Barreto não escondia sua indisposição contra esse velho costume ainda em uso nos quase trinta anos de República e, em 1919, escreve crônica na qual indaga:

E as meninas? E as moças? Então o Congresso tem a concepção cazeira de que a moça não precisa passar além do *a b c* municipal? [...] O procedimento do governo federal no que toca à instrução secundária do Distrito Federal, tem sido até hoje de um descaso sem limites. [...]

Além disto, não creou collegios secundarios para as moças; entretanto, apesar desse desprezo, desse esquecimento criminoso, para attender solicitações políticas, augmenta todos os annos os collegios militares, anima a creação de escolas superiores e dá a entender que, quem não for militar ou tiver dinheiro, deve deixar os seus filhos na instrucção primaria que já dá capacidade para ser eleitor.

Quanto às moças, então, com essas é atroz!<sup>64</sup>

Feitas as ponderações sobre a defesa do direito à ampla instrução feminina efetuada por Barreto, cabe voltar ao percurso do jovem Afonso Henriques no curso superior. A permanência dele na Escola Politécnica também foi marcada por sua atuação estudantil na direção da Federação de Estudantes, atividade da qual sairia por ocasião do Congresso

---

luxo, teatros, bailes, com as suas mulheres e filhas. A situação oficial que têm dá-lhes prestígio [...], seus nomes são procurados para apadrinhar as companhias, as empresas [...]. Não é possível que um lente de química orgânica, por exemplo, que, devido às relações que tem com o capitalista [...], consiga do seu coração a violência de reprovar-lhe o filho” (BARRETO, apud BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto...*, op. cit., p. 116-117).

<sup>64</sup> BARRETO, Lima. Pela “secção livre”. In: \_\_\_\_\_. *Bagatelas*, op. cit., p. 157-158.

Nacional, por discordar do partidarismo da diretoria em favor do serviço militar obrigatório<sup>65</sup>. E ainda por sua colaboração – indicada por Bastos Tigre – no Jornal *A Lanterna*, para o qual, sob os pseudônimos de Momento de Inércia e Alfa Z, escrevia “[...] artiguetes tímidos, vacilantes, tratando de assuntos adequados ao meio, troças a este ou àquele, pequenos comentários sobre este ou aquele fato”<sup>66</sup>, que serviram de base para a sua verve de cronista. Atuando no periódico estudantil, aprendia a afiar sua ironia na forma de escrita dirigida aos professores e colegas, sustentáculos do questionável sistema de aprovação escolar.

Afonso Henriques de Lima Barreto, “tocado pelas coisas de letras” a partir dali, cada vez mais e sistematicamente, procuraria investir seus esforços na construção de uma escrita distante da retórica erudita tão em voga no gosto do leitor da *belle époque* carioca e da literatura em compasso com a ideia de “libertar” a ignorância nacional pela adoção do cosmopolitismo padronizador externo. Começava, assim, a se esboçar a base das convicções que instrumentalizariam a urdidura expressiva barretiana de tentar reconhecer o outro e se fazer reconhecido, construída tanto com passagens dolorosas, tristes e de fina ironia, quanto com bom humor e pilhérias que provocam a reflexão e evocam sentimentos diversos em seu leitor, porque trazem as marcas do sensível e do inteligível experimentadas pelo escritor.

Essas apreensões foram sentidas e experimentadas, em grande parte, por conta do olhar perspicaz sobre as coisas, aliado ao fato de Afonso Henriques Barreto ter sido um dos mais exímios andarilhos das ruas e lugares do centro do Rio de Janeiro. Boa parte das andanças dele por tais ambientes começou a ser feita muito em companhia de amigos amealhados na Escola Politécnica, como Bastos Tigre e Ribeiro de Almeida, por exemplo. Ia a bares e livrarias da Rua do Ouvidor, bem como se tornou um frequentador assíduo das rodas literárias, sobretudo quando já havia deixado o curso de Engenharia, tornando-se funcionário público, e estava convicto de que devia tentar, integralmente, mobilizar caminhos para viver da arte de escrever.

Lima Barreto participou de muitas rodas literárias, e as reunidas nos Cafés Jeremias, Americana, Java e Papagaio propiciaram a ampliação de seu leque de amizade com outros literatos de horizontes artísticos comuns ao seu, como o grande amigo Antonio Noronha Santos, Domingos Ribeiro Filho – este frequentava a roda do Papagaio, denominada “Esplendor dos Amanuenses”, formada basicamente por esses profissionais –, Amorim Júnior, João Rangel, Rafael Pinheiro, Joaquim Vilarinho, Pausílipo Fonseca<sup>67</sup>.

<sup>65</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto...*, op.cit., p. 99-105.

<sup>66</sup> BARRETO, Lima. *Diário do Hospício; O cemitério dos vivos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p.164.

<sup>67</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto...*, op. cit., p.145-147.

Entre conversas sérias, discussões infindas, discordâncias, chacotas, pilhérias e copos de bebida – por esses tempos, ingerir álcool passou a se tornar um hábito corriqueiro na vida de Barreto –, eles procuravam alargar os espaços para a manutenção, criação e apreciação de uma produção artística em desobediência à oficialidade literária, à estética pomposa dos apreciadores das artes dos salões, à continuidade do arrivismo. Buscavam compor uma produção independente, longe das apologias ao progresso de ornamentação, na qual pudessem manter a sensibilidade para os problemas econômico-sociais que assolavam a maioria dos moradores da antiga Capital federal.

Frequentando bares, cafés, livrarias ou mesmo só perambulando pelas efervescentes Gonçalves Dias e Ouvidor, no centro da cidade, Lima Barreto pôde observar as muitas mulheres que circularam por esses espaços públicos, e, para algumas, lançou seu arguto olhar, ao compreendê-las como figuras singulares no ajuste da nova visão de mundo em curso, que pretendia modernizar o País. Nessa perspectiva, entre tantos itens a serem empreendidos, tinha como ícones a reconfiguração do uso do espaço público e a valorização de modismos estrangeiros, seja através da moda que “repaginava” as aparências externas, ou pela adoção de comportamentos e gostos considerados requintados para os padrões dominantes. Barreto pontuou esses aspectos em seus textos, como faz no romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, por meio da lembrança do narrador Augusto Machado, a partir das reflexões nascidas dos encontros entre ele e Gonzaga de Sá:

Uma tarde no café Papagaio, vendo passar pela rua Gonçalves Dias afora, de baixo para cima, de um lado para o outro grandes mulheres estrangeiras, cheias de jóias [...], impelindo grandes casacos; vendo-as passar a pé, de carro, abarrotadas de pedrarias, e ouro [...], centralizando os olhares do juiz, do deputado, do grave pai de família, das senhoras honestas e das meninas irrepreensíveis, eu me lembrei de uma frase de Gonzaga de Sá: a dama fácil é o eixo da vida. Recordei que aquelas mulheres todas tinham vindo vazias, com alguns vestidos de segunda mão [...]. Elas seguem... É a rua Ouvidor. Então é a vertigem; todas as almas e corpos são sacudidos pelo vórtice.<sup>68</sup>

Em seguida, Augusto Machado observa que as estrangeiras aqui aportadas, por meio do uso dos signos da vida moderna em seus corpos de “alvura polar” e “faces rubras”, exerciam fascínio e atração em muitos, que canalizavam seus recursos, pecúlios, riquezas lícitas ou não em troca de estarem com elas:

---

<sup>68</sup> BARRETO, Lima. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. São Paulo: Ática, 1997. p. 60-61.

É uma população, um país inteiro que converge para aqueles seres de corpos lassos [...]. Passavam às duas, às quatro, como frotas, aquelas frotas de outros tempos, esquadras de naus, de caravelas [...]. E a civilização se faz por meios tão vários e obscuros que me pareceu que elas, como os veneráveis galeões que evocavam, traziam às praias do Brasil as grandes conquistas da atividade européia [...]. Lembrei-me então duma frase de Gonzaga de Sá. Disse-me ele uma vez no Colombo:

– Estás vendo estas mulheres?

– Estou – respondi.

– Estão nos dando ao trabalho de nos polir.

De fato, elas nos traziam as modas, os últimos tiques do *boulevard*, o andar *dernier cri*, o *pendeloque* da moda – coisas fúteis, com certeza, mas que a ninguém é dado calcular as reações que podem operar na inteligência nacional [...]. E a civilização se faz por tantos modos diferentes, vários e obscuros, que me parece ver naquelas francesas, húngaras, espanholas, italianas, polacas bojudas, muito grandes, com espantosos chapéus, ao jeito de velas enfunadas ao vento, continuadoras de algum modo da missão dos conquistadores.<sup>69</sup>

A sequência das formulações de Augusto Machado e Gonzaga de Sá sobre as “damas fáceis” é realizada sem o peso da austeridade moral em vigência nas primeiras décadas do século passado. Ao contemplarem o espetáculo dessas mulheres pelas ruas, eles não se deleitam unicamente com o fascínio que seus corpos carregados de artefatos causam, mas disso fazem o mote para refletirem sobre os transcursores históricos e a influência delas na “civilização” do Brasil. Desse modo, Lima Barreto, através de Machado, rememora as circunstâncias nas quais muitas dessas damas estrangeiras aportaram no País: como necessitadas em busca de sobrevivência, em situações marginalizadas que se aproximavam da situação do vasto contingente nacional das exploradas e insuladas em lugares subalternos, compelidas a exercerem apenas os ofícios estabelecidos como atividades tipicamente femininas por serem mulheres, pobres, negras, mulatas ou vadias.

Sá e Machado dirigem um amplo olhar para essas mulheres estrangeiras, reservando para elas seu positivo respeito. Para eles, as “damas fáceis”, a seu jeito, com suas maneiras, seus artifícios, valores, modos e concepções novos trazidos em sua bagagem, contribuíram para alicerçar o processo de modernização da sociedade brasileira, operado naquele momento histórico<sup>70</sup>. Ao considerar esse papel a elas atribuído como sendo uma espécie de continuidade das atividades dos “antigos conquistadores”, Lima Barreto, através de Augusto Machado, dá mostras do amálgama entre seu suporte inteligível e a sensibilidade ante o

<sup>69</sup> BARRETO, Lima. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, op. cit., p. 61-62.

<sup>70</sup> MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto: um pensador social na Primeira República*. Goiânia: Editora da UFG; São Paulo: Edusp, 2002. p. 133-134.

mundo a seu redor. Apreender a prostituição para além do espetáculo, dos ditames morais, significava pensar no envolvimento das mulheres em tal atividade como sendo fruto, muitas vezes, de uma questão muito mais ampla e complexa, daí talvez a preocupação em trazer para o texto a dimensão histórica dos aspectos envolvidos na situação.

Cabe sinalizar que Lima Barreto foi um simpatizante das ideias anarquistas contrárias à dominação política, à exploração do trabalho, às injustiças sociais e às estruturas hierárquicas. Tal simpatia talvez se relacione ao modo como delineou o olhar de Machado sobre as prostitutas, apreendendo-as de maneira distante da visão moralizada e estereotipada da época, localizando em seus modos e comportamentos, embaralhadores dos códigos de conduta e demarcação dos lugares sociais prescritos, um movimento de autonomia dessas mulheres, que acabou por se tornar uma baliza influente na mudança dos comportamentos que se estabelecia no País.

Se, nessa perspectiva, Lima Barreto, sob as reflexões de Sá e Machado, apresenta as “damas fáceis” como uma forma de valorizar a presença e a atuação de parte das mulheres que observava nos espaços centrais da cidade, em outras inúmeras ocasiões, porém, não consegue se congratular totalmente com a composição, os comportamentos e as atitudes de outras parcelas femininas observadas, como sugerem as impressões narradas em *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*:

Em dado momento surgiu, na nossa frente, uma “menina bonita”, acompanhada da notável complacência das velhas mães das “meninas bonitas”. Aqueles visitantes do Campo de Sant’Ana nos surpreenderam; e a “menina bonita”, lentamente, passou diante de nós, catando olhares nos escassos frequentadores daquele parque abandonado. Era ovelha tresmalhada; não pertencia ao grupo das que são vistas às vezes naquele jardim. Cheirava à rua do Ouvidor e ao balcão (bar) de Botafogo. Contudo, nem mesmo ao olhar decrépito de Gonzaga de Sá e ao meu de plebeísmo ela perdoou. Levou-os para casa quando desfilou diante de nós vagarosamente.<sup>71</sup>

A atitude da “menina bonita” catadora de olhares masculinos podia até provocar sensações de lisonja entre seus receptores, como parece acontecer com Augusto Machado, ao dizer que, após desfile dela entre eles, ficara “agradecido do fundo do coração”<sup>72</sup>. Entretanto, na narrativa desse episódio, está impressa também a consonância da discursividade barretiana com certa visão de mundo em vigor sobre os hábitos considerados pouco aconselháveis para as moças virtuosas, como posturas mais “ousadas” de algumas mulheres, classificadas como

<sup>71</sup> BARRETO, Lima. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, op. cit., p. 40-41.

<sup>72</sup> Id., ibid., p. 41.

frivolidade e coquetismo, como a das meninas de “Botafogo e da rua do Ouvidor”, ao desfilarem seus modos arrumados, seus jeitos e olhares, quase tomando a iniciativa em “cortejar” os homens, aspectos que Lima Barreto agrupava à superficialidade e à ambição egoísta, os quais ele abominava.

Desse modo, o comportamento da “moça bonita”, ao desfilarem toda pomposa e caprichada como a reclamar a notoriedade de sua figura feminina perante os homens, além de denotar a exacerbação da vaidade, sugere ainda o que ele criticava como sendo um dos propósitos maiores das mulheres seguidoras das normas da domesticidade matrimonial burguesa, o da conquista de maridos. Desse modo, se, para com as “damas estrangeiras”, Lima Barreto realiza uma espécie de defesa, em relação às mulheres dos segmentos médios e altos, não consegue escapar de posicioná-las dentro dos padrões e imagens dominantes construídos socialmente.

Nessa perspectiva, a apreensão sobre as mulheres frequentadoras dos espaços públicos do centro da cidade, apresentada nos fragmentos selecionados acima, desnuda camadas, por vezes ambíguas, da narrativa barretiana, carregadas de subjetividade, das experiências, gostos e impressões acumulados ao longo da jornada do escritor no mundo da escrita.

Talvez pelo fato de sua trajetória familiar ter sido bastante abalada na transição do Império para a República, ocasionando o declínio do já modesto padrão de vida dos Barreto, e em virtude de ser um dos poucos moradores do subúrbio carioca entre os participantes das rodas literárias que frequentava, revelasse Lima Barreto um modo de apreensão bastante peculiar em relação às mulheres com as quais convivia nos dois polos da cidade.

Nos seus arredores, conviveu com funcionários públicos, lavadeiras, trabalhadoras ambulantes, desempregados, donos de pequenos comércios, biscateiros, entre tantas outras atividades transferidas para as personagens de seus contos e romances, perfilando a diversidade de temas pontuados no conjunto de seus escritos como saberes, cultura e lazeres populares, segregação racial e de classe, administração pública e econômica, jurídica, política, feminismo e outros cuja arguta percepção não deixou escapar.

Foram temas tratados ao longo de seu percurso literário não com o objetivo único de registrar os suspeitos e questionáveis atos efetuados na República no tocante aos atingidos pelas ações militares, sanitárias, econômicas e políticas, mas também de trazer à tona o questionamento da cidadania que se construía e a exclusão empunhada pela suposta neutralidade científica. Além de construir sua narrativa com temáticas e modos de abordagens diferentes dos habituais, procurava assumir, assim, uma postura crítica em relação aos padrões literários de seu tempo.

Para isso, ele se guiava pelos princípios filosófico-artísticos de Guyau, Taine, Anatole France, Dostoiévski e Tolstói. Instrumentalizado com a leitura desses autores, Lima Barreto era de opinião que a beleza da arte residia no caráter dinâmico imbricado na própria obra, livre de amarras apriorísticas de diretrizes classicistas, pois, para o romancista, naquele tempo em que vivia, já não cabia mais “[...] uma literatura contemplativa [...]; não é mais uma literatura plástica que queremos, a encontrar beleza em deuses para sempre mortos, manequins atualmente, pois a alma que os animava já se evoluiu com a morte dos que os adoravam”<sup>73</sup>.

A concepção adotada por Barreto se dispunha a romper com a sedução puramente plástica do fazer literário em nome de um fazer artístico sintonizado com os fatos reais, onde fosse possível fazer vibrar, no receptor do objeto de arte, no seu leitor, uma reflexão provocadora de uma nova apreensão do mundo conhecido e, assim, viabilizar a “[...] comunhão dos homens de todas as raças e classes, fazendo que todos se compreendam, na infinita dor de serem homens, e se entendam sob o açoite da vida, para maior glória e perfeição da humanidade”<sup>74</sup>. A apreensão estabelecida em seu projeto literário revela que os escritos barretianos se voltaram, desde sua elaboração, para acontecimentos concretos, para o mundo próximo, para a exterioridade que cercava o escritor.

Nessa dimensão, importa apreender a produção de Lima Barreto como um conjunto no qual se entrelaçam sua interioridade e historicidade com a releitura que faz do contexto de sua época. Em tal direção, torna-se relevante estudar as relações cultivadas e estabelecidas pelo escritor nos diversos espaços por onde circulou no tempo em que viveu, como a Escola Politécnica, os cafés e ruas centrais da cidade, as empatias e os estranhamentos nascidos do convívio e frequência em tais ambientes, bem como no subúrbio onde morava, nos jornais e revistas para os quais colaborava, e na Secretaria da Guerra onde trabalhou como amanuense. Partindo da compreensão de que seus escritos sintetizam “possibilidades inerentemente históricas”<sup>75</sup>, interessa a esta pesquisa, em especial, localizar os lugares do feminino, construídos pelo autor ao longo de seu trajeto de dedicação à escrita, especialmente, nos textos selecionados para a realização deste trabalho.

Ainda garoto, Lima Barreto tivera de conviver com as inconstâncias da vida, a perda da mãe na infância. Quando mais velho, a mudança do padrão de vida e de endereço – da

---

<sup>73</sup> BARRETO, Lima. *Amplius!* In: \_\_\_\_\_. *História e Sonhos*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1999. p.25.

<sup>74</sup> Id., *ibid.*, p. 24.

<sup>75</sup> BRANDÃO, Luís Alberto. *Teorias do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: FAPEMIG, 2013. p. 173.

residência na Ilha do Governador para o Subúrbio de Todos os Santos<sup>76</sup> – provocada pela doença do pai, lhe impusera a responsabilidade de sustentar praticamente sozinho a numerosa família. Nessa ocasião, foi residir na Rua Boa Vista onde a família permaneceu por dez anos, mudando-se, em 1913, para a Major Mascarenhas, nº 42, no mesmo bairro, onde permaneceram até 1918, indo, por fim, para o número 26 da mesma rua. Enquanto viveu nessa última casa, Lima Barreto apelidou a morada de “Vila Quilombo”, tempo no qual se dividia entre produzir seus textos, as aulas particulares dadas em sua casa e as vastas jornadas em direção à Secretaria da Guerra e demais ambientes do centro da cidade, para se encontrar com os amigos e se inteirar de acontecimentos de toda ordem, comprando jornais, livros, frequentando bibliotecas, ou simplesmente para vagar desenvolvendo suas ideias.

Enquanto cumpria o percurso entre o centro e as ruas do subúrbio e desenvolvia sua multifacetada existência, o jovem Afonso Henriques, metamorfoseado no ex-estudante de Engenharia, agora um funcionário público suburbano e aspirante a viver da literatura, espreitava a própria vida, seu cotidiano, o de seus familiares, vizinhos e moradores da cidade em geral, refletindo sobre a deficiente distribuição de oportunidades econômicas, sociais, intelectuais para os menos favorecidos, a desvalorização ou ausência de alteridades e todo conjunto de transformações atordoantes que via ocorrer na sociedade brasileira do início do século passado.

Inquietava a Lima Barreto assistir os dirigentes da República adotarem, em suas tentativas de colocar o Brasil nos níveis de “boa aceitação” no cenário internacional, medidas unilaterais como o novo modelo de regime trabalhista, que aniquilava a ampliação de oportunidades e condições de inserção do contingente de ex-escravos no “moderno” mundo do trabalho; ou o modelo de reconfiguração espaço-urbana e sociocultural em curso que, em face do caráter de implementação, contribuía para a degradação das vidas dos habitantes da cidade, trazendo à tona questões como insegurança, especulação imobiliária, carestia e desemprego<sup>77</sup>, assombrando o sono de alguns, deserdando e desabrigando outros.

---

<sup>76</sup> Os Barreto só foram morar num sítio na Ilha do Governador – anteriormente já viviam de aluguel – quando João Henriques foi promovido a almoxarife das Colônias de Alienados; por esse tempo, Afonso Henriques era ainda um juvenzinho que passava a semana no internato, nos finais de semana experimentava o campestre convívio com a família, animais, árvores e a degustação das espécies agrícolas cultivadas pelo pai e o agregado Manuel de Oliveira nas terras do sítio (BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto...*, op. cit.).

<sup>77</sup> SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Scipione, 1993. p. 55. Ver ainda: DIAS, Regina Maria Santos. Máquinas de guerra x práticas catitas: inspirações barretianas nos estudos da subjetivação. *Mnemosine*, Clio-Psyché-Programa de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia, Campinas, Unicamp, v.1, n.1, p.123-151, 2005. Disponível em: < [http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/view/48/pdf\\_34](http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/view/48/pdf_34) >. Acesso em: 28 jul.2014.

Tudo isso constituía o repertório das transformações da urbanidade, administrada nos rigores técnico-científicos de cujo cerne constavam itens impeditivos dirigidos aos corpos da população, desencadeando instabilidades nos mais variados âmbitos das existências dos indivíduos da então Capital federal, alterando procedimentos comportamentais, laborativos, visões de mundo, hábitos culturais, religiosos. Enfim, desterritorializando<sup>78</sup>, física e subjetivamente, mulheres e homens daquele período, tornando-lhes mais intensas e imperativas as formas de (re)organização de seus mundos, de criação de alternativas em face das tensões experimentadas em seus corpos.

Nesse processo, circulando nos espaços dos subúrbios, estudantis, do funcionalismo público, ou no circuito da intelectualidade literária Lima Barreto não fugia à regra dos demais moradores da Capital fluminense, era afetado pelas sensações experimentadas na efervescência dos fenômenos a ele circundantes, mas do mesmo modo procurava afetar. Por meio da atividade literária, tratava de realizar suas disposições contrárias às forças hegemônicas instituídas, de tentar desmontar as poderosas engrenagens excludentes das maiorias, fazendo de tal disposição o mote para roteirizar seus textos e seu próprio estilo de vida, inscrevendo sua rebeldia na atuação do próprio corpo, como demonstra em crônica publicada originalmente em *A Estação Teatral* de 8 de abril de 1911:

[...] Visto-me mal, lamentavelmente mal, quase mendicante; nunca tenho roupas – de modo que jamais estou em estado sofrivelmente binocular, para acotovelar as elegâncias que se premem nos nossos teatrinhos.

Não julgo que amo a miséria, não, e vivo bem. É um feitio esse de ser; é a minha *pose*... [sic].<sup>79</sup>

Visivelmente apresenta, no excerto, sua afronta ao pensamento dominante, interessa-lhe, assim, assumir sua *pose* como parte do conteúdo de expressão no qual publicizava sua divergência com o *estado binocular*<sup>80</sup> de ostentação das elites frequentadoras dos cafés,

<sup>78</sup> O conceito de desterritorialização se reporta aos territórios existenciais compreendidos como mergulhados em constante movimentação e mudanças, processo no qual são desencadeadas partículas dos afetos que solicitam passagem, chances para a atualização de sentidos, produção (territorialização) e desmanche de mundos (desterritorialização). Esses movimentos de “orientação e desorientação” acontecem ao mesmo tempo, desse modo é preciso pensar que não há possibilidade para a totalização ou permanência de uma única “mão”. Ver: GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 6. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000; ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2011. p. 36-37.

<sup>79</sup> BARRETO, Lima. Uma coisa puxa a outra... In: \_\_\_\_\_. *Impressões de leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p.262-266. p.263.

<sup>80</sup> O termo binocular empregado por Lima Barreto é uma referência irônica à coluna “O Binóculo”, supervisionada pelo jornalista Figueiredo Pimentel. Segundo Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima, “O Binóculo” se tratava de uma seção de assuntos sobre vestuário, costumes e afins, do interesse da gente *chic* do Rio,

consumidoras das lojas grã-finas da Rua do Ouvidor e das vestimentas *chics* importadas ou feitas sob medida com tecidos e figurinos inspirados nos europeus, usadas por estes homens e mulheres pertencentes aos grupos que disseminavam um modelo de consumo contrário ao da maioria da população pobre e negra da cidade, e que não toleravam a presença desses indivíduos nas ruas, bem como a permanência de suas práticas de sobrevivências como as vendas de quitutes e pequenos comércios ambulantes.

Dessa maneira, Lima Barreto conduzia sua *pose* pública em dissensão com o estilo valorizado na *belle époque* tropical e se apresentava deliberadamente esfarrapado como uma experimentação de saída aos grilhões cotidianos. Do mesmo modo que inscrevia seus posicionamentos em sua produção literária, operava em seu corpo um “manifesto político”<sup>81</sup>. Ao engendrar suas *poses*, expressava o confronto à formatação normativa dos comportamentos, às artificialidades das aparências. Assim como realizava com a escrita, também expunha, na sua face, diferente da dos rostos “bonitos” socialmente consentidos, e no corpo<sup>82</sup> mestiço, fora dos padrões de beleza convencionais, o escritor diferente em leitura e imagem.

A *pose* andrajosa, em discrepância com as “estampas finas” e comportamentos alicerçados, predeterminados, sufocantes e limitadores, era um meio de exercitar a liberdade de escolha, de agasalhar em si não só as múltiplas camadas e máscaras a serem encenadas em seu modo de existir, ao qual Lima Barreto se fidelizava ética e politicamente, mas também as ideias nas quais acreditava e que defendia. Inscrevia em si a denúncia das exclusões vividas por ele e pela maioria da população brasileira do início do século XX e, deslocando seu corpo

---

divulgada no influente periódico elitista *Gazeta de Notícias*, e logo copiada pelos demais jornais. A *Gazeta* contou com nomes ilustres da época entre seus colaboradores, como Olavo Bilac (LIMA, Jacqueline de Cassia Pinheiro. Harmonia e dissonância na imprensa carioca. *História e-história*, Campinas, UNICAMP, 19 jul. 2005. Disponível em: < <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=29>>. Acesso em: 13 ago. 2014).

<sup>81</sup> Conforme Deleuze e Guattari: “Um escritor não é um homem escritor, é um homem político e é um homem máquina, e é um homem experimental” (DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka, por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p.13).

<sup>82</sup> A ideia de corpo empregada aqui parte da acepção de “corpo vibrátil”, sentido que lhe é dado por Suely Rolnik em referência às nossas faculdades de apreensão do mundo por meio de suas formas e às consecutivas representações elaboradas a nosso serviço para atribuição de sentido ao universo circundante, operação que se situa na linguagem, no tempo e na história de cada um, estabelecendo relação de exterioridade entre sujeito e objeto, importante para que nos situemos. A essa aptidão se integra também nossa capacidade de “[...] apreender a alteridade em sua condição de campo de forças vivas que nos afetam e se fazem presentes em nosso corpo sob a forma de sensações”. Tal exercício se desvincula da “[...] história do sujeito e da linguagem. Com ela o outro é presença que se integra à nossa capacidade sensível, tornando-se, assim, parte de nós mesmos”. É a essa última capacidade que Rolnik denomina de vibratilidade do corpo (ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental...*, op. cit., p.12-13).

para longe dos lugares predeterminados socialmente, elaborava, por meio da construção da autoimagem, a projeção de si e de parcelas da coletividade em “um espaço outro”<sup>83</sup>.

Como já visto, durante os anos da Primeira República, a execução do projeto da cientificidade urbana arrolou, no seu conjunto de remodelação do centro da cidade, além das demolições de prédios antigos e construção de novas edificações e avenidas para servirem como novo ponto central das atividades financeiras, culturais e econômicas, todo um sistema de especialização dos espaços que terminou por segregar, étnica, intelectual, sexual e socioeconomicamente, os moradores considerados em descompasso com a “modernidade civilizada” empunhada pelos administradores de tal projeto.

Em sua maioria, esses “expatriados” eram fruto da própria Regeneração republicana e, desesperados, tendo suas condições socioeconômicas e culturais depauperadas, sem moradia digna ou emprego, forçosamente se viram compondo os pelotões de mendigos, loucos, vagabundos e viciados em álcool, e com essa situação de miséria exposta à vista de todos. E, como um mal que precisava ser extirpado, eram recolhidos à força pela polícia aos hospitais psiquiátricos e asilos de mendicância, para os lugares que a cientificidade administrada lhes prescrevia, para viverem isolados entre si, sem se constituírem numa ameaça pública ou um incômodo para o convívio socialmente recomendável.

Por duas vezes, entre 18 de agosto e 13 de outubro de 1914, e do dia de Natal de 1919 a 12 de fevereiro de 1920, um desses lugares, o Hospital Nacional de Alienados, fez parte da experiência pessoal de Lima Barreto. A intensificação de seus delírios e alucinações, em decorrência do uso constante de álcool, licenciou sua família a autorizar as forças policiais a levá-lo para o internamento no casarão da Praia Vermelha, mesmo contra a sua vontade.

No momento de sua segunda internação, Lima Barreto estava já aposentado do emprego público e contava com uma considerável trajetória nas letras brasileiras, seja através dos livros ou dos artigos, crônicas e contos publicados nos jornais e revistas para os quais colaborava. Continuava, incessantemente, a produzir seus inúmeros escritos, atividade a que, durante os dias de confinamento, como *náufrago da vida*, se agarrou como a um bote salva-vidas, mesmo quando não tinha à sua disposição material ou instalação adequados. Usando tocos de lápis e pedaços de papel, retemperou sua vontade de continuar a escrever, de atualizar uma das marcas predominantes em seu percurso discursivo: a afirmação de seu autocontrato de indisposição contra as formas de dominação da oficialidade vigente<sup>84</sup>.

---

<sup>83</sup> FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: n-1 edições, 2013. p.12.

<sup>84</sup> Michel Foucault, em atenção às formas de exclusão social, como a interdição, observa como esta limita o que os indivíduos podem ou devem dizer. Nessa direção, os discursos produzidos nunca são neutros, eles indicam

São, dessa ocasião, as anotações que foram compiladas no volume *Diário do Hospício*, e o romance inacabado *O Cemitério dos Vivos*<sup>85</sup>. Nessas narrativas, descreve e reflete sobre o cotidiano das pessoas ali dentro – médicos, guardas, enfermeiros, mas, principalmente do variado contingente de excluídos que observou naquela reclusão forçada e o fizeram pensar tanto na situação deles quanto na sua, bem como na validade ou não de suas próprias “filosofias”. Tendo sido conduzido de modo vexatório para chegar àquele ambiente, incomodaram-no, sobremaneira, a intromissão da polícia em sua vida e a truculência com que fora apanhado em sua casa, como um meliante a ser encerrado na cadeia, ou um louco crônico, cuja presença “desequilibrada” precisava ser retirada da sociedade normalizada, como se fazia no Brasil desde a época imperial; em suma: como mais um dos integrantes da gente enquadrada nos rigores técnicos censuradores de seus corpos e modos de existência fora das convenções. Sobre essas práticas classificatórias escreve:

Repugnava-me personalizar com este ou aquele nome o desconhecido, o informe, o vago. Dar apelido seria limitar o ilimitado, definir o indefinido, distinguir o indistinto [...]. Esse ser não devia ter corpo, nem forma, nem extensão, nem movimento, nem outra qualidade qualquer com que nós conhecemos as coisas existentes [...]. Devíamos procurar a nossa desincorporação.<sup>86</sup>

As elaborações de Lima Barreto ratificam sua oposição à instituição das unidades margeadoras das complexidades e diversidades dos fenômenos e dos indivíduos. É certo que àquela altura, requisitado pelas instabilidades, ele já havia experimentado muitas *poses* na vida e se transmutado do diferente ao uno pelos lugares e entre as pessoas com quem se relacionou. Mas este homem das margens, durante os dias de reclusão no hospício, sentiu mais forte ainda a necessidade de se fazer múltiplo, fluído e passagem para outras encenações, talvez porque, naquele espaço, todos os internos – esses *outros* de fora dos lugares geográficos e sociais prezados pela “boa” sociedade, quais sepultados vivos – fizessem aflorar, em sua percepção, a ineficácia da inscrição de sua pose de literato sabido, versado nas coisas do mundo e do conhecimento.

---

ações contra o “sistema de dominação” e, mais que isso, “[...] aquilo [...] pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996. p. 9-10).

<sup>85</sup> Além dessas duas obras, Lima Barreto trata do tema da loucura em sua ficção no conto “Como o ‘homem’ chegou” e nas personagens Ismênia e Policarpo Quaresma de *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Sobre a internação deste último, trata especialmente no capítulo intitulado “O bibelot”.

<sup>86</sup> BARRETO, Lima. *Diário do Hospício; O cemitério dos vivos*, op. cit., p.187-188.

Seria necessária, quem sabe, a *desincorporação* dessa pose para seguir, às vezes, por tortuosas trilhas, na construção do seu “triplo”, conciliando as duas margens que habitava, para acolher em si a sua mestiçagem<sup>87</sup> no corpo e no pensamento.

O entendimento da constituição da multiplicidade de poses barretianas só é possível a partir da compreensão dos aspectos imbricados na trajetória do escritor, e, nesse sentido, torna-se relevante retomar o estudo de parte desse seu trajeto nascido de sua relação com os subúrbios e a gente com quem se relacionava por lá.

Como apresentado antes, os subúrbios se constituíram como espaços familiares a Lima Barreto desde sua infância. Além disso, figuraram como principal palco e, às vezes, como personagem central das múltiplas reflexões e problematizações feitas acerca da vida dos homens e mulheres do Rio de Janeiro de então, pontuadas num sem números de ações e caracterizações nas muitas personagens inscritas em suas crônicas, contos, sátiras e romances como *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* e *Clara dos Anjos*. Nesses textos, apresenta ao leitor as gradações socioeconômicas existentes no subúrbio, as mazelas, os lazeres, os conflitos, os comércios, o repertório cultural, as relações familiares, sociais, e o cotidiano adverso e fervilhante dos moradores das áreas periféricas cariocas.

As áreas mistas de urbanidade e ruralidade dos subúrbios, pode-se dizer, são descritas sumariamente por Lima Barreto como dinâmicas, hostis, acolhedoras, conflituosas e abandonadas pelo poder público. Em sua visão, elas são, sobretudo, o refúgio dos alijados do processo da nova esfera social em transição e da urbe em transformação, ambas deflagradoras das existências conflituosas das mulheres e homens transgressores das fronteiras dos lugares geográficos e sociais em que foram posicionados. A ambiguidade do subúrbio, enquanto espaço físico em relação ao centro da cidade do Rio de Janeiro, também foi foco das inúmeras reflexões inscritas na produção do autor, e nela, igualmente, deixou as marcas de sua própria ambivalência em relação a tais áreas e a seus moradores.

Além de morador, Barreto foi um observador atento da vida suburbana, seja a partir da própria casa, na relação com seus familiares ou com a vizinhança, a qual conhecia dos contatos nascidos do serviço das aulas particulares oferecido por ele, das horas de alternância entre a admiração da paisagem da Serra dos Órgãos, das leituras de jornais e do exame atento do dia a dia das redondezas. Exercícios feitos, muitas vezes, enquanto estava em algumas das

---

<sup>87</sup> Para o filósofo Michel Serres, ser mestiço é ser alguém que deixou de lado suas dicotomias para se tornar universal. Qual o casaco multicolor de Arlequim, o mestiço constitui sua singularidade das diversas diferenças vividas em seu percurso que, acolhidas como alteridade, ficam marcadas em seu corpo feito tatuagem (SERRES, Michel. *Filosofia mestiça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p.13).

vendas de que foi frequentador assíduo, onde batia papo, tomava doses de parati, ouvia inúmeras histórias de uns, captava aspirações de outros, bem como contava para seus congêneres suburbanos sobre suas teorias, ideias e afeições sociopolíticas.

A espreita de Lima Barreto sobre os modos de vida de seus vizinhos das distantes áreas periféricas do Rio de Janeiro possibilitou-lhe desenvolver, em seus textos, muito dos aspectos flagrados entre aquelas pessoas. Destaca-se entre eles, principalmente entre as mulheres, o aspecto da solidariedade, praticado entre elas mesmas ou entre elas e os demais.

Sobre a cooperação das mulheres populares entre si, há uma interessante passagem no romance *Clara dos Anjos*, um trecho de registro da relação de animosidade entre vizinhas, consequência de bate-bocas e rixas, muitas vezes procedentes de outras dificuldades ou motivos bem diversos aos das faíscas geradoras das contendas entre elas. Entretanto, a despeito dos desaforos trocados, “[...] essas brigas duram pouco. Lá vem uma moléstia num dos pequenos desta, e logo aquela a socorre com seus vidros de homeopatia”<sup>88</sup>. O escritor faz de tal fato uma espécie de estalo por meio do qual elas conseguem identificar entre si muito mais semelhanças que diferenças e, em tal percepção, se solidarizam umas com as outras.

Atitudes como a ocorrida no trecho acima constam em muitos outros escritos ficcionais e não ficcionais do escritor, e o interessante a observar em tal constatação é que Lima Barreto apresenta tais ações solidárias vinculadas, sobretudo, às mulheres populares.

Nádia Farage, em artigo intitulado “Um dever de Antígona: o nexó entre feminino e animal na obra de Lima Barreto”, credita tal característica localizada entre essas figuras femininas aos desdobramentos da construção libertária do escritor, que as desenhava com iniciativas de cooperação e solidariedade como um expediente que assegurava a humanidade para aquelas “alijadas da esfera pública e do poder”. Na perspectiva de Farage, tal composição ocorre porque “[...] as mulheres portariam, para Lima Barreto, o potencial”<sup>89</sup> da transmutação delas de subjugadas a donas de suas ações por meio das sociabilidades e convivialidades construídas.

Imbuído de seu pensamento de tendência libertária em defesa das mulheres pobres, em 1915, Lima Barreto escreveu a crônica “A lei”, publicada originalmente no Jornal *Correio da Noite*, na qual problematiza a questão do aborto, relacionando tal prática aos preceitos vigentes de condenação dos frutos das relações extramatrimoniais:

<sup>88</sup> BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Penguin Classics: Companhia das Letras, 2012. p.185.

<sup>89</sup> FARAGE, Nádia. Um dever de Antígona: o nexó entre feminino e animal na obra de Lima Barreto. *Labrys: Estudos Feministas*, v. 24, jul./dez. 2013. Disponível em: < <http://www.labrys.net.br/labrys24/antispecisme/nadia.htm> >. Acesso em: 7 maio 2015.

Este caso da parteira merece sérias reflexões que tendem a interrogar sobre a serventia da lei [...] Acontece que sua intervenção foi desastrosa e lá vem a lei, os regulamentos, a polícia, os inquéritos, os peritos, a faculdade e berram: você é uma criminosa! Você quis impedir que nascesse mais um homem para aborrecer-se com a vida! Berram e levam a pobre mulher para os autos, para a justiça, para a chicana, para os depoimentos, para essa via-sacra da justiça, que talvez o próprio Cristo não percorresse com resignação. A parteira, mulher humilde, temerosa das leis, que não conhecia, amedrontada com a prisão, onde nunca esperava parar, mata-se. Reflitamos, agora: não é estúpida a lei que, para proteger uma vida provável, sacrifica duas? Sim, duas porque a outra procurou a morte para que a lei não lhe tirasse a filha. De que vale a lei?<sup>90</sup>

O cronista levanta, em seu discurso, o tema da severidade moral opressora das mulheres em conexão com a legislação ratificadora das repressões a estas, por meio de sanções àquelas situadas fora dos padrões normatizadores do recato e honradez femininos, como o caso da moça que recorreu aos préstimos da parteira para interrupção da gravidez por ser “legalmente” desassistida da “capacidade” de poder criar seu filho ou filha sem “ter” um marido. O escritor dirige, então, suas críticas ao modelo de conduta feminino vigente, amparado este numa legislação, ao mesmo tempo, desconhecida das mulheres pobres e que pouco compreendia as redes de sociabilidades engendradas naquele universo. Desse modo, quando irrompia entre elas, era com a força do controle e da criminalização de seus hábitos.

Assim, em direção oposta, Lima Barreto situa sua narrativa em defesa das multiplicidades dos comportamentos humanos e acena para a existência das mulheres fora das amarras do matrimônio institucionalizado, com liberdade para viverem suas relações afetivas e gerarem e criarem seus frutos. Desse modo, buscava chamar a atenção do leitor para a apreensão das diferentes aspirações, características, preceitos e concepções femininos como sendo aspectos que, em grande medida, se relacionam e são delineados a partir das condições concretas por elas vivenciadas.

Feito o breve percurso pela discursividade barretiana na qual o escritor procurou retirar as mulheres suburbanas do silêncio e das margens da visibilidade oficial, posicionando-as em evidência em suas elaborações, é necessário trazer para o foco do presente estudo outras diretivas das apreensões do autor a respeito das gentes de suas relações nos subúrbios cariocas.

Em 3 de janeiro de 1905, o escritor preencheu seu caderno de anotações com abordagens do cotidiano familiar e da circunvizinhança onde morava, e saltam aos olhos a ambivalência e o sentimento de inadequação entre ele, vizinhos e familiares. A confissão

---

<sup>90</sup> BARRETO, Lima. *Vida urbana*. p.13. Disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000161.pdf> >. Acesso em: 8 maio 2015.

revela a inclinação que sente pelos pobres e negros, entretanto, sua propensão artístico-literária não amenizava as dificuldades de convívio com eles. Para o escritor, o estorvo da convivência se originava no fato de não ter sua presença respeitada da maneira pela qual se considerava merecedor, sobretudo no círculo doméstico, com os irmãos e meios-irmãos, filhos do segundo casamento de João Henriques com Prisciliana, anotando a esse respeito:

A uma família que se junta uma outra, de educação, instrução, inteligência inferior, dá-se o que se dá com um corpo quente que se põe em contacto com um meio mais frio; o corpo perde uma parte do seu calor em favor do ambiente frio, e o ambiente, ganhando calor, esfria o corpo.<sup>91</sup>

A origem étnico-econômica e o posicionamento ético-político do romancista o aproximavam da vizinhança suburbana e do grupo familiar por um lado, mas, por outro, a letrada instrução recebida o distanciava da comunidade do entorno, dos irmãos e da maioria dos pobres e afro-brasileiros naqueles primeiros anos de República cuja educação lhes tinha sido negada ou era deficiente. O romancista era consciente do excludente processo que lhes bloqueara a oportunidade de aprendizado, e trazia para a literatura os infortúnios dos subalternos, mas isso não amenizava seu drama pessoal.

Afeito às ombreadas conversas literárias com os amigos, não encontrava a mesma oportunidade em sua moradia ou entre o grupo social que o circundava, vivendo, assim, a dupla aflição de se equiparar, até certo ponto, aos amigos daquele círculo intelectual branco e economicamente mais favorecido que ele e, em outra ponta, com os mais humildes dos arredores. Sem pertencer a nenhum dos dois universos integralmente, às vezes sentia o fardo de viver nas margens, “fora” dos lugares.

Nesses encontros de “variação entre atração e repulsa”<sup>92</sup>, o corpo de Lima Barreto oscilava entre o *calor* e o *frio*. Em algumas ocasiões, driblava as condições desfavoráveis e

---

<sup>91</sup> Nesse mesmo registro, Lima Barreto desabafa: “Eu tenho muita simpatia pela gente pobre do Brasil, especialmente pelos de côr, mas não me é possível transformar essa simpatia literária, artística, por assim dizer em vida comum com êles, pelo menos com os que vivo, que, [...] não têm por mim nenhum respeito [...]. Se essas notas forem algum dia lidas, o que eu não espero, há de ser difícil explicar êsse sentimento doloroso que eu tenho de minha casa, do desacôrdo profundo entre mim e ela [...]” (BARRETO, Lima. *Diário íntimo*, op. cit., 1956, p.76- 77).

Michel Foucault, embasado na leitura de *Vita Antonii*, de Atanásio, propõe analogias entre o papel dos outros para o asceta e o caderno de notas para o solitário; em seu caráter de complementaridade, o ato de escrever é um companheiro que causa vergonha e respeito, assim como a comunidade funciona para o asceta; do mesmo modo é o caderno de notas para o solitário, na escrita de si a ascese, segundo o filósofo, se realiza por meio do ato de escrever e pelo pensamento: “[...] o constrangimento que a presença alheia exerce sobre a ordem da conduta, exercê-lo-á a escrita na ordem dos movimentos da alma [...]; um papel muito próximo do da confissão” (FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. *O que é um autor?* 3.ed. Lisboa: Ed. Vega, 1992. p. 130-131).

<sup>92</sup> ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental...*, op. cit., p.33.

conseguia se aquecer, deixando os afetos passarem, agenciando novas “matérias de expressão”<sup>93</sup>, criando *poses* territórios, que o faziam se sentir em casa; em outras, as intensidades experimentadas desmoronavam a *pose* de mulato instruído, aspirante a conquistar a glória literária, o que o fazia titubear e ser tão somente o Afonso Henriques da Vila Quilombo, homem comum da circunvizinhança, processo no qual seu corpo, desterritorializado, *esfriava*.

Nesse movimento, Lima Barreto retroalimentava seu corpo-passagem<sup>94</sup>, produzindo subjetividades em consonância com as intensidades nascidas dos encontros nos momentos e lugares onde viveu e conviveu. As condições dadas ou negadas lhe solicitavam isso, sendo indispensável, para continuar na luta, operar as indexações como fluxos de passagem para seguir na ativa, como fazia quando inscrevia, em si, a pose de defensor das complexidades entre os indivíduos, da diversidade das produções literárias e da geração de oportunidades para os prejudicados pelo sistema de dominação; ao compor expressões que transgrediam as prescrições beletísticas e quando enfrentava os *mandarins literários* em textos que flagravam as perversas normatizações sociais, os sistemas de apadrinhamento, as desigualdades nos âmbitos da educação, economia, gênero, as imposições moralizadoras dos comportamentos femininos e as hierarquizações dominantes no País.

Em nome do projeto no qual acreditava, dedicava a vida e escrevia compulsivamente, tentando empreender o sonho de viver da escrita. Entretanto, tal exercício nem sempre funcionava, pois a dinâmica da vida o precava da finitude das expressões, o uso da *pose* de literato aspirante à glória literária também continha contraindicação, a de ser nociva quando se insistia muito em seu uso, além do perigo de ser capturado na armadilha das próprias teias. A impossibilidade de realizar o objetivo de viver da escrita tornava a pose obsoleta, e os afetos grudavam<sup>95</sup>, e, nessas circunstâncias, era como se o “abismo” se “abrisse” sob seus “pés”<sup>96</sup>. Ante o quadro de irresolução, deixava escoar, para os textos, o sentimento de amargura ou procurava refúgio na bebida, vício que o abatia, mas, em meio às crises Lima Barreto parecia se dar conta de que é imprescindível acionar a capacidade ilimitada de produção de novas *poses* e alimentar a capacidade de criação de mundos, reagir contra a dependência do álcool:

<sup>93</sup> ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental...*, op. cit.

<sup>94</sup> SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p.103-120.

<sup>95</sup> ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental...*, op. cit.

<sup>96</sup> BARRETO, Lima (apud BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*, op. cit., p. 233).

O meu vício. Oh! Meu Deus! Como eu tenho feito o possível para extirpá-lo e, parecendo-me que todas as dificuldades de dinheiro que sofro são devidas a ele, e por sofrê-las, é que vou à bebida. Parece uma contradição; é, porém, o que se passa em mim. [...]. Se foi o choque moral da loucura progressiva de meu pai, do sentimento de não poder ter a liberdade de realizar o ideal que tenho na vida, que me levou a ela, só um outro bem forte, mas agradável, que abrisse outras perspectivas na vida, talvez me tirasse dessa imunda bebida [...] que, me faz burro.

Não quero morrer, não; quero outra vida.<sup>97</sup>

A todo custo, tentava continuar se equilibrando na dualidade da vida que levava. Em seus textos, é possível acompanhar o traçado das contradições de sua trajetória, a dedicação amorosa ao Rio e a crítica às transformações empreendidas no município, não por saudosismo nostálgico, mas porque as reformas empreendidas penalizavam a população carente e descaracterizavam os peculiares aspectos da geografia urbana.

Geografia que conhecia tão bem graças às extensas jornadas realizadas pelas ruas do centro e suburbanas onde aguçava o olhar para a composição e o cotidiano da cidade e de seus usuários, bem como para sua autoconstituição com suas camadas bambas, ébrias, fluidas como as águas, às vezes hirtas e endurecidas, quase como rochas, construídas em seu trajeto. Diante da Guanabara, aprendia a acomodar e a conciliar suas diferentes camadas, ao examinar “[...] o acordo entre o mar e as serras [...]. Transmutavam-se naturalmente e tocavam-se amigavelmente. O mar espelhante e móvel realçava a majestade e a firmeza da serrania”<sup>98</sup>.

Provavelmente, desse exercício resultou a figuração do Rio de Janeiro quase como um personagem dos romances. Em seus textos, é possível acompanhar ainda seu inconformismo em relação à subordinação feminina na época, sobretudo no espaço doméstico-conjugal em que as mulheres eram vítimas de maus-tratos, e, quando empreendiam as tentativas de escapar aos infortúnios, terminavam por se verem mergulhadas em contendas que, muitas vezes, iam parar na justiça. Eram transformadas, então, de vítimas em culpadas, sendo sentenciadas judicialmente pelos códigos das relações de poder entre os gêneros, em vigor no início do século XX. Desse modo, manifestava-se, por um lado, o inconformismo barretiano em relação à punição da tentativa de as mulheres subverterem os costumes. Entretanto, surgia, por outro, um acre crítico do emergente movimento feminino no Rio de Janeiro, por considerar aquelas reivindicações feministas eminentemente burocrático-burguesas, alinhadas às camadas superiores e, por isso, desatentas de outras realidades femininas.

<sup>97</sup> BARRETO, Lima. *Diário do Hospício; O cemitério dos vivos*, op. cit., p. 57-58.

<sup>98</sup> BARRETO, Lima. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, op. cit., p. 21.

São contrastes que permitem a reflexão sobre a duplicidade barretiana em relação aos dois universos nos quais o escritor esteve envolvido, fazendo-o sentir-se ora ligado às mulheres pobres, negras e humildes da gente simples, de origem próxima à sua, impelindo-o a usar a escrita na defesa delas contra as diversas formas que as subjugavam, como as teorias científico-raciais, socioeconômicas ou jurídico-culturais, ora distante dessas mulheres por conta de seu sexo, de seu gênero, da instrução esmerada recebida e de sua atividade como intelectual. Nesses momentos, Lima Barreto se colocava num lugar diferenciado, de destaque, em relação às mulheres e pessoas simples da sua circunvizinhança, carentes do seu tipo de visão de mundo e instrução.

Ao espreitar as situações das mulheres populares, Lima Barreto identificava as situações de violência física e simbólica que as envolviam, representada nas agressões físicas e exploração sexual sofridas, na submissão aos domínios masculinos e na absorção dos valores burgueses impostos os quais, na eleição do lugar social feminino ideal, desconsideravam as diferenças socioeconômicas, raciais e culturais existentes entre as mulheres brasileiras, causando enormes danos às parcelas pobres e negras. Essa violência somava-se à obstaculização do acesso dessas mulheres a direitos como a paridade na educação recebida e o emprego público institucional, incorrendo ainda sobre elas o prejuízo das imagens negativas atribuídas ao seu intelecto e à sua cor. Nesse aspecto, Lima Barreto se autorizava a desobediência aos padrões dominantes e colocava as mulheres excluídas em evidência, disparando críticas em seus textos contra os motivos que as faziam viver as situações desrespeitosas.

Escrever, então, um livro no qual pudesse refletir sobre as submissões vividas pelas moças populares e negras foi uma ideia que acompanhou o escritor desde os idos de 1904, até finalmente escrevê-lo em 1922: o romance *Clara dos Anjos*, cuja temática central gira em torno da sedução e abandono da jovem mulata por um sedutor branco.

A obra foi elaborada com o propósito de denunciar as contradições do projeto modernizador burguês republicano, traduzidas no desrespeito às diversidades sociorraciais, sexuais e culturais das pessoas. Tal projeto estava centrado na obrigatoriedade de atendimento a costumes regradados e moralizadores, que sujeitavam as mulheres a uma multiplicidade de situações em que se viam forçadas a aceitar a submissão ao domínio dos homens. Denunciando essa situação, *Clara dos Anjos* é um importante painel onde é possível apreender o aniquilamento das vozes das mulheres pobres e negras e as dificuldades por elas vivenciadas.

Ambientada no subúrbio do Rio de Janeiro do início do século XX, a trama do romance apresenta ao leitor o drama da família de mulatos, dos Anjos, os quais, como tantas outras famílias dos estratos sociais desfavorecidos, não contavam com as mesmas oportunidades que os “bem situados”, tendo de administrar suas vidas com os poucos recursos financeiros e, na maioria dos casos, com os baixos níveis de instrução alcançados. Nesse contexto, na medida de suas condições, o carteiro e simpatizante de modinhas Joaquim e a dona de casa Engrácia instruíram a filha Clara dentro da visão daquilo que consideravam digno para embasar os predicativos de uma moça honrada.

A história da sedução da jovem Clara dos Anjos e outros tantos temas contidos no romance já foram tratados um sem-número de vezes, sendo assim a abordagem aqui adotada não tem a pretensão de ir contra as empreendidas anteriormente, mas a de se somar a elas. Então, no presente estudo, é importante analisar alguns dos aspectos de Clara e Engrácia, levando-se em consideração que eles se constituem em formas de apreender os múltiplos lugares nos quais Lima Barreto situou as mulheres de sua ficção. Para tanto, o estudo dessa multiplicidade se pauta na sua compreensão enquanto discursividades elaboradas pelo autor, sem se esquecer de que a estas se entrelaçam suas subjetividades, seus posicionamentos sócio-históricos e as relações de gênero<sup>99</sup>.

Nessa perspectiva, Engrácia dos Anjos, mãe da personagem título do romance, se constitui num fecundo perfil de estudo. Lima Barreto desenha-a como uma mulher bastante cumpridora de suas tarefas domésticas, zelosa do marido e, principalmente, da jovem Clara, sobre quem marcava uma constante vigilância, restringindo suas saídas de casa e, conseqüentemente, diminuindo as possibilidades de alargamento dos convívios da moça com outras pessoas além daquelas do seu círculo mais próximo. Entretanto, ampliar as alternativas de convívio com outras pessoas de instruções diferentes da dela era fundamental para Clara, já que, segundo o narrador, apesar da notável dedicação de mãe, Engrácia “[...] não sabia apontar, comentar exemplos e fatos que iluminassem a consciência da filha e reforçassem-lhe o caráter, de forma que ela mesma pudesse resistir aos perigos que corria”<sup>100</sup>. Seguindo adiante na avaliação dos procedimentos de Engrácia, ele ressalta:

<sup>99</sup> A compreensão de gênero adotada aqui é a da filósofa Judith Butler. Para ela, o gênero não é algo que pode ser determinado exclusivamente pela constituição biológica dos indivíduos, passando além disso. Ele é uma construção simbólica na qual os lugares dos sujeitos (masculino/feminino) são balizados pela linguagem, resultando em meios discursivos emitidos de um dado lugar que, reiterados, contribuem para o reforço das normatizações e das relações de poder desiguais entre os gêneros (BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013).

<sup>100</sup> BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*, op. cit., p. 148.

A mulher de Joaquim dos Anjos tinha a superstição dos processos mecânicos, daí o seu proceder monástico em relação à Clara.

Enganava-se com a eficiência dela; porque, reclusa, sem convivência, sem relações, a filha não podia adquirir uma pequena experiência da vida e notícia das abjeções de que está cheia, como também a sua pequenina alma de mulher, por demais comprimida, havia de se extravasar em sonhos, em sonhos de amor, de um amor extrarreal, com estranhas reações físicas e psíquicas.<sup>101</sup>

No fragmento destacado, ao discorrer sobre o *proceder monástico* de Engrácia, Lima Barreto traz para o foco de sua composição a crítica à rígida moral imposta às mulheres e dentro da qual situa o aprendizado da personagem. Tendo absorvido, em tal aprendizado, as regras de distribuição das “obrigações femininas”, ela tentava cumprir a função absorvida como uma de suas principais responsabilidades, a de atentar na preservação da virgindade da filha enquanto esta permanecesse solteira. Como mãe, Engrácia tinha consciência dos danos devastadores se sua “missão” falhasse, e Clara se “deixasse” cair na lábia de algum sedutor. Entretanto, no cumprimento mecanizado de sua “ocupação de mãe”, Engrácia não se atinha para a ineficácia de tal procedimento.

Nessa perspectiva, Lima Barreto dirige sua desaprovação ao modelo legitimador da submissão feminina aos domínios masculinos, uma vez que, dessa forma, se procurava preservar a “pureza” e se valorizava a virgindade das mulheres em função dos homens, através da imposição, a elas, de um roteiro de comportamento no qual deveriam se ocupar em manter uma conduta sexual comprovadamente ilibada para que não viessem a ser “desmoralizadas” perante a expectativa de um provável enlace matrimonial no futuro. Esse mecanismo de sujeição se constituía numa forma de violência, pois, cerceadas por esses costumes regrados, as mulheres não podiam dispor de seus corpos, de sua sexualidade<sup>102</sup>, sem serem submetidas aos controles morais, sendo, desse jeito, privadas da possibilidade do conhecimento sobre a própria constituição físico-biológica.

No fragmento “por demais comprimida”, posto no discurso do romancista, ele aponta uma espécie de dupla subjugação de Clara, pelo fato de ela ser mulher naquela sociedade opressora do seu sexo e porque, tal qual a mãe, subjugada à moralização burguesa que lhes prescreveu lugares sociais fixos, e neles as colocou, o que para elas resultava numa incoerência. Era uma incongruência proceder conforme os costumes burgueses confinadores do mundo feminino à circunscrição da domesticidade, se, na condição de mulheres pobres, suas existências concretas lhes impunham necessidades materiais diferentes daquelas com as

<sup>101</sup> BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*, op. cit., p. 148.

<sup>102</sup>SOIHET, Rachel. *Mulheres pobres e violência no Brasil urbano*, op. cit., p.390.

quais as mulheres das camadas privilegiadas conviviam, pois muitas parcelas femininas dos estratos sociais menos favorecidos precisavam lutar por sua sobrevivência e a de seus familiares trabalhando fora de casa. Nessa perspectiva, Lima Barreto faz desses aspectos uma espécie de ícone de denúncia dos malefícios da excludente padronização burguesa para as mulheres na mesma situação socioeconômica de Clara e Engrácia.

A elaboração barretiana denunciadora da nocividade dos sistemas de dominação feminina não impediu, contudo, o romancista de caricaturar a inteligência de Clara. Segundo as palavras do narrador, na cabeça dela:

Não entrava que a nossa vida tem muito de sério, de responsabilidade, qualquer que seja a nossa condução e o nosso sexo. Cada um de nós, por mais humilde que seja, tem de meditar, durante a sua vida, sobre o angustioso mistério da Morte, para poder responder cabalmente, se o tivermos que o fazer, sobre o emprego que demos a nossa existência. Não havia, em Clara, a representação, já não exata, mas aproximada, de sua individualidade social; e concomitantemente, nenhum desejo de elevar-se, de reagir contra essa representação. A filha do carteiro, sem ser leviana, era, entretanto, de um poder reduzido de pensar, que não lhe permitia um instante meditar sobre seu destino, observar os fatos e tirar ilações e conclusões.<sup>103</sup>

A desaprovação expressa na falta de reação da jovem contra as formas de anulação de sua *individualidade social* é claramente dirigida em combate às maneiras de generalização das diferenças, empreendida na imposição e disseminação dos padrões dominantes para as mulheres. Desse modo, a educação recebida por Clara, assim como a de sua mãe, aprimorada em relação à de muitas outras moças próximas a elas, é uma ilustração do modo como esse modelo educativo feminino branco burguês é condenado por Lima Barreto. Tal modelo concorria para o apagamento da percepção da personagem sobre suas próprias particularidades sociorraciais em relação às outras mulheres, nisso resultando seu comportamento passivo diante dos padrões femininos impostos, que a tornavam submissa, sem nem mesmo se dar conta disso.

Nesse movimento, o narrador expõe a ferida da exclusão da mulher pobre e negra na sociedade “moderna” do Rio de Janeiro dos primeiros tempos de República, simbolizada na figura de Clara dos Anjos. No contexto analisado, a “falsa educação que recebera”, aliada ao seu sexo, também, à sua pouca idade são apontados como decorrentes da subjugação dela. Através desses aspectos, a moça então é vítima do sistema opressor feminino, contudo, ao apontar sua capacidade intelectual, o narrador não desconta seu *poder reduzido de pensar* que

---

<sup>103</sup> BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*, op. cit., p.219-220.

a torna presa fácil da anulação de sua individualidade e a impossibilita de reagir e *eleva* sua condição social.

Esse último aspecto pode estar relacionado a certo traço da duplicidade de sentimentos de Lima Barreto em relação às mulheres das camadas menos favorecidas, se observarmos que o próprio autor, guardadas todas as diferenças, também recebera uma educação diferenciada como Clara. Apesar de apontar as forças externas e internas que incidiam na submissão e anulação das vontades individuais dela, ele prende, na personagem de *pensar* “fraco”, uma imagem sobre a inteligência feminina que não deixa de ter certa centelha da visão convencional que desqualificava a capacidade de raciocínio das mulheres. Embora procurasse, por meio de seus modos de expressão, operar formas que decorressem da aplicação da cidadania para as mulheres pobres e negras como Clara, na apresentação da inteligência desta acaba por estereotipá-la, deixando vaziar, em seu texto, o traço de sua subjetividade contraditória e, ainda que inadvertidamente, faz eco ao discurso dominante das relações desiguais entre os gêneros.

A jovem Clara dos Anjos era uma moça querida em seu diminuto ciclo de relações, pois, além dos cuidados dos pais, despertava o carinho e a atenção de sua vizinha dona Margarida Weber Pestana e do padrinho Marramaque. Ele, sempre achegado à família do compadre, gostava de pilheriar com a afilhada, então com 17 anos, perguntando-lhe quando ela se casaria, ao que muitas vezes Clara respondia-lhe não pensar sobre o assunto. Fosse pilhéria ou não, o padrinho se preocupava com ela uma vez que:

Na sua vida, tão agitada e tão variada, ele sempre observou a atmosfera de corrupção que cerca as raparigas do nascimento e da cor de sua afilhada; e também o mau conceito em que se têm as suas virtudes de mulher. *A priori*, estão condenadas; e tudo e todos pareciam condenar os seus esforços e os dos seus para elevar a sua condição moral e social.<sup>104</sup>

Os temores de Marramaque em relação à afilhada desvelam a crítica de Lima Barreto aos *juízos condenatórios* do pensamento majoritário em voga no Brasil dos primeiros tempos republicanos, afixadores de estigmas nas pessoas de origem negra, resultantes da soma das arraigadas atitudes conservadoras e discricionárias, aliadas ao uso conveniente dos embasamentos “científicos” raciais, por meio dos quais se alimentavam os antigos preconceitos em relação aos costumes e comportamentos de mulheres e homens afro-brasileiros.

---

<sup>104</sup> BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*, op. cit., p. 122-123.

Desse modo, o padrinho se afligia diante da iminência da ingênua e inocente jovem cair na sedução de algum malandro, sobretudo quando ele era ciente da tripla subordinação sobre a afilhada: a de sua condição social menos favorecida, a de ser mulher e a de ser mulata que, naquele contexto onde se perpetuava a visão equivocada sobre a sexualidade das mulheres negras, Clara já era condenada por antecipação em um provável envolvimento dela no embuste de algum sedutor branco, não adiantando à família solicitar nenhum “reparo” pelas consequências da sedução, como numa gravidez, por exemplo.

No livro *Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto*<sup>105</sup>, a autora Eliane Vasconcellos, dialogando com a leitura de Affonso Romano de Sant’Anna, observa que a visão majoritária constituída sobre a sexualidade da mulata – disseminada por variados meios, inclusive pontilhando múltiplas obras da literatura brasileira – foi construída na contraposição com a da mulher branca. Enquanto, nessa última, foram esvaziados seus atributos sexuais, ao lhe imputarem as funções de zelar pela geração dos filhos legítimos, pela manutenção da fidelidade ao marido e pelo cuidado com a descendência – como já discorrido no presente capítulo, quando da exposição dos *ideais* femininos burgueses –, às primeiras se criou e colou a imagem da mulata voluptuosa, associada a sabores e odores sensuais, que eram “quase como um convite” para que fossem tocados.

Tais características concorriam para ampliar a legitimação da subordinação de mulatas e negras. Então, adicionado ao componente da baixa condição econômico-social da grande parte das mulheres “de cor”, esse pensamento sugeria que os atributos físicos destas se constituíam em barganha para conseguirem qualquer conquista de elevação de suas condições – entre outros males, desse jeito estava posta também a reiteração da desvalorização da inteligência feminina. Por essa crença, que remonta aos tempos coloniais, os corpos das mulheres negras e mestiças se tornaram “o lugar recorrente do imaginário escravocrata”<sup>106</sup> dos quais se acreditava que se podia dispor quando se quisesse.

Essa noção atravessou gerações e décadas, fazendo perdurar ações legitimadoras da submissão das mulheres negras aos domínios masculinos, manifestadas, entre tantas outras formas, também na inculpação antecipada por supostamente despertarem nos homens o desejo sexual por elas, mesmo que essas mulheres fossem a parte mais vulnerável da relação desigual. Assim, a difusão de tal estigma procurou brechar as possibilidades de rompimento das amarras que porventura elas tentassem promover. A interiorização desse anátema por

<sup>105</sup> VASCONCELLOS, Eliane. *Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

<sup>106</sup> SANT’ANNA, Affonso Romano de (apud VASCONCELLOS, Eliane. *Entre a agulha e a caneta*, op. cit., p. 251).

diferentes pessoas das diferentes esferas sociais ajudou a alargar os prejuízos para as mulheres negras e mestiças, uma vez que se contribuía, por meio da propagação dos preconceitos, para a omissão e o silenciamento de casos de exploração e agravos contra elas. Daí o receio do padrinho Marramaque em relação à afilhada Clara.

Lima Barreto faz, por intermédio de Marramaque, a exposição de seus próprios temores quanto à situação das mulheres de sua condição étnico-social, como é possível observar nas impressões que anota sobre seu ambiente familiar, registradas no dia 3 de janeiro de 1905, das quais outros fragmentos já foram analisados no presente trabalho. Especialmente nos excertos selecionados abaixo, ele narra sobre o comportamento de sua irmã Evangelina, bem como exprime suas opiniões sobre *a gente* de sua circunvizinhança:

Há em minha gente tôda uma tendência baixa, vulgar, sórdida. Minha irmã esquecida que, como mulata que se quer salvar, deve ter um certo recato, uma certa timidez, se atira ou se quer atirar a tôda a espécie de namoros, mais ou menos mal intencionados, que lhe aparecem. Até bem pouco tempo era na casa do tal Carvalho, onde se reuniam tôda espécie de libertinos vagabundos; *cortei essas relações* [sic]. Agora é na casa do idiota do Sardinha, casa de positivista, o que quer dizer fábrica de namoros. Se minha irmã não fôsse de côr, eu não me importaria, mas o sendo dá-me cuidados, pois que, de mim para mim, que conheço essa nossa sociedade, foge-me o pensamento ao atinar porque êles as requestem.<sup>107</sup>

No fragmento “se minha irmã não fôsse de côr, eu não me importaria, mas o sendo dá-me cuidados”, o uso das conjunções *se* e *mas* operam, no discurso de Lima Barreto, um entrecruzamento entre os padrões de alteridade de raça e etnia e de gênero, por meio do qual ele expõe que o fato de a irmã ser *de cor*, naquela sociedade perversa com os negros, requisitava desta um comportamento pautado no *recato* e *timidez* a fim de poder se *salvar* de possíveis abusos. Eram arbitrariedades facultadas nos códigos majoritários de normatização racial, os quais ele sempre procurou dismantelar por meio de seus posicionamentos, de sua produção. Entretanto, além disso, sua anotação exhibe os paradoxos de sua *máquina mental* pouco *suave*, trazendo para a cena suas noções de diferenciação entre os gêneros.

Assim, ao ensinar que Evangelina, como mulata, fosse preservada de sofrimentos, indis põe-se contra a suposta falta de reserva nos hábitos dela e, nessa medida, o *esquecimento* da irmã sobre a própria condição é justificativa para fazer valer sua autoridade de irmão homem, esperando ser acatado pela irmã mulher. Assim sendo, *corta as relações* que

<sup>107</sup> BARRETO, Lima. *Diário íntimo*, op. cit., p. 76.

considerava nocivas para ela e, pela exclusão dessas relações, faz sobrepujar sobre a irmã a legitimação de seu lugar de sujeito masculino<sup>108</sup>.

Em tal atitude, o escritor faz assomar alguns acordes da visão de mundo dominante sobre os lugares sociais masculinos e femininos, inscrita naquele momento histórico grandemente marcado pelas relações assimétricas de gênero e desvelada na insinuação dos limites de qual deveria ser o comportamento praticado por Evangelina, bem como sobre seu papel como irmão mais velho. Estava simbolizada, nessas expectativas, sua “função de homem” protetor da moral e da integridade física da irmã de “sexo frágil” contra *toda espécie de libertinos vagabundos*.

O conjunto de escritos barretianos abriga uma rica possibilidade de temas de estudo. Nessa direção, um fecundo painel passível de exame é o delineamento das diferenças entre as relações de gênero realizadas por Lima Barreto, seja em seus textos não ficcionais como crônicas, anotações pessoais e cartas, ou na abordagem das personagens de sua ficção em contos e romances na qual o autor apresenta como se engendra a constituição de “seus homens” e de “suas mulheres”.

A excursão pelas múltiplas relações de Lima Barreto, suas apreensões sobre as mulheres e tantos outros temas construídos pelo escritor, nos diversos espaços em que circulou entre o centro e os subúrbios do Rio de Janeiro, se tornaria incompleta sem o exame de sua passagem pela repartição pública da Secretaria da Guerra onde trabalhou durante mais de uma década, e dos meios literários nos quais, exercitando a arte de escrever, sua dedicação maior da vida inteira, o escritor registrou uma multiplicidade de aspectos que permitem captar a complexidade dos tempos em que viveu, bem como a própria complexidade de seu pensamento. Assim sendo, o tópico seguinte e o próximo capítulo são dedicados ao exame das compreensões e tensões barretianas desprendidas das relações experimentadas nesses lugares.

---

<sup>108</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de gênero...*, op. cit., p.19.

### 1.3 O AMANUENSE-ESCRITOR E AS MULHERES ÀS MARGENS DO FUNCIONALISMO

Lima Barreto faz parte do conjunto de literatos da geração circunstanciada no tempo em que as conjunturas sociais propícias para a profissionalização da atividade literária apenas começavam a despontar. Sem a consolidação da autonomia da produção intelectual, um caminho possível de se garantir as condições de continuidade do talento literário que se apresentava aos escritores naquele momento, era a conquista de empregos nas instâncias da imprensa e do funcionalismo<sup>109</sup>. Sendo assim, como integrante de tal conjunto, Barreto atuou nas duas instâncias.

O ingresso dele no funcionalismo teve início no último trimestre do ano de 1903, como já visto, e sua trajetória de vida apresentou-lhe a exigência de ter de assegurar o próprio sustento e da numerosa família, antes mesmo de Barreto concluir sua formação no curso de Engenharia. Dessa maneira, buscando aproveitar a instrução acumulada ao longo de sua vida estudantil, o escritor fez concurso para o serviço público, por meio do qual passou a pertencer aos quadros de funcionários da Secretaria da Guerra, desempenhando a função de amanuense. Com os rendimentos do cargo, ia tentando amenizar um pouco as constantes dificuldades financeiras na qual ele e seus familiares viviam imersos<sup>110</sup>. A remuneração não era das melhores, entretanto, a regularidade do ordenado permitia ao menos sobreviver sem as intensas oscilações orçamentárias dos tempos em que não contavam com seus proventos.

Na Secretaria da Guerra, as tarefas que competiam à sua função, como copiar e organizar alguns documentos, preparar outros, como portarias e avisos, pouco o empolgavam, e, então, logo lhe brotava a vontade de, ali mesmo, escrever, como muitas vezes o fez. Já em outras ocasiões, o amanuense-escritor se sentia pouco animado com a escrita de suas ideias pelo fato de, naquele ambiente, se sentir “debochado” por suas pretensões literárias<sup>111</sup>. Ademais, para o crítico do “fetichismo da farda” e dos infortúnios da excludente

<sup>109</sup> MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na República Velha: estudo clínico dos anatólios*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

<sup>110</sup> Em suas correspondências ou anotações pessoais, o escritor faz várias referências às dificuldades financeiras familiares. Durante certo tempo, era o seu salário e o do pai que cobriam despesas com remédios para tratamento do próprio João Henrique, aluguel, vestimentas, alimentos e outros gastos da família de oito membros. Quando seu irmão Clarindo conseguiu trabalho, pôde contribuir com os recebimentos dele também, ainda assim o orçamento não folgava (BARRETO, Lima. *Diário íntimo*, op. cit.).

<sup>111</sup> Id., *ibid.*

modernização em curso, a atmosfera militar da Secretaria não apenas o contrariava como o afligia <sup>112</sup>.

Nessa incompatibilidade para o serviço burocrático, ainda que, em algumas ocasiões, tivesse experimentado um sentimento de desânimo para escrever naquele espaço, o indisciplinado amanuense-escritor transformou seu cotidiano na repartição pública em fontes para os registros de suas matérias de expressão. Aproveitando as horas ociosas na instituição, desviava-se dos olhares vigilantes e produzia anotações em caderno, em folhas de papel, realizava suas leituras pessoais e respondia a suas correspondências. Assim, a observação dos bastidores da burocracia, dos comportamentos de seus superiores e dos colegas no funcionalismo não escapou de seu exame e foi posta em sua escrita, por meio da qual alinhavava seu caminho para chegar ao lugar de escritor.

As anotações sobre o cotidiano da Secretaria da Guerra serviam para amenizar as animosidades de Lima Barreto pelo trabalho que desempenhava e pelo lugar no qual se sentia desambientado. Sendo assim, tornar o ambiente menos insuportável era muito importante para o escritor, já que, diante das dificuldades materiais vividas, ele não podia desistir de tal emprego. Sem tomar atitude tão extremada, tentou a alternativa da progressão funcional, pois, com tal medida, esperava poder desempenhar atividades menos mecânicas e melhorar seu salário. Mas, naquele espaço da burocracia estatal, ele pôde ver de perto e sentir o obstáculo ao processo de democratização das alternativas de ascensão para o funcionalismo. A esse respeito, em 20 de abril de 1914, na mesma página de registro de outros desabafos, escreve:

O que me aborrece mais na vida é esta secretaria. Não é pelos companheiros, não é pelos diretores. É pela sua ambiência militar, onde me sinto deslocado e em contradição com a minha consciência. Não posso suportá-la. É o meu pesadelo e a minha angústia.

[...]

Demais, o meu feitio é tão oposto àquela atmosfera de violência, de opressão, de bajulação que me enche de revolta. Não sei o que hei de arranjar para substituir aquilo, e a minha gana de sair de lá é tão grande que não me promovem, não me fazem dar um passo à frente.

Eu fiz parte do júri de um Wanderley, alferes, e condenei-o. Fui posto no índice.<sup>113</sup>

<sup>112</sup> BARRETO, Lima. *Diário íntimo*, op. cit., p.171.

<sup>113</sup> Id., *ibid.*, p.171;172. A nota dos organizadores do volume informa que o alferes era “João Aurélio Lins Wanderley [...] principal acusado do assassinio dos estudantes que participaram do conflito com a polícia militar, em 1909, conhecido como ‘Primavera de Sangue’”(Nota dos Organizadores. In: BARRETO, Lima. *Diário íntimo*, op. cit., p.173).

O registro anotado dá conta das insatisfações de Lima Barreto em relação à Secretaria da Guerra, seja pelo caráter militar do lugar ou pela preterição de sua promoção no serviço, sobretudo quando julgava ter tido seu direito confiscado em represália a depoimento em júri no qual ele condenou um militar. Essa narrativa sobre o júri traz, para o cerne de sua anotação pessoal, uma questão que vai além do indivíduo Afonso Henriques Barreto. Nela, o escritor coloca em evidência um dos muitos aspectos do processo no qual se dava a exclusão da cidadania na conjuntura dos primeiros tempos da República, movimento que abandonava muitos brasileiros nas margens das variadas instâncias socioeconômicas.

Como inúmeros de sua profissão, Barreto anota, em sua página íntima, uma questão que não era apenas sua, mas a de tantos outros marginalizados e oprimidos pela falta de oportunidades iguais na conquista de um emprego ou de uma progressão capaz de propiciar mais dignidade à própria existência, como tantos funcionários públicos silenciados pela atmosfera de *opressão e bajulação* das repartições estatais em que trabalhavam. Nessa perspectiva, Lima Barreto faz operar em sua escrita aquilo que Deleuze e Guattari denominam de “enunciação coletiva”<sup>114</sup>. Desse modo, o enunciado registrado em seu caderno de anotações ultrapassa as fronteiras do pessoal e assume um valor político de ação comum. Na Secretaria da Guerra, o amanuense-escritor, tolhido quanto a fazer retumbar as denúncias contra as injustiças do sistema de dominação do qual aquela repartição pública fazia parte, faz de seus registros um modo de intervir na “ordem” estabelecida, ao inscrever neles sua voz e a de muitos outros, igualmente silenciados em suas formas de expressão.

Na Secretaria da Guerra, assim como nos diferentes espaços onde conviveu – da intelectualidade, do manicômio, dos subúrbios, das livrarias, dos cafés e bibliotecas do centro do Rio de Janeiro –, Lima Barreto foi constituindo-se num homem de fronteiras, observando em tais lugares as pessoas, as relações e todo um sistema de procedimentos, e o escritor ia evidenciando sua condição de diferença e nesta procurava seu refúgio.

Como visto, nas rodas literárias das quais gostava de participar, ele era o de “fora” em relação à maioria: pobre, mulato; nos subúrbios, junto aos da *sua gente*, silenciada pelo sistema de dominação, ele se compadecia e se indignava com as situações em que se encontravam, mas igualmente se sentia deslocado. Por isso procurava, através da escrita, construir outro lugar em que fosse respeitado e no qual pudesse reinventar o mundo. Esse propósito barretiano pode ser entendido à luz do que Michel Foucault denominou de

---

<sup>114</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka, por uma literatura menor*, op. cit., p.27.

“heterotopia”<sup>115</sup>. Segundo o filósofo, tal conceito se reporta “[...] aos lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis”<sup>116</sup>.

Nessa perspectiva, ao observar o mundo que o cerca, Lima Barreto assiste às ações arbitrárias do sistema dominante legitimador das desigualdades de condições entre as pessoas, que decorrem da distribuição dos homens e mulheres negros e pobres nas posições sociais inferiores, na sua própria inadaptação aos muitos espaços vivenciados. Acionando, então, sua sensibilidade, transforma a indignação contra tudo isso em matéria para sua trama narrativa. Por meio dela, empreende sua ação e prática *combatentes* e constrói lugares heterotópicos nos quais tece seus modos de resistir às subjugações e abriga os rastros das experiências por ele adquiridas nesse trajeto.

Nessa direção, importa pensar essas trilhas registradas nos escritos barretianos em consonância com a acepção de “subjetividade” sugerida por Félix Guattari. Tal noção, como escreve o teórico francês, “[...] não é passível de totalização ou de centralização”, pois ela “é essencialmente fabricada e modelada no registro social”<sup>117</sup>. A subjetividade é a contínua elaboração de sentidos que surgem dos afetos, do encontro com o outro, que acarreta “[...] efeitos nos corpos e nas maneiras de viver”<sup>118</sup>.

Desse modo, é oportuno atentar para a variação da produção barretiana como inscrição das subjetividades do autor, das marcas de sua singularidade, por meio das quais expressava princípios e ideias procedentes dos afetos vividos nos encontros ao longo de sua existência. Na reflexão seguinte, o autor dá pistas sobre esses aspectos:

Para os jornais daqui estou incompatível. Podia tentar a aventura fora, mas não tenho liberdade [...]. Enfim, a minha situação é absolutamente desesperadora, mas não me mato. Quando estiver bem certo de que não encontrarei solução, embarco para Lisboa e vou morrer lá, de miséria, de fome, de qualquer modo.<sup>119</sup>

O registro anotado sugere a disposição do comportamento de Lima Barreto naquele contexto, ao constatar a situação *desesperadora* na qual vivia, e se opunha a “entregar os pontos”; mesmo quando tratava da insolubilidade das dificuldades, ainda assim, fazia disso, uma solução. Na iminência de o pior acontecer, preferia a morte natural em Lisboa ao

<sup>115</sup> FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: \_\_\_\_\_. *Ditos e escritos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. v.3, p. 411-422.

<sup>116</sup> Id., *ibid.*, v.3, p. 415.

<sup>117</sup> GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*, op. cit., p.31.

<sup>118</sup> MANSANO, Sonia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. *Revista de Psicologia da UNESP*, Assis, São Paulo, v.8, n.2, p.110-117, 2009. Disponível em: <<http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/139/172>>. Acesso em: 4 set. 2014.

<sup>119</sup> BARRETO, Lima. *Diário íntimo*, op. cit., p.172.

suicídio, e a rota traçada insinua o direito à escolha pelo menos do lugar onde decidiria morrer, optando, assim, pela morte na capital portuguesa ao invés das terras fluminenses.

Apesar da forte ligação com o Rio de Janeiro, não perdia a consciência das condições de obstáculo experimentadas na tentativa de ali firmar seu projeto literário e de vida. Talvez pensasse que finalizar seus dias de escritor em Portugal gerasse algum holofote póstumo sobre seu nome ou ainda porque, entre viver na penúria lá ou cá, partir significava a possibilidade de desterro com usufruto de alguns prazeres que desejava realizar, como frequentar espetáculos, bibliotecas, museus, entre outras coisas, pois “[...] não queria morrer sem uma viagem à Europa, bem sentimental e intelectual, bem vagabunda e saborosa, como a última refeição de um condenado à morte”<sup>120</sup>.

Esse anseio barretiano é analisado, por Fátima Maria de Oliveira, como um aspecto integrante da teorização bovárica construída por Lima Barreto, a partir da leitura de Jules Gaultier<sup>121</sup> que trata sobre a ocorrência do bovarismo, acontecimento que o escritor fluminense também observava incidir na sociedade carioca do início do século passado<sup>122</sup>. Oliveira estende ainda a análise para a peculiaridade do fenômeno, também vivido pelo escritor, pois, segundo ela, o bovarismo barretiano se distingue do mergulho fantasioso e complacente ao estilo da personagem flaubertiana Emma Bovary. A atitude dele, ao contrário, é “[...] uma forma consciente [...], crítica, [...] uma exigência limiana do despertar, maneira estratégica de inscrever o seu projeto de vida”<sup>123</sup>.

Nesse sentido, a elaboração de Oliveira de “máscara bovárica”<sup>124</sup> pode ser compreendida como um conjunto de máscaras “heterotópicas” que Lima Barreto inscrevia em si próprio, operando a variedade de artifícios criativos por meio dos quais expressava as diversas inadaptações sentidas e organizava os territórios existenciais derivados dos encontros

<sup>120</sup> BARRETO, Lima. *Diário íntimo*, op. cit., p.171.

<sup>121</sup>Jules de Gaultier de Laguione, filósofo francês, autor de *Le bovarisme: la psychologie dans l'oeuvre de Flaubert*, nasceu e morreu na França (1858-1942). Foi o inventor da expressão “bovarismo” em referência aos comportamentos de pessoas propensas a viverem e se verem de maneira diferente do que são e das reais condições a que pertencem em decorrência da inadaptação a situações vividas. Para aprofundamento sobre a concepção de Gaultier, ver: DALVI, Camila David. *O Bovarismo de Jules Gaultier (na ficção e na vida)*: fontes e vertentes. 2008. 125f. Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008. Disponível em: < [http://www.bdt.ufes.br/tedesimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?cod.Arquivo=903](http://www.bdt.ufes.br/tedesimplificado/tde_busca/arquivo.php?cod.Arquivo=903)>. Acesso em: 26 ago. 2014.

<sup>122</sup> Em várias passagens de sua produção, Lima Barreto reflete sobre as atitudes bováricas observadas na sociedade carioca, bem como ocupa trechos de suas páginas íntimas. Nessas últimas, pondera sobre o próprio comportamento bovárico. Sobre aplicação do conceito social de bovarismo feita pelo escritor, ver: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.177-181. E ainda: BARBOSA, Francisco de Assis. Bovarismo. In: \_\_\_\_\_. *A vida de Lima Barreto...*, op. cit., p.155-168.

<sup>123</sup> OLIVEIRA, Fátima Maria. *Correspondência de Lima Barreto: à roda do quarto, no paco das letras*. Rio de Janeiro: Caetés 2007. p.31.

<sup>124</sup> Id., *ibid.*

com o outro – compreendido aqui como o próprio e outros corpos, os acontecimentos, os inventos, etc. –, e situando seu corpo em *outro* lugar<sup>125</sup> no qual se tornava visível, notado.

Entretanto, o corpo ágil, abrigo das máscaras criativas, também adoecia e se consumia pela dor que o fazia bloquear a leveza inventiva, a visibilidade criada, como o próprio Lima Barreto anota no dia 19 de janeiro de 1905:

Dor de dentes pavorosa. É uma coisa soberanamente imbecil, dói-me a cabeça, as faces. Eu vejo o mundo mau através da minha dor. O mundo é decididamente mau, porque o vejo coado na minha dor de dentes. Ela vai passando.<sup>126</sup>

Ao anotar sobre a *pavorosa dor de dentes* em seu caderno pessoal, Lima Barreto centraliza no registro uma das muitas evidências de sua subjetividade, que ultrapassa a nota íntima e se inscreve em todo o seu conjunto discursivo. Ao afirmar que a dor *coa* o seu modo de apreender o mundo, enuncia a instalação de seu corpo num ponto de referência “infeccionado”, pois, daquele momento e lugar, o *mundo é mau*. Mas sabe que tal olhar é circunstancial, *passageiro*, e a perspectiva com que olha para os acontecimentos muda.

Nos momentos saudáveis e de entusiasmo criativo, arquitetava o desmantelamento dos códigos majoritários, como fez quando publicou *Isaías Caminha*, porém as sentenças repreensivas o faziam vacilar e vivenciar momentos descontentes e de enfraquecimento, que enrijeciam o fluxo dos afetos. Nessas ocasiões, a repulsa e a ironia eram os fios condutores da escrita, e as contrariedades arruinavam a flexibilidade de seu corpo, fragilizando a criação de novas máscaras. Então, enrijecido, o desolamento o combalia, e, nessas circunstâncias, muitas vezes procurava acalanto no álcool<sup>127</sup>, alternativa que lhe desencadeou sérios problemas de saúde, cujo preço custou a própria vida.

Nessa perspectiva, importa pensar que a coexistência das multiplicidades intensivas e diferenciadas, fluídas dos afetos sentidos em seu corpo, igualmente se compõe de errâncias que foram entrelaçadas em sua escrita. Nessa dimensão, na análise das apreensões barretianas sobre as mulheres, é importante considerar que estas não coincidem, já que sua narrativa também é um local de trânsito, de passagem, de inscrição dos registros realizados ao longo de sua existência.

<sup>125</sup> FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*, op. cit, p.12.

<sup>126</sup> BARRETO, Lima. *Diário íntimo*, op. cit., p.89.

<sup>127</sup> DIAS, Regina Maria Santos. *Lima Barreto: uma máquina de guerra na cidade do Rio de Janeiro*. Curitiba: Appris, 2013.

Tal consideração proporciona a interpretação das disposições espaciais femininas inscritas na narrativa de Lima Barreto, para além do jogo bipolarizado que elas possam conter<sup>128</sup>. Dessa maneira, a identificação da distribuição dos lugares para as mulheres, se dominantes ou clandestinos, operada por ele, pode dar início ao estudo do feminino a partir de sua obra. Entretanto, tal identificação não deve servir de estacionamento fixo e exclusivo para a classificação dessas instâncias espaciais como manifestos do escritor pró ou contra as mulheres, mas de caminho interpretativo de tais aspectos como variação de matizes, de (re) leituras de sociedade e de mundo, circunscritas ao contexto de sua produção, efetuadas durante seu errante trajeto literário no qual ele ocupou e vivenciou variados espaços, moveu-se entre os lugares dominantes e subterrâneos e apreendeu o mundo a partir deles. Nessa medida, importa observar quando e quais aspectos do universo feminino o autor se autorizou a inscrever e a fazer funcionar.

Nesse quesito, os encontros vivenciados por Barreto o afetavam e o faziam afetar, como quando se aliava às inquietações e mazelas das mulheres populares de seu tempo e lançava dardos contra as totalizações dicotômicas dos lugares sociais prescritos, evocando a dissolução das imposições das relações desiguais de gênero, ao trazer, para o campo da escrita, a cooperação entre mulheres e homens, como mostra na relação entre Edgarda e Benevenuto, em *Numa e a Ninfa*, ou na relação de companheirismo entre Olga, Policarpo Quaresma e Ricardo Coração dos Outros, em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, ou mesmo a solidariedade entre mulheres de raças e classes sociais diferentes, não como fruto de atividade filantrópica, mas como um sentimento nascido da constatação de vidas negligenciadas e oprimidas em comum, independente da condição racial e socioeconômica, como no caso de Gabriela e Laura no conto “O filho da Gabriela”.

São episódios ilustrativos dos momentos em que Lima Barreto operava sua literatura de estética dissonante, deixando fluir os afetos e afetando outros corpos, arrastando-os para lugares inéditos<sup>129</sup>, desterritorializando a padronização literária e as normatizações do comportamento feminino, abrindo possibilidades para outros mundos ao desmanchar, em alguma medida, as assimetrias entre os sexos, entre classes sociais e raças.

Entretanto, Lima Barreto, construtor e defensor da adúltera Edgarda, é ao mesmo tempo o que se indis põe contra as alvorecentes ações feministas no Rio de Janeiro do início do século passado, a ponto de creditar a si mesmo uma dose de antifeminismo, como faz na

<sup>128</sup> BRANDÃO, Luis Alberto. *Teorias do Espaço Literário*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: FAPEMIG, 2013. p. 66.

<sup>129</sup> ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental...*, op. cit., p.57.

crônica “O feminismo em ação”, publicada na *Revista Careta*, de 8 de abril de 1922. Após comentar o assombro dos jornalistas contemporâneos sobre o aumento dos casos de crimes praticados por mulheres, o cronista segue adiante, tendo esse episódio como fio condutor para suas análises quanto a essa questão, bem como para aproveitar a oportunidade para espezinhar a via unidirecional que localiza no feminismo em curso no Rio de Janeiro. Assim, afirma:

Não é justo a mulher só queira entrar para o Museu Nacional e não aspire também à Casa de Correção, por crime de morte [...]. Não é possível, que ela só tenha as vantagens dos homens equiparando-se a êles; devem ter também os ônus da vida masculina e um dêles é a cadeia, por homicídio. Eu, que sou antifeminista, à vista do que está acontecendo, me julgo completamente satisfeito. A mulher tem as mesmas capacidades que o homem e pode exercer todas as funções que ele exerce, inclusive as de assassínio.<sup>130</sup>

Em sua elaboração, Lima Barreto problematiza a ida das mulheres para a *Casa de Correção* como uma espécie de lembrança a seus leitores de que elas podiam ser perversas e agressivas tanto quanto os homens. Ambos, em suas ambivalências humanas, podiam inscrever suas ações e práticas no jogo da relação entre dominador e dominado e, assim, reivindicar que os *ônus* e *bônus* deveriam ser distribuídos na mesma proporção para eles e elas. O cronista embasa, então, seu discurso para justificar a fabulação de sua postura *antifeminista*, na qual assumia sua dissensão com as reivindicações das emancipacionistas por considerá-las restritas aos interesses de parcelas da elite feminina branca e burguesa.

As investidas desses grupos femininos na conquista de lugares nas esferas públicas do funcionalismo, como o Museu Nacional, por exemplo, era tarefa na qual o autor constatava uma das formas de parcelas dessas mulheres privilegiadas conquistarem o acesso à *vida masculina*. Faz dessa constatação o mote para chamar a atenção para o fato de que, como possuidoras das mesmas *capacidades* que os homens, as mulheres, ao ocuparem os espaços considerados masculinos, não deveriam ser tratadas de modo diferenciado por conta de seu sexo e colher apenas as supostas *vantagens* de se situarem nesses lugares, pois, se ambos podiam *exercer as mesmas funções*, do mesmo modo podiam cometer crimes e ir para a cadeia.

Para Lima Barreto, o esforço empreendido por essas mulheres na conquista da emancipação, pautado nos objetivos sufragistas e na obtenção do emprego público institucional, era uma causa elitista<sup>131</sup>, interesseira e oportunista, pois, segundo sua visão, em

<sup>130</sup> BARRETO, Lima. O feminismo em ação. In: \_\_\_\_\_. *Coisas do Reino do Jambon*. Prefácio de Olívio Montenegro. São Paulo: Brasiliense, 1956. p.73-74. p.74.

<sup>131</sup> Para estudo do posicionamento do escritor sobre feminismo ver: VASCONCELLOS, Eliane. Lima Barreto: misógino ou feminista? Uma leitura de suas crônicas. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua*

tal pauta não se consideravam os problemas das mulheres populares, como a instrução ou valorização profissional desse segmento feminino. Para elas, as ocupações remuneradas eram, em grande parte, extensivas às atividades domésticas, como os trabalhos de lavadeiras, costureiras, engomadeiras, cozinheiras, doceiras<sup>132</sup>, entre outras ocupações exercidas e tão importantes quanto qualquer ocupação burocrática desempenhada nos espaços públicos, mas atividades desvalorizadas porque desempenhadas nos recônditos dos lugares privados, nas casas onde moravam ou trabalhavam.

Na crônica “A Poliantéia das Burocratas”<sup>133</sup>, publicada originalmente na edição de 26 de setembro de 1921 do *Rio-Jornal*, Lima Barreto, tendo como mote entrevistas lidas no jornal *A Noite*, realizadas com moças simples, funcionárias públicas – novidade instituída no governo do presidente Nilo Peçanha –, comenta sobre a justiça e respeitabilidade desta oportunidade de salários para elas administrarem suas vidas. Entretanto, aproveita para interpelar o “direito da mulher ao trabalho próprio”<sup>134</sup> nos cargos públicos, reivindicado pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, liderada por Bertha Lutz.

O cronista visivelmente demonstra sua insatisfação à iniciativa do movimento, uma vez que, para ele, o desempenho de mulheres nas funções burocráticas resultava em vantagens para o governo, dado o caráter “obediente e ordeiro” delas, e ainda porque, ao privilegiar as ocupações burocráticas, o feminismo da Federação – leia-se Bertha Lutz – obliterava a maioria das atividades femininas.

Assim, apontava o desajuste do movimento de Bertha Lutz com a maioria das mulheres brasileiras trabalhadoras. Sobre esse aspecto, indaga e ironiza:

Então a mulher só veio a trabalhar porque forçou as portas das repartições públicas? Ela sempre trabalhou, minha senhora, aqui e em toda parte desde que o mundo é mundo; e até, nas civilizações primitivas ela trabalhava mais do que o homem. Dou o meu testemunho pessoal. Desde menino [...] que [a] vejo trabalhar em casa, fora de casa, em oficinas, *ateliers* de costura e até na roça, plantando, colhendo, guiando bois ao arado, etc.<sup>135</sup>

---

fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 255- 269; e, também, FERNANDES, Ana Helena Cobra. O feminino nas crônicas de Lima Barreto - Rio de Janeiro 1905-1922. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: O LUGAR DA HISTÓRIA, 17., 6 a 10 de setembro de 2004, Campinas, São Paulo. *Anais...* Campinas, São Paulo: ANPUH/SP/UNICAMP, 2004. CD-ROM.

<sup>132</sup> CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim...*, op. cit., p. 204.

<sup>133</sup> BARRETO, Lima. A poliantéia das burocratas. In: \_\_\_\_\_. *Coisas do Reino do Jambon*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p.60-65.

<sup>134</sup> Id., *ibid.*, p.62.

<sup>135</sup> BARRETO, Lima. A poliantéia das burocratas, op. cit., p.63.

Na sequência, o cronista conta seu testemunho sobre os trabalhos femininos fabris realizados na Fábrica de Tecidos Rink, local a que chegara por intermédio do amigo e engenheiro Antônio Noronha Santos. Lá localizou muitas mulheres trabalhadoras, mas uma figura, em especial, prendeu sua atenção:

Era uma negra velha que, sentada no chão, tinha diante de si um monte de lã, limpa, alva, recentemente lavada quimicamente, e o seu cabelo, o da negra, era já tão branco e encaracolado que desafiava a alvura da lã que estava diante dela. Pergunto: esta mulher precisou do feminismo burocrático para trabalhar, e não trabalhava ainda apesar de adiantada velhice?<sup>136</sup>

Nos dois excertos acima, Lima Barreto coloca, no centro da narrativa, exemplos da diversidade de trabalhos executados pela maioria das mulheres simples e, por meio deles, demonstra sua *implicância*<sup>137</sup> com o feminismo em curso, encampado, sobretudo, através da Liga pela Emancipação Feminina da Mulher Brasileira, pois a tentativa do movimento em “cavar” empregos institucionais não contemplava as muitas mulheres trabalhadoras exemplificadas por ele, daí a caricatura que realiza sobre o movimento das emancipacionistas como “feminismo burocrático”. Nesse aspecto, o escritor criticava os movimentos nas figuras de suas lideranças como Bertha Lutz, presidente da Liga, e ainda a atuação da criadora do Partido Republicano Feminino, Leolinda Daltro.

Essa última foi caricaturada pelo escritor em *Numa e a Ninfa*, na personagem de D. Florinda Seixas, conforme o próprio Lima Barreto afirma em carta do dia 26 de dezembro de 1918, enviada a Monteiro Lobato: “Se você tivesse lido o meu *Numa e a Ninfa* [...], encontraria lá uma descabelada troça às coisas de D. Deolinda (conhece?) e, de ricochete, a Rondon *et caterva*”<sup>138</sup>. Segundo Lilia Schwarcz, Lúcia Garcia e Pedro Galdino, organizadores das notas publicadas em edição do romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, a dedicação de Policarpo Quaresma ao aprendizado do tupi-guarani se constitui

<sup>136</sup> BARRETO, Lima. A poliantéia das burocratas, op. cit., p.63.

<sup>137</sup> Sobre o fato de ser implicante, Lima Barreto narra: “[...] não obedeço a teorias de higiene mental, social, moral, estética, de espécie alguma. O que tenho são implicâncias parvas; e é só isso. Implico com três ou quatro sujeitos das letras, com a Câmara, com os diplomatas, com Botafogo e Petrópolis; e não é em nome de teoria alguma, porque não sou republicano, não sou socialista, não sou anarquista, não sou nada, tenho implicâncias. É uma razão muito fraca e subalterna; mas como é a única, não fica bem à minha honestidade de escriba escondê-la” (BARRETO, Lima. Alguns reparos. In: \_\_\_\_\_. *Impressões de leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p.276-279. p.277-278).

<sup>138</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*. Prefácio de B. Quadros. São Paulo: Brasiliense, 1956. v.2, p. 54.

também numa espécie de troça à Leolinda Daltro, já que ela tentou instituir a língua indígena como obrigatoriedade no ensino escolar brasileiro<sup>139</sup>.

Barreto ainda atribuía à Leolinda Daltro o peso do argumento em favor dos “autóctones e verdadeiros brasileiros”<sup>140</sup>, oportunamente usado no discurso das justificativas de campanha dos pró-hermistas no tumultuado ano de 1910, no episódio da disputa presidencial entre Hermes da Fonseca e Rui Barbosa. Lima Barreto era a favor deste último, já que acenava com a possibilidade de rompimento com a truculência política do “poderoso” Marechal de Ferro Floriano Peixoto. Nesse sentido, o nome do primeiro representava a continuidade de antigos hábitos de poder institucionalizados na administração da República brasileira.

O pensamento barretiano quanto às questões femininas é bastante múltiplo, pois, do mesmo modo que o autor dispara críticas em suas crônicas contra o “feminismo burocrático burguês”, igualmente apresenta nas personagens burguesas de sua ficção, como Olga e Edgarda, duas mulheres que, ao modo delas, conseguem fissurar os lugares sociais impostos a seu sexo. Por meio delas, bem como de tantas outras personagens aviltadas do mundo feminino barretiano, como as suburbanas Clara dos Anjos e Ismênia, o autor expõe em sua narrativa as apreensões quanto às situações de opressão que identificava nas vidas das mulheres de seu tempo. De um lado, transgredia com o estabelecido e, de outro, ecoava aspectos das imagens negativas que desqualificavam e pesavam sobre o mundo feminino. Nesse sentido, importa lembrar que sua narrativa foi inscrita num contexto onde a visão de mundo desfavorável às mulheres era muito forte e recorrente.

Localizar o momento da construção da produção barretiana proporciona apreender as multiplicidades de visões de mundo do escritor, bem como a variedade de lugares nos quais distribuiu as mulheres em sua narrativa. E, se tais visões sugerem as contradições e ambivalências de Lima Barreto, é ele próprio quem adianta que sua “[...] máquina mental não é suave, [...] há peças que não estão proporcionadas às outras, maiores ou menores, mais fracas ou mais fortes [...]. Daí talvez [...] o brusco; o [...] paradoxal, [...] vício de *habitué* de café”<sup>141</sup>.

<sup>139</sup> SCHWARCZ, Lilia M.; GARCIA, Lúcia; GALDINO, Pedro. Pesquisa e notas. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Penguin: Companhia das Letras, 2011. p. 86.

<sup>140</sup> Sobre Leolinda Daltro no contexto do “patriotismo” da eleição presidencial, ver a crônica de: BARRETO, Lima. O Doutor Frontin e o Feminismo (*Careta*, Rio de Janeiro, 12 fev. 1920). In: \_\_\_\_\_. *Coisas do Reino do Jambon*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p.55-57.

<sup>141</sup> Otávio A. Inglês de Sousa, amigo e ex-colega de Lima Barreto dos tempos de Politécnica, encontrava-se nos Estados Unidos para ampliação dos estudos de engenharia, quando, em 3 de junho de 1906, recebeu missiva datada de 29 de março, enviada pelo escritor, com tópicos versando em torno de eletricidade e Estados Unidos, carta à qual Sousa respondeu pontuando sobre o caráter “brusco e paradoxal” identificado nas opiniões de

Nesse alerta, o próprio escritor autoriza a apreensão de sua narrativa como algo distanciada da visão encapsulada de unidade. Seus escritos podem aparentar que se trata de relato de um Lima Barreto individualizado, mas tal relato é plural, pois, de seu lugar narrativo, ele empreende uma variedade de visibilidades sobre as mulheres, que são resultantes dos múltiplos encontros vividos e da conjugação de relação de forças que lhe permitiam, igualmente, fazer funcionar uma gama de enunciados sobre elas.

Um dos muitos episódios dessa variedade de enunciados ocorre quando, por exemplo, o escritor presencia a pauta de reivindicação do nascente feminismo brasileiro e, então, detecta que era excludente da maioria das mulheres trabalhadoras, por conseguinte, ele transforma em matéria narrativa sua indignação contra esse sistema de desigualdade feminina e articula, à sua discordância, a exclusão da mulher negra, velha e operária da Fábrica de Tecidos Rink, as trabalhadoras domésticas e extradomésticas, das roças e dos *ateliers* de costura. Por meio delas, Lima Barreto opera seu saber literário e reserva, no campo de sua escrita, um lugar de expressão para essas marginalizadas, ao mesmo tempo em que, no jogo de forças de poder com as feministas, ele as localiza como responsáveis por legitimar as posições sociais inferiores das mulheres trabalhadoras pobres.

Essa variedade de espacialização feminina é consecutiva da complexidade dos aspectos vividos pelo escritor, nasce dos/nos encontros com o *outro*, por meio dos quais praticava sua atividade de literato cartógrafo<sup>142</sup>, que lhe permitia compor ou recompor forças, relações, transformar ou atualizar a si mesmo e o mundo e inscrevê-las nas variadas matérias de sua expressão.

Desse modo, identificar os lugares do feminino nos escritos barretianos, não se trata de querer reparar um possível desequilíbrio na distribuição entre esses espaços e os masculinos, para se construir um quadro no qual se vislumbre apenas a martirização das mulheres cariocas das primeiras décadas do século XX, até porque, muitas vezes, elas próprias foram “[...] coniventes com a construção, ou pelo menos com a aceitação da representação romântica da

---

Barreto. A réplica na qual constam os trechos recortados acima foi datada do dia 27 de junho do mesmo ano. (BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*. Prefácio de Antônio Noronha Santos. São Paulo: Brasiliense, 1956. v.1, p. 147-148).

<sup>142</sup> “O cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar [...] está sempre buscando compor elementos/ alimentos para suas cartografias. [...] O critério de suas escolhas: descobrir que matérias de expressão [...], que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que procura entender [...]. O que ele quer é participar, embarcar na constituição de territórios existenciais, constituição de realidade [...]. Ele aceita a vida e se entrega [...] os procedimentos do cartógrafo [...] tampouco importam, pois ele sabe que deve ‘inventá-los’ em função daquilo que pede o contexto em que se encontra. Por isso ele não segue nenhuma espécie de protocolo normalizado” (ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental...*, op. cit., p.65-66).

esposa-mãe-dona- de- casa”<sup>143</sup>. E, tampouco, se trata de querer apontar trilhas por onde Lima Barreto poderia ter avançado para se tornar um combativo “feminista”, já que o escritor era homem de seu tempo, inserido nas ideias que circulavam na sociedade brasileira naquele contexto. Mas se trata, antes, de tentar apreender a diversidade de acepções do mundo feminino realizadas pelo escritor.

Assim, é importante considerar, nessas construções, quando e em quais instâncias espaciais Lima Barreto posicionou as mulheres, tornando-se relevante a compreensão de que tais concepções são constructos masculinos e elaborados num momento em que vigoravam ideias extensamente desfavoráveis ao mundo da mulher. Essa sinalização não significa reduzir as diferenças entre os universos feminino e masculino ao caráter meramente biológico, mas se trata da intenção de não perder de vista que as diferenças entre os dois mundos são atravessadas por “[...] experiências históricas, valores, sistemas de pensamento, crenças e simbolizações diferenciadas também sexualmente”<sup>144</sup>.

Lima Barreto dirigia críticas severas em suas crônicas à compreensão sobre a paridade de direitos empreendida na luta das mulheres “emancipadas”, como o esforço delas em ingressar nas carreiras profissionais qualificadas, graças à reivindicação de acesso a educação igualmente qualificada como as que os homens recebiam, e não apenas a instrução para administrarem suas famílias, mas também uma educação que as subsidiasse na atuação de empregos extradomésticos e na vida social em geral.

As críticas dirigidas a elas por Lima Barreto não queriam dizer, contudo, a negação por parte dele do direito à qualificação feminina, já que, como anteriormente mencionado, ele era um defensor de tal concessão para as mulheres, bem como da ampliação de seus direitos civis. E defendia, ainda, o divórcio e a educação estimuladora das capacidades intelectivas femininas. Entretanto, Lima Barreto não via, nas atitudes das “ativistas”, o rompimento com os convencionais mecanismos de corrupção de favores na obtenção de privilégios, conservando-se, desse modo, a velha prática de negação da participação das mulheres dos demais estratos sociais na ascensão e mobilidade reivindicadas pelo projeto feminista em curso.

O escritor resistia, especialmente, à operacionalização do ingresso dessas mulheres “emancipadas” no emprego público. Por ocasião da admissão de uma moça aprovada em concurso e nomeada para a secretaria do Ministério das Relações Exteriores – na qual

<sup>143</sup> RAGO, Margareth. A colonização da mulher, op. cit., p.74.

<sup>144</sup>RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*: trajetórias do gênero, masculinidades, Campinas, São Paulo, n.11, p.92-93, 1998. Disponível em: < <http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.ifch.unicamp.br.pagu/files/pagu11.08.pdf> >. Acesso em: 20 set. 2014.

ministrava Nilo Peçanha –, Lima Barreto escreve a crônica “A Amanuensa”, publicada na *Revista A. B. C.* do dia 5 de outubro de 1918, na qual especifica os lugares “naturalmente destinados”<sup>145</sup> a mulheres e homens, e relata o episódio da nomeação da servidora como uma espécie de “intromissão” dela no espaço desses últimos.

Em justificativa às suas análises, o cronista recorre ao evolucionismo spenceriano para alegar e alertar ao ministro que a recorrência de episódios de tal natureza iria “[...] prejudicar a regularidade da reprodução [...] da raça”<sup>146</sup>, já que as mulheres poderiam alterar a geração de espécies “saudáveis” por conta de se desviarem da “profissão do casamento”<sup>147</sup>. Desse modo, ele embasa seu *antifeminismo* em argumentos científicos que favoreciam o jogo da distribuição bipolarizada e conflituosa de mulheres e homens, reservando para estes os lugares da dinamicidade e *resistência*, ao passo que, para elas, os da constância e da resignação<sup>148</sup>, como sugere na sequência dos argumentos da mesma crônica:

A mulher ressent-se muito mais que o homem de semelhante espécie de serviço. O homem é sempre um progresso [sic] e resiste, por isso mesmo, a todos os inconvenientes. A mulher é a conservação e sofre mais por ser assim do que há de mau no sedentarismo de uma mesa de secretaria. Não é bastante que uma moça papagueie francês ou alemão para ser melhor funcionário que um rapaz. A inteligência da moça é em geral, reprodutora, portanto muito própria para esse estudo de línguas muito do gosto das repartições catitas, como o Itamarati; mas nunca é capaz de iniciativa, de combinação de imagens, dados concretos e inteligência.<sup>149</sup>

Lima Barreto, uma vez mais, expõe pistas de sua subjetividade ao apresentar a série de características limitadoras com que se reporta às mulheres, por meio delas explicita, nos argumentos usados, uma visão de mundo sintonizada com as ideias que concebiam a universalização de uma suposta natureza feminina, reforçando as imagens que desqualificavam as mulheres na crença de suas naturais disposições para a submissão por conta de sua *inteligência reprodutora e incapacidade* para tomar *iniciativa*.

Por meio de tais expedientes, o escritor dirigia ataques ao ingresso feminino nos espaços públicos e desvelava neles sua afronta em relação à sua própria situação de desvantagem social, que parecia poder se agravar naquele momento em que as mulheres davam mostras de sua insatisfação com relação às prescrições sobre elas, ganhavam

<sup>145</sup> BARRETO, Lima. A amanuensa. In: \_\_\_\_\_. *Coisas do Reino do Jambon*, op. cit., p.52.

<sup>146</sup> Id. loc.cit.

<sup>147</sup> Id., ibid., p.53.

<sup>148</sup> GAY, Peter. *O cultivo do ódio: a experiência burguesa: da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<sup>149</sup> BARRETO, Lima. A amanuensa, op. cit., p.52.

visibilidade e procuravam ocupar os mesmos espaços, considerados, na longa tradição, como lugar dos homens. Sendo um homem que já não ocupava os lugares que desejava para si, Barreto temia que a chegada das mulheres ao espaço público viesse dificultar, ainda mais, a sua situação. Ocupando lugares socialmente subalternos, vê com muita desconfiança a disputa que agora se estabelecia por esses lugares com as mulheres das classes dominantes.

O sentimento de ameaça e o temor de perder seu já exíguo espaço no funcionalismo autorizavam Lima Barreto a deixar vir à tona sua parcela de misoginia, colocando, desse modo, no centro de seu discurso, o reforço e a demarcação das fronteiras dos lugares masculinos e femininos. A partir do seu referente espacial, reivindica a regulação de tal binarismo, universaliza o que seriam os atributos dominantes das mulheres e, assim, minimiza o caráter de rebeldia contra as forças hegemônicas que o ingresso delas nos espaços públicos fazia operar.

A visão negativa das mulheres lançada nas palavras de Lima Barreto, em sua crônica “A Amanuense”, tem endereço certo: as moças favorecidas pelo conjunto de reivindicações feministas, as que sabiam *papaguear em francês ou alemão*. Nesse aspecto, as implicâncias ocorriam porque, na visão do cronista, além da reclamada ausência de contemplação das reais necessidades de grande parte das mulheres brasileiras nas demandas do movimento feminino, ele enxergava, na reivindicação do acesso a empregos públicos, um capricho das “burguesas emancipadas”.

Além do mais, como integrante do funcionalismo, conhecia bem o “aborrecido” universo das mesas de secretaria como amanuense, a exercer atividades repetitivas, enfadonhas e medíocres. Em seu caso, como já visto, a situação se tornou ainda mais insuportável, porque a tais aspectos se juntava também a atmosfera de violência da Secretaria da Guerra, o que concorria para fazê-lo se sentir em desacordo com seu nível de instrução e inteligência e o motivou a tentar progressão funcional para cargo mais adequado a sua formação e saberes.

A esse respeito, em carta de 18 de maio de 1909, enviada ao amigo Antônio Noronha Santos, o escritor explana, entre outras angústias que sentia, sobre a expectativa em relação à promoção na carreira na Secretaria, principalmente porque, naquela ocasião, o quadro de funcionários do Ministério da Guerra passava por reformulação, decorrência de processo autorizado pelo presidente Marechal Hermes da Fonseca. Entretanto a reforma, segundo Lima Barreto, ocasionara a perda de importância da repartição, reduzindo assim a quantidade das promoções dos funcionários, acontecimento que inviabilizava sua oportunidade de progredir no funcionalismo.

Sentindo-se preterido, escreve ao amigo: “[...] todas essas injustiças me sabem como roubos e tu bem sabes como eu tenho fundo o sentimento da propriedade”<sup>150</sup>. A reforma projetada, ao invés de ampliar os critérios democráticos sustentados na aptidão e competência para a ascensão profissional, deixou brechas para a prática de atitudes bajuladoras como mecanismo de obtenção das progressões. Como sempre fora contrário à corrupção de favores democráticos, Lima Barreto se aposentaria – em virtude de problemas de saúde –, após cerca de quinze anos de trabalho, sem nunca ter sido promovido.

Diante de tais contingências, ao observar o ingresso feminino das parcelas burguesas no funcionalismo, o cronista alia o próprio temor em ver suas oportunidades de progressão funcional minguadas à defesa das oportunidades das mulheres dos segmentos mais baixos, por isso atira com as armas que possui contra o que considera obstrução da paridade de acesso ao emprego público para as maiorias femininas. Transforma suas inquietações quanto à participação feminina nas esferas “predominantemente” masculinas em força de reação, e deixa vaziar o ressentimento de homem de seu tempo, reiterando discursos fixadores dos lugares sociais femininos para alvejar as mulheres “emancipadas”.

A presença dessas mulheres nos ambientes de trabalho fazia o cronista destilar sua crítica para a atitude delas em relação à interpretação do termo “brasileiro” colocado na Constituição em vigor, reivindicado, pelas ações feministas, para ser extensivo tanto para homens quanto para mulheres no direito ao ingresso no emprego público. Para ele, a ressalva delas quanto à discriminação posta no uso da língua se tratava de mero oportunismo das adeptas do “feminismo interesseiro e burocrático”<sup>151</sup>, das mesmas que dispunham “de bons pistolões” e, assim, invadiam as “repartições com os seus deliciosos sorrisos e os seus vestidos bem cortados”<sup>152</sup>, fazendo dos ambientes de trabalho uma “Rua do Ouvidor de dactilógrafas, amanuenses e secretárias, sabendo grego e latim e aspirando à Academia de Letras, antes de terem publicado a mais desvaliosa *plaque* de versos”<sup>153</sup>.

Nesse sentido, o cronista dispara mais uma vez contra o que considera presunção das mulheres da elite carioca. Para ele, o emprego delas nas repartições públicas não passava de um instrumento de auxílio na redução dos orçamentos dos pais e maridos, com a compra de

<sup>150</sup> Lima Barreto informa a Antônio Noronha Santos que se ventilava na repartição que o promovido seria Domingos Ribeiro Filho (BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p.76).

<sup>151</sup> Os trechos fazem parte da crônica intitulada “O nosso feminismo”. Publicada originalmente na *Revista Careta* em 16 abr. 1921 (BARRETO, Lima. O nosso feminismo. In:\_\_\_\_\_. *Coisas do Reino do Jambon*, São Paulo, op. cit., p.53-55. p.54.

<sup>152</sup> Id., loc. cit.

<sup>153</sup> Id., loc. cit.

“vestidos e adereços”<sup>154</sup> para a ornamentação delas mesmas. Assim, não vislumbra na participação dessas mulheres no funcionalismo um movimento de audácia feminina de “dignificação e elevação da mulher”<sup>155</sup>, e tampouco visualiza um movimento capaz de fazê-las romper com a sujeição econômica masculina<sup>156</sup>.

Os disparos explicitados na crônica sobre o acesso das mulheres ao emprego público descortinam as ambivalências de Lima Barreto. Seja no tocante ao fato de o escritor ser, ao mesmo tempo, um defensor dos direitos das mulheres dos estratos menos favorecidos e um censor da agenda de reivindicações e do uso de recursos utilizados pelas mulheres emancipacionistas como possibilidade de ingresso nas esferas extradomésticas – mesmo naquele momento histórico tão limitador da participação feminina. Ou igualmente na ambivalência desvelada no fato de que, apesar da discordância quanto à supremacia da Academia Brasileira de Letras, ele também tentara por três vezes adentrar as portas da instituição<sup>157</sup>.

Ele, que queimara os navios e deixara *tudo pelas coisas de letras*<sup>158</sup>, que tivera suas intenções de ingresso obstruídas naquele *cenáculo* do convencionalismo estético literário, ao ler carta de uma leitora em jornal pedindo a admissão de “mulheres habilidosas” na Academia Brasileira de Letras, agita-se ante tal sugestão do movimento que podia desencadear em favor da inserção feminina na Academia. Em tal agitação, instrumentaliza sua crítica à parcela das “mulheres letradas” oriundas dos estudos preparativos, para serem ótimas anfitriãs de salões, comunicando-se na língua da moda – o francês – entre seus pares, e desprezando os que não faziam parte da sua roda. Moças, segundo ele, que desconheciam “[...] os problemas [...] da sociedade [...], as dores dos humildes”<sup>159</sup> e cujas concepções de literatura provavelmente eram bem mais próximas de “[...] um negócio de contramestra de casa de confecções [...] e modas”<sup>160</sup>, muito mais preocupadas com o uso das colocações pronominais e outros floreios literários.

<sup>154</sup> BARRETO, Lima. O nosso feminismo, op. cit., p.55.

<sup>155</sup> Id., loc. cit.

<sup>156</sup> ENGEL, Magali Gouveia. Gênero e política em Lima Barreto. *Cadernos Pagu*, Campinas, São Paulo, n.32, p.365-388, jan./jun.2009. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n32/n32a12.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2014.

<sup>157</sup> Lima Barreto tentou ingressar na Academia Brasileira de Letras, sem sucesso, nos anos de 1917 e 1919. Um terceiro pleito quase chegou a ser consolidado. Entretanto, em 28 de setembro de 1921, o escritor encaminhou carta à Academia na qual informava sobre a retirada de sua candidatura “por motivos inteiramente particulares e íntimos” (BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op.cit., v.2, p.217).

<sup>158</sup> BARRETO, Lima. Esta minha letra... In: \_\_\_\_\_. *Feiras e Mafuás*. Rio de Janeiro/São Paulo: Mérito, 1956. p.303-308. p.304.

<sup>159</sup> BARRETO, Lima. As mulheres na Academia. In: \_\_\_\_\_. *Coisas do Reino do Jambon*, op. cit., p.156-157. p. 156-157.

<sup>160</sup> Id., *ibid.*, p. 156.

Na opinião do cronista, a academia devia, sim, ter essas “letradas” em seus quadros e transformar os espaços reservados para biblioteca e arquivo em vitrines para expor joias e outros adornos<sup>161</sup>. Expressando-se nesses termos, Lima Barreto dirigia críticas às acepções literárias dominantes nos meios institucionais e à obediência apática de escritores aos cânones, e personificava sua crítica nas mulheres, que considerava adeptas do coquetismo comportamental e literário, a que conferia verdadeira ojeriza, porque não propunham a ruptura com as excludentes formas de ascensão social, nem com os profundos descompassos cultural, étnico e econômico entre as mulheres brasileiras do início do século XX.

Nessas explicitações, apesar do “ranço” posto nelas, Lima Barreto quer também chamar a atenção para a carência na mobilização de esforços que pudessem confluír para o desmonte de algumas certezas científicas, como a empreitada desmobilizadora que promovia em sua tarefa ético-estético-literária. Empreitada entrelaçada pelas variações intensivas que agitaram o escritor, por um lado, enriquecendo seus escritos de instabilidades em que se cruzam a complacência com as ideias discricionárias que atribuíam, às mulheres, a “deficiência” intelectual, o excesso de preocupação com a aparência, o confinamento doméstico; por outro, a sensibilidade que o compelia a produzir, em seus escritos, formas de contribuir para o desmoronamento das forças dominantes opressoras de si mesmo e de muitos outros em geral, como as parcelas femininas populares posicionadas nos lugares sociais subalternos naquele contexto em que vivia.

---

<sup>161</sup> BARRETO, Lima. As mulheres na Academia, op.cit., p. 157.

## 2 NO CURSO DAS LETRAS, AS TENSÕES E VARIAÇÕES DE FRONTEIRAS

### 2.1 A PRÁTICA INTELLECTUAL INSCRITA EM CARTAS E NA IMPRENSA

O caminho trilhado por Lima Barreto no funcionalismo público<sup>162</sup>, juntamente com a participação na política e no jornalismo, foi algo a que se viram compelidos muitos dos praticantes das atividades literárias. Essas alternativas se apresentavam como possibilidades e meios de vida no momento histórico da profissionalização do trabalho intelectual e da constituição da figura desse profissional com atributos e função específica na sociedade. A face burguesa assumida na efetivação do regime republicano destituía o pretensível caráter “redentor” desse tipo de ofício e colocava seus executores como os demais profissionais.

Na prática, todos eram concorrentes a postos de trabalho, entretanto, nesse contexto de utilitarismo, dispor de formas de se sobressair e de ganhar destaque contava muito na disputa. Nesse sentido, redimensionada da missão de outrora, uma vasta parcela intelectual lançava mão de recursos capazes de lhe trazer oportunidades e, em nome desse anseio, cultivava e enaltecia a imagem dos homens de letras, de modo a torná-la “[...] das mais proveitosas. Ela era o requisito indispensável para se conseguir as *cavações* e os empregos públicos e principalmente a chave mestra das portas cobiçadas da política e da diplomacia”.<sup>163</sup> No entanto, a passagem mais larga por onde a maioria atravessou foi a do jornalismo.

Isso foi o resultado das transformações urbanas que mudara os hábitos, provocando a adoção e o consumo de novos itens inseridos ao cotidiano como a fotografia, o cinematógrafo, o gramofone, novidades técnicas disseminadas num vasto âmbito. A imprensa, seguindo esse embalo, abraçou a atmosfera de mudanças no seu campo, aumentando o número de

---

<sup>162</sup> Sérgio Miceli analisa a relação entre os intelectuais e o Estado durante os anos de 1920 a 1945 e vincula o revigoramento da presença desses profissionais no funcionalismo público às mudanças político-econômicas e culturais que contribuíram para o declínio de algumas oligarquias, grupos de onde provinha uma considerável reserva da inteligência nacional, bem como para a disputa por colocação no mercado intelectual entre o grande número de diplomados e dos que não possuíam diplomas. Miceli diferencia ainda o governo de Vargas em comparação com outros governos, pelos subsídios na forma de leis e decretos destinados ao universo artístico, assim, nesse período analisado, a cultura se tornava “negócio oficial”, provocando demanda por agentes intelectuais, levando esses à burocracia e a “[...] uma situação de dependência material e institucional que passa a determinar as relações que as clientelas intelectuais mantêm com o poder público cujos subsídios sustentam as iniciativas na área de produção cultural, colocam os intelectuais a salvo das oscilações de prestígio, imunes às sanções de mercado” (MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979. p.158).

<sup>163</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 99.

publicações com jornais diários, ampliação de títulos de revistas<sup>164</sup>, absorvendo assim uma grande porção de intelectuais para atuarem no jornalismo.

Em tempos de informação mercantilizada, Jeffrey Needell ressalta a dupla finalidade da atuação desses profissionais como jornalistas: angariar renda para si e divulgar os próprios textos por meio das reproduções em circulação e, nessa perspectiva, contarem ainda com a boa aceitação do público. Ademais, as baixas tiragens de livros do mercado editorial – cabe não esquecer também o grande número de analfabetos na população brasileira – concorriam para a dependência dos autores em relação ao gosto dos leitores dos periódicos, o qual incorporava a francofilia pelo viés da educação elitista recebida, pelo modismo em expansão, sempre alimentado pelas leituras de obras de autores daquele país, ou ainda pela alusão ao modo francês das produções jornalísticas incorporado aos periódicos cariocas, produzido em sua maioria por editoras e tipografias francesas estabelecidas no Rio de Janeiro, como Garnier e Briguiet<sup>165</sup>.

A atuação dos literatos no campo do jornalismo e a expectativa de ocupar cargos no emprego público, nas carreiras política e diplomática, expressam o processo de categorização social dos intelectuais no Brasil, produto de um momento em que:

Já iam longe e esquecidos os tempos em que sua sobrevivência era assegurada pela generosidade de uma aristocracia de gostos refinados ou de um sistema de oposição política tão contundente quanto socialmente bem consolidado, ou ainda pela possibilidade de uma existência segura com poucos recursos.<sup>166</sup>

No estudo desse transcurso, Nicolau Sevcenko pontua a crise econômica dos tempos da Primeira Guerra como um dos componentes responsáveis pela ansiedade dos escritores em relação à conquista de colocação, e não é a toa que, nesse período, surgem as primeiras entidades ligadas ao ofício de literato objetivando defender os interesses de seus agremiados. Reunidos em entidades de classe, esperavam garantir sua especificidade e valor contra o possível rebaixamento trazido pelo funcionamento do mercado econômico, no qual a literatura figurava como mais um bem a ser mercantilizado, além disso, ensejavam participar dos subsídios culturais sob a competência do Estado<sup>167</sup>.

<sup>164</sup>SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão...*, op. cit.

<sup>165</sup> NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Tradução Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.230-231.

<sup>166</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão...*, op. cit., p.101.

<sup>167</sup> Para aprofundamento do processo de profissionalização dos intelectuais, ver: MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil...*, op. cit.; e PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. Tradução de Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1990.

Nesse sentido, a trajetória de Coelho Neto, conforme constata Nicolau Sevcenko, é exemplo elucidativo entre os autores desejosos de viver das letras que, em meio à ameaçadora crise financeira e a iminência do ostracismo que os rondava, abriu fendas para participação no novo contexto de produção cultural. Coelho Neto chegou a pertencer ao *staff* intelectual e, emparelhado com o arrivismo dos grupos desfrutadores das benesses da vida, conquistou prestígio e altas posições, tendo atuado como jornalista, autor e funcionário público – diretor de Justiça no Estado do Rio de Janeiro –, passando, desse modo, a fazer parte dos “[...] plenamente assimilados à nova sociedade, os favorecidos com as pequenas e grandes sinecuras, os *habitués* das conferências elegantes e dos salões burgueses, de produção copiosa e bem remunerada. Autores da moda [...]. Os triunfadores do momento”<sup>168</sup>.

No jornalismo, divulgou estilos literários e de vida, por meio da impessoalidade da escrita cheia de ornamentos, de par com o classicismo greco-latino, com o preciosismo verbal, com as *nuances* diretivas de comportamentos socioculturais coadunadas com a alta burguesia carioca, e conquistou leitores produzindo obras em comunhão com o público de gosto acostumado à ornamentação e ao refinamento característicos da *belle époque*.<sup>169</sup> Nesse sentido, o preço da adaptação para os escritores das “leituras de salões” estava posto no enlace da dependência cativa entre escritor e leitor.

Coelho Neto representa, assim, o êxito de autores que compuseram o quadro da grande imprensa responsável por lhes proporcionar polpudas recompensas, seja a financeira, a garantia de renome ou outros préstimos. Jornais como *O Correio da Manhã*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Comércio*, *O País* incluíam, entre seus colaboradores, críticos e escritores como Olavo Bilac, José Veríssimo e o próprio Neto que, com suas engenhosas colaborações, estabeleciam acordos entre seus proveitos e os interesses político-editoriais dos periódicos mais vultosos lidos pela camada burguesa.

Após a breve incursão pela dinâmica do universo letrado brasileiro do início do século XX, convém retornar a Lima Barreto. A participação dele em periódicos, que começara nos tempos da Politécnica, com a crise financeira que abatera a família Barreto, tornou-se uma intensa atividade para o escritor após sua saída da Escola Superior. Nessa jornada, chegou a compor os quadros da grande imprensa pagadora de salários regulares.

Por volta dos meses de abril a junho de 1905, período da construção da Avenida Central, *O Correio da Manhã* publicava a série de reportagens sobre as escavações dos

<sup>168</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão...*, op. cit., p.103-104.

<sup>169</sup> Sobre estilo e forma de expressão estética da *belle époque*, inconfundivelmente parnasiano, e a trajetória do escritor Coelho Neto, ver também NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical...*, op. cit., p.233-240.

subterrâneos do morro do Castelo feitas por Lima Barreto<sup>170</sup>. Até então, segundo Francisco de Assis Barbosa, o jornalismo do veículo tinha construído a sua notoriedade graças à postura denunciadora, “[...] atacando de rijo os figurões da política [...], quebrando enfim todos os tabus da época”<sup>171</sup>.

No entanto, a postura “combativa” d’*O Correio da Manhã* tinha um alvo: Sidney Chalhoub destaca a existência de dois grupos de interesses durante as transformações urbanas. O lado mais forte estava conectado ao mercado da construção civil, da importação e meios de transporte, enquanto a facção menos robusta era composta pelos pequenos proprietários e comerciantes acostumados aos dividendos da especulação imobiliária das habitações populares e do comércio a varejo. Logo, as cartas enviadas por moradores referentes aos altos preços e más condições das casas de cômodos e cortiços ganhavam as seções do noticiário, muito menos por solidariedade aos missivistas do que para culpabilizar os proprietários pela insalubridade responsável pela recorrência das doenças contagiosas, pois o jornal “[...] na realidade, apóia abertamente a grande burguesia comercial nesta luta contra a pequena burguesia, olhando com bons olhos o suposto sopro ‘civilizador’ trazido pelo Sr. Pereira Passos”<sup>172</sup>.

Ante essa postura partidária do jornal, de reforço à criminalização das camadas populares, seria muito difícil supor que Lima Barreto traísse suas convicções e se curvasse ao jornalismo inescrupoloso, do mesmo modo, seu posicionamento contrário ao regime político minava as possibilidades de ingresso na carreira política.

A passagem de Lima Barreto pelo *Correio da Manhã* pode não ter sido longa, mas a intensa atividade de “escriva assalariado”<sup>173</sup> em outros veículos da pequena imprensa da época permitia ao escritor adquirir alguns trocados e, sobretudo, se tornava um caminho por meio do qual buscava alargar o estreito corredor das letras brasileiras, construindo nele um lugar para a difusão de suas ideias, em dissensão com os manejos político-econômicos e científicos que mantinham a maioria dos brasileiros cativa, bem como com as formas literárias que empregavam a eloquência retórica erudita em suas expressões.

Assim, procurava obter espaço de divulgação de sua forma de escrita desafiadora para alcançar o interesse e discernimento do público leitor dos jornais e revistas em que colaborava para o consumo de autores desobrigados da proliferação da versão literária do “progresso” em

<sup>170</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 10.ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2012.

<sup>171</sup> Id., *ibid.*, p.149.

<sup>172</sup> CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 2.ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2001. p. 138.

<sup>173</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*. Prefácio de Antônio Noronha Santos. São Paulo: Brasiliense, 1956. v.1, p. 61.

curso na antiga Capital federal, e esperava democratizar esse tipo de produção literária junto ao leitor, favorecendo a inteligência e a opinião legítima das pessoas, assim:

Seria muito melhor que me dirigisse ao maior número possível, com auxílio de livros singelos, ao alcance das inteligências médias com instrução geral, do que gastar tempo com obras só capazes de serem entendidas por sabichões enfatuados, abarrotados de títulos e tiranizados na sua inteligência [...]. Devia tratar de questões particulares com o espírito geral e expô-las com esse espírito.<sup>174</sup>

Da observação crítica do cotidiano, das informações que colhia junto às pessoas ou coletadas nas diversas leituras que realizava, Lima Barreto compunha os ingredientes do arcabouço do próprio pensamento crítico, sustentáculo da concepção literária livre de dogmatismos ou determinismos em que acreditava<sup>175</sup> e procurava experimentar e realizar. Sabia, entretanto, que se fazer inteligível sem “floreiros rebarbativos” era um exercício resultante de uma prática constante, às vezes tortuosa, como sinaliza em carta ao jornalista Mário Galvão:

Bem sabes o que é a dor de escrever. Essa tortura que o papel virgem põe n’alma de um escritor incipiente. É uma angústia intraduzível, essa de que fico possuído à vista do material para a escrita. As cousas vêm ao cérebro, vemo-las bem, arquitetamos a frase, e quando a tinta escreve pela pauta afora – oh que dor! – não somos mais nós que escrevemos é o Pelino Guedes.<sup>176</sup>

A declaração demonstra o quanto Lima Barreto investia esforços para construir uma escrita clara e deliberadamente livre dos rebuscamentos verbais, com temas próximos ao cotidiano, de modo a tornar sua mensagem compreendida pela grande massa, em oposição aos moldes da escritura convencional com que se via às voltas. Compendo anotações pessoais, colaborando na imprensa, lendo e escrevendo intensamente, exercitava sua esperança de realizar uma notória obra nas artes brasileiras, por isso, qualquer centelha nessa direção o anima e o encoraja a transgredir com concepções deterministas e aniquiladoras das diferenças,

<sup>174</sup>BARRETO, Lima. *Diário do Hospício; O cemitério dos vivos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 165.

<sup>175</sup> Nas anotações reunidas no *Diário íntimo*, em 1903, Lima Barreto compõe para si um projeto de estudo filosófico. Nele, há concepções filosóficas ocidentais, orientais – chinesa e hindu –, pensadores e temas como religião e ciência. Em 1910, vários contos folclóricos populares são anotados como “História do macaco que arranhou viola”, “História do linguado”, “O macaco e a onça”, “O príncipe Tatu”, entre outros recolhidos da tradição oral popular (BARRETO, Lima. *Diário íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 35-38; 147-156).

<sup>176</sup> Lima Barreto nutria uma animosidade especial por Pelino Guedes, pois o considerava um adulator político e, além do mais, à época da aposentadoria do pai do romancista, cujo processo se arrastou na solicitação de certidões e documentos da burocracia estatal por meses, inviabilizando o recebimento dos vencimentos de João Henriques, o Diretor Geral da Diretoria de Justiça, responsável pela liberação do processo, era Guedes. Como literato, Barreto o considerava medíocre e um arrogante cultivador das belas letras (BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op.cit., v.1, p. 134).

bem como serve de argumento no sentido de dirimir equívocos que possam colaborar para a permanência e reforço da visão de mundo canônica e excludente do outro, como é possível observar na reflexão lançada em carta ao amigo e jornalista Corinto da Fonseca a respeito da obra de Eliseu Visconti, encomendada como pano de boca do Teatro Municipal e, consecutivamente, alvo de muitas críticas:

Li o teu artigo sobre o pano do Visconti. Não sei se terás razão. Eu não o vi, mas penso que nós estamos a julgá-lo de acordo com o clássico. Quem sabe se ele não faz ou traz uma revolução útil? Porque um pano de boca tendo um determinado tema, não o pode desenvolver com os meios da nossa vida comum? [...]

Tenho para mim, caro Corinto, que a gente não deve nunca esquecer a velha lição dos mestres holandeses. Eles pintaram umas coisas muito familiares, muito sem importância, e fizeram obras-primas.

Eu não vi o pano do Visconti; mas, julgo, que se fez com arte o desenvolvimento do tema, empregando quitandeiros pretos, populares, dançarinas, retratos de homens eminentes, fez coisa legítima.

Agora se não fez com arte, a culpa não é dos elementos que lançou mão e ele devia ter ficado no clássico Apolo e as Musas, no Parnaso.<sup>177</sup>

A ótica do escritor pretende destacar personagens da vida cotidiana como os *quitandeiros pretos, populares e dançarinas*, porém numa composição de cena em que a gente comum não seja tratada como fruto do exótico, mas que, com auxílio e sensibilidade criadora, possam figurar nos lugares centrais das tramas artísticas. Notadamente, Lima Barreto se entusiasma com a demolição das velhas noções de arte preconcebidas que ainda teimavam em uniformizar as diversidades das formas de expressão artística. Nessa perspectiva, através das letras, procurava operar a alteração do panorama estético literário brasileiro.

Para isso, considera indispensável apreender o Brasil em sua mistura, em seus contrastes, avanços e recuos. Assim, a apreciação do meio concreto, consecutivamente, poderia contribuir para a produção de um conhecimento artístico operador da transformação da própria forma de se fazer literatura, a partir do tratamento das diversidades existentes no País, como possibilidades temáticas que, aliadas à vontade de construir uma nova forma de compreensão e conhecimento da arte, poderiam romper com as versões estético-artísticas que

---

<sup>177</sup> O organizador Francisco de Assis Barbosa e M. Cavalcanti Proença e Antônio Houaiss, colaboradores dos volumes de correspondências de Lima Barreto, incluem nota descritiva sobre a obra de Eliseu Visconti. (BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p.190-191). Para visualizar reprodução do pano de boca em imagem, consultar o endereço eletrônico: < [http://www.eliseuvisconti.com.br/obras\\_visconti/0660.htm](http://www.eliseuvisconti.com.br/obras_visconti/0660.htm)> Acesso em: 2 jul.2014.

multiplicavam as versões bipolarizadas de contraposição do Brasil com o exterior “civilizado”.

Para Lima Barreto, perduram, em tais versões, acepções avessas em relação ao País e aos costumes populares, pois nelas incorrem noções sempre dispostas a fugir da suposta “fealdade”, “grosseria”, “pobreza agrícola e comercial”<sup>178</sup> locais. Tais apreensões, Lima Barreto denomina de mentalidade botafogana: “[...] botafogano é o brasileiro exilado no Brasil; é o homem que anda, come, dorme, sonha em Paris”<sup>179</sup>.

O discernimento e o respeito à multiplicidade de experiências culturais brasileiras eram considerados por Lima Barreto como fundamentais para se produzir uma literatura capaz de abalar o reino do *Parnaso*. Construir um pensamento capaz de fissurar os padrões estabelecidos era tarefa que solicitava, além do conhecimento da formação e diversidade do Brasil, de sua população e produção artística, uma profunda intimidade com as ideias de autores com as quais pudesse nutrir a empreitada a que se dedicava.

Assim, quando preconiza sobre o poder de comunicação universal entre arte e espectador, sobretudo quando este se permite mergulhar na experiência artística, sem construir visões preconcebidas, dialoga com Jean-Marie Guyau, Ferdinand Brunetière e Taine, do qual anota a compreensão de que a beleza artística “[...] é a manifestação, por meio dos elementos artísticos e literários, do caráter essencial de uma idéia mais completamente do que ela se acha expressa nos fatos reais”<sup>180</sup>. Nesse aspecto, demonstra a importância das características substanciais e intrínsecas da obra de arte.

Ao sinalizar para essas particularidades não quer, de modo algum, aprisionar o artista à preocupação cega com a escrita gramatical perfeita, com as formas e estilos impecáveis. Mas chamar a atenção para o uso dos instrumentos da linguagem literária com vistas a “obter unidade na variedade, uma tal importância [...] deve residir na exteriorização de um certo e determinado pensamento de interesse humano”<sup>181</sup>. Lima Barreto manifesta, assim, sua concepção artístico-sociológica tributária dos conceitos estéticos dos autores russos Tolstói e Dostoiévski.

Com esse entendimento, concebe a literatura como um entrelaçamento entre a própria atualização do ato de escrever com o próprio viver do escritor, operado na realização de uma meta ampla e transformadora. Assim, a técnica é apenas um mecanismo a ser abastecido pela

<sup>178</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p. 234.

<sup>179</sup> Id., loc. cit..

<sup>180</sup> BARRETO, Lima. O destino da literatura. In: \_\_\_\_\_. *Impressões de leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p.58.

<sup>181</sup> Id., *ibid.*, p. 59.

sensibilidade do executor, sendo necessário, pois, transfigurar um em outro e inscrevê-lo num dispositivo por meio do qual os leitores alcancem não apenas o conteúdo das obras literárias, mas também desenvolvam a capacidade de distinguir a diferença estética entre elas. Neste sentido, preconiza que a “[...] literatura salutar tem o poder de fazê-lo, de transformar a idéia, o preceito, a regra em sentimento; e mais do que isso, torná-lo assimilável à memória, de incorporá-lo ao leitor, em auxílio dos seus recursos próprios, em auxílio de sua técnica”<sup>182</sup>.

Investido das próprias esperanças, de autores e ideias, Lima Barreto busca apurar e compor uma escrita democrática para inscrevê-la nas letras brasileiras e, por meio dela, procura solapar as formas que emolduram as artes literárias. Realiza tal combate, através de suas atividades na imprensa, como uma espécie de “[...] exercícios para bem escrever, com fluidez, claro, simples, atraente, de modo a dirigir-me à massa comum dos leitores, quando tentasse a grande obra, sem nenhum aparelho rebarbativo e pedante de fraseologia especial”<sup>183</sup>.

O autor sabe dos modismos dos gêneros literários que foram impulsionados pela imprensa e acarretaram, inclusive, vida breve a muitos veículos de divulgação, mas, como “lutador” ligado a amigos e companheiros do mesmo horizonte de expectativas, acredita que o vigor e o alcance legitimados dos periódicos podem ser aproveitados como espaços para seguir em outra direção, a de difundir suas concepções junto ao público, sem uso de cooptação ou das “vis curvaturas” que observa no jornalismo burguês. Nessa perspectiva, da integração do romancista com Antônio Noronha Santos, Fábio Luz, Curvelo de Mendonça e Domingos Ribeiro Filho, nasce a Revista *Floreal*, custeada pelos esperançosos editores em despedaçar a discriminação e as fôrmas existentes no “bloco” das letras, como é possível observar nos objetivos expostos no texto de Lima Barreto à edição de lançamento da revista, em 25 de outubro de 1907:

Levar adiante este tentâmen de escapar às injunções dos mandarinatos literários, aos esconjuros dos preconceitos, ao formulário das regras de toda a sorte, que nos comprimem de modo tão insólito no momento atual.

Não se trata de uma revista de escola, de uma publicação de “clã” ou maloca literária [...]. Não se destina, pois, a *Floreal* a trazer a público obras que revelem uma estética novíssima e apurada; ela não traz senão nomes dispostos a dizer abnegadamente as suas opiniões sôbre tudo o que interessar a nossa sociedade, guardando as conveniências de quem quer ser respeitado.

[...]

<sup>182</sup> BARRETO, Lima. O destino da literatura, op. cit., p. 61-62.

<sup>183</sup> BARRETO, Lima. *Diário do Hospício; O cemitério dos vivos...*, op. cit., p. 165.

Não estão (é preciso dizer) no seu programa as estúpidas hostilidades preconcebidas. No julgamento do pensamento que nos precedeu, levaremos em conta as dificuldades que o nosso tem encontrado para se exteriorizar e tomar corpo, e também que o antigo se encadeia no novo, o novo no novíssimo, e que, quando mesmo isso não se dê, ambos podem coexistir, por mais antagônicos que sejam, sem que um diminua a grandeza do outro [...]. [...] Há entre nós uma razão de completo contacto: é a nossa incapacidade de tentar os meios de publicidade habituais e o nosso dever de nos publicar.

Êste caminho se nos impunha, pois nenhum de nós teve a rara felicidade de nascer de pai livreiro, e pouca gente sabe que, não sendo assim, só há um meio de chegar ao editor – é o jornal. [...].<sup>184</sup>

A manutenção de uma imprensa de convicções políticas independentes<sup>185</sup>, distante das práticas publicitárias habituais ou do mecenato de figurões da política e das famosas editoras, não era tarefa fácil. A Revista *Floreal* teve vida breve, mas servira para experimentar a conjugação dos propósitos dos colaboradores em divulgar seus pensamentos com autonomia. Apenas quatro edições foram publicadas, e, nesses números, Lima Barreto lançou em forma de folhetim os primeiros capítulos de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*<sup>186</sup>, romance que, em 1909, em tentativa de driblar o exíguo mercado editorial brasileiro para os

<sup>184</sup> BARRETO, Lima. Apresentação da Revista Floreal. In: \_\_\_\_\_. *Impressões de leitura*, op. cit., p. 180-184. p.181-182. Os quatro números da revista também podem ser consultados na seção de periódicos do endereço eletrônico: < <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/69> > Acesso em: 6 jul. 2014.

<sup>185</sup> O grupo fundador e colaborador da Revista *Floreal* era composto, além dos nomes mencionados acima, por Carlos de Lara, Ribeiro de Almeida, Gilberto de Moraes, entre outros. A título de informação, vale destacar os nomes de Domingos Ribeiro Filho, colega de repartição de Lima Barreto e frequentador do “Esplendor dos Amanuenses” – roda literária em que participavam –. Ribeiro Filho chegou a participar da Revolta da Armada em 1893, defendendo os ideais da República florianista, entretanto, como não ocorreu o desenlace do novo regime com os antigos vícios políticos, se tornou um adepto e propagador das ideias anarquistas no País. E Antônio Noronha Santos era um amigo desde os tempos de estudante com quem Barreto compartilhava leituras e trocava ideias afins. Santos foi um admirador de Anatole France, Baudelaire, entre outros autores. Da parceria entre ele e Barreto, foi publicado, em 1909, o panfleto *O Papão: Semanário dos bastidores da política, das artes e...das candidaturas*, contra a candidatura de Hermes da Fonseca à presidência da República, pois Barreto e Noronha Santos apoiavam o nome de Rui Barbosa para tal pleito. Antônio Santos era filho do médico João José dos Santos e recebera parte de sua educação na França, frequentando a École Alsacienne. Formou-se em Direito e também entrou para o funcionalismo público. Com relação às convicções político-ideológicas de Lima Barreto, o escritor sempre foi avesso a dogmatismos e um defensor de ideias libertárias. Nesse sentido, concepções socialistas e anarquistas lhe interessavam pela proposta de reformismo social. Em 1907, Barreto apoiou as greves anarco-sindicalistas. Entretanto o escritor nunca chegou a participar do anarquismo enquanto partido. Em 1918, em plena ocorrência da Primeira Guerra e das decorrências da Revolução Russa deflagrada no ano anterior, Barreto publica na Revista *A. B. C.* seu manifesto maximalista no qual propunha as quatro medidas mais urgentes a serem tomadas em caso de uma revolução no Brasil aos moldes da soviética, a saber: “[...] revisão dos fundamentos da propriedade; confisco dos bens de certas propriedades religiosas; riscar do Código Civil o direito de testar; divórcio” (BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto...*, op. cit., p.142-143; 276; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Numa “encruzilhada de talvezes” um grande romance aos pedaços (introdução). In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Penguin: Companhia das Letras, 2011. p.33).

<sup>186</sup> Em anotação do dia 5 de janeiro de 1908, Lima Barreto faz balanço do ano anterior e anota que está indo na direção de seus sonhos: “Escrevi quase todo o *Gonzaga de Sá*, entrei para o *Fon-Fon*, com sucesso, fiz a *Floreal* e tive elogio do José Veríssimo nas colunas de um dos *Jornais do Comércio* do mês passado. Já começo a ser notado”(BARRETO, Lima. *Diário íntimo...*, op. cit., p.124).

despossuídos de “pais livreiros”, escolheu para ser editado em Portugal para sua estreia como autor de livros.

Como o *Isaías Caminha*, outros romances do autor, como *Clara dos Anjos*, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, *Numa e a Ninfa*, também seguiram a trilha da publicação na imprensa em folhetim. Beatriz Resende<sup>187</sup>, com base nos estudos de outros pesquisadores do gênero, constata que essa forma de se publicizar obras em jornais e revistas contribuiu para a própria reconfiguração do romance brasileiro.

É que, à medida que os escritores passaram a incorporar a esse gênero características que eram pré-requisitos da veiculação folhetinista, como a exigência de se repartir uma obra em capítulos, sem se perder o ritmo da continuidade da narrativa, o folhetim passava de veículo a um novo modo de publicação do romance, mesmo que não necessariamente este se destinasse a ser um romance-folhetim. Provavelmente, tal transmutação foi bastante favorecida por conta do contato imediato do folhetim junto a seu público leitor, que desprendia uma resposta rápida sobre o sucesso ou não dos textos lidos, e muitas vezes foi a partir de tal resposta que as obras ganharam edição em livro.

As concepções artísticas de Lima Barreto com as quais ele buscava inscrever seu nome nas letras brasileiras, a partir de seu distanciamento do conservadorismo acadêmico e da adoção de uma linguagem mais próxima do popular em sua narrativa, concorreram para a anuência do escritor à incorporação dos regimes da escrita jornalística em sua obra literária. E, mais que isso, a imprensa na qual colaborava servia de instrumento para retroalimentação de suas convicções ético-estéticas. Divulgando artigos, crônicas, sátiras e romances em folhetim nessas instâncias jornalísticas, o escritor fazia repercutir suas ideias, bem como ia alargando os espaços para a visibilidade da sua arte no cenário artístico brasileiro daquele período.

Com o fim da Revista *Floreal*, ele não pôde terminar a publicação em folhetim de seu *Isaías Caminha* e nem acompanhar sua recepção junto ao público, mas seus manuscritos o empolgaram a tentar conseguir publicar o romance em livro. As tentativas não se tornaram possíveis junto às editoras instaladas no País, contudo isso não retirou do autor o intento de ver seu *Isaías Caminha* impresso, por isso procurou alternativas fora do Brasil e encaminhou os manuscritos para o editor português A. M. Teixeira, de Lisboa, por intermédio do amigo Antônio Noronha Santos. Lima Barreto resolvera “pagar o preço” e ceder os direitos autorais

---

<sup>187</sup> RESENDE, Beatriz. Em defesa de Clara dos Anjos (apresentação). In: BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Penguin: Companhia das Letras, 2012. p.9-24.

ao editor, pois depositava *grandes esperanças* no romance, como revela em carta ao amigo e crítico de arte Gonzaga Duque:

Mandei as *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, um livro desigual, propositalmente mal feito, brutal por vezes, mas sincero sempre. Espero muito nele para escandalizar e desagradar. [...] que vocês considerem bem que não foi só o escândalo, o egotismo e a *charge* que pus ali [...] e então há de ver que a tela que manchei tenciona dizer o que os simples fatos não dizem, segundo o nosso Taine, de modo a esclarecê-los melhor, dar-lhes importância, em virtude do poder da forma literária, agitá-los, porque são importantes para o nosso destino. Querendo fazer isso e fazer compreender aos outros que há importância em questão que eles tratam com tanta ligeireza, eu não me afastei da literatura, conforme concebo e preceituam os nossos mestres Taine e Brunetière, mas temo que não tivesse conseguido bem o escopo e tu há de me perdoar o desastre pela ousadia da tentativa. Isso é para nós, amigos e artistas; para os outros, eu ficarei contente em desagradar [...].<sup>188</sup>

Com a publicação do *Isaías Caminha*, esperava atrair a atenção da crítica literária e dos leitores e fazer de sua estreia na ficção um momento de se tornar conhecido. Por meio do estilo, enredo e das personagens, queria fomentar o debate e a reflexão, *agitar ideias* em torno das suas concepções artísticas que há muito defendia e tentava trazer à cena. Como aponta o escritor, o romance é *propositalmente mal feito* para se desviar dos enquadramentos da arte praticada em seu tempo, para destoar das ditaduras científicas do mundo. Pela dedicação às *coisas de letras* quer ter a liberdade de ser um sincero escritor e de fazer com que sua escrita desmoroze antigos preconceitos, reformule “usanças”, instaure “dúvidas” e “emoções” que possam “[...] ligar a humanidade em uma maior, em que caibam todas, pela revelação das almas individuais e do que elas têm em comum e dependente entre si”<sup>189</sup>.

O enredo de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* trata da trajetória de um jovem humilde e negro que, após a conclusão dos estudos secundários, decide investir no grande sonho de se tornar um reconhecido escritor, por isso parte do interior do Espírito Santo para o Rio de Janeiro, visando concretizar seu objetivo. A chegada ao Rio e sua permanência, no entanto, pontuarão a vida de Isaías Caminha de obstáculos a serem superados. As contrariedades vividas girarão em torno de como ascender como literato ou mesmo conseguir colocação adequada a seu nível de instrução e competência num momento e lugar em que o estigma da cor e o halo de doutor precediam o talento. Já nas primeiras portas em que batia à

<sup>188</sup> Quando do envio dos manuscritos de *Isaías Caminha* para Portugal, Lima Barreto já tinha escrito também o romance *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, mas considerava-o muito “calmo e solene” em relação ao primeiro (BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p.169-170).

<sup>189</sup> BARRETO, Lima. *Amplius!* In: \_\_\_\_\_. *História e sonhos*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1999. p.21-25. p.24.

procura de emprego, Caminha percebia, com pesar, o tratamento privilegiado dado aos brancos em detrimento dos pobres e negros. A oportunidade de trabalho que surgira para ele fora apontada por um repórter e hóspede do hotel em que moravam, mas a função que desempenharia estava longe de ser o que planejava, começaria como contínuo em *O Globo*.

O trabalho no jornal ocasionaria a Isaías o conhecimento da grotesca hierarquia dos bastidores do jornalismo e do mundo letrado, de como se constituíam os apadrinhamentos literários, as “cavações”, o sensacionalismo promovedor de escândalos ou denúncias que sopravam ao sabor das conveniências ou não do proprietário do jornal com os homens do governo, alinhando, assim, colaboradores e redatores na mesma tendência subserviente ao superior do veículo. O tempo trabalhado na redação de *O Globo* serviu, sobretudo, para Isaías Caminha observar os procedimentos e as práticas dos literatos, com suas produções de estilo pomposo, rebuscado, apegado a ideias antigas, e confirmar o quanto sua concepção de literatura era discordante do modelo que assistia ser produzido. Por isso mesmo, reforçava sua opinião contrária, em nome da elaboração de uma escrita inteligível aos leitores, desapegada dos dicionários e formas, independente como acreditava que deveria ser a literatura que, verdadeiramente, quisesse manifestar pensamento, emoção e “[...] sentimento que se comunica aos outros”<sup>190</sup>.

A manipulação dos leitores, o modo duvidoso na escolha de autores e políticos a figurarem no rol dos prestigiados da grande imprensa, presentes na trama de *Isaías Caminha*, e a linguagem e o estilo nela contidos são os instrumentos com os quais o romancista esperava atrair a atenção para sua obra, produzir o debate e o agito de ideias, para, quem sabe, conseguir democratizar outras visões artísticas. Nessa perspectiva, solicita do editor A. M. Teixeira cinquenta exemplares para as distribuições “de praxe”<sup>191</sup> entre amigos e jornalistas.

Apesar de o conteúdo do livro trazer uma forte crítica ao jornalismo carioca praticado no início do século passado, Lima Barreto não negava o papel que os meios de comunicação desempenhavam na divulgação das letras, graças à publicação dos pontos de vistas de colaboradores que cumpriam a função de críticos de arte. Ademais, ele acreditava na independência de expressões, na liberdade de pensamento e na isenção de interesses escusos de parte da imprensa brasileira, afinal não era ela toda que estava corrompida e, não fosse por

---

<sup>190</sup> BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. 2.ed. Introdução de Alfredo Bosi. Prefácio de Francisco de Assis Barbosa. Notas de Isabel Lustosa. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2010. p.292.

<sup>191</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p.174.

isso, ele mesmo não teria contribuído de modo tão intenso nos periódicos<sup>192</sup>. O esforço do autor em divulgar o *Isaiás Caminha* publicado rapidamente esgotou as edições que lhes chegara às mãos e, em virtude disso, Lima Barreto ansioso pelas apreciações suscitadas, solicita o envio de outra remessa ao editor em Lisboa para ampliar a difusão do romance.

Para a crítica literária ligada à grande imprensa, *O Globo* é a representação d’*O Correio da Manhã* e *Caminha* o alter ego das amarguras do autor. Nessa direção, os grandes jornais não emitem qualquer opinião sobre o romance, e tal silêncio desagradou em muito a Barreto, pois isso indiciava as suspeitas de ausência de expressões democráticas e independentes nos influentes periódicos formadores de opinião, fato que tanto abominava. Para ele, a indiferença desses veículos em relação a seus escritos anteriores já se tornara quase rotineira, entretanto, com o lançamento e leitura provocadora do *livro desigual*, esperava fissurar a parcialidade dos figurões das letras.

As recepções manifestadas por outra parte da crítica muitas vezes apresentaram noções que, de algum modo, reconheciam o vigor do romancista, contudo conduziram a uma espécie de estereotipização da escrita barretiana, como a consideração feita por Medeiros e Albuquerque, publicada no *Jornal A Notícia*, de 15 de dezembro de 1909, na qual o crítico pontua o caráter de revelação e decepção que detecta em *Recordações do Escrivão Isaiás Caminha*. O primeiro aspecto trata de elogio ao estilo “claro e nervoso”, além da segurança de autor já pronto que o analista localiza no fato de a narrativa começar pelo final. No tocante à decepção, trata-se, na opinião de Albuquerque, do fato de ela ser feita “[...] de alusões pessoais, de descrição de pessoas conhecidas pintadas de modo deprimente”<sup>193</sup>, características que, para o crítico, decorrem em:

---

<sup>192</sup> A escrita pessoal do autor, sejam as cartas ou anotações reunidas no *Diário íntimo*, é pontuada pela reiteração de sua conduta franca e reta. Em sua passagem pela imprensa, quando localizou práticas contrárias aos seus ideais, Lima Barreto fez questão de se manter coerente com sua postura e pediu dispensa das atividades exercidas, como anota em 18/01/1905, sobre a *Revista Época* de Carlos Viana no tempo em que trabalhou como secretário por três números: “A revista dêle é uma espécie de galeria de retratos de varões obscuros. Quando lhe escasseiam os recursos, êle publica um número e, no dia seguinte corre aos retratados para buscar dinheiro. [...] Estão fazendo um número em inglês. A revista aparecendo em duas línguas, ‘morderá’ melhor [...]. Eu, graças a Deus, livre-me dele” (BARRETO, Lima. *Diário íntimo...*, op. cit., p.88-89).

Ou ainda na carta enviada a Mário Pederneiras, um dos fundadores de o *Fon- Fon*, informando sobre o término de sua colaboração no semanário: “Não me gabo de ser lá grande escritor, [...] entretanto, tenho feito esforços, neste e naquele gênero, para os agradar. Fantasio, imagino, faço química, escrevo pilhérias... não há meio! Demais, vejo que as coisas minhas não agradam, ficam à espera enquanto as de vocês nem sequer são lidas, vão logo para a composição. Não há ciúme, nem despeito, mesmo que os houvesse era justo que perdoasses em mim êsse assomo d’alma [...] [...] Hás de me perdoar; Mário, sempre foi do meu gênio a franqueza, a retidão de proceder e uma dose de orgulho pela minha própria pessoa” (BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p.162-163)..

<sup>193</sup> Id., *ibid.*, p. 197.

Um mau romance e um mau panfleto.

Mau romance, porque é da arte inferior dos *romans à clé* [sic]. Mau panfleto, porque não tem a coragem do ataque direto, com os nomes claramente postos e vai até a insinuações a pessoas, que mesmo os panfletários mais virulentos deveriam respeitar.<sup>194</sup>

A crítica de Medeiros e Albuquerque não vai além da percepção da sátira contida no romance, não se arriscando a sair do costumeiro lugar da tradição canônica, do respeito às visões dos *mandarins das letras*, orquestradores dos moldes prestigiados. Outra opinião que compreendeu o *Isaías Caminha* como exposição do personalismo do autor foi a de José Veríssimo. Afastado de suas atividades na imprensa<sup>195</sup>, o crítico envia por carta suas noções ao romancista, informando-o da excelente impressão ao ler o livro, considerado por ele uma revelação do talento de Lima Barreto, mas, além das felicitações, aponta ainda suas restrições referentes a elementos de composição, linguagem e estilo, compreendidos por Veríssimo como imperfeições da obra, e outra suposta deformidade enfatizada sobre a qual adverte é o exagerado personalismo identificado na trama, considerado como:

Um defeito grave. É pessoalíssimo, e, o que é pior, sente-se demais que o é [...].

A sua amargura, legítima, sincera, respeitável, como todo nobre sentimento, ressumbra demais no seu livro, tendo-lhe faltado a arte de a esconder quanto talvez a arte o exija. E seria mais altivo não a mostrar tanto.

Demais, e é pior, ela se exprime muito freqüentemente numa forma muito direta, sem as atenuações e os matizes, que porventura lhe dariam mais relêvo, mais sainete à expressão.<sup>196</sup>

A análise de José Veríssimo reforça a categorização de *romans à clé* dada por Medeiros e Albuquerque e, ao acentuar o personalismo, não avança além do caráter documental das *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, reduzindo as possibilidades de debate que Lima Barreto esperava produzir com o livro. Se a crítica do período não deu conta de promover o ansiado debate literário, o romancista tampouco perdeu as *chances* de se manifestar. Dessa forma, toda a produção barretiana e, também, sua própria vida, foram traduzidas pelo autor como oportunidades de demonstrar qual era seu arcabouço artístico-intelectual. Nas ocasiões e pelos meios de que dispunha, trazia à tona a defesa do seu romance

<sup>194</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p.179.

<sup>195</sup> Lima Barreto anota, no ano de 1908, que obtivera elogio do crítico José Veríssimo, publicado no *Jornal do Comércio* quando do lançamento da Revista *Floreal* (BARRETO, Lima. *Diário íntimo*, op. cit., p.125).

<sup>196</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p.204-205.

e de seus escritos, tão incompreendidos pelos articulistas da cena literária do início do século XX.

Nesse sentido, romances, sátiras, crônicas, contos, escrita íntima e cartas se constituem num amplo acervo onde é possível identificar a visão de mundo, os humores, os dissabores, as (des)crenças, mas, sobretudo, a concepção de literatura barretiana. Por meio desses instrumentos, Lima Barreto procurava esclarecer seus interlocutores acerca de sua discrepante produção literária. Através das cartas, buscava evidenciar suas intenções ao criar suas obras, como demonstra, em dezembro de 1909, a Medeiros e Albuquerque, em resposta ao artigo sobre *Isaías Caminha* publicado em *A Notícia*:

Estou certo de que as pessoas que não me conhecem só poderão ter a impressão que o senhor teve. Há, entretanto, alguma coisa que a justifique [a *revolta*], dentro mesmo dos motivos literários [...].

Na questão dos personagens há (ouso pensar) uma simples questão de momento. Caso o livro consiga viver, dentro de um curto prazo ninguém mais se lembrará de apontar tal ou qual pessoa conhecida como sendo tal ou qual personagem.<sup>197</sup>

Ou na missiva de 20 de março de 1917, ao crítico do *Jornal do Comércio* Veiga Miranda na qual o instiga a compreender seu *Isaías* para além das *charges* de pessoas. O uso delas assim se justifica:

As *charges* foram o acessório, o meio que me pareceu bom para evitar fosse o livro abafado pelo silêncio e pela hostilidade dos pequenos mandarins das letras, digo pequenos, pois dos grandes ninguém deve temer. Se as fiz, não só porque é do meu temperamento fazê-las, como também sabia que com elas atraía leitores e opiniões independentes, sem a humilhação de estar a pedir que dissessem os jornais qualquer coisa do meu livro.<sup>198</sup>

Os argumentos utilizados nos trechos acima demonstram as tentativas do autor em esclarecer os possíveis desentendimentos sobre sua obra, e, através deles, procura elucidar as imprecisões ou reduções na apreensão sobre o *Isaías Caminha* e toda a sua produção. Ao

<sup>197</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p.198.

<sup>198</sup> Os organizadores dos volumes de correspondências do autor salientam que o *Jornal do Comércio* de São Paulo acolhia seus livros entre a simpatia e a intensa aspereza, a minuta de Lima Barreto a Veiga Miranda é em argumentação ao artigo de 04/03/1917, com a informação de envio posterior da segunda edição do *Isaías*, tão logo ela ficasse pronta. No artigo, o crítico elogia *Triste Fim de Policarpo Quaresma* em comparação com *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* que considera, além de descuidado na linguagem, um composto de *charges* cáusticas e impiedosas. Nove dias depois, Veiga informa, em carta ao autor, sobre o desejo de ler a edição prometida e confessa que as referências ao livro foram feitas de modo leviano, a partir da opinião de terceiros, pois o romance não era “seu conhecido de vista” (BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*. Prefácio de B.Quadros. São Paulo: Brasiliense, 1956. v.2, p.20-21).

escolher estrear no universo livresco com o romance, o autor esperava produzir a reflexão para as dificuldades de inserção do jovem negro na cidade grande no momento do aturdido e coercitivo processo de modernização urbana, junto com o arbítrio na elaboração dos “fatos noticiáveis” e no modo como se faziam autores de “renome” nos bastidores da grande imprensa. Além disso, por meio dessa trama, mirava, *dentro dos motivos literários* – com a inversão do tempo da narrativa e uso de linguagem clara –, a possibilidade de balançar o edifício da formalidade das letras brasileiras.

Desse modo, por meio da escrita, Lima Barreto engendrava o mecanismo de desbloqueio das normas onipotentes e procurava inverter os discursos refratários ao elaborar sua noção de literatura, pela qual esta possuía um valor social. Sendo assim, para ele, um produto artístico deveria servir para ampliar o conhecimento humano acerca do próprio meio circundante, como a emergência de uma nova compreensão de mundo desencadeada após a leitura de um livro que possibilitasse a articulação entre os fenômenos lidos e os vividos pelo leitor.

Nesse movimento, então, se fazia importante atualizar as próprias formas do escrever, daí a disposição de Lima Barreto em cultivar a inovação em sua escrita, em tentar empreender seu projeto literário de estilo diferente para se comunicar de modo mais claro com uma variedade maior de leitores<sup>199</sup>. Para isso, era preciso se indispor contra o “formulário das regras de toda a sorte”<sup>200</sup>, como escreve na apresentação da Revista *Floreal*, na qual abertamente convoca a crise nas formas canônicas vigentes, ao renunciar a operar uma escrita plástica, contemplativa e distante dos fenômenos concretos.

Nesse sentido, Lima Barreto denominava a literatura feita com semelhante vontade de *literatura militante*<sup>201</sup>, como considerava a obra de Anatole France, de Jean Marie-Guyau, Eça de Queirós, Brunetière e muitos outros inspiradores de sua concepção artístico-literária de buscar compreender e tratar, em sua maneira literária, a multiplicidade da vida da gente brasileira<sup>202</sup>.

<sup>199</sup> BARRETO, Lima. *Amplius!*, op. cit., p. 25.

<sup>200</sup> BARRETO, Lima. Apresentação da Revista *Floreal*, op. cit., p.181.

<sup>201</sup> Em artigo publicado originalmente no Jornal *A. B. C.*, de 07/09/1918, Lima Barreto informa que o termo militante, amplamente usado por ele, era tomado de empréstimo de Eça de Queirós, especialmente na obra *Prosas Bárbaras*, na qual o autor português confronta os espíritos animadores das literaturas portuguesa e francesa. Para Queirós, esta última se ocupava principalmente de “questões da época”, enquanto a primeira limitava suas letras a “preocupações da forma, dos casos sentimentais e amorosos e da idealização da natureza”, sendo, portanto, “contemplativa e de paixão” ao passo que a literatura francesa era militante (BARRETO, Lima. *Literatura militante*. In: \_\_\_\_\_. *Impressões de leitura*, op. cit., p.71-74. p.73).

<sup>202</sup> Id., *ibid.*, p.71-74.

Ao assumir sua postura literário-artística, Lima Barreto se dispõe a romper com as premissas dadas e se abre às possibilidades de experimentar o diverso, pois sabe que “[...] no mundo, não há certezas, nem mesmo em geometria”<sup>203</sup>. À vista disso, atina para outros modos de expressão da arte que os dias em que vive solicitam, e, do mesmo modo, com a própria experiência e com sua composição escrita em desacordo com as formas da erudição literária afamada, quer proporcionar, a seus leitores, outras formas de experimentação da liberdade de seus próprios pensamentos.

É importante lembrar que a solicitação de Lima Barreto para a *desmobilização* das certezas como possibilidades para a emergência de um novo fazer literário não foi uma prática isolada. No próprio grupo organizador da Revista *Floreal*, citado acima, estavam os amigos que compartilhavam os mesmos horizontes de expectativas que o escritor em relação a seus ofícios artísticos. Nessa perspectiva, importa igualmente pensar que as circunstâncias históricas vividas por eles, convulsionadas por um sem-número de maneiras dos muitos grupos se manifestarem contra as forças hegemônicas, apresentavam as condições para se cogitar a incorporação de mudanças também em suas composições, em suas escritas<sup>204</sup>, no panorama da literatura brasileira da Primeira República.

Nesse movimento, o modo como o escritor concebia sua arte e a tentativa de aproximar seu fazer artístico de seus interlocutores, naquele contexto em que a grande aceitação das obras literárias ainda se baseava muito na valorização de aspectos estéticos de feições clássicas e na retórica rebuscada, tornam possível aproximar as concepções de Lima Barreto da concepção de “literatura menor”<sup>205</sup> elaborada por Gilles Deleuze e Félix Guattari ao analisarem a obra de Kafka. Para os filósofos, esse tipo de literatura “[...] não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior”<sup>206</sup>.

<sup>203</sup> BARRETO, Lima. *Amplius!*, op. cit.

<sup>204</sup> Para melhor entendimento da articulação entre experiência intelectual e sua prática escrita, ver estudo de Raymond Williams sobre o processo de construção do conceito de “literatura”. Em tal análise, o autor estuda o percurso histórico no qual a literatura foi se especializando e se assentando enquanto prática social (WILLIAMS, Raymond. *Literatura*. In: \_\_\_\_\_. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p.50-59).

<sup>205</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka, por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p.25.

<sup>206</sup> Deleuze e Guattari, ao pontuarem as características das *literaturas menores*, afirmam sobre o alto grau de desterritorialização que o uso delas provoca na língua maior, criando outra sintaxe. Além disso, na literatura menor, tudo é político, “[...] seu espaço exíguo faz com que cada caso individual seja imediatamente ligado à política [...] na medida em que outra história se agita nele. [...] tudo adquire um valor coletivo [...] o que o escritor sozinho diz, já constitui uma ação comum, e o que ele diz ou faz, é necessariamente político, ainda que os outros não estejam de acordo. O campo político contaminou todo o enunciado. Mas sobretudo, ainda mais, porque a consciência coletiva ou nacional está ‘sempre inativa na vida exterior e sempre em vias de desagregação’ é a literatura que se encontra encarregada positivamente desse papel e dessa função de enunciação coletiva, e mesmo revolucionária: é a literatura que produz uma solidariedade ativa, apesar do ceticismo; e se o escritor está à margem ou afastado de sua comunidade, essa situação o coloca ainda mais em condição de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade” (DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka...*, op. cit., p. 25; 26; 27).

Ao propor o desmonte dos códigos literários dominantes, o escritor apontava também contra o estreito corredor de divulgação dos meios majoritários para as letras de autores que, como ele, estavam à margem das normas literárias benquistas nesses meios, ocupados, em grande medida, em publicar os escritores “renomados” pelos apologistas do uso da gramática erudita. Assim, a participação de Lima Barreto na imprensa através dos jornais e revistas para os quais colaborava era uma forma de construir e ampliar os espaços de divulgação de suas ideias e apreensões.

O escritor fez de sua ativa participação na imprensa um dos principais mecanismos nos quais procurava contribuir para a transformação do cenário artístico-literário do Brasil do início do século passado. Gravando sua produção em espaços jornalísticos diferentes daqueles dos grandes jornais e revistas de prestígio junto ao público sintonizado com o sistema dominante, ele operava sua narrativa de desmobilização das formas canônicas e, por conseguinte, buscava fissurar o *bloco*<sup>207</sup> das letras para inscrever seu lugar de autor<sup>208</sup> e seu nome no panorama das artes literárias brasileiras.

Neste momento, é interessante voltar à carta de Lima Barreto para Corinto da Fonseca com a qual encaminhou também as páginas do *Isaiás Caminha* para o amigo ler, além de elucubrações feitas a partir da obra de Visconti para lembrar a Fonseca que “[...] para se introduzir a criada ou o criado na literatura foi preciso grande revolução e que, durante muito tempo, só as pessoas de condição real e soberana, ou os heróis extraordinários, podiam interessar às artes”<sup>209</sup>.

Os argumentos do autor apresentam as forças que precisam ser mobilizadas no trabalho artístico combativo, sem curvaturas, e que tenham coragem de romper com a tradição, como trazer à cena a *marginália* invisível pela literatura de salão da *Belle Époque*. Fazer uso dessas personagens estava longe de se limitar à conquista da “honra ou vaidade

---

<sup>207</sup> Essa expressão é recorrentemente utilizada por Lima Barreto para se referir aos grupos em que sempre as mesmas pessoas eram agraciadas com vantagens, minando assim as oportunidades de participação mais democrática para quem não compusesse o “bloco”. Em minuta enviada a Gonzaga Duque, Barreto agradece ao crítico as palavras de incentivo enviadas por carta quando da época da publicação da *Floreal*, que significavam, além de elogios, o reconhecimento do esforço dos editores, pois, com exceção de notícias sobre a Revista no *Jornal do Brasil*, a publicação deles quase saíra “[...] completamente ignorada. Sabes muito bem que o ‘Bloco’ não é só na política; há um também nas letras” (BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p.168).

<sup>208</sup> A noção aqui empregada parte da compreensão de tal lugar como sendo a inscrição dos movimentos que entrelaçam as diferentes posições que um sujeito ocupa no sistema de poderes ao longo de seu processo constitutivo. Nessa medida, o regime de autoria não se reporta a uma entidade exterior/anterior ao texto, mas aos discursos postos nele e ao que eles fazem funcionar, desse modo, o autor se constitui enquanto tal, na relação com o próprio texto produzido (FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 3.ed. Lisboa: Ed. Vega, 1992). Sobre autor e autoria ver também: HANSEN, João Adolfo. Autor. In: JOBIM, José Luís (Org.). *Palavras da Crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p.11-43.

<sup>209</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p.190.

literária”<sup>210</sup> apenas para si, como temia José Veríssimo, ao sugerir a Lima Barreto a diminuição do *personalismo* em sua obra, ingrediente com o qual a construção das personagens e o enredo do *Isaías Caminha* ficaram marcados na compreensão de muitos leitores do romance.

Como tem sido possível acompanhar até aqui os aspectos biográficos na criação barretiana, não se trata, meramente, de construção de um painel para registro das desventuras de sua trajetória pessoal. Antes, a inscrição deles figura como instrumentos com os quais o autor se serve para fazer funcionar uma “enunciação coletiva”<sup>211</sup> em sua obra. Ao empreender seu projeto literário em que deslocava estilo, trazia para a cena dramas, temas e personagens inabituais, ele rompia com a estética padronizada das uniformidades canônicas e solicitava, assim, outras demandas sensíveis na compreensão das lutas coletivas por intermédio de seus escritos, gerando ruído nas letras brasileiras no início do século passado<sup>212</sup>.

A inscrição delineada na concepção de literatura barretiana provocou, na imprensa versada em crítica literária, um ruído aquém do esperado pelo autor. Se tal fato se deu, ocasionando, por um lado, possíveis aborrecimentos, por outro, empenhou cada vez mais a incansável busca pelo agito de ideias nos recursos à disposição para fazer funcionar seu projeto, que ensejava a abertura de caminhos para outras formas literárias, para a divulgação de outros nomes cuja escrita também fosse construída da incorporação de leituras de pensadores e literatos. Destes, a criação contribuía nesse sentido, para, em seguida, serem transfiguradas numa concepção própria de cada autor, objetivando, sobretudo, a comunicação com os leitores sem obstáculos de compreensão. Nessa dimensão, é possível identificar, no conjunto da obra de Lima Barreto, as suas *impressões de leituras*, sua tarefa constante de literato “combatente”<sup>213</sup>, construtor de uma escritura pautada no pensamento diferente daquele panorama literário *maior*.

As correspondências do romancista, como se pode observar pelos recortes de que se lançou mão anteriormente, assumiam um importante papel nessa direção. Fátima Maria de Oliveira contemporiza sobre o tempo histórico vivido por Lima Barreto e evidencia a importância da forma de comunicação – via cartas – naquele contexto, amplamente utilizada por ele e, nas quais, segundo Oliveira, o autor inscrevia a função maquínica de desterritorialização dos sentidos macroliterários estabelecidos, pois, por intermédio das cartas,

---

<sup>210</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p.205.

<sup>211</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka...*, op. cit., p.27.

<sup>212</sup> OLIVEIRA, Fátima Maria. *Correspondência de Lima Barreto: à roda do quarto, no palco das letras*. Rio de Janeiro: Caetés, 2007. p. 66.

<sup>213</sup> BARRETO, Lima. Apresentação da Revista Floreal, op. cit., p.181.

construía “[...] uma rede de comunicação discursiva apropriada tanto a expandir as margens das convenções geográficas e literárias, quanto pronta a promover uma nova configuração para a literatura brasileira”<sup>214</sup>. Ao se valer dessas estratégias, os correspondentes suplantavam as dificuldades das mais diversas ordens e faziam movimentar o circuito cultural, promoviam as trocas e expansão de ideias entre si, mesmo morando em diversos e distantes lugares do País<sup>215</sup>.

Lima Barreto se correspondia com uma diversidade de interlocutores, como jornalistas, críticos de arte, conforme já visto, e ainda com familiares, instituições, amigos, como Antônio Noronha Santos, Bastos Tigre, Domingos Ribeiro Filho – para citar alguns dos frequentadores das rodas literárias em que o romancista participava –, editores, como Monteiro Lobato, Francisco Schettino, A. M. Teixeira, e também muitos autores de fora do Estado do Rio de Janeiro. Encontrava nas cartas formas de superar a falta de expressão nos veículos da grande imprensa sobre sua produção. Por meio das missivas, manifestava gratidão aos elogios recebidos, às notas publicadas na imprensa dos outros Estados do País, e esclarecia possíveis desentendimentos sobre seus escritos.

Como faz na carta endereçada a Lucilo Varejão, datada de 18 de fevereiro de 1921, em que agradece nota publicada sobre um de seus livros no *Jornal do Recife* e aproveita para esclarecer sobre as eventuais imprecisões neles impressas, pois, segundo ele, tais ocorrências se deviam, em grande parte, ao próprio relaxamento com sua letra<sup>216</sup>, que ocasionava certa dificuldade de compreensão em seus revisores, e sobre isso escreve: “[...] isso explica os erros vulgares; mas quanto aos outros da transcendente gramática dos importantes, eu nunca me incomodei com êles”<sup>217</sup>.

Ao elucidar os *erros* de seus livros, Lima Barreto assume no excerto que parte deles nascia de sua deliberada intenção em provocar os “clássicos e sabedores de gramática”<sup>218</sup>. Nessa medida, incorrer em tais desvios fazia parte de seu esforço em praticar uma arte literária de desmanche de preconceitos, de desapego às rédeas da linguística e, por isso,

---

<sup>214</sup> OLIVEIRA, Fátima Maria. *Correspondência de Lima Barreto...*, op. cit., p. 67.

<sup>215</sup> Id., *ibid.*

<sup>216</sup> Na crônica originalmente publicada na imprensa carioca e reunida no volume *Feiras e Mafuás*, Lima Barreto também faz uma irônica autoavaliação a partir da própria caligrafia e discorre sobre a confusão que fazem a partir dela, arrastando-o a uma posição “inqualificável, original”. Neste aspecto, reitera sua forma de atuação já que a letra o leva a “incorrer na crítica gramatical da terra”, mas jamais a proferir peças “contra a clara inteligência das coisas, contra o bom senso e o pensar honesto da própria consciência” (BARRETO, Lima. Esta minha letra... In. \_\_\_\_\_. *Feiras e Mafuás*. Rio de Janeiro: São Paulo: Mérito, 1953. p.303-308. p.303-304).

<sup>217</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.2, p.226.

<sup>218</sup> Id., *ibid.*

criadora de outros sentidos para a literatura que se distanciava das danosas convenções do mundo social.

Com base em sua acepção literário-sociológica, metamorfoseada dos pensadores lidos por ele, Lima Barreto escreve ao jovem potiguar Jaime Adour da Câmara, em 4 de maio de 1919, e espezinha as opiniões acerca da “perfeição”, dominantes entre os *mandarins literários* do seu tempo, bem como argumenta sobre o que concebe como beleza e no que pautará a sua atuação:

A “perfeição”, eu procurarei cada vez mais aproximar-me dela, se se pode entender isso por correção, proporção de partes, percuciência sagaz na análise das coisas e dos homens, etc. etc.; mas a tal história de Belo, como entendem aqui Botafogo e Coelho Neto, não quero chegar lá. Não é meu ideal de procurar por meio da arte escrita dizer o que os simples fatos não dizem; não é exclusivamente meu o propósito de fazer entrar na arte de escrever tudo o que interessa o destino da humanidade ou mesmo uma parte dela; não é coisa minha o ideal de servir-me da arte de escrever, da literatura, para revelar umas almas às outras, remover os obstáculos que trazem a incompreensão entre elas, ligá-las melhor, etc. etc. Se conseguir isto, tenho feito o Belo, seja o tal das mezinhas do Coelho Neto ou não; se não, falhei.<sup>219</sup>

Os argumentos em defesa do “Belo” vão em direção contrária ao da mentalidade botafogana, orientam-se no pensamento de Jean Marie-Guyau porque o escritor acreditava e defendia a Arte como algo articulado com o contexto sociocultural de emergência da construção artística. Nessa direção, argumentava que o fazer literário construído nesses preceitos deveria comunicar-se de modo honesto, claro e simples para ser capaz de dialogar com um amplo universo de pessoas. Por conseguinte, beleza para Lima Barreto era fazer funcionar novos sentidos e escritas, operar *línguas menores*<sup>220</sup> para deslocar os sentidos postos na *literatura maior* do Brasil no início do século XX.

Buscava, desse modo, abrir espaços para a construção e divulgação de escritos com a capacidade de intervir na ação transformadora da vida de seus leitores e leitoras, compreendendo-os não como um rebanho de ovelhas a ser conduzido por um pastor/escritor, mas como indivíduos/leitores pensantes que, em decorrência de suas leituras, captam as ideias do outro e embalam-nas com as próprias intensidades vividas, sentidas. Também ruminam sobre as questões suscitadas, deixando antever a possibilidade de modificar seus modos de viver, quem sabe para melhor, porque nascidos da observação de seu mundo circundante, marcadamente desigual, e da inteligência decisiva de cada um, amalgamada no sentimento da

<sup>219</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.2, p.162-163.

<sup>220</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka...*, op.cit.

semelhança com o outro, sendo capazes, portanto, de criar novos arranjos sociais distantes dos arroubos egoístas<sup>221</sup>.

A exiguidade de espaço, nos grandes circuitos e instituições literárias, para seu nome e produção no Rio de Janeiro não tornou Lima Barreto um ilustre desconhecido de leitores e pares ao longo do País, ao contrário, sua atividade na imprensa se tornou palco de divulgação de ideias dentro e fora da Capital federal, através dos periódicos que, muitas vezes, ele próprio fazia circular em outros Estados do Brasil, conquistava notoriedade e respeito entre vários autores, que lhe dedicavam palavras de incentivo e enviavam livros para apreciação. Sempre que podia, o escritor produzia artigos em referência às obras recebidas ou que lhe eram recomendadas, artigos nos quais comentava sobre os autores das obras em apreço, os conteúdos nelas apresentados e suas formas de abordagem. O acúmulo de assuntos a tratar na pequena imprensa muitas vezes postergava a confecção do texto jornalístico em que ponderaria a esse respeito. Contudo, pontual e atenciosamente, Lima Barreto sempre fazia questão de cuidar de notificar e comentar sobre os livros recebidos.

Enquanto o artigo não saía, as cartas eram o local de manifestação dos pontos de vista que diminuía a ansiedade dos que aguardavam um retorno sobre as próprias composições, como as palavras endereçadas a Murilo Araújo após a leitura dos manuscritos de *Carrilhões*: “[...] o senhor [é] um poeta muito original, muito comovido, poeta sem os artifícios habituais de palavras e acrobacias métricas ou riqueza de rimas de ouro falso”<sup>222</sup>. Após a louvação, segue ponderando que “[...] o que se pede em primeiro lugar a um poeta é a sua emoção diante do encanto do mundo [...]. O senhor tem ainda indecisa, vaga, essa sensação do mundo e das coisas, doente e triste, é verdade, mas tem – uma”<sup>223</sup>. Nessas linhas, Lima Barreto não economiza elogio, estímulo e orientação sinceros, como aos demais que se enveredavam no campo das artes literárias e o procuravam.

---

<sup>221</sup> Em texto intitulado “O destino da literatura”, já citado, e composto originalmente para uma conferência por indicação do amigo Ranulfo Prata na cidade de Rio Preto/SP, Lima Barreto reitera sua aceção sobre beleza e o caráter sociológico como concebe a Arte. Nele reforça o “poder de contágio” da literatura para estabelecer a “força de ligação entre os homens” e o “estabelecimento da harmonia entre eles”. O escrito nunca chegou a ser proferido, foi publicado original e integralmente nos números 58 e 59 da *Revista Sousa Cruz*, de outubro e novembro de 1921 (BARRETO, Lima. O destino da literatura..., op. cit., p.62).

<sup>222</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p.274.

<sup>223</sup> O manuscrito de *Carrilhões*, livro de estreia de Murilo Araújo, chegara às mãos de Lima Barreto por intermédio de Pedro Cúrio de Carvalho, que fizera a ponte entre os dois escritores sem informar previamente a Araújo sobre essa decisão. Atitude acertada, conforme as próprias palavras do jovem poeta ao romancista: “Escrevo-lhe – caro Senhor Lima – um pouco envergonhado não sabia que a minha versalhada tinha a honra de ser lida e julgada pelo senhor [...]. A sua carta foi uma bela surpresa [...]. O senhor encheu-me a alma de um grande bem-estar. Com o seu espírito generoso quis estimular um novo e encorajar um medroso, e conseguiu-o facilmente com suas palavras lindas de estilo como tôdas as que lhe saltam da pena” (BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p. 276).

A espera pelas palavras do autor é parte das expectativas tanto de escritores novatos no aguardo de encorajamento, quanto dos leitores apreciadores de sua escrita, como confessa e o exorta Artur Mota: “[...] aguardo com verdadeira ansiedade o teu novo trabalho. Escreve como Balzac, mas no teu feitio, uma série de romances sobre a vida da cidade”<sup>224</sup>.

Além das mencionadas notas de apoio, as correspondências eram não só uma oportunidade de diálogo entre os interlocutores, como também meios de Lima Barreto reforçar os temas candentes em sua bagagem intelectual, sempre propagados nos momentos oportunos, seja nas páginas pessoais ou delas saltadas para as crônicas e artigos nos jornais e revistas, para seus contos, sátiras e romances ou debates nas rodas literárias. Em carta de outubro de 1916, quando do lançamento de livro de Georgino Avelino, o literato destina seu texto enviado ao jornalista a argumentar sobre a temática abordada na obra, pois a preocupante questão da pátria o repugna:

Porque a pátria é um sindicato, dos políticos e dos sindicatos universais, com os seus esculcas em todo mundo, para saquear, oprimir, tirar couro e cabelo, dos que acreditam nos homens, no trabalho, na religião e na honestidade.

Essa gente explora esse sentimento [...] como os padres exploram a beatice das mulheres ou a hipocrisia dos homens.

Esta é uma carta de amigo, meu caro Avelino, e não queiras ver nela nenhuma limitação ao mérito do teu trabalho. Eu não tenho certezas, por isso mesmo leio as opiniões opostas às minhas quando são sinceras e escritas como tu escreveste maravilhosamente.<sup>225</sup>

As apreciações de Lima Barreto sobre pátria são as mesmas desenvolvidas na construção do romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, no qual estabelece crítica ao patriotismo brasileiro dos anos iniciais da República. Patriotismo elaborado de modo a construir uma “brasilidade” cuja representação remetia a símbolos eleitos pelos idealizadores que, quando acionados, evocavam sentimentos e emoções patrióticos. Entretanto, os marcos referenciais escolhidos para serem reverenciados estavam longe de corresponder à “pátria” vivenciada cotidianamente pela grande maioria da população brasileira, oprimida em seus costumes e tipos.

De algum modo, essa é a constatação a que chega a duras penas Policarpo Quaresma ao olhar, em retrospectiva, para o projeto em que acreditara. Neste, depositara a dedicação de

<sup>224</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.2, p.28.

<sup>225</sup> O livro de autoria de Georgino Avelino é o *A Necessidade das Pátrias*. Em sua arguição, Lima Barreto rememora o primitivo sentimento religioso e posterior ligação ao solo, entremeados à ideia de pátria surgida na Grécia e Roma antigas, baseia tal pensamento em Fustel de Coulanges e recomenda a leitura deste para Avelino (BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p.281).

uma vida inteira em nome da adesão ao nacionalismo, que se alimentava da boa vontade alheia e da subserviência da gente simples para manter-se funcionando, mas, no fundo usurpava-lhe o direito de cidadania e participação na “nação”.

Quaresma era o crédulo *nos homens, no trabalho e na honestidade* que viu sua crença saqueada, tal como aponta Lima Barreto nas palavras dirigidas a Georgino Avelino, na tentativa de fazer o jornalista de *O País* acompanhar seu raciocínio e observar como se processava a montagem do ser “brasileiro” pelas cabeças pensantes das instituições produtoras da nacionalidade oficial dos moldes “civilizatórios”. Essas personalidades associavam as diferenças geográficas, sociais e étnico-culturais dos brasileiros ao atraso e à suposta inferioridade do País a obstáculos para a “civilização” almejada.

Com esse pensamento, ao se empreender o projeto modernizador brasileiro, optava-se pela eleição de elementos exportados em detrimento dos nacionais, para figurar como símbolos da “civilização” do País, fruto das intenções políticas e das teorias de conhecimento em vigor nos tempos da Primeira República, sintonizadas com o contexto do imperialismo ocidental<sup>226</sup>. Daí a preocupação de Barreto em desmobilizar as *certezas*, em descongelar a fôrma plasmada pela “inteligência” e pelas elites governantes, para abrir caminhos a outras concepções nas quais fosse relevante se considerar as alteridades e diversidades sem manipulação ou formatação.

Ao desmonte proposto sobre pátria, o autor de *Policarpo Quaresma* adiciona o de demolição de conceitos disseminados pelo discurso científico, que se tornavam base dos preconceitos raciais, culturais, sexuais e da manutenção das hierarquias sociais e de saberes. Em linhas a Gregório Fonseca, em 18 de novembro de 1906, indaga “[...] se a ciência, dado seu grau de probabilidade, pode ter juízos formais e condenatórios; e se em face do grau de probabilidade dela, esses juízos condenatórios não são equivalentes a anátemas, a excomunhões religiosas”<sup>227</sup>. A indagação pontuada neste momento advém do volume *História do Brasil*, de João Ribeiro<sup>228</sup>, obra lida por Lima Barreto, que o faz mensurar a respeito da nocividade das convicções deterministas assentadoras de “naturalidades”, que não permitem outras possibilidades de articulação e compreensão do mundo. Questão que o incomodaria durante toda a vida.

Em 1906, toma nota sobre o quesito em seu caderno, quando reflete sobre o tema racial, pois lhe é inconcebível a distinção de superioridade e inferioridade entre as raças,

---

<sup>226</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.28.

<sup>227</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p.130.

<sup>228</sup> Id., *ibid.*, p.131.

particularmente porque “[...] essa inferioridade, longe de ser transitória, é eterna e intrínseca à própria estrutura da raça”<sup>229</sup>. A respeito da miscigenação, ele alerta o aspecto de “vício” e “praga”<sup>230</sup> social com que tal aspecto é considerado, graças ao respaldo da ciência, à debilidade de juízo crítico e à indisposição da intelectualidade nacional em criar suas próprias teorias, levando em conta as particularidades da população local, e, ao invés disso, se curva às doutrinas dos grandes nomes europeus<sup>231</sup>.

Para Lima Barreto, a exigência de atualização do pensamento científico referente a esse aspecto se tornava “ordem do dia”, já que há muito não se apresentavam novidades capazes de reformular as ancestrais visões étnico-raciais sedimentadas e largamente aproveitadas para respaldar a prevalência de um grupo em detrimento dos demais, complicando as existências das pessoas dos grupos excluídos. Em *O espetáculo das raças*, Lilia Schwarcz analisa o pensamento científico brasileiro sobre a questão racial e enfatiza que o fio condutor das ideias da “inteligência”, a esse respeito, adentrou as instituições brasileiras pela porta dos modismos. Nesse momento, empreendiam-se, no País, novas formas de organização social e de trabalho, quando os ventos soprados da Europa espalhavam vários itens a serem consumidos entre os brasileiros, entre eles, as teorias “evolucionistas e social-darwinistas”<sup>232</sup>.

A urgência de execução do projeto de “endireitar” o País retirou a ciência dos trilhos da moda e a colocou em prática. Nesse momento, a ciência nacional se ocupou de estudos da formação étnica da população, evidenciando as diferenças na composição racial. Tais diferenças foram mensuradas na relação com os modelos teóricos importados. Realizados desse modo, esses estudos contribuíram para reforçar a velha tradição colonial hierárquico-social baseada na cor da pele, tornando-se, assim, mecanismo de justificativa para o elitista projeto nacional republicano adotado<sup>233</sup>.

Lima Barreto sempre buscou se inteirar dos acontecimentos a seu redor e do mundo mais distante como matéria de expressão de sua prática literária sensível à exclusão da participação dos negros e mestiços. Nesse movimento, observava o crescente prestígio devotado às ideias de pensadores alemães como eco de um perigo iminente disseminado também em terras do Brasil, na medida em que identificava a operacionalização da empresa civilizacional, sustentada no pensamento racial, transfigurando o que antes “era o

---

<sup>229</sup> BARRETO, Lima. *Diário íntimo*, op. cit., p. 110.

<sup>230</sup> Id., *ibid.*

<sup>231</sup> Id., *ibid.*

<sup>232</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças...*, op. cit., p.30.

<sup>233</sup> Id., *ibid.*, p. 17-18.

preconceito” em “conceito”<sup>234</sup>. Investida etimológica barretiana certamente para ironizar o quanto os estudos da “inteligência” brasileira fortaleciam antigos procedimentos de segregação com seus dados “científicos” e adjetivação das diferenças raciais, que autorizavam a impressão de sentenças prévias, nocivas às pessoas por conta de atributos físicos, intelectuais, psíquicos e morais negativos, extensivos à cor de suas peles mestiça e negra.

Na perspectiva barretiana, o conhecimento pautado em livros, revistas científicas, não deveria desapartar da observação e da experiência complexa da realidade, pois a sabedoria prezada pelo autor era a capaz de gerar a superação do racismo e de qualquer forma de olhar para o fraco – e perversamente desprovido de participação no arbitrário patrimônio econômico e sociocultural brasileiro – de modo superior. Ao se agir de tal modo, contribuía-se para a naturalização de problemas históricos, atitude que Lima Barreto desprezava porque ela escamoteava as explicações racionais de transposição dos empecilhos e concorria para a perpetuação das visões limitadoras de mundo, vantajosas para as poderosas elites brancas em seus lugares de conforto.

Nessa medida, a observação feita a Gregório Fonseca sobre os *anátemas* e *excomunhões* das constituições humanas é a crítica à antecipação da interpretação científica que oprima as pessoas por conta de suas marcas exteriores, como a cromática da pele. Sua perspicácia observadora quer descortinar as engrenagens giradoras dos benefícios das excludentes hierarquias da sociedade brasileira, seja através dos argumentos epistolares ou da criação de personagens de contos e romances que vivenciam situações aptas a aclarar a inteligência dos leitores pelo conteúdo desenvolvido ou pela maneira de abordagem, distantes das formas estéticas e convenções majoritárias.

Nesse sentido, é possível compreender a firmeza de Lima Barreto em tecer outro tipo de literatura ao inscrever, em seus textos, o inaudito, o mundo desautorizado, os problemas silenciados na produção literária vigente e confeccioná-los numa outra “marca” afastada da erudição vazia para “[...] dizer alguma coisa de seu, de próprio, exprimir uma emoção sua e original diante dos homens e das coisas e agitar idéias adequadas à arte em que trabalha”<sup>235</sup>.

---

<sup>234</sup> Ao meditar sobre a recepção das misturas raciais como uma praga, Lima Barreto escreve em seu caderno de anotações em 1906: “Tudo isto se diz em nome da ciência e a coberto da autoridade de sábios alemães. Eu não sei se alguém já observou que o alemão vai tomando, nessa nossa lúcida idade, o prestígio do latim na Idade Média. O que se diz em alemão é verdade transcendente [...]. Urge ver o perigo dessas idéias, para nossa felicidade individual e para nossa dignidade superior de homens. Atualmente, ainda não saíram dos gabinetes e laboratórios, mas, amanhã, espalhar-se-ão, ficarão à mão dos políticos, cairão sobre as rudes cabeças da massa, e talvez tenhamos que sofrer matanças, pensamentos humilhantes” (BARRETO, Lima. *Diário íntimo...*, op. cit., p. 111).

<sup>235</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.2, p. 136.

Ao propor tal empreendimento, o romancista efetua uma transmutação na escrita do seu tempo, traz para o espaço literário a realização da palavra numa outra perspectiva e, em sua abordagem e conteúdos inovadores, apresenta tipos aturdidos como Isaías Caminha e Policarpo Quaresma, de inteligência sensível e solidária como Olga, lutadores como Margarida Weber Pestana, aviltados como Clara dos Anjos, e tantas outras mais que compõem o repertório das experiências cotidianas engendradas pelas personagens ante as mudanças vividas, como uma espécie de ampliação dos horizontes que conduz o leitor através de sua criação a novos mundos e realidades, a possibilidades não aprisionadoras. Nesse sentido, a escrita barretiana está em sintonia com o próprio mundo, mas desenrola mundos diversos daquele em que vive o autor.

Essa incursão feita pelo pensamento barretiano, operado em suas correspondências e participação na imprensa, permite colocar em perspectiva a ambivalência da tônica do autor em relação às mulheres inscritas em seus textos, conforme discutido em tópicos anteriores. Nessa medida, torna-se importante analisar a produção do escritor como registro atravessado pelos afetos e, desse modo, ela faculta ser compreendida para além de percepções reduzidas.

Durante sua existência oscilante, Lima Barreto sempre procurou colocar em relevo, em seus escritos, as *desobediências* a credos ou ortodoxias, e, nessa experimentação de combates, muitas vezes se fez ambíguo, posicionava-se, por um lado, contra os *anátemas* científicos em relação à aparência das pessoas com a cor da pele negra e, por outro, buscava respaldar na própria ciência seus argumentos de crítica às mulheres emancipadas que procuravam participar dos espaços públicos. Ele mesmo era uma figura de fronteira nesses espaços, à procura de construir um lugar a partir do exercício literário, numa carreira socialmente espacializada como feminina, como uma profissão subjugada em relação às dominantes<sup>236</sup> masculinas, como a da engenharia.

O empenho em construir seu lugar no panorama literário brasileiro fez com que Lima Barreto disparasse suas forças reativas contra qualquer prenúncio que porventura pudessem minuar seus esforços nessa direção. Entretanto, em seu exercício na carreira literária, não pontilhou o campo de sua escrita unicamente com manifestos em defesa de sua realização profissional, mas também com múltiplos e variados aspectos, como as críticas às tensões político-sociais, raciais e econômicas flagradas no cotidiano vivido e observado entre as

---

<sup>236</sup> MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na República Velha: estudo clínico dos anatolianos*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

vítimas do projeto modernizador da higienização urbana, empreendido para dar cabo às “deformidades” do Rio de Janeiro.

Nessas abordagens, partilhava a sintonia com a coletividade, trazendo à cena a denúncia dos obstáculos sociais nascidos da ausência de escuta das necessidades do outro, embaralhando afetos em argumentos e cenários em forma de uma escrita ajustada ao andamento do momento histórico vivido. Por conseguinte, captava o inevitável adiamento de transfiguração da linguagem já que “[...] as transformações desencadeadas pelo processo modernizador” solicitavam “formas inovadoras de expressão”<sup>237</sup>.

Nessa medida, praticava o exercício ético-estético-literário nas direções comunitárias que defendia, e estas, em desacordo com os estilos eruditos benquistos pelos formadores das opiniões dos leitores no panorama das letras do início do século XX, colocavam-no às voltas com a incompreensão da crítica literária às ideias e ao estilo de seus escritos, restringindo-os à manifestação de ressentimento do pobre tolhido pela realidade desfavorável. O escritor sempre rebateu tais restrições, dada a postura contrária aos suportes previamente estabelecidos, e, por esse motivo, investiu esforços contra qualquer forma de leitura sufocante e reducionista de sua produção.

## 2.2 CONTESTAÇÃO AOS *PREFÁCIOS*<sup>238</sup> EM TEMPOS DE FEMINIZAÇÃO SOCIAL

Os esforços barretianos para rebater as reduções dirigidas à sua produção durante seus anos de vida não impossibilitou que, mesmo distanciadas do tempo em que viveu, emergissem leituras de seus textos no sentido de interpretá-los como escritos considerados, em grande medida, como registro documental das mágoas do mulato pobre mergulhado nas adversidades. Assim, é possível observar no prefácio à edição de 1956 de *Clara dos Anjos* feito por Sérgio Buarque de Holanda: “[...] a obra desse escritor é, em grande parte, confissão mal escondida, de amarguras íntimas e ressentimentos, de malogros pessoais”<sup>239</sup>.

<sup>237</sup>MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto: um pensador social na primeira República*. Goiânia: Editora da UFG; São Paulo: Edusp, 2002. p. 91-92.

<sup>238</sup> Lima Barreto, em trecho de carta enviada a Corinto da Fonseca, citada anteriormente, escreve que, apesar de ter lançado mão desse recurso com o *Isaiás*, tinha “ojeriza pelos prefácios” (BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p. 189).

<sup>239</sup> Holanda escreve ainda “que nos melhores momentos”, Lima Barreto soube “transfigurar a amargura em arte”. O prefácio elaborado para a edição da Editora Brasiliense se encontra reproduzido na edição ora consultada. (HOLANDA, Sérgio Buarque de. Prefácio. In: BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Penguin Classics: Companhia das Letras, 2012. p.35-47. p. 36).

Embora sinalize ser contraproducente tomar uma obra dentro de “padrões formais”<sup>240</sup>, pois eles “não são absolutos”<sup>241</sup>, Holanda acaba por evidenciar o tom autobiográfico como um traço deformado do romance. Para ele, o valor maior em *Clara* é a questão da “crítica social”<sup>242</sup>, averiguação produzida benevolmente, mas que, ao realçar a porção carregada e sofrida de Lima Barreto do modo como ele o faz, imprime uma espécie de ponto final na análise e termina por contribuir para interpretações que estigmatizam e obscurecem a multiplicidade de aspectos dos escritos barretianos.

Pouco mais de duas décadas da morte do romancista, o amplo material deixado por ele, composto de manuscritos, publicações, recortes e documentos, serviria de base para o extenso trabalho de pesquisa solicitado pelo editor Zélio Valverde a Francisco de Assis Barbosa para a organização das *Obras completas de Lima Barreto*. A pesquisa a esses itens, entrelaçada aos depoimentos de familiares, amigos e contemporâneos, resultou na produção de um extenso volume biográfico sobre o escritor, efetuada por esse último<sup>243</sup>, que se tornou uma importante fonte de referência para os pesquisadores dos textos do autor de *Policarpo Quaresma*.

O volume biográfico de Francisco de Assis Barbosa é construído na vertente interpretativa da associação entre a obra e a vida de Lima Barreto correlacionadas com os acontecimentos históricos do País. Nessa trilha, a partir de retalhos do arquivo literário barretiano, o biógrafo constrói uma prevalecente imagem biografada, que se junta à visão de Sérgio Buarque de Holanda e à de outros tantos analistas<sup>244</sup>, isto é, a de privilegiar os escritos de Barreto como lugar de confissão de seus desabafos pessoais. Não obstante tal direcionamento interpretativo, isso não encobre o valor do trabalho de Barbosa.

Contudo, o reconhecimento merecido do trabalho do biógrafo não inviabiliza que se recorra também à advertência de Giovanni Levi, “[...] de que nós como historiadores, imaginamos que os atores históricos obedecem a um modelo de racionalidade anacrônico e

---

<sup>240</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. Prefácio, op. cit., p. 36.

<sup>241</sup> Id., loc. cit.

<sup>242</sup> Id., ibid.

<sup>243</sup> O trabalho de Barbosa na pesquisa e redação da biografia de Lima Barreto ocorreu entre os anos de 1946 e 1951. A primeira edição foi publicada em 1952 (BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto...*, op. cit., p.29).

<sup>244</sup> Para aprofundamento das imagens e repercussões biográficas de Lima Barreto, ver: LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976; e DIAS, Regina Maria Santos. *Lima Barreto: uma máquina de guerra na cidade do Rio de Janeiro*. Curitiba: Appris, 2013.

limitado”<sup>245</sup>, e, seguindo essa prática recorrente de biografar, nos alinhamos aos “[...] modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável”<sup>246</sup>.

Essa advertência permite refletir sobre o percurso narrativo inscrito na biografia *A vida de Lima Barreto*, na qual, como já dito, Francisco Barbosa se ocupa da investigação do contexto histórico para situar a trajetória do escritor e pontuar suas singularidades e, sob essa perspectiva, o biógrafo as conduz a partir de um fio unidirecional de análise. Ao procurar valorizar a obra e a figura de Lima Barreto, o autor busca referendar seus comentários nas palavras barretianas e constrói sua interpretação enfatizando as agitações e desabafos íntimos confessados<sup>247</sup>. Nesse movimento, os aspectos privilegiados assumem certo caráter de reações do escritor às inadaptações vividas, produzindo, com efeito, um personagem biografado embalado pelas imagens dos dramas e padecimentos pessoais.

Para Fátima Maria de Oliveira, a perspectiva barbosiana articulada ao respeitoso cumprimento do limite ético da memória de Lima Barreto acabou por manter o biógrafo refém dos “excessos de traços negativos”<sup>248</sup> postos nos escritos do autor. Em vista disso, Francisco Barbosa não atinou para a interpretação dessas vicissitudes do biografado como composições de uma trajetória mergulhada em contextos que favoreciam ou autorizavam selecionar aspectos em função dos afetos experimentados. Segundo Oliveira, os “traços negativos” eram parte das facetas engendradas pelo escritor, táticas utilizadas por ele para cutucar “as contradições enraizadas no perfil identitário nacional”<sup>249</sup>, bem como se referiam a fragmentos de “uma prática de construção de si mesmo”<sup>250</sup>.

Com tais ressalvas, a autora chama a atenção para a própria trilha interpretativa construída na pesquisa de Francisco Barbosa. Nessa medida, ela termina por alertar outros estudiosos a observarem as multiplicidades discursivas barretianas como um conjunto de ações operado pelo autor, no qual se desnudam suas tentativas de ocupar diversos lugares de sujeito através de sua escrita.

A precaução sobre a variedade de perspectivas de análises da obra barretiana, do mesmo modo que não nega a importância da pesquisa realizada por Francisco Barbosa,

---

<sup>245</sup> LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da História Oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006. p.167-182. p.169.

<sup>246</sup> Id., loc. cit..

<sup>247</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto...*, op. cit., p.29.

<sup>248</sup> OLIVEIRA, Fátima Maria. *Correspondência de Lima Barreto...*, op. cit. p. 25.

<sup>249</sup> Id., loc. cit.

<sup>250</sup> Id., ibid., p. 27. Para Michel Foucault, a escrita é um exercício do pensamento decorrente dos movimentos de linearidade e circularidade. No primeiro, o escritor vai da meditação à prova ao empreender o ato de escrever; no segundo, “[...] a meditação precede as notas, as quais permitem a releitura que, por sua vez, relança a meditação [...], seja qual for o elemento que tome lugar a escrita [...]” é um “[...] elemento do treino de si” (FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*. In: \_\_\_\_\_. *O que é um autor?* 3.ed. Lisboa: Ed.Vega, 1992. p.127-160. p.133-134).

também reconhece seu talento na construção de um texto que promove a leitura sedutora de *A Vida de Lima Barreto* como relato comovente e estimulante da cumplicidade entre a experiência individual, a tragédia familiar do personagem biografado e o leitor.

Entretanto, o fascínio decorrente desse movimento pode converter o leitor-pesquisador à ingênua crença do realismo biográfico<sup>251</sup> e, nessa medida, ao invés da abertura para a multiplicidade dos traços engendrados nos escritos do autor de *Clara dos Anjos*, reproduzir a linearidade interpretativa e fixadora de imagens de ressentimentos e amarguras barretianas, decorrentes do descaso com seus escritos por parte dos meios majoritários de divulgação literária, bem como da vulnerabilidade de seu meio familiar<sup>252</sup>. Tal ótica redundante na proliferação do entendimento dos textos de Barreto como enunciados de uma figura unificada, presa aos traumas e decepções.

São leituras, porém, que vão em direção oposta à que Lima Barreto defendia, seja nas réplicas enviadas por cartas aos comentadores de seus livros ou em crônicas e artigos em que procurava esclarecer as imprecisões na compreensão de suas ideias, como as que nasciam da confusão dos revisores com sua letra<sup>253</sup>. Há que se considerar, ainda, sua indisposição contra as forças que ignoravam sua obra, bem como as que emolduravam antecipadamente as visões sobre ela, pois tais aspectos concorriam para configurar seus escritos, sobretudo os ficcionais, nos quadros das produções marginalizadas.

Nessa empreitada, o que o escritor busca é fissurar “o bloco” das letras para abrir espaços de visibilidade para a variedade de obras produzidas no País, sejam as grandes ou pequenas, sem os empecilhos das prescrições cristalizadoras de seus trânsitos.

---

<sup>251</sup> Pierre Bourdieu, refletindo sobre biografia e autobiografia, discorre sobre a arbitrariedade no trato dado à expressão literária ao se tentar compreendê-la como história coerente e totalizante ou unicamente como representação de alguma coisa. Tais implicações nascem da tendência de se tentar identificar e reduzir o *eu* a algo sempre normal, constante em si mesmo, responsável e previsível, exercício que resulta no que o autor designa de nome próprio. Essa *nominação* é arbitrária porque institui a “[...] identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como *agente* [sic], isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis [...]. O nome próprio é arrancado do tempo e do espaço e das variações segundo os lugares e os momentos: assim ele assegura aos indivíduos designados, para além de todas as mudanças e todas as flutuações biológicas e sociais, a *constância nominal* [sic], a identidade no sentido de identidade consigo mesmo [...] de *constantia sibi*, que a ordem social demanda” (BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da História Oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006. p.183-191. p.186-187).

<sup>252</sup> DIAS, Regina Maria Santos. *Lima Barreto...*, op. cit., p. 94-95.

<sup>253</sup> A letra de Lima Barreto é pontuada nas correspondências trocadas com Antônio Noronha Santos, Francisco Schettino e Monteiro Lobato; os dois últimos como editores se encontravam às voltas com a revisão e provas para publicação dos escritos. Na crônica já referida, “Essa minha letra”, o romancista transcorre sobre a tarefa fatigante de escrever à máquina, a partir da pitoresca observação da admirável letra que observa em caderno de uma das passageiras do trem que os conduzia ao subúrbio e relaciona a “boa letra” ao casamento, como uma espécie de garantia de futuro da moça. Serve-se da ironia para falar da indefinição do próprio futuro porque se firma no uso de sua “má” letra cursiva ao invés da datilográfica, dispara assim sua caligrafia diferente contra as belas letras do “cenáculo da Garnier” e do “salão literário de Coelho Neto” (BARRETO, Lima. Esta minha letra..., op.cit., p.303-308).

Para compreensão dessa postura do escritor, faz-se importante o entendimento do panorama das artes literárias de seu tempo, no qual, tanto as produções quanto seus julgamentos eram assinalados, em grande medida, a partir de uma prevacente tendência na qual os escritores realizavam obras ajustadas ao contexto social em que viviam, apresentando em seus textos características que contribuíam para a propagação de visões de mundo que se coadunavam com as ideias hegemônicas. Sendo assim, tornava-se importante apresentar, nos escritos, temas leves, alegres e brandos, que contribuíssem para amenizar ou mesmo esconder a dureza e as tensões da vida ordinária dos moradores do Rio de Janeiro do início do século passado. Figuram como principais expoentes de tal tendência, nomes como os de Olavo Bilac, Coelho Neto e Afrânio Peixoto.

Em tal panorama literário, como visto em tópico anterior, o trabalho na imprensa se apresentava como uma questão da própria sobrevivência da atividade intelectual. Desse modo, muitos literatos se dividiam entre produzir suas obras e o exercício de ofícios na imprensa, fato que concorria para as letras receberem certo destaque nas páginas em que escreviam, nas quais se delineava o julgamento da literatura de muitos outros autores. Em tal protocolo, a crítica literária majoritária, ligada aos jornais e revistas que compunham a grande imprensa, tinha uma forte inclinação a apreciar a linguagem marcada pelos floreios e clichês, a pender para a divulgação de escritores protegidos ou indicados pelo grupo com o qual se ajustava nas mesmas ideias e procedimentos.

Em tal contexto, Lima Barreto e muitos outros escritores cujas aproximadas concepções e fazeres literários divergiam de tais expedientes, integravam o conjunto dos afastados daquele cenário literário *maior*. Circunstância observada pelo escritor e que o faz disparar, em artigo do dia 18 de agosto de 1921, publicado na revista *Careta*, sua indignação contra essa forma de exclusão para autores como ele, operada nos grandes meios:

Não disponho do *Correio da Manhã* ou do *O Jornal* para me estamparem o nome e o retrato, sou alguma coisa nas letras brasileiras e ocultarem meu nome, ou o desmerecerem, é uma injustiça contra a qual eu me levanto com todas as armas ao meu alcance. Eu sou escritor e, seja grande ou pequeno, tenho direito a pleitear as recompensas que o Brasil dá aos que se distinguem na sua literatura.<sup>254</sup>

---

<sup>254</sup> O texto compõe-se dos argumentos que Lima Barreto usa para validar seu nome para candidato a ocupar a vaga de Paulo Barreto, o João do Rio, na Academia Brasileira de Letras (BARRETO, Lima. A minha candidatura. In: \_\_\_\_\_. *Marginália*. Disponível em: < <http://www.letraseletras.com.br/home/livros/categorias/autores/lima-barreto/margin%C3%A1lia.pdf> >. Acesso em: 24 maio 2015).

Com esses argumentos, o escritor reclama da marginalização das ideias subversoras dos cânones, como a sua criação de estilo e linguagem dissonantes ou sua postura contrária à cooptação de favores ou apadrinhamentos para conseguir publicar. Também se indispõe com a falta de espaço ou com a ocultação de seu nome nos prestigiados jornais consolidados como meios de divulgação hegemônicos. Diante disso, claramente dispara *armas* contra tais injustiças e sai em defesa de seu lugar de sujeito autor, bem como o de escritor-crítico que se desprende de sua condição de marginalidade sócio-literária, ao buscar desacomodar velhas regras da crítica, como é possível visualizar em anotação de 1904:

Um escritor, um literato, apresenta, ao público, ou dá publicidade a uma obra; até que ponto um crítico tem o direito de, a pretexto de crítica, injuriá-lo? Um crítico não tem absolutamente direito de injuriar o escritor a quem julgar. Não se pode compreender no nosso tempo, em que as cousas do pensamento são mostradas como as mais meritórias, que um cidadão mereça injúrias, só porque publicou um livro. Seja o livro bom ou mau. Os maus livros fazem os bons, e um crítico sagaz não deve ignorar tão fecundo princípio. Ao olhar do sábio, o vício e a virtude são a mesma cousa, e ambos necessários à harmonia final da vida; ao olhar do crítico filósofo, os bons e maus livros se completam e são indispensáveis à formação de uma literatura.

Se o crítico tem razões particulares para não gostar do autor, cabe-lhe unicamente o direito de fazer, com a máxima serenidade, sob o ponto de vista literário, a crítica do livro.

[...]

Em resumo, se o crítico ama as coisas do pensamento, e sobretudo estas, deve ter sempre em mira a sua prosperidade; e, creio, a injúria não é o melhor meio para obtê-la.<sup>255</sup>

Com tais argumentos, Lima Barreto propõe a reformulação dos padrões de apreensão da crítica literária, pois, mesmo naquele momento histórico tão marcado pelas transformações, ela ainda seguia com os mesmos procedimentos que remontavam ao final do século XIX, além de estar profundamente afinada com as teorias científicas vigentes. No que tange à função do crítico, em grande parte, tal trabalho era a realização de apreensões antecipadas dos livros avaliados, a partir dos quais se emitiam juízos fortemente assinalados pela influência romântica. Privilegiavam-se, assim, o esteticismo e a retórica nacional ufanista em detrimento da visão sobre a distinção e valor estético das obras literárias<sup>256</sup>. Diante disso, o escritor tenta modificar tal panorama, seja em referência ao julgamento de sua própria obra, ou em relação à criação de outros autores, como buscava proceder em sua atividade de escritor-crítico literário.

<sup>255</sup> BARRETO, Lima. *Diário íntimo...*, op. cit., p.56-57.

<sup>256</sup> OLIVEIRA, Fátima Maria. *Correspondência de Lima Barreto...*, op. cit., p. 58.

Em sua formulação, os critérios de análise da produção intelectual deviam pautar-se na apreensão das ideias e das formas contidas nas criações para, desse modo, poder gerar vigorosos e fecundos debates sobre elas. Nessa perspectiva, para ele, o trabalho de crítico estava longe de ser o de espalhar apreciações pautadas em juízos morais, que resultassem na injúria e difamação de um autor, por conseguinte, consecutivas de seu silenciamento, sem nem ao menos lhe conceder a *chance* de outras tentativas no caminho da composição, desprovido dos estigmas injuriosos, principalmente quando o nome desse autor não compunha o rol dos gostos vigentes da oficialidade.

Lima Barreto traz para o centro do excerto, mais uma vez, uma das marcas de sua subjetividade na medida em que apresenta a noção de crescimento de um autor tanto em função do aprimoramento da própria técnica como também dos estímulos recebidos pela crítica saudável, expondo, assim, uma visão do julgamento literário em desacordo com aquele recorrente nos meios dominantes. Desse modo, ele ressalta sua diferença no desempenho dessa atividade e inscreve seu lugar de sujeito escritor-crítico em dissenso com o panorama oficial da crítica literária brasileira da Primeira República.

Com sua escrita igualmente diferente, Lima Barreto convoca a insubordinação ao pensamento canônico e às diretrizes embaraçadoras das diversas formas de efetivação das liberdades. Os temas e as situações apresentados em sua literatura delatam os problemas da sociedade brasileira nas duas primeiras décadas da República e dessacralizam a apreciação estético-literária do seu tempo. Essa perspectiva o coloca à margem perante a crítica contemporânea mantenedora das prestigiadas posições ocupadas pelos autores das leituras passatempo, pelos adeptos do convencionalismo estético-literário, como Coelho Neto e Afrânio Peixoto.

Se a crítica contemporânea o coloca à margem, os estudiosos posteriores, ao analisarem a obra barretiana, assinalam as singularidades da dissidente produção do autor como textos de características antecipadoras de temas que seriam consolidados em período posterior da literatura brasileira, como na produção artístico-literária do modernismo, ou no chamado romance social. Tais estudos catalogam os escritos barretianos no rol dos trabalhos pré-modernistas<sup>257</sup>, o que, à maneira de prefácio, ocasiona apresentações antecipadas e fixas destes.

---

<sup>257</sup> Para ampliação de estudos do panorama e da caracterização da literatura brasileira a esse respeito, ver: BOSI, Alfredo. Lima Barreto e Graça Aranha. In: \_\_\_\_\_. *O pré-modernismo: a literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1967. p 93-112; CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura 1900-1945: panorama para estrangeiros. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. 9.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 117-145.

Regina Maria Santos Dias, em *Lima Barreto: uma máquina de guerra na cidade do Rio de Janeiro*<sup>258</sup>, problematiza tal classificação porque, para ela, apaga do contexto as argúcias e particularidades das expressões literárias originais. Nesse sentido, é preciso pensar a época de Lima Barreto e a conjuntura do momento de sua produção como período em que as condições para a profissionalização do trabalho literário só começavam a despontar. A consideração de tais aspectos pode auxiliar no entendimento das dificuldades enfrentadas para quem tentasse viver autonomamente da atividade intelectual, mantendo uma postura contrária aos cânones naquele cenário onde ganhar visibilidade era, quase infalivelmente, integrar-se aos mandarins beletristas, à oficialidade das letras. Nesse caso, é necessário relacionar as manifestações artísticas dessa intelectualidade ao que elas produzem, sem deixar desaparecer “o que elas fazem funcionar”<sup>259</sup>.

Para Sérgio Miceli, o termo pré-modernismo é resultado de artifício político dos modernistas brasileiros para datar a produção estética dominante no País entre fins do século XIX e os anos vinte do século passado<sup>260</sup>. Nessa perspectiva, o “novo modelo” estético levado adiante pelos integrantes do Modernismo passou a se constituir enquanto autoridade também nas apreensões de muitos críticos literários, inclusive os posteriores ao movimento, balizando-se assim o conjunto dessa criação com a marca da ruptura em relação aos modos de criação literária anterior.

Em tal horizonte, as análises do conjunto artístico precedente aos modernistas foram ancorando-se em critérios formulados a partir de fora, tanto da época dos produtores literários daquele momento, cujo campo intelectual ainda se encontrava em expansão, quanto pela adoção de princípios de avaliação importados e inspirados na crítica das vanguardas europeias. Dessa forma, cristalizava-se a tendência a desqualificar os paradigmas artísticos locais a partir da ótica da comparação entre as artes produzidas em período anterior e as artes conceituadas como “modernas”, consideradas rompedoras dos modelos estéticos da tradição dominante até os anos vinte. Tal procedimento de autoridade estética terminou por imprimir “[...] o ideário da ordenação e classificação, aglutinando experiências literárias diferenciadas e as definindo como ‘pré’”<sup>261</sup>.

Essa perspectiva de análise elaborou um processo de habilitação e propagação dos critérios de exames, bem como a normalização das artes, visto que, a partir da credencial de “moderno”, se evocava o conjunto de aspectos que faziam uma obra ser considerada como tal,

<sup>258</sup> DIAS, Regina Maria Santos. *Lima Barreto: uma máquina de guerra na cidade do Rio de Janeiro...*, op. cit.

<sup>259</sup> Id., *ibid.*, p. 79.

<sup>260</sup> MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na República Velha...*, op. cit., p.12-15.

<sup>261</sup> DIAS, Regina Maria Santos. *Lima Barreto: uma máquina de guerra...*, op. cit., p.79.

e, sob essa ótica, contava a identificação das rupturas com o antigo, com os velhos padrões. Sendo assim, as produções intelectuais de muitos escritores que não passaram pelo crivo da “ruptura total” lançada pelo olhar desses avaliadores, foram confinadas ao conjunto das obras consideradas pré-modernas, forma de agrupamento que desconsiderava o contexto, as condições e particularidades tanto dos autores como das criações literárias anteriores aos anos vinte do século passado.

Com base em tais reflexões, fica evidente que o estudo classificador das artes literárias engendra sentidos a partir de um ponto fixo, por isso, em relação aos escritos barretianos, é importante que as análises lançadas sobre eles não sejam prefixadas, mas se construam a partir das apreensões, das (re)leituras da sociedade e de mundo, dos diversos matizes temáticos, estéticos e linguísticos postos neles por Lima Barreto. Nesse sentido, especialmente no tocante à proposta motivadora da presente pesquisa, cabe pensar sobre os diferentes lugares para o “feminino” agenciados pelo autor e, nestes, apreender quais enunciados sobre as mulheres ele se autorizou a inscrever em sua escrita e em que contexto os realizou.

A escrita barretiana é rica da aliança entre expectativa individual e expectativas coletivas dos contemporâneos no contexto da Primeira República brasileira, envolvidos nas prescrições normativas, nos diagnósticos científicos, raciais, sexuais, que recrudesciam as desigualdades e assimetrias entre a população, penalizando as vidas das pessoas dos grupos subalternos e dos excluídos dos padrões normativos em geral, como as mulheres, sobretudo as pertencentes às camadas menos favorecidas.

Os textos do escritor foram produzidos nesse momento em que abundavam ações prescritivas de confinamento feminino a um lugar social sólido e universal, a vacinação obrigatória, a restrição da mobilidade, a moralização dos comportamentos e o controle dos costumes sexuais adotados, como maneiras de se tentar conter o decurso de ampliação de participação das maiorias, medidas que apontam para as contradições da condução antidemocrática da administração republicana, distante do próprio repertório ideológico previsto no regime recém-adotado no País.

Em tal contexto, como já visto, emergiram novas requisições formuladas pelos grupos que tinham adquirido forte poder de mobilização naquele cenário de mudanças. Contudo, nem todas as esperanças de mobilidade puderam ser transformadas em realizações, mas, de todo modo, as expectativas acionadas como exigências inquietaram e incomodaram as estruturas vigentes pelo teor de seu calendário de reivindicações, como as reclamações feitas pelos muitos grupos femininos em suas tentativas de se deslocarem dos lugares sociais

predeterminados, que se constituíram numa das notáveis forças que desassossegararam os contemporâneos daquele momento histórico.

Nessa perspectiva, os movimentos feministas iniciados em países da Europa ocidental, como França, Inglaterra, ou da América do Norte, como os Estados Unidos, formularam exigências como a fragmentação das convenções sociais na distribuição de espaços masculinos e femininos, a reclamação do direito à ascensão social, ao conhecimento, demonstrados nos avanços para o período, como algumas conquistas que faziam a presença feminina passar a ser mais comum nos meios convencionalmente destinados ao convívio entre homens, como o acesso ao ensino superior e o direito à mobilidade pelas grandes avenidas do novo urbanismo, prescindida de companhia masculina<sup>262</sup>.

São exemplos de práticas em expansão que inquietaram e causaram desconforto na sociedade pelo teor de democratização nelas assinalado, bem como por expor a vulnerabilidade das “certezas” quanto aos limites e funções atribuídos aos desempenhos feminino e masculino, conduzidos na longa tradição histórico-cultural de eleger o homem e os atributos imputados a ele, como o vigor físico e a bravura, entre outros, como manifestos da suposta superioridade masculina em relação à mulher; e às características atribuídas a ela, como a sutileza e a fragilidade, entre outras, que compunham o repertório de legitimação das assimetrias sexuais resultantes dos constructos socioculturais de masculinidade e feminilidade, por isso mesmo, passíveis de serem questionadas, especialmente nos tempos dinâmicos em que essas mulheres viviam.

Os vários questionamentos levantados, como a rejeição da submissão delas aos limites prescritos, ocasionaram uma série de alterações no cenário então vigente, como a oportunidade de atuação das mulheres fora do universo doméstico, especialmente as mulheres dos estratos médios. Muitas vezes, tal oportunidade se apresentou como uma imperativa necessidade da mão de obra feminina, como no contexto europeu da Primeira Guerra, momento em que grande quantidade de homens dos países envolvidos no conflito foi enfileirar os batalhões, provocando uma baixa no contingente de trabalhadores, o que demandou o recrutamento de outras mãos. Entretanto, ainda que, para algumas mulheres, as condições favoráveis de romperem com as amarras reguladas em suas constituições biológicas se tivessem originado de tal situação, elas colocaram em xeque a visão constituidora do perfil feminino como dócil, cordato, e fizeram da oportunidade uma possibilidade de ampliação de

---

<sup>262</sup> Especialmente na França. Ver CORBIN, Alain. A obrigação da virilidade, fonte de ansiedade e angústia. In: \_\_\_\_\_ et al. (Dir.). *História da virilidade: o triunfo da virilidade – o século XIX*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013. v.2, p.439-461. p.458.

direitos, de abertura para outras e amplas reivindicações desprendidas da mobilização feminina, desencadeando assim um amplo processo de feminização social dos costumes.

O temor de tal processo preocupava médicos, juristas, literatos, estudiosos de toda ordem e mesmo parte da população sem instrução formal. Dentre os pesadelos mais atemorizadores, pairava no ar a ameaça de inversão dos lugares sociais assentados na divisão sexual desprendida da possibilidade de ascensão feminina, do embaralhamento das assimetrias hierárquicas, já que o fenômeno em processo fomentava o nivelamento de distribuição de oportunidades, como acesso à instrução, igualdade salarial para as que trabalhavam fora de casa, garantia de cidadania e outros arranjos sociais. Abriam-se, desse modo, fissuras para a satisfação das novas necessidades, não sem que medidas opositoras tentassem a todo custo obstruí-las, como o engendramento e a perpetuação dos velhos códigos de conduta a partir da estigmatização e hierarquização bipolarizada dos tipos femininos, como a valorização da mulher “honesta” em contraposição à mulher “desonesta”, ou “venal”<sup>263</sup>.

Esses itens faziam parte das ações moralizadoras para se delinear comportamentos modelares, bem como para preservar o modelo ideal de família à medida que, às “honestas”, competia a garantia de manutenção da “ordem” na esfera familiar burguesa, ao passo que as “subversivas” corrompiam esse universo. Sendo assim, buscava-se conter os focos de inovações do mundo social que abalavam autoridades e crenças, criando-se variadas formas de sancionar os desvios ou, ainda, incentivando a submissão, a disciplina, a lealdade e o cultivo de virtudes<sup>264</sup>. A elaboração de tais precauções dizia respeito a tentativas de minar a ansiedade generalizada em relação às novidades do mundo em transformação, que desorientava as fronteiras de condutas e hábitos arraigados.

A paulatina conquista das exigências gerou alguns benefícios e mobilidade entre aqueles que antes eram confinados em rígidas estratificações. No caso específico dos êxitos feministas, as consecutivas mutações geradas também provocaram o temor masculino e, em alguma medida, também o feminino, todos receosos em relação às posturas dessas mulheres emancipadas, que colocavam em xeque o velho panorama convencional de criação de mulheres e homens sob os moldes hierárquicos sociais e sexuais.

Dessa forma, ainda que nem todos os homens julgassem “o feminismo como um movimento dirigido contra eles”<sup>265</sup>, instaurava-se a crise entre os gêneros, sobretudo porque o ativismo feminino, impulsionado pelo contexto de mudanças do qual era oriundo, colocava

<sup>263</sup> CORBIN, Alain. A obrigação da virilidade, fonte de ansiedade e angústia, op. cit.

<sup>264</sup> GAY, Peter. *A educação dos sentidos: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 49.

<sup>265</sup> Id., *ibid.*, p.142.

em perigo o domínio masculino. Nesse sentido, a fim de garantir a manutenção do poderio da ordem estabelecida e a inalterabilidade das assimetrias, era necessário reforçar ou mesmo fomentar a elaboração de aspectos idealizadores de feminilidade e masculinidade em reação ao impacto trazido pelas mobilizações e questionamentos feministas, seja a proposta de modificação da “naturalização das identidades assentadas no corpo sexuado”<sup>266</sup> ou, ainda, outras solicitações pontuadas anteriormente. Reagir contra esses questionamentos no fundo era uma forma de ampliar a contenção de todo o processo de nivelamento social<sup>267</sup> em curso.

O destaque dado ao processo de feminização da sociedade serve de reflexão sobre o momento e as condições históricas da vida e da produção dos escritos de Lima Barreto, período, como visto, marcado por intensas mudanças, como a consolidação do capitalismo e o novo modelo trabalhista, pelo incremento de uma nova urbanidade no Rio de Janeiro. E, com essa nova urbanidade, surgem as alterações da vida social, pela ascensão dos grupos e da visão de mundo burguesa, além da reordenação das vivências familiares, itens que, num país recém-saído da economia e estilos de vida eminentemente rurais, provocaram choques, inseguranças e expectativas – o projeto de “modernizar” o País, por um lado, democratizava as transformações e, por outro, não abria mão de manter as hierarquias na distribuição de benesses e privilégios.

Nesse contexto de ansiedades, conforme já visto, despontavam as primeiras manifestações feministas reivindicantes da participação cidadã na nova sociedade, como o direito ao voto e ao emprego público via concurso. Eram indícios de que as mulheres brasileiras também não estavam confortáveis nos lugares sociais a que foram confinadas, sendo assim, elas davam mostras de insatisfação e desejos de mudanças, como as postuladas na reivindicação da igualdade de direitos. Devotando esperanças de melhorarem suas vidas no calor das transformações em curso, as mulheres, como o contingente saído da escravidão, os pobres, biscateiros, desempregados, vadios e mendigos perfilavam a lista dos aliados do processo de participação nas decisões e gerência das próprias vidas, por isso mesmo buscavam encontrar fendas para modificar esse cenário.

Nesse movimento, o processo de “horizontalização dos costumes”<sup>268</sup> se fez acompanhado das defesas da ordem e das assimetrias econômico-sociais, raciais, sexuais e intelectuais como sintomas reativos generalizados na sociedade, levados adiante pelos grupos que se sentiam na iminência de perder antigos privilégios. Nessa perspectiva, sobre os grupos

---

<sup>266</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo”*: uma história do gênero masculino (1920-1940). São Paulo: Intermeios, 2013.p.17.

<sup>267</sup> Id., loc.cit.

<sup>268</sup> Id.,loc.cit..

potencialmente causadores das “desordens”, fizeram-se pesar os crivos científico-intelectuais, e, desse modo, negros, pobres, biscateiros, desempregados, vadios e mendigos foram tachados com os estigmas da “incivilidade”, da incapacidade para o trabalho, da perturbação da ordem e toda forma de demonstrar a inadequação de seus costumes, aparências, hábitos e valores, em confronto com os valores considerados adequados ao projeto de construção da “sociedade civilizada”.

Como já visto, as mulheres não escaparam de tais enquadramentos técnico-científicos referendados na medicina social, que justificava na biologia feminina suas predisposições inatas para a subordinação, em contraposição à “natureza autoritária, empreendedora [e] racional”<sup>269</sup> dos homens.

É nesse cenário de interdições e transgressão que Lima Barreto produz seus textos, igualmente um contexto de emergência da profissionalização das atividades literárias, o grande guarda-chuva aglutinador das intelectualidades provindas de diferentes conjunturas, como os descendentes dos grupos intelectuais, ou os das famílias em decadência econômica que encontravam, nesse exercício profissional, um reduto de proteção em face da “ameaça de rebaixamento social”<sup>270</sup>. Realizavam, na prática, tal guarida com os dividendos da profissão que lhes abria ainda as portas do jornalismo e do funcionalismo público e também simbolicamente, ao engendrar formas de se apropriarem “[...] do mundo social em que se viram colocados à margem”<sup>271</sup>.

O caso de Lima Barreto não se aplica ao daqueles do universo dos herdeiros das famílias em declínio e, tampouco, à descendência de familiares intelectuais. Na trajetória do escritor, confluem oposições como “[...] a familiarização com o universo de valores da classe dirigente através da educação singular que recebeu e a continuidade com os laços de origem”<sup>272</sup>. Se, por um lado, o trajeto de Barreto o afasta dos percursos da maioria dos “letrados” que, compartilhavam a experiência comum de advirem de situações em mutação em seus berços de origem – situações deterioradas na agitada conjuntura da feminização<sup>273</sup> –, por outro, o aproxima desses grupos, por eles exercerem atividades comuns de “tendência à assimilação desvirilizadora”<sup>274</sup>. Eram carreiras que os distanciavam das profissões caracterizadas como

<sup>269</sup> SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: DEL PRIORE, Mary (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2009. p.362-399. p.363.

<sup>270</sup> MICELI, Sérgio. Introdução. In: \_\_\_\_\_. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*, op. cit., p.xv-xxvii. p.xxii.

<sup>271</sup> Id., *ibid.*, p.94.

<sup>272</sup> Id., *ibid.*, p.96.

<sup>273</sup> Id., *ibid.*

<sup>274</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão...*, op. cit., p.102.

fundamentalmente masculinas, já que seu exercício renunciava à força física, ao empreendedorismo autoritário, em suma, às características tão bem reforçadas, naquele momento histórico, como atributo dos homens.

Como já visto, o declínio familiar dos Barreto na transição do Império para a República, acrescido da doença de João Henriques Barreto, impossibilitou o ingresso do escritor nas carreiras dominantes da época, como engenharia, medicina e direito. E, tampouco, Lima Barreto contou, depois de adulto, ou se dispunha a contar, com um capital de relações sociais que o colocasse nos ramos de trabalho de dominação – importante lembrar que tal período foi profundamente marcado pela estigmatização das aparências externas das pessoas como critério de mobilidade societária. Sendo assim, a carreira literária, mesmo socialmente posicionada como subjugada em relação às atividades bacharelescas desempenhadas pelos “home[ns] enérgico[s]”<sup>275</sup>, apontadas antes, apresentava-se como possibilidade de se evitar o rebaixamento social pelos deslocamentos socioespaciais que tal prática intelectual podia gerar.

Como bem salienta Sérgio Miceli, esse período se notabilizou por principiar o processo de especialização do trabalho intelectual no Brasil, pois ainda não havia, no momento, uma definição estrita de tal ocupação, o que, somado à dependência política, concorria para a fragilidade do ofício dos letrados. Em tais circunstâncias, sobre essa prática recaía a mesma dimensão simbólica que as ditas atividades femininas, ambas ainda relativamente destituídas de valor econômico<sup>276</sup>. Entretanto, a primeira tendia “[...] a adquirir um valor específico, de início indireta e depois diretamente econômico num estado ulterior entre as frações e entre as classes”<sup>277</sup>. Lima Barreto, como um dos muitos literatos daquele contexto de “feminização social” e encontrando-se na situação descrita acima, tinha ciência de que sua atividade como escritor era o caminho por meio do qual ele podia se deslocar da condição de ruína social em direção aos espaços reconhecidamente mais dignos e notáveis, através da criação de uma literatura guiada pelos princípios éticos nos quais acreditava.

A essa altura, importa lembrar que, concomitante à busca de seus ensejos, à realização dos combates que empreendia, ele assistia a outras lutas serem gestadas, como o alvorecer da mobilização das mulheres propagando a negação da dependência, a reformulação dos ideais

---

<sup>275</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p.275.

<sup>276</sup> MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na República Velha...*, op. cit., p.27.

<sup>277</sup> Id., loc. cit.

de domesticidade<sup>278</sup>. Para o pensamento delas e dele, convergiam expectativas e esperanças de porem termo às formas de opressão experimentadas.

A combinação das vontades em desestabilizar os códigos, em revisar as normas instituídas e em democratizar a inclusão das maiorias os assemelhava por sentirem sobre si o peso das censuras e preterições. Entretanto, tal aproximação, como já analisado, não despontou em Lima Barreto sua adesão irrestrita à causa das mulheres de seu tempo, pois, por um lado, ele era ciente das reais dificuldades pelas quais passavam algumas parcelas do contingente feminino, e, por outro, compartilhava das ansiedades e vulnerabilidades dos homens de seu período, ao perscrutar a operacionalização das primeiras conquistas feministas e, então, disparava críticas ao movimento, por ser, segundo ele, burocrático e centralizador.

### 2.3 A PRÁTICA DE ESCRITOR-CRÍTICO INSCRITA EM CARTAS PARA AS MULHERES ESCRITORAS

O balanço referente às questões diretivas de comportamentos sexuais traçado nas páginas anteriores auxilia na localização dos escritos de Lima Barreto no contexto de sua produção. E, em tal movimento, importa pensar que, em seu vasto painel de escritos, se espalham suas inúmeras reflexões críticas, apreensões e (re)leituras de variados acontecimentos ocorridos durante as duas primeiras décadas da República. Desse modo, não escapou de seu exercício literário a observação das tensões vividas por mulheres e homens cariocas daqueles agitados tempos, costurada com sua subjetividade em constante deslocamento. Nessa perspectiva, seus textos podem ser compreendidos como pistas da diversidade de forças que atravessaram seu corpo, cujos matizes foram acolhidos em sua escrita e permitem identificar os sentidos operados pelo escritor no agenciamento do “feminino”.

O olhar aguçado e a espreita atenta aos acontecimentos possibilitaram a Lima Barreto realizar, quando de sua passagem pela imprensa carioca, um momento fecundo nos periódicos em que participou. Sempre atualizando temas e opiniões quanto a questões nas quais estava envolta a cidade do Rio de Janeiro, seus moradores e visitantes, Barreto não deixou escapar, às suas análises, conteúdo tão premente como as questões femininas. Nesse sentido, o posicionamento do escritor a esse respeito foi perpassado pela transversalidade das forças

---

<sup>278</sup> GAY, Peter. *A educação dos sentidos...*, op. cit., p. 142.

operadas no momento da escrita, seja ela a jornalística, ficcional ou a sua escrita íntima, sendo o ponto onde é possível descortinar a sensibilidade barretiana quanto às ansiedades e temeridades masculinas em relação às mulheres nas primeiras décadas do século passado.

Em seu projeto de *pleitear recompensas* como escritor, Lima Barreto pode ter-se deparado com os obstáculos do *mandarinato* literário, contudo encontrou muitas opiniões acolhedoras e admiradoras de sua produção que auxiliaram a referendar sua opinião perante seus pares<sup>279</sup> espalhados nos mais recônditos lugares do País, fazendo do autor um escritor e crítico do trabalho literário de outros autores.

Em suas críticas, Lima Barreto sempre reivindicou atenção para a leitura dos escritores que lhe enviavam livros para apreciação, tornando-se um grande incentivador desses trabalhos, pois considerava justo pleitear recompensas, como a divulgação, na imprensa, também para aqueles que despontavam no cenário literário brasileiro. Atuando em discordância com a crítica conservadora, incentivava outros autores a se aventurarem na insubordinação às regras dos enlevos retóricos ou do tom intimista-confessional de influências parnasianas e românticas, respectivamente, ditadas pelas concepções estético-literárias dominantes.

Nesse sentido, em 1916, a escritora Albertina Bertha de Lafayette Stockler publica seu primeiro romance, *Exaltação*, e envia exemplar para leitura e crítica, ao que o autor de *Policarpo Quaresma* responde através de carta datada do dia 31 de dezembro do mesmo ano, na qual informa já ter lido a obra antes mesmo de receber a gentileza do oferecimento, e, após a releitura do livro, afirma considerá-lo “belo de linguagem”. Entre elogios e ressalvas nas impressões de leituras encaminhadas à romancista, o escritor escreve sobre o livro:

É mesmo carregado de beleza no que toca em efeitos verbais. Tôda vez que a senhora trata da natureza, no esplendor da natureza que nos cerca, mesmo na penteadinha dos jardins, eu encontro nas suas páginas uma grande correlação entre o objeto e a representação; mas (sem crítica) julgo que essa exuberância afoga a análise dos sentimentos quando se trata de explicá-los da mesma forma e dá não sei o que de artificial aos seus diálogos. O seu livro é bem um poema em prosa, e um poema de mulher, de senhora, pouco conhecedora da vida total, dos altos e baixos dela, da variedade de suas dores e das suas injustiças. Vivendo à parte, em um mundo muito restricto, a senhora muito naturalmente, não podia conhecer senão uma

---

<sup>279</sup> “[...] O escritor, o artista e mesmo o erudito, escrevem não apenas para um público, mas para um público de pares que são também concorrentes. Afora os artistas e os intelectuais, poucos agentes sociais dependem tanto, no que são e no que fazem, da imagem que têm de si próprios e da imagem que os outros e, em particular, os outros escritores e artistas, têm deles e do que eles fazem” (BOURDIEU, Pierre. O mercado de bens simbólicos. In: \_\_\_\_\_. *A economia das trocas simbólicas*. Organização de Sérgio Miceli. 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. p.99-181. p.108).

espécie de dor, a dor de amar; e dessa mesma, a senhora faz dela uma Exaltação.<sup>280</sup>

O missivista expõe, em sua congratulação à escritora, aspectos notórios de sua compreensão a respeito da atividade crítica literária, e, nessa direção, manifesta sua sincera admiração pelas vigorosas imagens que a narrativa do livro produzia nele, graças ao manejo das palavras da autora. Entretanto, o escritor-crítico sabia que tal recurso era uma prática recorrente em seu meio, por isso tem ressalvas e traz para a carta sua fina ironia ao observar sobre os *efeitos verbais* presentes no romance, numa clara sinalização para a romancista sobre sua indisposição contra os floreios verbais ainda tão apreciados e ao gosto da crítica majoritária regada no *parnaso*.

Do mesmo modo, seguindo sua orientação estético-literária, nutrida de aspectos sociológicos, ele chama a atenção da escritora para que, ao praticar sua literatura, não faça do uso da narrativa intimista-confessional um mero cumprimento das regras do gosto dominante, mas que ponha ali, além de sua *exuberância* verbal, seus *sentimentos*<sup>281</sup>. Momento em que, novamente, usando de sua *opinião sincera*, escreve que respeita “o limite do direito de amar”<sup>282</sup>, que a autora defende e, nesse movimento, aproveita a carta para ratificar a diferenciação entre sua ampla compreensão *de amar* e a da romancista:

Se há quem tenha a respeito teorias mais radicais sou eu; mas minha senhora [...] eu não me sento na minha modesta mesa para escrever sem que pense não só em mim, mas também nos outros. O que há de pessoal nos meus livros (vou adiante da objeção) interessa a muita gente e isso, penso eu, me desculpa.<sup>283</sup>

Lima Barreto claramente utiliza os argumentos para expor para a interlocutora sua própria diferença enquanto escritor no cenário das artes literárias brasileiras naquele momento em que ambos viviam. Desse modo, alicerçado no pensamento de Guyau, ele realiza a defesa de seus livros pontuando seu permanente empenho em fazer uma literatura em constante

<sup>280</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p. 284.

<sup>281</sup> Em 26.10.1920, o Jornal *Gazeta de Notícias* publica artigo em que Lima Barreto comenta o livro *Estudos*, de Albertina Bertha, recém-publicado por ela. Em seu comentário, o crítico versa sobre a obra e espírito da escritora, “[...] um dos mais perturbadores temperamentos literários” surgidos. Barreto acumula elogios à ilustração e inteligência de Bertha. Entretanto, sobre o primeiro romance dela escreve: “[...] a autora do *Exaltação*, com auxílio de leituras de poetas e filósofos, construiu um castelo de encantos, para seu uso e gozo, movendo-se nêlo soberanamente, sem ver os criados, as aias, os pajens e os guardas”. A visão literário-sociológica do escritor, apesar da “muita admiração” pelo talento da escritora, não lhe permitem deixar de expressar sua “paixão”, por isso solicita perdão, uma vez que “[...] a autora melhor do que [ele] sabe que” isso é decorrente de “[...] quando se tem opiniões sinceras” (BARRETO, Lima. *Estudos*. In: \_\_\_\_\_. *Impressões de leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 117-122).

<sup>282</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p. 284.

<sup>283</sup> Id., loc. cit.

diálogo com o contexto social e com as questões abrangentes da realidade circundante tanto de produtor quanto de leitor. Assim, através de tais argumentos, ele reitera sua dissensão em relação ao panorama *maior* e inscreve, na narrativa epistolar, seu lugar de escritor-crítico diferente. Apesar do tom respeitoso e sincero, o peso da argumentação lançada pelo crítico não diminui sua cautela em relação ao trabalho da autora do *Exaltação*, que parece decorrer do fato de ele compreender a formação e a origem dela, como supostamente passíveis de restringir suas visão de mundo e compreensão estética.

A ressalva em relação à formação de Albertina Bertha dizia respeito à crítica generalizada que Lima Barreto dirigia à sociedade burguesa em curso na República brasileira, com seu repertório de mudanças que dissolvia antigos modos de viver entre as pessoas em nome da adoção de um novo ideal que, igualmente à situação anterior, não contemplava a inclusão das maiorias, mas fazia proliferar todo um sistema inibidor das mobilidades delas, seja pela institucionalização das burocracias, ou pelo apagamento das individualidades particulares em nome do respeito às hierarquias impostas. Panorama este em que se iam consolidando os ideais burgueses de supervalorização do trabalho, da privacidade, do autocontrole das emoções, do amor à beleza, da parcimônia nos gastos familiares e, acima de tudo, a colocação da figura feminina no lugar social de única responsável pela obrigação do recato, pelo cumprimento da fidelidade conjugal e pela condução de tais valores perante a família.

É certo que a emergência de tais valores decorreu das profundas mudanças ocorridas no mundo no século XIX, que trouxeram muitas preocupações às pessoas. Os grupos médios, sobretudo, vivendo as tensões de não pertencerem nem à aristocracia, nem aos extratos mais baixos, em tentativas de contenção de suas ansiedades, produziram todo um conjunto de reações, traduzido em um modo de vida diferente daqueles dos grupos dos quais eles eram os intermediários, para empreender formas que lhes permitissem se estabelecer num patamar societário estável, evitando-se, assim, situações de tormenta e de rebaixamento social.

Esse novo estilo de vida burguês acabou por prevalecer perante os demais e se espalhou pelos quatro cantos, não sem encontrar um vasto número de detratores de tal fenômeno. No livro *Guerras do Prazer: da rainha Vitória a Freud*, o historiador Peter Gay chama a atenção para o fato de que muitas dessas críticas construídas sobre os burgueses acabaram por se constituir numa forma generalizada de compreensão do mundo burguês e, de algum modo, redutora das complexidades e gradações existentes em tal universo<sup>284</sup>. Como

---

<sup>284</sup> GAY, Peter. Experiências burguesas, burguesófobos. In: \_\_\_\_\_. *Guerras do Prazer: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.35-57.

visto até aqui, Lima Barreto era um crítico da sociedade burguesa de seu tempo e tinha fortíssimas razões para sê-lo, mas as motivações para suas desaprovações parecem, também, ter conduzido seu olhar cauteloso de escritor-crítico, e gerado o afunilamento da interpretação do livro *Exaltação*.

Nessa perspectiva, a fim de não se cometer nenhuma levandade em tal sugestão, é importante trazer para a cena as origens da romancista carioca: Albertina Bertha era de família importante no Rio de Janeiro, filha do Conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira e de D. Francisca de Freitas Coutinho Lafayette. Recebera refinada instrução como era comum às mulheres de origens abonadas: com orientação de professora particular, aprendera alemão, estudara Estética e Filosofia e, ao longo de sua formação, contou com muita influência da literatura parnasiana. Esse arcabouço intelectual, o gosto pela leitura e ainda a restrição de horizontes públicos profissionais para as mulheres de sua condição socioeconômica contribuíram para que ela enveredasse por uma carreira socialmente demarcada como feminina, assim, o trabalho literário se apresentava como uma promissora oportunidade para ela.

No mundo da escrita, a produção romanesca de Albertina Bertha publicada inclui, além de *Exaltação*, o romance *Voleta* (1926) e outro de 1948, *E ela brincou com a vida*<sup>285</sup>. Em *Exaltação*, a romancista narra a situação da personagem Ladice – um bela moça instruída e de elevado padrão social – cujo espírito exaltado a faz entrar em conflito com os valores impositivos da submissão feminina aos lugares sociais estabelecidos. A inquieta inteligência de Ladice acena para sua atitude insubmissa de negação ao cumprimento do destino imposto ao seu sexo. Dentre outras inquietações, Ladice esperava ao menos pela conquista do direito a poder se casar com quem quisesse, por livre escolha. Contagiada pelas leituras de Flaubert e Maupassant, ela sonhava com um enlace amoroso no qual pudesse se libertar dos desacordos angustiantes entre sua mente contestadora e a educação recebida.

Entretanto, a tentativa de ruptura da personagem com o destino traçado para ela esbarra na moral conservadora que ainda não lhe permitia tamanha ousadia, fazendo-a conter a desobediência na sujeição ao renomado noivo, Dr. Francisco Everardo de Assis, escolhido pela mãe dela, a baronesa de Santo Hilário. O romance segue ainda relatando o drama

---

<sup>285</sup> Para saber mais sobre a trajetória da escritora e ensaísta Albertina Bertha, ver: MARTINS, Anna Faedrich. *O romance de introspecção no Brasil: o lugar de Albertina Bertha*. 2009. 110f. Dissertação (Mestrado em Letras)-Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/4219/1/000421737-Texto%2BCompleto-0.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2014.

existencial de Ladice, dividida entre o matrimônio por conveniência, que não podia romper, e o amor proibido que sentia pelo amante Teófilo Fernão de Almeida.

Nas impressões de leitura de *Exaltação*, Lima Barreto atribui à autora uma suposta visão exígua das amplas oscilações da vida, condicionada pelo fato de ela viver num universo feminino, “à parte e restricto”, conforme sugerido na carta enviada para Albertina Bertha. A sinalização sobre o espaço habitado por ela, realizada pelo missivista como uma espécie de explicação da compreensão dele sobre o suposto olhar restrito que ela lança sobre o mundo, não deixa de ser a exposição de certo grau de misoginia do escritor-crítico para com a escritora.

Todavia, cabe lembrar que trazer à cena tal aspecto, na interpretação da postura do escritor, não significa tomá-lo como absoluto, mas de sugerir que, em Barreto, os traços de sua misoginia são funcionais, são reações afloradas do fluxo dos afetos das situações e vivências experimentadas nos diversos espaços por onde o escritor circulou. Nessa perspectiva, sua forma de posicionar a escritora aciona elementos de sua subjetividade no que se refere à sua visão sobre as parcelas femininas das camadas altas e médias do seu tempo, com todos os atributos instrutivos de aprendizado de prendas sociais direcionados a elas que, para ele, redundavam na ratificação da desigualdade entre todas as mulheres. Sendo assim, ele duplamente “limita” a visão de Albertina Bertha, por ela ser mulher e por pertencer às camadas privilegiadas.

Não que ele não abominasse as formas de formatação das pessoas, longe disso, o escritor era avesso, como visto aqui, aos mecanismos de submissão e privação dos horizontes femininos, sobretudo os das mulheres populares. Nessa direção, ele se solidariza com a condição feminina da romancista e chama-lhe a atenção para que busque produzir uma obra para além das dores *de amar*, para ultrapassar as concepções do gosto burguês e poder se comunicar com outras vozes sociais além das circunscritas a ela. Em tal expectativa, escreve: “[...] com tão belos dotes de estilo, com tanto vigor de imagens, com língua tão quente e firme, com tanta beleza verbal, eu espero ver desdobrar-se a vitoriosa autora de *Exaltação* em uma George Sand ou em uma George Eliot, nesta principalmente”<sup>286</sup>.

Tão grande anseio por parte do crítico não o exime de restringir a visão da romancista ao “seu lugar” de mulher burguesa. Na expectativa em relação ao trabalho da escritora, o escritor-crítico defensor do ideal de coletividade é reticente quanto à possibilidade de

---

<sup>286</sup> As escritoras europeias do século XIX são referências no pensamento em defesa dos direitos da mulher a partir da literatura feminina, na medida em que, em suas escritas e trajetórias, ambas sugeriram e defenderam a emancipação das mulheres das tradicionais prescrições morais impostas a elas (BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p. 285).

individualismo burguês presente no romance, por isso acentua que há *dores* maiores na vida que as *de amor*, como uma espécie de sugestão para ela trabalhar outros temas em sua literatura, algo talvez mais próximo dos do próprio interesse e empolgação dele.

Nesse sentido, teme ainda que o teor dos aspectos “femininos” postos no livro lance luz apenas sobre características estritas ao mundo da autora, o de mulher que, dada a sua condição material privilegiada, “não conhece” outras *espécies de injustiças* como as que são vivenciadas por mulheres de outros estratos sociais. Nessa reserva, o olhar barretiano restringe a solidariedade com as injustiças alheias à necessidade de ter de se sofrer das mesmas dores e opressões para entendê-las.

Os argumentos utilizados pelo escritor-crítico missivista podem auxiliar na compreensão da autorrepresentação que Lima Barreto constrói para Albertina Bertha, e nela se expõe o retrato de um leitor conhecedor da literatura produzida por mulheres, tanto a de sua interlocutora como de autoras estrangeiras. Por essa trilha, o escritor faz uso de retóricas nas quais se tocam os expedientes de gênero e classe em sua narrativa, fazendo funcionar, assim, a reiteração da diferenciação de sua literatura e de seu nome de autor no cenário das letras do País. Por meio de tais expedientes, ele acentua sua busca de reconhecimento pela peculiaridade de seus escritos e sua recusa a ser considerado um escritor “marginal” pelo tipo de literatura que produz.

E, nessa circunstância, o autor se depara com Albertina Bertha Stockler, ambos exercendo uma carreira dominada, dominados também em outros setores, ele, por ser dissonante nas letras do gosto hegemônico, na cor da pele, na condição econômica, e ela, por ser mulher. Todavia, é por meio do trabalho literário que Barreto busca se deslocar entre as fronteiras, fissurar os lugares sociais aos quais estava prescrito e, nessa medida, então, como uma espécie de ratificação de reserva de um lugar de destaque para si, de driblar qualquer possibilidade de seu rebaixamento, ele acaba por acentuar os aspectos da influência parnasiana e os atributos femininos na literatura da escritora, em comparação com a sua produção literário-sociológica.

E, ao trazer à baila nomes de autoras femininas como fonte de inspiração para ela, reforça não apenas as diferenças entre as motivações das criações deles dois, mas também suas diferentes visões consecutivas de suas condições de gênero. Desse modo, ele parece simplificar a perspectiva de interpretação da obra de Stockler que, mesmo ainda não sendo

uma George Eliot, ao modo dela, também, com sua escrita feminina, despontava nas letras do País <sup>287</sup>.

Lima Barreto, em suas impressões de leitura, como não poderia deixar de ser, tratou de apontar caminhos para a escritora, com base em suas concepções estético-literárias, mas sua interlocutora e admiradora, Albertina Bertha Stockler, era também uma habilidosa no uso das palavras para expor seus próprios posicionamentos, como é possível se perceber mais adiante.

A resposta ao escritor-crítico é enviada por ela, de Barbacena, somente em 26 de novembro de 1917. No pedido de desculpas pelo atraso, ela argumenta sobre a especificidade da carreira intelectual cujas características tornam a vida dos que a ela se dedicam cheias de imprevisibilidade, errância e fugacidade, daí a necessidade de atendimento a muitos compromissos e afazeres do ofício, multiplicidade que muitas vezes obriga a priorização de alguns trabalhos em detrimento de outros. Apresenta, assim, argumentos que, por si só, justificam a demora em responder à carta com as impressões de Lima Barreto sobre o romance.

Entretanto, tais argumentos vão mais além e, ao expor as razões decorrentes do adiamento da correspondência, Albertina Bertha Stockler contra-argumenta a impressão do crítico de que ela vive num mundo *restrito*, “especial”, sem conhecer dores diferentes das *de amar*. Insatisfeita com a análise dele, porém muito respeitosa, a romancista realiza o desenho de si mesma para o destinatário:

Diz-me que, vivendo à parte [...], hei de simplificar a vida e só conhecer uma espécie de dor [...].

Talvez; sei apenas que há dias a minha alma traz as sete dores: dores cruciantes, estéreis, lívidas, sem lágrimas, sem consôlo, sangüíneas.

E a vida chega a mim através da beleza do lirismo, dos apogeu; na miséria, na angústia, no sofrimento, na agonia extrema, eu diviso o heroísmo, a abnegação, a paciência, o sacrifício, a resignação ou então o ríctus satânico da grande tragédia.

Ah, bem sei que transformo a realidade, que a doiro apesar da minha visão física, que a não descrevo com minúcias, com detalhes de verdade, que a dignifico, que a elevo, que minto...<sup>288</sup>

---

<sup>287</sup> Albertina Bertha também efetuou sua contribuição na imprensa escrevendo para os periódicos *O Jornal*, *Jornal do Comércio*, *O País*, *O Malho*, *A Noite*, a *Panóplia*. Participou ainda como membro nas agremiações literárias: Academia de Letras de Manaus, Sociedade Homens de Letras, nesta última adentrou conduzida por Olavo Bilac, um admirador de seu trabalho (MARTINS, Anna Faedrich. *O romance de introspecção...*, op. cit., p.45).

<sup>288</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p. 285-286.

Os contra-argumentos da romancista colocam em suspeição a imagem dela realizada pelo missivista, ao apresentar para ele as *dores* trazidas em sua alma, e não apenas asseguram a vastidão de seu mundo, bem como apresentam sua habilidade artística de metamorfosear a *realidade*. Aos modos de alerta à aspiração do escritor-crítico em transformá-la numa “sacerdotisa”<sup>289</sup> da literatura, a comungar dos mesmos ideais literário-político-sociológicos dele, ela lhe conta sobre suas *mentiras* literárias para trazer à lembrança do missivista a existência de outros olhares artísticos, ancorados também em seus lugares de gênero, e faz isso indagando-o polidamente: “Compreende agora porque nunca conseguirei tornar-me o eco fiel e exato das cousas onde meus olhos batem?”<sup>290</sup>.

A indagação de Albertina Bertha traz para sua carta a comprovação de que tanto ela como o autor de *Clara dos Anjos* executam, em suas impressões de leitura, artigos publicados em jornais, revistas, livros escritos e demais textos, a recriação de suas próprias biografias. Se, no comentário dela, descortina-se sua autobiografia, o comentário crítico feito por Lima Barreto à romancista também é a iluminação do próprio projeto de vida a que se dedicou o escritor, é a prática da reconstrução de “sua vida no interior dos textos que lê”<sup>291</sup>.

Na continuidade da missiva, a autora de *Exaltação* tece elogios ao escritor, evidencia os traços literários “humoristas” que admira nos textos de Lima Barreto cuja leitura a faz “sorrir sempre”, linhas onde ainda aproveita para falar da analogia identificada por ela entre *Policarpo Quaresma* e *Tristram Shandy*, de Laurence Sterne. Entre os dois livros, Albertina Bertha eleva o trabalho do romancista brasileiro, pois a leitura do *Quaresma* a encanta, graças ao estilo posto na obra por Barreto, “[n] a justa medida e limite necessário”, evitando assim “o ridículo do sorriso se desfigurar em gargalhada”<sup>292</sup>.

Os argumentos e opiniões de Albertina Bertha demonstram traços do posicionamento firme da escritora na reelaboração do próprio retrato junto à opinião de Lima Barreto, bem como na exposição de sua opinião comparativa em que reconhece a primazia do autor de *Policarpo Quaresma*. Na dupla atividade de contraposição e admiração, evidenciam-se

---

<sup>289</sup>Lima Barreto escreve ter lido em Carlyle que “[...] a literatura é um perfeito sacerdócio”, para justificar sua concepção literário-sociológica e que, por isso, seus textos têm a função de servir a *outros*, além dele próprio. (BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p. 284).

<sup>290</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p. 286.

<sup>291</sup> Segundo Ricardo Piglia (*O laboratório do escritor*): “[A] crítica [...] é uma das formas modernas [...] da autobiografia [...]. Uma autobiografia ideológica, teórica, política, cultural. E digo autobiografia porque toda crítica se escreve a partir de um lugar preciso e de uma posição concreta. O sujeito da crítica costuma estar disfarçado pelo método (às vezes o sujeito é o método), mas sempre está presente, e reconstruir sua história e seu lugar é o melhor modo de ler a crítica. A partir de onde se critica? A partir de que concepção de literatura? A crítica sempre fala disso” (apud OLIVEIRA, Fátima Maria. *Correspondência de Lima Barreto...*, op. cit., p.71).

<sup>292</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p. 286.

aspectos não de subserviência da romancista ao “escritor eminente”<sup>293</sup>, mas de segurança ao se dirigir ao crítico. Em sua atitude perspicaz, Albertina Bertha faz validar a paridade entre escritora e escritor, estando ela ciente de que ambos são sabedores da relação de interdependência entre *si*. Nesse sentido, como intelectuais que são, dependem tanto de suas próprias imagens elaboradas quanto das imagens criadas por seus parceiros de profissão<sup>294</sup>, sobretudo daqueles cuja opinião lhes interessa. Se ela vivia em um *mundo restrito*, este não era apenas o mundo feminino burguês, mas o da intelectualidade, mundo em que o escritor-crítico tão bem conhecia e no qual ela se dirigia a ele em pé de igualdade na mesma gramática.

A troca epistolar entre Lima Barreto e Albertina Bertha permite visualizar, como se tentou demonstrar nos trechos anteriores, a ambivalência do escritor em relação às mulheres nos espaços de seu convívio. E, do mesmo modo, desnudar a coerência do escritor com as concepções ético-estético-literárias defendidas por ele. Daí sua precaução quanto ao estilo da escritora, influenciado pelo parnasianismo que o faz, sutilmente, sugerir para ela – de acordo com sua concepção de literatura – o rompimento com os cânones vigentes.

Sobre isso, o escritor sempre procurou manter-se coerente para proceder em sua carreira literária, orientando-se e orientando os jovens autores que solicitavam as suas impressões de leituras dentro dos princípios literários que abraçava. Ao longo de sua existência, ele assistiu a várias formas de cerceamento dos comportamentos, das práticas e formas de expressão das pessoas e sempre procurou desmobilizar as forças que faziam esse sistema funcionar. Com essa motivação, manteve a esperança de que seus pares na carreira intelectual se juntassem à insubordinação contra os grilhões opressores das liberdades criativas. A esse respeito, a minuta de carta de 1915, enviada para Gilka Machado – a resposta da escritora, infelizmente, não consta nos volumes de correspondências do autor –, é um importante painel para se observar como os textos distanciados das convenções conservadoras o empolgam e o estimulam em sua atividade de crítico-incentivador de outros escritores. Por ocasião do lançamento do livro de poesias de Machado, *Cristais Partidos*, Lima Barreto escreve a ela:

Leio pouco versos, especialmente os dos poetas mais ou menos da minha idade, pois, com raras exceções, vivem a esconder a falta de emoção, de *élan* artístico, num *fatras* de termos rebuscados, empregando mezinhas poéticas (talvez legítimas em França), mesmo quando eu me converta aos mais perfeitamente *demodés* dos nossos dias. Fujo deles para não embotar de

<sup>293</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p.286.

<sup>294</sup> BOURDIEU, Pierre. O mercado de bens simbólicos. In: \_\_\_\_\_. *A economia...*, op. cit., p.108.

todo no seu malabarismo vocabular e ausência de imaginação. Li, minha senhora, o seu livro todo [...]. O seu temperamento [...], é inteiramente outro; e foi por compreendê-lo bem, que admirei muito de sua inspiração, a sua completa independência de moldes, dos velhos “cânon”, e a sua audácia verdadeiramente feminina. Quero crer que há nos seus versos novidade, novidade de pensamentos, de emoção diante das cousas e dos angustiosos problemas do nosso destino. E se o meu fraco e desautorizado juízo é verdadeiro, não há como não lhe dar parabéns pela estréia, pois num autor novo o que se pede, sobretudo o que se pede é novidade.<sup>295</sup>

Em suas palavras iniciais, o escritor-crítico faz questão de desenhar para a autora seu próprio perfil de leitor, e, em tal desenho, indica os motivos de sua pouca leitura em *versos* naquele momento em que viviam, pois os poetas de sua geração dissimulavam a emoção artística enfeitando seus versos com o uso de *termos rebuscados*. Nesse sentido, reconhece a *novidade* de *Cristais Partidos* que considera, sobretudo, uma amostra do trato independente de moldes no uso da linguagem e da honesta emoção sobre as amplas questões humanas colocadas por Gilka Machado em seu livro. Desse modo, escreve incentivos para ela continuar produzindo sua arte nessa direção, desmobilizando as convenções e transformando o panorama da poesia brasileira, operação salientada por ele como sendo típica da *audácia verdadeiramente feminina* da autora.

Nessa felicitação à atitude *audaciosa* da poetisa Gilka Machado, Lima Barreto dá pistas de sua elaboração de perfil feminino que merece seu respeito e consideração. Nessa perspectiva, sugere em suas palavras que as ousadias femininas deviam solicitar as quebras das convenções opressoras de seu amplo universo, uma vez que elas submetiam as mulheres a condições desiguais não apenas sexuais, mas também socioeconômicas e culturais.

A elaboração dessa perspectiva feminina barretiana permite pensar sobre o posicionamento do escritor na interlocução com Albertina Bertha, na qual se desvelam suas ressalvas quanto ao mundo feminino das camadas altas e médias, consecutivas da redução da multiplicidade das dores presentes no livro da romancista. Posicionamento que a autora de *Exaltação* soube captar e, com sutileza, usou suas palavras como que para adverti-lo a não restringir a própria visão sobre outras trilhas possíveis de se lutar contra as exclusões, a levar em consideração a existência de outras histórias, trajetórias e sensibilidades femininas entre as mulheres de sua classe, para além das imagens embaçadas que o escritor tinha a tal respeito. Demonstra, assim, sua sensibilidade “de mulher”, sua não passividade e não subserviência, mesmo diante do grande escritor que tanto admirava.

---

<sup>295</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op. cit., v.1, p. 260.

Em suas cartas para as escritoras, igualmente como acontece no amplo conjunto de seus textos, perpassam as ambivalências e a subjetividade mutante do autor, decorrentes das intensidades dos encontros experimentados por ele ao longo de seu percurso literário.

Em tais momentos, muitas vezes ocorreu a parada do fluxo dos afetos sentidos por Lima Barreto e, nessas ocasiões, os espaços em que ele situou “suas mulheres” foram os pontos fixos e estacionados, sem a mobilidade delas para além dos lugares socialmente prescritos para as mulheres de seu tempo. Deu relevo, assim, a desenhos de mulheres submissas, aviltadas ou de inteligência limitada, com características muito próximas às das “naturais da essência” feminina concebida pela visão de mundo dominante sobre elas.

Em outros momentos, quando deixou fluir os afetos, Lima Barreto distribuiu em sua narrativa figuras femininas nascidas de suas cartografias desejan<sup>296</sup> de realizar outra geografia do mundo feminino, e, nessa direção, “suas mulheres” são desenhadas em deslocamento, fissurando, em certa medida, as fronteiras dos lugares sociais impostos às mulheres no momento em que produziu sua obra.

Nessas construções, ele as faz engendrar, na domesticidade forçada, os elementos com os quais elas rasuravam os “destinos” prescritos e engendravam novos modos de existir. Pontua, assim, seus textos com figuras femininas entreamadas de muitos aspectos positivos, como os da lutadora e ativa Margarida Weber Pestana, da sensível e solidária Olga Coleoni Borges e da inteligente e prática Edgarda Cogominho de Castro dos romances *Clara dos Anjos*, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e *Numa e a Ninfa*, respectivamente, personagens nas quais se deterá o estudo a ser empreendido no próximo capítulo.

---

<sup>296</sup> Conforme Gilles Deleuze e Claire Parnet: “O desejo é o sistema de signos a-significantes com os quais se produz fluxos de inconsciente no campo social. Não há eclosão de desejo, seja qual for o lugar em que aconteça, pequena família ou escolinha de bairro, que não coloque em xeque as estruturas estabelecidas. O desejo é revolucionário, porque sempre quer mais conexões, mais agenciamentos” (apud ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2011. p. 29). De acordo com Suely Rolnik, o desejo se constitui tanto no “processo de produção de universos psicossociais”, quanto no “próprio movimento de produção desses universos” (Id., *ibid.*, p.31).

### 3 MULHERES BARRETIANAS NAS FRONTEIRAS DA DOMESTICIDADE

#### 3.1 *SOU EU MESMA, MINHA SENHORA*

As implicâncias de Lima Barreto quanto às “mulheres emancipadas” do Rio de Janeiro o fizeram empreender esforços na produção de figuras femininas, em sua ficção, sobretudo, distantes das práticas que observava e criticava no feminismo em curso. Tal esforço se vinculava também às tentativas do escritor em realizar uma literatura diferente da do gosto dominante ditado pela oficialidade literária.

Nessa busca, Lima Barreto procurou transmutar a realidade experienciada criando “suas mulheres” na conexão com os princípios éticos nos quais se empenhara desde quando irrompera no cenário da escrita. Sobretudo porque em seu ideal cultivado de arte, acreditava que os espectadores de produções literário-sociológicas como as que ele escrevia, ou as de outros escritores de mesmo horizonte de expectativas comuns ao seu – graças à confiança que devotavam em seus fazeres artísticos e na esperança de diminuir as desigualdades na distribuição de oportunidades –, poderiam transformar os próprios modos de existência, a partir da elaboração de mecanismos capazes de fazerem-nos resistir às situações de negação e isolamento em que muitas vezes eles se encontravam, conseguindo dos nexos estabelecidos entre as leituras dos textos e do mundo concreto ao redor<sup>297</sup>.

Desse modo, o escritor buscou criar novas possibilidades do mundo feminino, capazes de promover a transformação dos códigos morais vigentes, nesse movimento, realizou a saída para *fora* de *si*. Tal operação, efetuada por ele, permite aproximar o estudo de seus textos, da apreensão dos mesmos, construída, por Osman Lins em *Lima Barreto e o espaço romanesco*. Para esse estudioso, os traços marcadamente autobiográficos presentes nos escritos barretianos se constituem em recursos narrativos, pois sua obra, “é *toda ela* voltada para fora, para o mundo imediato e concreto”.<sup>298</sup> Nessa perspectiva, o romancista construiu personagens

<sup>297</sup>Tatiana Salem Levy, ao discutir sobre a experiência do *fora* no pensamento do filósofo Gilles Deleuze, escreve: “Abrir o pensamento ou a arte para as forças do fora significa chamar a vida à transformação, colocar em prática estratégias de resistência [...], fazer do pensamento e da arte verdadeiras máquinas de guerra. [...], para resistir é preciso acreditar neste mundo, ou antes no outro mundo, ‘que faz deste mundo um outro’. [...]. O filósofo e o artista são médicos da cultura, aqueles que diagnosticam o que na realidade não se pode mais tolerar e que necessita ser transformado” (LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do fora*: Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p.136).

<sup>298</sup> LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976. p.29.

que, se não romperam totalmente com os estereótipos dominantes, em alguma medida, ao menos, conseguiram abrir fendas nas fronteiras dos lugares sociais prescritos para as mulheres no transcurso de sua produção.

Nessa perspectiva, uma das figuras em deslocamento com as restrições normativas, que compõe a galeria das mulheres da ficção barretiana, é Margarida Weber Pestana, personagem do romance *Clara dos Anjos* que, em oposição aos perfis de Clara e Engrácia dos Anjos, é uma mulher ativa, de temperamento disposto e uma lutadora, que garantia sozinha o sustento familiar com os rendimentos de seus trabalhos manuais.

Dona Margarida, como informa o narrador do romance, nasceu na Rússia, sendo filha de pai alemão e mãe russa, ficou órfã de mãe antes dos dezesseis anos, tempos depois, a família Weber emigrou para o Brasil em busca de novas possibilidades de vida. Em terras brasileiras, o pai dela foi contratado para integrar os postos de trabalho da construção civil, especialmente nas obras da Candelária, onde, como “operário fino”, quase como um esculpidor, finalizava a igreja com revestimentos em mármore. Enquanto isso, Margarida administrava a pensão que montara na Rua da Alfândega e que funcionava também como local de vendas de refeições para os muitos trabalhadores das redondezas. Dentre os que se alimentavam por lá, o tipógrafo mulato Florêncio Pestana, despertou o interesse dela, evoluindo para a afeição mútua e, mais adiante, para o casamento entre os dois<sup>299</sup>.

A origem estrangeira de Margarida Weber, suscita uma questão interessante a respeito desse atributo da personagem, provavelmente tal característica se relacione a aspectos do convívio de Lima Barreto com as mulheres brasileiras entre os dois universos por onde ele circulou: o doméstico – e sua circunscrição, com familiares e vizinhas –, e o extradoméstico, particularizado nas mulheres do universo burguês que frequentou desde os tempos de estudante<sup>300</sup> e já homem feito em sua trajetória de literato.

A dupla experiência do escritor nesses espaços, aliada às (re)leituras de autores e da realidade concreta que fazia, provavelmente contribuíram para Lima Barreto projetar um tipo de mulher distante dos dois referentes conhecidos, daí talvez, os aspectos femininos

<sup>299</sup> BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Penguin Classics: Companhia das Letras, 2012. p.127-128.

<sup>300</sup> Em carta de 15.10.1911, enviada por Lima Barreto ao jornalista Esmaraldo de Freitas, em agradecimento a artigo desse último, a respeito de seu *Isaías Caminha*, publicado na imprensa do Recife, o missivista serve-se de argumentos nos quais trata de esclarecer a seu interlocutor as motivações que o levaram a escrever e publicar o livro, em seguida, aponta o que considera seu suposto “defeito” como escritor e romancista no referido romance: a “pobreza de mulheres” posta nele, em tal movimento, escreve: “Para explicar-lhes êsse meu desintêresse pelo sexo feminino, seria preciso explicar-lhe a minha vida doméstica, no colégio interno, na Escola Politécnica, porque (é um elemento) [...]. Essa explicação não atenuaria o defeito e talvez não lhe interessasse. Eu ainda teria muito que lhe dizer, mas temo falar muito de mim” (BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op.cit., v.1, p.239).

admiráveis sobressalentes em dona Margarida Weber Pestana, de origem estrangeira e humilde, porém, certamente instruída o suficiente para não se deixar curvar totalmente à incoerência entre sua condição de mulher pobre e as restrições burguesas impostas aos indivíduos, cujo predomínio da dominação se dava sobre as pessoas de seu sexo.

A atribuição da natividade russa, a ela, pode ser sucessiva também da simpatia do escritor pelas ideologias socialistas disseminadas na Rússia – decorrentes da apreensão dele sobre as concepções bolcheviques<sup>301</sup>, impressas nos livros lidos e nos jornais que traziam informações sobre aquele país comunista –, bem como do repertório experiencial do escritor, adquirido no convívio com as mulheres brasileiras que, o impulsionavam a transformar a realidade e a construir outros mundos femininos em sua ficção.

Feitas tais considerações, é importante dar prosseguimento ao estudo da personagem de dona Margarida Weber. Como dito antes, ela se casou com Florêncio Pestana e, dois anos após o casamento, já mãe de um menino chamado Ezequiel, perdera o marido vítima de tuberculose e, pouco mais de um ano depois, o pai dela também se fora, vitimado pela febre amarela. Com filho pequeno para criar, ela seguiu administrando a pensão por um tempo, mas acabou por se desfazer do negócio e, com o dinheiro da venda da casa, comprou uma outra, pequena, nos subúrbios, na qual passou a ser vizinha da família do carteiro Joaquim dos Anjos.

Tão logo se instalaram nos subúrbios, dona Margarida e Ezequiel passaram a viver do pequeno criatório de aves montado por ela e, principalmente, da renda obtida com os serviços de agulha que praticava, ao bordar e costurar para fora. Nessa jornada, a russa de “temperamento de heroína doméstica”<sup>302</sup> sem poder contar com o apoio moral ou econômico de parentes, ia garantindo, sozinha, a própria existência e a do filho com dignidade.

Nas primeiras décadas do século passado era muito comum que mulheres viúvas pobres, enredadas pelas necessidades materiais, ou por suas supostas faltas de proteção, por se encontrarem nessa condição, terminassem, muitas vezes, se sujeitando aos domínios de um novo companheiro. Claro que na tomada de tal decisão pesava o fato de ter alguém para diminuir o peso da ausência do falecido marido, bem como ter alguém para contar na hora da divisão das despesas econômicas<sup>303</sup>. Mas, tal expediente era, sobretudo, um forte indício da universalização da impossibilidade de autonomia feminina difundida e operacionalizada pelas

---

<sup>301</sup> Lima Barreto foi simpático não apenas à ideologia bolchevique, mas também, das ideias anarquistas. O escritor colaborou em periódicos da imprensa operária anarquista do Rio de Janeiro e São Paulo. E foi também, um voraz leitor de escritores russos como Dostoiévski, Tolstói, dentre outros.

<sup>302</sup> BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos...* op. cit., 2012, p.127.

<sup>303</sup> VASCONCELLOS, Eliane. *Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

convenções da moralidade sexual sobre esse universo, cuja eficiência foi inculcada nas amplas visões e instâncias sociais a ponto de tantas mulheres, privadas de participação nos espaços públicos, se sentirem realmente incapazes de conseguirem sobreviver se não fossem tuteladas por uma figura masculina, principalmente, porque, a perversidade de tal sistema dificultava a mobilidade delas para longe das posições dominadas que ocupavam nos espaços privados.

Lima Barreto não situa dona Margarida Pestana como uma mulher ocupante dos espaços públicos, ela transitava nesses ambientes muito mais por força de suas atividades profissionais, para comercializar os bordados e costuras que confeccionava em casa, entretanto, ela é uma personagem construída de modo a esmaecer os códigos morais da oficialidade. Depois de viúva, não se casou ou amasiou com outro homem, e tampouco cogitava fazê-lo e, ao que parece, era uma escolha própria continuar em seu estado de viuvez, pois como sugere seu histórico delineado aqui, Margarida era uma mulher acostumada a deliberar decisões no universo no qual estava inserida, seja dirigindo a antiga pensão ou a “casita” dos subúrbios na qual, com seus serviços de dona-de-casa, e os de bordadeira e costureira, supria as necessidades materiais dela e as do filho.

Se do seu canto, dona Margarida Pestana ia demarcando sua posição de mulher ativa e economicamente “independente” perante a vizinhança, de outro, também convivia com a necessidade de ter que, ela mesma, sair em defesa do pequeno patrimônio que possuía, ou de sua reputação moral contra o risco de assédio sexual que rondava as mulheres desprovidas de protetores homens, como ela<sup>304</sup>. Sua relativa autonomia a esse respeito contrariava as expectativas sobre as mulheres previstas nos discursos científico-morais vigentes nas duas primeiras décadas do século passado. Como é possível se visualizar no ilustrativo episódio narrado a seguir:

O senhor Ataliba do Timbó deu em certa ocasião em persegui-la com ditinhos de amor chulo. Certo dia, ela não teve dúvidas: meteu-lhe o guarda-chuva com vigor. À noite, no intuito de defender as suas galinhas da sanha dos ladrões, de quando em quando, abria um postigo, que abrira na janela da cozinha, e fazia fogo de revólver. Era respeitada pela sua coragem, pela sua bondade e pelo rigor de sua viuvez<sup>305</sup>.

---

<sup>304</sup> Sobre a necessidade das mulheres pobres viúvas, ou mães sozinhas, arranjam um outro companheiro ver: FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORE, Mary (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2009. p.510-553.

<sup>305</sup> BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*, op.cit., p.128.

No enunciado, o narrador traz para o centro do fragmento as qualidades da personalidade de dona Margarida Pestana que a tornavam respeitada perante a vizinhança. E em tal movimento, agrega ao tratamento respeitoso para com as habilidades da costureira o fato de a mesma manter o *rigor de sua viuvez*, como uma espécie de atestado de validação da índole e capacidade dela para seu livre trânsito na comunidade e, nesse caso, o rigor dizia respeito ao fato dela permanecer sozinha, de manter sua condição de viúva ilibada. Tal aspecto reflete as imposições da moralidade oficial que pesavam sobre a mulher, especialmente, no tocante à sua conduta sexual. De acordo com a construção vigente no imaginário tradicional dominante, como já visto anteriormente, a “boa” reputação feminina estava intrinsecamente atrelada à preservação da sexualidade recatada, independente de estado civil, faixa etária ou condição socioeconômica da mesma.

Michelle Perrot, em ensaio sobre a marginalização de solteiros e solitários na França, no contexto da *Belle Époque*, observa que a imposição do casamento como único caminho possível para as pessoas do sexo feminino foi responsável pela emergência dos olhares de suspeição sobre a mulher sozinha, consecutivos das noções equivocadas de que a mesma tanto podia ser uma desavergonhada, a viver de seus encantos, por isso tinha seu suposto comportamento reprovado, ou quando não, ser motivo de chacota e zombaria, como no caso da solteirona, em que a mesma era considerada como se fosse de uma espécie improdutiva, cheia de rabugices e, por vezes até histórica.

Entretanto, como salienta a historiadora em sua pesquisa, a solidão feminina, longe de ser compreendida universalmente como uma frustração por não se cumprir as expectativas do protocolo moral em relação a ela podiam resultar de uma escolha deliberada da própria mulher, na qual, podia-se optar em permanecer solteira, seja em atendimento ao “chamado” religioso ou para tentar realizar o sonho de autonomia financeira, ao se optar pelo exercício profissional extradoméstico.

Contudo, tais escolhas não ocorreram sem sobrecargas. Segundo a historiadora, na última tendência apontada acima, o preço imposto pelo cumprimento de tal desejo, muitas vezes, foi o sacrifício da vida privada para a que optou pelo caminho profissional fora de casa, e neste, o celibato se impôs como condição. Em tal circunstância, pode-se incluir, também, a mulher viúva que escolheu administrar “sua solidão, temporária ou permanente, nem sempre desejada, mas talvez preferida em lugar de um casamento pouco atraente”<sup>306</sup>.

---

<sup>306</sup> PERROT, Michelle. À margem: solteiros e solitários. In: \_\_\_\_\_. *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. v.4, p.287-303. p.301.

Nessa medida, guardadas as particularidades dos indivíduos, do contexto e espaço estudados por Perrot, a condição de viuvez conservada por dona Margarida Pestana, pode ser aproximada da situação da mulher solteira francesa que, ao escolher investir em sua carreira e diante dos estigmas morais sobre si, assumiu o ônus de sua escolha: a condição de ser celibatária, para poder impor respeito à sua presença nos espaços amplamente dominados pela tradicional visão de mundo masculina. Embora a personagem barretiana esteja circunscrita no universo doméstico, sobre ela também pesava o fato de ter que manter sua honra preservada. Entretanto, apesar de tal fardo moral, a solidão de Margarida pode ser resultado muito mais de uma escolha, pois como apontado anteriormente, dado os diversos fatores que dificultavam a permanência das mulheres sozinhas, muitas vezes as viúvas pobres como ela, recorriam a um novo enlace matrimonial, e esse não é o caso da personagem.

Ao contrário, ela é uma mulher que, em alguma medida foge aos padrões, ao se libertar da imposição de um novo casamento, ao viver sozinha e sem a dependência econômica de um homem. Por outro lado, conforme é possível se apreender no excerto citado acima, ela dificilmente pôde se emancipar dos estigmas construídos pelo imaginário da moralidade sexual conservadora que pressupunham como condição ao respeito feminino, que as mulheres fossem “assexuadas”, não bastando apenas serem “boas trabalhadoras”, como no caso dela. Nessa dimensão, Lima Barreto circunscreve Margarida Pestana em conexão com o contexto da escrita de seu romance, na construção dela, há muito da moral vigente nas duas primeiras décadas da República, todavia, através da personagem o escritor não deixa de denunciar a situação de dependência da mulher ao homem.

Cláudia de Jesus Maia, ao analisar o discurso jurídico-científico em torno da família conjugal em Minas Gerais entre a última década do século XIX e fins da década de quarenta do século XX, observa que o Código Civil republicano em vigência no Brasil retirava “das mulheres casadas a condição de indivíduo e tornavam-nas juridicamente incapazes e submissas aos maridos”<sup>307</sup>. O estudo de Maia permite que se faça o diálogo entre a elucidação da autora e a construção da personagem barretiana em apreço. Nessa medida, importa lembrar que, ainda que as relações via-contratos jurídico-conjugais tenham sido menos usuais entre as pessoas dos grupos economicamente desfavorecidos como Margarida Pestana, a legislação não deixava de retratar e ratificar as formas de dominação sobre a

---

<sup>307</sup> MAIA, Cláudia de Jesus. *A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral- Minas Gerais (1890-1948)*. 2007. 319f. Tese (Doutorado em História)-Universidade de Brasília (UNB), Brasília, DF, 2007. p. 92.

mulher que eram praticadas nos múltiplos ambientes sociais, independentemente da classe, etnia e condições socioeconômicas dos indivíduos.

A essa altura, é importante também não esquecer as simpatias de Lima Barreto pelas ideias libertárias de vertentes socialista e anarquista, como as favoráveis às uniões livres e contrárias à subordinação dos indivíduos. Nessa direção, a atitude e comportamento altivo inscritos no perfil de dona Margarida são um modo de o escritor rasurar as convenções do discurso jurídico-científico em torno da mulher. E, talvez, para auxiliar o entendimento de sua intenção junto ao público e torná-la mais plausível ao/à leitor/a do romance ele tenha desenhado-a como uma mulher sozinha, tal aspecto pode decorrer também do fato de que tanto seus leitores, como o próprio Barreto – por mais que pudesse buscar transgredir com o estabelecido –, não eram completamente imunes a todo o repertório contido na moralidade oficial e ideias dominantes em vigência no contexto no qual estavam inseridos.

A *coragem e bondade*, apontadas no perfil de Margarida Pestana pelo narrador, era algo que ela cultivava no convívio entre a vizinhança, sobretudo com as pessoas da casa de Joaquim dos Anjos. Essa última qualidade da personagem não deve, entretanto, ser confundida com docilidade passiva diante das situações vivenciadas por ela, ou mesmo por seus vizinhos, já que, a despeito de sua amizade verdadeira para com a família dos Anjos, particularmente, “julgava-os dóceis demais, como que passivos, mal armados para a luta entre os maus e contra as insídias da vida”<sup>308</sup>.

Em tal juízo, em relação aos familiares do carteiro, se desvela a sagacidade de dona Margarida, e nessa, está inscrita sua compreensão sobre os comportamentos e atitudes necessários a serem desenvolvidos por aqueles que, como ela, viviam em circunstâncias vulneráveis. Para isso era preciso aprender a manter-se de pé, sem se deixar consumir pelo abatimento imobilizador das ações que poderiam suscitar a desmobilização das forças opressoras que pretendiam confinar pessoas como Engrácia, Clara, Joaquim, ou ela mesma, e tantos outros moradores das redondezas, a condições indignas.

Daí sua firmeza de posicionamentos diante de algumas prescrições normativas de comportamentos femininos, como as que lhe tocavam por ser mulher e viúva, bem como diante de tantos outros acontecimentos cotidianos, ou de episódios imprevistos, como as perdas de seus pais e do companheiro que sobressaltaram sua existência, impelindo-a a direções nas quais, ela muito provavelmente, não imaginara que poderia parar. Nesse procedimento, é possível se verificar a capacidade de iniciativa de “Margarida Pestana que,

---

<sup>308</sup> BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*, op. cit., p.286.

enviuando, sem ceutil, adquirira casa, fizera-se respeitada e ia criando e educando o filho [...], fazendo tudo prever que [ele] chegaria à formatura ou coisa parecida”<sup>309</sup>.

A sagacidade, perseverança e perspicácia como atributos colocados em dona Margarida por Lima Barreto, em grande medida, permitem apreendê-la como um dos ícones da cartografia desejante barretiana que permitiu produzir uma (re)configuração do mundo feminino. Nessa medida, o escritor faz da personagem uma espécie de denúncia das formas como se processava o jogo da dominação sobre a população marginalizada, de como minguava as possibilidades de saída dessas pessoas de tal condição e fixava-as, assim, em posições submissas.

Jogo que se desenrolava, seja pela utilização de mecanismos ostensivos e impeditivos das mobilidades dos indivíduos, ou pela proliferação de normatizações estabelecidas pelos homens com base na moralidade sexual para ser uma das tônicas simbólicas das distinções étnico-sociais e de gênero entre as pessoas, as quais, apesar da imposição das regras se destinarem ao sexo feminino<sup>310</sup>, foram incorporadas por muitas mulheres de todas as classes e etnias. Sendo assim, o espírito perspicaz de Margarida Pestana pode indiciar a sugestão do escritor para seus leitores, sobretudo leitoras, para que estas, como a personagem, também, aprimorassem suas capacidades de discernimento diante dos fenômenos e situações que as envolviam.

Além de esperta, Margarida Weber Pestana também nutria um forte espírito de cooperação para com os injustiçados próximos a seu raio de ação, para com aqueles de quem gostava ou que necessitassem de algum préstimo seu. Tal espírito, conforme as palavras do narrador, era oriundo, principalmente, de sua ascendência materna, pois nas distantes e geladas terras da Rússia, seus “avós maternos [...] andavam sempre às voltas com a polícia dos czares”<sup>311</sup>. Sendo assim, desde cedo ela aprendera, por experiência familiar, sobre as dificuldades de se viver tolhido pelas operações impostas em favor da manutenção de um sistema desigual. Nessa medida, ao vir para o Brasil, ela trouxe na bagagem a ancestralidade humanitária que integrava sua composição, aspecto que “fê-la logo se identificar com a estranha gente que aqui veio encontrar”<sup>312</sup>, com linguagens, hábitos e costumes diferentes do seu, mas que logo aprendera a apreciar.

<sup>309</sup> BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*, op. cit., p.218-219.

<sup>310</sup> FONSECA, Cláudia. Honra, humor e relações de gênero: um estudo de caso. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Org.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p.310-333.

<sup>311</sup> BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*, op. cit., p.286.

<sup>312</sup> Id., loc. cit..

A convivência com a família de Joaquim dos Anjos fez nascer entre ela, Clara e Engrácia um sentimento de amizade e respeito mútuo, sobretudo porque o posicionamento de dona Margarida perante a vida, muitas vezes funcionou como único amparo ao qual recorriam as mulheres dos Anjos, na ausência de Joaquim – como visto no primeiro capítulo, o ciclo de relações sociais delas duas era bastante pequeno –, quando se deparavam com situações que solicitavam a tomada de iniciativa de ambas, ou principalmente da esposa do carteiro, já que essa e, por extensão a filha eram muito dependentes das orientações do “homem da casa” em quase todos os assuntos que exigiam algum poder de decisão delas. Nas situações em que não podiam contar com ele, logo saíam em busca do auxílio da vizinha russo-alemã e de suas orientações decisivas.

Os modos de proceder das mulheres e do homem da família dos Anjos estavam tão naturalizados tanto no marido, como na mulher e filha que os três agiam sem se dar conta de que talvez houvesse outras maneiras de existir. Pois, no fundo, Joaquim, Engrácia e Clara haviam introjetado os modelos dominantes de “ser homem” e “ser mulher” em suas atitudes e comportamentos e seguiam, dessa forma, sem aprenderem a questionar o funcionamento das coisas. Sendo assim, cumpriam a posição social que supostamente era dever de cada um: a de marido “chefe” e provedor da casa; a de esposa devotada, boa administradora do lar e zelosa dos familiares; e a de filha recatada e obediente aos pais e aos mais velhos. Seguindo nesse ritmo, o carteiro tinha suas saídas limitadas às idas para o trabalho e, nesse mesmo trajeto, por vezes, passava pela venda de “seu” Nascimento onde deixava lista de mantimentos para serem entregues à Engrácia, depois, em sua residência.

Engrácia tinha inclinação a ser sedentária e, aliada ao cumprimento dos aspectos mencionados acima, complementava o reforço de sua “natureza” doméstica. Assim, pouco se dispunha a sair de casa, como se ao fazê-lo, indo em direção a outros espaços cujos códigos solicitados requisitassem algo mais do que seu limitado arquivo espacial e comportamental, ela não soubesse nem como conduzir a própria vida, e se perdesse do seu mundo. Dessa maneira, mesmo quando precisava comprar tecidos e calçados para os vestuários dela, Joaquim ou Clara, ou ainda para levar essa última a algum divertimento extradoméstico, ela evitava tais saídas. Aspectos que, juntos com o excesso de cuidados dedicados à filha, reduziavam também o deslocamento da jovem para longe de seu exíguo ciclo. Entretanto, apesar de restritas, as idas da menina a lugares de recreação, ali mesmo nas redondezas suburbanas, aconteciam:

Isto era raro e só acontecia aos domingos, Clara deixava, às vezes, a casa paterna, para ir ao cinema do Méier ou Engenho de Dentro, quando a sua professora de costuras se prestava a acompanhá-la, porque Joaquim não se prestava, pois não gostava de sair aos domingos, dia escolhido a fim de se entregar ao seu prazer predileto de jogar o solo com os companheiros habituais; e sua mulher não só não gostava de sair aos domingos, como em outro dia da semana qualquer. Era sedentária e caseira.<sup>313</sup>

A informação do narrador enuncia certa ressalva em relação à condução da criação da moça por parte dos pais dela. Desse modo, mais uma vez, o temperamento diferenciado de dona Margarida em relação a eles se destaca. Nessa perspectiva, quando pôde acompanhar Clara em suas saídas dominicais, decerto ela o fez com boa vontade, principalmente, porque em sua apreensão em relação à família dos Anjos, já apontada antes, preocupava-a o fato de que essa última viesse a sedimentar em si, uma personalidade passiva, tolhida e subserviente, impedindo-a de adquirir coragem para enfrentar os percalços impostos às jovens de seu sexo e cor.

Assim, a viúva se tornara uma grande entusiasta da transformação dos amigos vizinhos, sobretudo da filha do casal dos Anjos, por quem tinha apreço e esperança de que, Clara, como jovem, com muito ainda por viver, pudesse se tornar uma pessoa com um pouco mais de discernimento das coisas da vida. Nessa medida, estimula-a com os ensinamentos de seus ofícios profissionais, para que, ao menos financeiramente, ela começasse a aprender a desenvolver um pouco de autonomia, ao auxiliar-lhe com a confecção e venda dos trabalhos manuais.

Entretanto, o entusiasmo da bordadeira e costureira não foi de pronto correspondido, foi necessária a sua insistência junto aos pais, e também à própria jovem, para convencê-los da importância da prática de tal atividade para, dessa maneira, barganhar o consentimento deles a fim de que Clara se botasse a aprender, ou mesmo aprimorar sua base de conhecimento no trabalho com agulhas e, assim, ajudá-la a ganhar alguns trocados pelas próprias mãos por meio da venda dos bordados confeccionados.

Importa sinalizar aqui, sobre as atividades realizadas pelas três mulheres em seus ambientes domésticos, como lavar, cozinhar, bordar, engomar, passar, dentre outras. A execução de tais atividades pode ser vista, de modo sumário, como concorrente na ratificação dos discursos normativos vigentes a respeito da divisão sexual do trabalho que prescrevia a submissão do universo feminino “aos domínios masculinos”<sup>314</sup> e ocultava a importância

<sup>313</sup> BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*, op. cit., p.72.

<sup>314</sup>SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: DEL PRIORE, Mary (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*, op. cit., p.362-399. p.367.

social das “tarefas femininas” praticadas, em grande parte, nos recônditos das casas, ou mesmo as práticas que se relacionavam com o mundo extradoméstico como os ofícios de floristas, quituteiras e mais outro sem-número correlato dos itens que as mulheres comercializavam. Todavia, é importante trazer para a cena que, se Engrácia e Clara, estavam de fato em posição de dependência em relação ao companheiro e pai, ao “homem da casa” Joaquim, em contraposição a elas, dona Margarida, nessa questão monetária, como já visto, se localizava num lugar de relativa autonomia em relação a um provedor, personificado numa figura masculina.

Nessa perspectiva, dona Margarida mais uma vez tem seu perfil diferenciado em relação às outras duas mulheres. A personagem é construída por Lima Barreto como uma mulher pobre que, de seu próprio universo doméstico consegue obter meios materiais que garantem o sustento e a dignidade de condição de vida familiar, graças a seus ofícios realizados nesse domínio, como os serviços de agulha ou a criação de “galinhas, patos e perus”<sup>315</sup> que vendia. Situações como a de Margarida Weber Pestana eram bastante comuns no mundo concreto das mulheres brasileiras desprovidas de privilégios econômicos nos primeiros tempos republicanos. Segundo, Sidney Chalhoub:

O trabalho remunerado da mulher pobre, portanto, era, em geral, uma extensão das suas funções domésticas, sendo realizado dentro de sua própria casa ou na casa da família que a empregava [...]. Apesar de estas tarefas serem em geral mal remuneradas, [...], muitas mulheres conseguiam sobreviver exclusivamente daquilo que conseguiam obter com seu trabalho; [...] essa possibilidade [...] colocava a mulher em posição de relativa independência em relação a seu homem, e ela soube muitas vezes asseverar esta sua condição com altivez<sup>316</sup>.

O historiador Sidney Chalhoub, no fragmento acima, centraliza sua análise nas condições de vida das mulheres pobres do Rio de Janeiro da *belle époque*, especialmente para apontar a diversidade de modos de sobrevivências das mesmas, via desempenho de atividades remuneradas e sugere assim, como em grande medida, tais episódios se traduziam na desconexão entre a experiência concreta delas e a imposição de um modelo feminino universal que as queria submissas ao buscar apagar a multiplicidade existente no mundo das mulheres. Pois, o trabalho delas, de acordo com o pesquisador, ainda que fosse o de realizar tarefas eminentemente femininas, como queria o discurso dominante masculino – por isso mesmo, consideradas socialmente subalternas –, foi um instrumento por meio do qual essas

<sup>315</sup> BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*, op.cit., p.128.

<sup>316</sup> CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. 2. ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2001. p. 204.

trabalhadoras conseguiram manejar para a conquista de uma relativa autonomia, naquele contexto ainda tão restrito das mobilidades femininas em direção a posições profissionais não dominadas.

Nessa perspectiva, o estudo de Chalhoub permite que se faça uma relação entre as mulheres analisadas por ele, e dona Margarida, a personagem da ficção barretiana. Além dos aspectos apontados antes, como fatores que, de algum modo, a deslocam das características de docilidade e passividade prescritas no modelo de feminilidade imposta às mulheres naquele momento histórico da escrita do romance, as atividades profissionais realizadas por ela, mesmo sem a dedução de sua incessante rotina doméstica, são elementos com os quais Lima Barreto concebe-a como protagonista da própria existência e situa-a fora dos padrões das expectativas da moralidade oficial, desse modo, o escritor, contemporâneo do contexto pesquisado pelo historiador, igualmente, soube captar em seu tempo, a incoerência entre os preceitos idealizados e a realidade concreta das muitas mulheres de condição humilde.

Nessa medida, não é por acaso que dona Margarida se entusiasma com a possibilidade de poder ajudar a filha dos vizinhos a conquistar uma existência menos subserviente. E uma das trilhas na qual ela acreditava que isso pudesse ocorrer, era através do trabalho, ou seja, poder fazer da prática das atividades cotidianas “femininas” um meio de remuneração, por isso solicita, então, ao casal dos Anjos, a aprovação deles e da própria moça para que essa pudesse assessorá-la em seus trabalhos com agulha. Entretanto, como já apontado antes, foi preciso dona Margarida insistir em tal intento para que Clara, finalmente, viesse tanto a ter o consentimento dos pais, como a própria aceitação para praticar tais tarefas. “Não que ela fosse vadia, ao contrário; mas tinha um tolo escrúpulo de ganhar dinheiro por suas próprias mãos. Parecia feio a uma moça ou a uma mulher”<sup>317</sup>.

A compreensão de Clara, bem como a de seus pais a respeito do trabalho remunerado feminino, enunciadas pelo narrador, desnudam mais uma vez, aspectos do repertório presente na visão de mundo elaborada na moral burguesa, e absorvidos por eles. Sendo assim, ainda parecia-lhes estranho que Clara, uma moça “honrada” e de “família”, mesmo dadas as condições materiais e os tempos em mutação em que viviam, também pudesse ser remunerada pelos “serviços manuais” prestados para fora de casa.

Em tal movimento, Lima Barreto aponta no procedimento da família do carteiro como se processava as forças dominantes no tocante à anulação da autonomia das pessoas, ao operarem a modelação dos indivíduos e estacioná-los em lugares sociais pré-determinados,

---

<sup>317</sup> BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*, op. cit., p.219.

incutindo-lhes limites e funções a partir de muitos indicadores, como os baseados na sexualidade que delimitavam as fronteiras espaciais feminina e masculina, condicionando a subserviência da primeira em relação à segunda.

Nessa perspectiva a família de Joaquim dos Anjos, enredada nas malhas da moral burguesa, faz ecoar o cumprimento das prescrições que demarcavam os lugares “de homem” e “de mulher”. De modo semelhante, Lima Barreto entrelaça à reserva de Clara, ou de seus pais, quanto à possibilidade de a mesma ser remunerada pelo exercício de atividades manuais, a sobrevivência em tempos republicanos, de aspectos do imaginário moralista e elitista colonial que, amplamente, disseminou o preconceito em relação ao trabalho manufatureiro.

Margareth Rago, estudiosa da condição feminina, identifica o trabalho como um dos mecanismos largamente infundido pela visão de mundo dominante para se desqualificar a mulher e sua capacidade intelectual, consequência do pensamento tradicional conservador cujas centelhas, infelizmente, guardadas as proporções espaço-temporais, ainda insistem em perdurar na sociedade contemporânea brasileira. Pensamento esse que remonta à vigência do regime escravista no País, como é possível se identificar nas palavras da historiadora:

O trabalho braçal, antes realizado em sua maior parte pelos escravos, era associado à incapacidade pessoal para desenvolver qualquer habilidade intelectual ou artística e à degeneração moral. Desde a famosa “costureirinha”, a operária, a lavadeira, a doceira, a empregada doméstica, até a florista e a artista, as várias profissões femininas eram estigmatizadas e associadas a imagens de perdição moral, de degradação e de prostituição.<sup>318</sup>

As análises formuladas por Rago auxiliam na construção de trilha interpretativa de dona Margarida Weber Pestana, cujo perfil ativo construído em contraposição às mulheres da família dos Anjos, permite supor que Lima Barreto buscou demonstrar as diferenças existentes no mundo feminino, mesmo no universo das mulheres economicamente desafortunadas. E, por meio da personagem costureira, quis imprimir seu discurso contrário ao das concepções majoritárias que diminuía e ocultavam a importância do trabalho delas. Desse modo, Margarida Pestana é, por assim dizer, a visibilidade das mulheres trabalhadoras pobres, cartografada pelo escritor, no romance *Clara dos Anjos*.

A importância concedida pelo romancista aos trabalhos realizados por ela se junta a outras características de Margarida, já mencionadas antes, como sua perspicácia e

---

<sup>318</sup> RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*, op. cit., p.578-606. p. 589.

inteligência. Cabe não esquecer, também, de outra particularidade dela que talvez possa funcionar como vestígio na elucidação do pensamento barretiano: o senso de solidariedade inscrito na vizinha de Clara dos Anjos. Solidariedade essa que dona Margarida Pestana dosava com a firmeza de vontade que buscava desenvolver em si. Desse modo, é possível apreendê-la como uma mulher que sabia racionalizar as coisas, sem anular sua capacidade emotiva.

Como sugere o episódio em que Clara dos Anjos, estando grávida do sedutor Cassi Jones, surge com a inusitada solicitação de adiantamento à professora de costuras, entre perguntas e olhares interrogadores dessa última, a jovem não suporta e termina por confessar, entre lágrimas, o verdadeiro motivo do pedido da remuneração antecipada: pensava em abortar a criança que trazia no ventre. Ao ouvir tal confissão dona Margarida fica profundamente condoída com a situação da moça e dos pais dela, apesar disso, não cede ao choro de Clara em favor da prática do aborto. Sem deixar transparecer a grande pena que estava sentindo, resolve ajudar a filha de Joaquim dos Anjos com as providências possíveis a serem tomadas em tal situação. Seguindo nesse propósito, o primeiro passo indicado é o de irem juntas até a casa do carteiro e contar tudo à dona Engrácia.

Após as devidas explicações, a reação da pobre mulher de Joaquim dos Anjos é cair no pranto convulsivo e se lastimar diante da gravidade da circunstância que se apresentava para sua família. Ao observar, silenciosamente, as lamentações entre mãe e filha, dona Margarida também sente uma imensa tristeza, sobretudo porque via naquele acontecimento, um “quadro desolador do enxovalhamento de um pobre lar honesto”<sup>319</sup>. Depois da confissão feita a Engrácia, o passo seguinte de Margarida e Clara é a ida até a casa da família de Cassi Jones, o veterano arruinador da vida de muitas mulheres daqueles subúrbios, em busca de conseguirem alguma forma de amenizar a situação de desprestígio na qual ele envolvera a moça.

Em comparação com os arredores nos quais residiam Margarida e Clara, a localização da residência da família de Jones fazia parte da área “nobre” dos subúrbios. Tal desnível se dava no plano das edificações das moradias, da pavimentação das ruas, da cromática da pele dos que moravam nessas casas, bem como de outros tantos itens das gradações hierárquicas existentes entre os habitantes das cidades, nos quais também se acomodavam certas rivalidades entre os moradores suburbanos. Assim, qualquer traço de diferenciação identificado, muitas vezes, era utilizado por quem morava “melhor” como recurso para julgar-

---

<sup>319</sup> BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*, op. cit., p.288.

se superior aos demais. Esse era o caso de dona Salustiana Baeta de Azevedo, a mãe do violeiro sedutor, Cassi Jones.

Dona Salustiana tinha ares de mulher superior perante a vizinhança, pois se sentia orgulhosa de possuir um irmão médico-capitão do Exército, por ter estudado em colégio interno administrado pelas irmãs religiosas. E, ainda, por sua suposta descendência de certo Lord Jones – através da qual se justifica o apelido estrangeiro, adotado pelo filho Cassi –, um antigo cônsul inglês que ocupara o posto nas terras brasileiras. Ela criara os três filhos, Irene e Catarina e o primogênito Cassi Jones, de acordo com os moldes da dupla moral sexual dominante em vigência nas duas primeiras décadas da República. Desse modo, enquanto as moças foram instruídas dentro dos aspectos normativos prescritos para as mulheres, já amplamente discutidos no primeiro capítulo, em contraponto, Jones, fora criado com a liberdade permitida ao gênero masculino.

Sendo assim, por mais que o filho aprontasse suas estripulias desde garoto, dona Salustiana sempre as relevava. Nas inúmeras vezes que recebeu reclamações de seu filho ela incessantemente retrucou que eram apenas calúnias contra ele. E nesse procedimento, por muitas ocasiões, conseguiu livrá-lo de pagar pelas faltas cometidas e mesmo resguardá-lo do confronto direto com o pai, o senhor Manuel de Azevedo.

É nesse cenário, no qual, Margarida e Clara adentram para buscarem algum entendimento com a família de Cassi Jones sobre o ocorrido com essa última. Salustiana é quem as recebe e, ao ouvir o acontecimento narrado pela professora de costura da jovem, pergunta: “– Que é que a senhora quer que eu faça?”<sup>320</sup> Nesse momento, Clara dos Anjos, já irritada com o tratamento desdenhoso de Salustiana para com ela que, deliberadamente ignora sua presença no ambiente, responde: “– Que se case comigo”<sup>321</sup>. A resposta da filha de Joaquim dos Anjos faz vir à tona toda arrogância e preconceito da mãe de Jones, que em tentativa de humilhar a moça, mira-a com malvadeza proposital e insulta-a verbalmente, perguntando: “– Que é que você diz, sua negra?”<sup>322</sup>. A partir desse momento a altiva Margarida, ao ouvir tal abuso, não se contém calada e intervém com muita energia e em voz alta, em favor de Clara:

– Clara tem razão. O que ela pede é justo; e fique a senhora sabendo que nós aqui estamos para pedir justiça e não para ouvir desaforos.

<sup>320</sup> BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*, op. cit., p.291.

<sup>321</sup> Id., loc.cit..

<sup>322</sup> Id., loc. cit.

Dona Salustiana voltou-se para dona Margarida e perguntou, pronunciando, devagar, as palavras, como para se dar importância:

– Quem é a senhora, para falar alto em minha casa?

Dona Margarida não se intimidou:

– Sou eu mesma, minha senhora; que, quando se decide a fazer alguma coisa de justo, nada a atemoriza. Foi calmamente que dona Margarida falou; e à vista dessa atitude, dona Salustiana mudou de tática. Gritou para as filhas:

– Catarina! Irene! Venham cá que esta mulher está me insultando.<sup>323</sup>

No diálogo entre as duas mulheres mais velhas se sobressai a coragem de dona Margarida Weber Pestana ao enfrentar a postura de “fidalga” da mãe do sedutor de Clara que, com tal procedimento sempre conseguiu afugentar as pobres mães com suas filhas, vítimas dos abusos sexuais cometidos por Cassi Jones, que iam até sua casa reclamar por justiça. Na acompanhante da filha do carteiro Joaquim dos Anjos, o sucesso da velha tática de Salustiana, finalmente, encontrou uma oponente corajosa a ponto de não baixar a cabeça perante os insultos disparados por aquela.

O posicionamento de dona Margarida ao tomar as dores de Clara dos Anjos diante de Salustiana de Azevedo evoca a composição de seu espírito altivo e solidário. Tais características inscritas no perfil da personagem permitem a apreensão delas como traços de questões defendidas por Lima Barreto em seu pensamento, como a esperança em poder assistir relações menos desiguais entre as pessoas, graças a noções e práticas acomodadas nelas a ponto de se construir modos de existência mais solidários e, talvez por isso, fomentador da desmobilização de fronteiras baseadas nos marcadores socioeconômicos, sexuais e étnico-raciais. Assim como o escritor buscou realizar na relação entre dona Margarida Weber e Clara dos Anjos, e como se tentou demonstrar no presente texto.

### 3.2 VIVER NA INTIMIDADE DO LAR: INQUIETAÇÕES E INSUBORDINAÇÕES EM OLGA E EDGARDA

O item anterior do presente trabalho foi dedicado à análise sobre a viúva Dona Margarida Pestana, por conta da compreensão de que a personagem se configura como uma importante possibilidade de concretização da proposta para este capítulo, a de empreender o

---

<sup>323</sup> BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*, op. cit., p.291-292.

estudo das figuras da ficção barretiana em cujos perfis estão inscritos aspectos que podem ser apreendidos como certas rupturas com as posições tradicionais impostas às mulheres. Os romances e contos do autor apresentam uma ampla galeria de tipos femininos que podem, igualmente, facultar a apreensão de tal tema e outros tantos. Seguindo tal propósito, as reflexões se voltam para duas outras personagens que, assim como Margarida Pestana, com as peculiaridades de suas características, podem conduzir para a compreensão dos deslocamentos em relação aos espaços tradicionais ocupados pelas mulheres em sua época, realizados pelas mulheres barretianas; tais personagens são Olga e Edgarda.

Por um lado, elas diferem da professora de costura de Clara dos Anjos, pois ambas são casadas e vivem em situação econômica privilegiada. Por outro, as três personagens podem ser aproximadas porque estão circunscritas ao universo doméstico e, do mesmo modo, se constituem em recursos narrativos por meio dos quais, Lima Barreto também faz operar, em sua literatura, a delação das relações desiguais existentes entre os gêneros. Por conseguinte, sobretudo em Olga e Edgarda, realiza-as como mulheres que, de seus espaços privados, sinalizam inquietações quanto ao confinamento matrimonial em que se encontram. Assim, em certa medida, algumas ações delas conseguem desmobilizar a visão de mundo tradicional que restringia os comportamentos das parcelas femininas a um modelo universal.

Tais personagens desvelam muito das disposições contrárias de Lima Barreto, relacionadas a algumas questões que concorriam para a distribuição desigual de oportunidade entre os gêneros. Um desses quesitos era a educação destinada às mulheres, pois, conforme se pôde verificar no primeiro capítulo, o modelo de instrução feminina vigente – prevaemente ainda do século XIX –, em grande parte, previa apenas a formação elementar e, além disso, com acesso bastante dificultoso para a mulher negra e a pobre, enquanto isso, o investimento nos ensinos profissional ou superior era quase exclusivamente “coisa de homem”.

Desse modo, a distribuição assimétrica de oportunidades de escolarização entre mulheres e homens funcionava como mecanismo de legitimação das elaborações culturais reguladoras da diferenciação entre os gêneros. Por meio de tal reforço, eram naturalizadas práticas que contribuía para posicionar o homem em lugares públicos e socialmente reconhecidos em detrimento dos espaços privados e clandestinos impostos à mulher.

Segundo Jomar Ricardo da Silva, Lima Barreto possuía uma visão bem mais ampla sobre a educação das mulheres. Para o estudioso, além de o escritor argumentar em favor do acesso de todas elas à instrução além dos níveis secundários, “pensava a educação feminina

que as possibilitassem ter uma visão crítica da sociedade”<sup>324</sup>. Nessa perspectiva, esperava poder vê-las alcançar o direito de escolher os caminhos que queriam percorrer, por isso ansiava, sobretudo, “[...] que as meninas tivessem suas expectativas apontadas para o exercício da profissão e do estudo, e pudessem amar com liberdade”<sup>325</sup>.

As personagens barretianas em apreço receberam a habitual educação destinada às moças de sua condição material<sup>326</sup> e, muito provavelmente, dentro da lógica e regras socialmente impostas, que destacavam para a mulher o aprendizado de predicativos a serem desempenhados nos espaços “naturalmente” destinados a ela. Em tal propósito, não cabia oferecer um tipo de instrução na qual se incentivavam a capacidade intelectual e a autonomia feminina, pois seguir esse viés significava correr o risco de a mulher se afastar das supostas funções que competia a ela desempenhar, como aprender a dedicar-se ao lar – realizando tarefas meramente reprodutoras e repetitivas –, ao cônjuge ou companheiro e aos filhos.

Olga e Edgarda eram moças situadas em posição econômica confortável, para as quais o trabalho remunerado não se apresentava como uma necessidade. E certamente, como muitas mulheres das camadas médias e altas, foi para o casamento, e para serem “senhoras do lar”, que a formação que receberam as direcionou, para as formas de viver nas quais suas vontades continuariam a ser orientadas por outrem, pois depois de casadas, além da “orientação” pautada no laço da família consanguínea, retratada na figura de seus pais, deveriam acolher também os direcionamentos de seus esposos.

Todavia, através das duas personagens, Lima Barreto realiza duras críticas a esse modelo de instrução feminino-burguesa que subtraía da mulher o poder de participação e decisão à frente de variados assuntos que, não necessariamente, diziam respeito apenas a como gerir uma casa ou a família. Por meio delas, o escritor desenha atitudes que convocam as mudanças de mecanismos comportamentais femininos ante o conservadorismo que as distribuía em condições desprivilegiadas em relação a seus companheiros. Para apreensão de

---

<sup>324</sup> SILVA, Jomar Ricardo da. *A educação da mulher em Lima Barreto*. 2007. 197f. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007. p.120.

<sup>325</sup> Id., loc.cit..

<sup>326</sup> O narrador de *Triste fim de Policarpo Quaresma* não diz onde Olga estudou, apenas narra que ela recebera educação “comum às moças de seu nascimento”(BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, op.cit., p.116).

Ainda sobre educação, Lima Barreto, no dia 19.01.1921, responde a uma carta de Austregésilo de Ataíde, na qual, entre outros assuntos, escreve: “Se há algum anticlericalismo na minha pessoa, é contra as irmãs de toda sorte que dirigem colégios de gente rica. Essa gente nos faz muito mal; e se algum dia tiver poder – revolucionário, por certo – não só mando fechar todos os Sions que houver por aí, como expulsar do Brasil as irmãs”(BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*. Prefácio de B. Quadros. São Paulo: Brasiliense, 1956. v.2, p. 256).

tais indícios nos escritos do autor, torna-se importante situar o contexto em que Edgarda e Olga estão inscritas, e quem elas são nele.

Edgarda Neves Cogominho é personagem de *Numa e a Ninfa*, romance publicado em folhetim entre os meses de março e julho de 1915, no Jornal *A Noite*, e que tem como panorama principal questões referentes aos bastidores dos costumes sociais e políticos da Primeira República no Brasil, nos quais se desenrolavam muitas negociatas e trocas de favores entre os homens envolvidos nas malhas do poder institucional que, buscando atender a interesses de grupos restritos, desrespeitavam e ultrapassavam os limites entre as esferas pública e privada. A narrativa desses episódios é construída pelo escritor por meio do uso do tom irônico e satírico, na qual o narrador incita o leitor do livro a mergulhar, junto com ele, nas histórias narradas, as quais certamente iriam possibilitar, a esse último, a identificação de semelhanças com acontecimentos concretos em processo, ou já ocorridos nas amplas instâncias político-sociais existentes.

A possibilidade de o leitor fazer conexão entre os episódios socialmente concretos e os fictícios foi elaborada pelo romancista a partir da mescla entre linguagem inteligível e uso de figuras do repertório greco-latino, como, por exemplo, a própria escolha do nome do futuro marido de Edgarda, Numa Pompílio. Vanessa Ribeiro Brandão informa que o personagem clássico-mitológico romano, de aventuras narradas tanto por Tito Lívio quanto por Plutarco<sup>327</sup>, se destacou pelo fato de apaziguar inúmeros conflitos entre as pessoas e pela realização de reformas de grande avanço social e de cunho religioso, marcando assim sua gestão, como um período regido por uma liderança justa e honesta. Na conquista de tais realizações, Numa Pompílio sempre contou com a orientação da ninfa Egéria<sup>328</sup>, uma sábia divindade com quem, graças a isso e, por suposição, ele se casou.

Essa história mítica, entretanto, na construção satírica barretiana, recebe outro contorno, como a proposital tônica da dessemelhança entre a personagem do romance e a da figura mitológica. Segundo, Fabiana Furtado, “[...] a obra de Lima Barreto apresenta-se como um espelho invertido veiculando uma imagem contrária da relação entre o [...] imperador e a sua ninfa Egéria”<sup>329</sup>.

<sup>327</sup> Lima Barreto utiliza como epígrafe de seu referido romance um trecho de *Vida de Numa* de Plutarco.

<sup>328</sup> BRANDÃO, Vanessa Ribeiro. Mito, literatura e ecologia: as ninfas na obra de Lima Barreto e outros elementos greco-latinos. In: SANTOS, Ana Cristina Fonseca dos; BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro (Org.). *Tradução e tradição clássica na América Latina*. v. 2 – Lima Barreto. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011. v. 2: Lima Barreto, p.79-93. Disponível em: < <http://150.164.100.248/vivavoz/data1/arquivos/tradu%C3%A7%C3%A3o%20e%20tradi%C3%A7%C3%A3o%20cl%C3%A1ssica%20v.%202-site.pdf> >. Acesso em: 18 jun.2015.

<sup>329</sup> FURTADO, Fabiana Câmara. *Perfis da Belle Époque brasileira: uma análise das figuras femininas de Lima Barreto*. 2003. 132f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária)-Universidade Federal do Pernambuco, Recife,

Para apreensão do interessante jogo de contrastes realizado por Lima Barreto entre seu Numa Pompílio de Castro – e a relação com sua suposta ninfa Egéria – e o da narrativa mitológica, é preciso, pois, apreender a figura de Edgarda Cogominho, sem a qual a personagem barretiana não se constituiria no avesso da fonte que o inspirou.

Edgarda era filha de Neves Cogominho, político veterano e influente, acostumado a lidar com arranjos de toda ordem para estabelecer, tanto para si próprio quanto para seus aliados próximos, cargos socioeconomicamente rentáveis e de destaque. Como proveniente de tal núcleo familiar, esse universo da política desde cedo se tornou habitual para ela, sobretudo os bastidores, a que assistia na própria casa, ou então quando acompanhava o pai, viúvo, nos círculos político-burgueses dos quais ele participava. Em algumas ocasiões, a frequência a tais ambientes lhe causava aversão.

Entretanto, apesar disso, a lógica com que fora criada e orientada, valorizadora de conquistas materiais e de posições sociais elevadas, terminavam por fazê-la agir dentro dos códigos aprendidos. De acordo com o narrador, Edgarda era uma mulher que também tinha suas ambições e manias de grandeza, nas palavras dele: “[...] essa concepção de nobreza lhe viera da educação das irmãs de caridade e a defeituosa instrução que recebera e não pudera ajudar à sua real inteligência a corrigi-la”<sup>330</sup>.

Claramente é possível se constatar, na elaboração narrada acima, a crítica dirigida ao modelo em que Edgarda fora educada, pois este pouco lhe serviu para iluminar o potencial intelectual que possuía, no sentido de dar-lhe oportunidade de apreender o mundo para além dos limites individualistas, mas, ao invés disso, se tentou formatá-lo dentro dos horizontes e padrões da convenção social burguesa. Vivendo confinada em tais malhas desse sistema de dominação, a filha de Neves Cogominho não tinha como proceder de modo tão diferente daquele que ela conhecia e no qual convivia desde que nascera.

Sendo assim, como se verá mais adiante, por mais que se recusasse a se sujeitar ou a subtrair sua capacidade intelectual, ela não deixou de introjetar muitos dos princípios que lhe foram ensinados, que a inclinavam a valorizar as questões e conquistas materiais, sobretudo as possíveis benesses e os prestígios consecutivos de tais condições de privilégio. Nessa medida, um dos indícios de como Edgarda era bem fruto desse cenário no qual também se misturava – como já visto antes – uma série de restrições quanto às liberdades femininas, pode ser o apego

---

2003. p.58. Disponível em: < <http://www.liber.ufpe.br/teses/arquivo/20031119153251.pdf>>. Acesso em: 18 jun.2015.

<sup>330</sup> BARRETO, Lima. *Numa e a Ninfa*. Belo Horizonte: Rio de Janeiro: Garnier, 1989. p.22.

à ideia do casamento como forma exclusiva de se garantir as possíveis expectativas de realização da mulher e como meio de ela conquistar altos padrões de vida na esfera social.

Desse modo, Edgarda “[...] sonhara sempre casamentos excepcionais; e, a todos que lhe insinuavam, certos rejeitava por prosaicos; e outros, por serem desproporcionados. Talvez se iludisse a si mesma; talvez já tivesse achado um que era do seu amor, mas não era de sua prudência”<sup>331</sup>. Se, nas palavras do narrador, o casamento pautado nas convenções surge como um destino inescapável para a “burguesinha”<sup>332</sup>, ainda assim, ele insinua em certa medida que, mesmo na sujeição dela aos códigos vigentes, Edgarda sabia usar sua inteligência para escolher um marido também de acordo com as próprias conveniências. Essa possibilidade era algo, em grande parte, relacionada às mudanças em processo na sociedade brasileira no início do século passado, que concorreram para sutis alterações nas regras do matrimônio, pelo menos no que diz respeito ao leve aumento do direito dos indivíduos de escolherem seus parceiros, em comparação com período anterior, no qual tal escolha era incumbência dos grupos familiares<sup>333</sup>.

Contudo, essas transformações ocorridas não aboliram dos matrimônios os muitos arranjos e múltiplos interesses envolvidos na constituição desses enlaces, que iam muito além da mera expectativa de sucesso para vida do casal recém-formado. Esse era o caso do casamento de Edgarda com Numa, resultado da tríplice conveniência entre eles dois e o pai dela, Neves Cogominho. Se, no parágrafo anterior, as palavras do narrador insinuaram que ela sonhava grande, também fica entendido que não perdia seu senso de praticidade quando se tratava de tentar empreender mudanças na própria vida. Assim:

Nunca supôs que aquele bacharel esguio, amarelado, cabelos duros, com um grande queixo, vestido com um exagerado apuro de provinciano, premeditava casar-se com ela; mas o ócio provinciano, a falta de galanteadores passáveis, a vontade de matar o tédio, fizeram-na esquecer a artificial representação que tinha de si mesma e aceitou as homenagens do chefe de polícia de seu pai.

O governador via com bons olhos a aproximação dos dous e pareceu-lhe que o casamento de ambos seria útil à sua política<sup>334</sup>.

Conforme informação do narrador, Edgarda era jovem, com um pouco mais de vinte anos, e nasceu e cresceu na Capital federal, mas, por força da ocupação do cargo de Neves

<sup>331</sup> BARRETO, Lima. *Numa e a Ninfa*, op. cit., p.22.

<sup>332</sup> Id.,loc. cit.

<sup>333</sup> SILVA, Jomar Ricardo da. *A educação da mulher em Lima Barreto*, op.cit.

<sup>334</sup> BARRETO, Lima. *Numa e a Ninfa*, op. cit., p.22.

Cogominho como governador de Sepotuba, ela se havia estabelecido na cidade de Itaoca. Desse modo, o casamento se apresentava como uma oportunidade de retorno ao Rio de Janeiro para, assim, sair da atmosfera *tediosa e provinciana* que a sufocava, ocupando lugar de notoriedade e destaque como importante senhora da sociedade carioca, pois Numa Pompílio de Castro, além do título de doutor, possuía também grandes aspirações políticas, e estas, com o auxílio de seu pai, o colocariam de frente para um futuro político promissor.

Sendo assim, ao se concretizar tal expectativa, não fugiria à execução da posição social prescrita para mulheres como ela. Entretanto, Edgarda esperava poder alcançar os objetivos traçados para si mesma, por meio das conquistas de seu esposo Numa de Castro. Maria Ângela D’Incao observa que “[...] o casamento entre famílias ricas e burguesas era usado como um degrau de ascensão social ou uma forma de manutenção do *status*”<sup>335</sup>. Nessa perspectiva, Lima Barreto apresenta ao leitor de seu romance como se dava o jogo de interdependência existente na configuração dos matrimônios desse universo político-burguês, no qual o referido casal estava inscrito. Dessa forma, cada um a seu modo, Numa, Edgarda e Neves Cogominho desvelam os fios entrelaçados das relações baseadas na conquista de barganhas e de benefícios.

Na função de mulher casada, de acordo com o que normatizava a prescrição burguesa, a Edgarda deveria competir a contribuição para o projeto familiar de ascensão social por meio de sua conduta modelar nos salões, seja como anfitriã ou não, e na vida cotidiana em geral. Esse quadro indica, por um lado, tanto a sujeição feminina como também, por outro, uma grande dependência dos homens:

Da imagem que suas mulheres pudessem traduzir para o restante das pessoas de seu grupo de convívio. Em outras palavras, significavam um capital simbólico importante, embora a autoridade familiar se mantivesse em mãos masculinas, do pai ou do marido. Esposas, tias, filhas, irmãs, sobrinhas (e serviçais) cuidavam da imagem do homem público; e esse homem aparentemente autônomo, envolto em questões de política e de economia, estava rodeado por um conjunto de mulheres das quais esperava que o ajudassem a manter sua posição social.<sup>336</sup>

Em *Numa e a Ninfa*, a figura feminina responsável pelo incentivo para Numa Pompílio de Castro ocupar lugares de projeção social é sua esposa, Edgarda Cogominho de Castro. Entretanto, a inteligência e a perspicácia dela, ao cumprir com sua “obrigação” de mulher

---

<sup>335</sup>D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary del (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2009. p.223-240. p. 229..

<sup>336</sup> Id., *ibid.*, p.229-230.

casada, fazem-na conquistar também, num certo sentido, através da notoriedade que o marido passa a adquirir, uma forma de se instalar no espaço da política, interdito a ela, e em que ele participava como homem público.

Numa Pompílio de Castro, de certo modo, pode ser considerado como um homem perseverante, filho de escriturário e que, tendo passado por muitas privações, ambicionou altos postos para si, como observador dos meandros de ascensão social, encontrando no Direito uma oportunidade para realizar seu objetivo. No bacharelado, fora um aluno medíocre, mas, graças à sua facilidade em decorar os assuntos lidos nas apostilas, conseguiu ser doutor e, também devido a esse favorecimento de sua memória, ia passando por talentoso nos cargos que ocupava na magistratura. O casamento era outra forma, pela qual ele compreendia ser-lhe possível, talvez até de modo mais rápido, ascender às altas instâncias sociais de poder, por isso, permaneceu solteiro até aparecer aquela que considerou a melhor oportunidade para a “carreira de genro”. Desse modo, o matrimônio com a filha de Neves Cogominho significava a realização desse propósito, e o enlace entre eles aconteceu somente depois que Numa já tinha sido eleito deputado federal.

Por cerca de um ano de seu mandato, Numa Pompílio de Castro ainda não passava de um desconhecido entre os parlamentares, cujo nome era confundido por Nuno, até pelos contínuos. Como deputado, não tinha proposto e tampouco designado nada, ao votar os projetos, fazia-o sempre de modo mecânico e de acordo com a liderança promotora destes. Com tal procedimento, já se sabia, sem surpresas e antecipadamente, como o “genro do Cogominho” votaria nas propostas. Irônica e intencionalmente, Lima Barreto distancia a carreira política de sua personagem daquela da renomada figura clássico-mitológica plutarquiiana. Numa, seu sogro Neves Cogominho e tantas outras personagens do universo político do romance, como Coronel Flores, General Bentes, Dr. Macieira Galvão, são caricaturas por meio das quais o escritor imprime, em seu texto, a sua apreensão sobre o panorama político da República brasileira da época, no qual, os interesses individuais, o arrivismo e a corrupção suplantavam as necessidades e demandas daqueles que os elegeram.

Após a breve passagem pelo trajeto político de Numa, é importante retornar à figura de Edgarda, mais especificamente para as questões relacionadas ao casamento deles. Na sequência dos dias conjugais, “[...] a vida do casal continuava a ser a mesma. Viviam um ao lado do outro, sem grandes ternuras, sem ódio, sem também a perfeita e mútua penetração que o casamento supõe. Pareciam habituados àquele viver desde muito tempo”<sup>337</sup>. Essa

---

<sup>337</sup> BARRETO, Lima. *Numa e a Ninfa*, op. cit., p.39.

monotonia apontada pelo narrador estava longe de ser o atendimento das pretensões almeçadas por Edgarda, que seguia cumprindo os protocolos das convenções sociais de esposa, embora isso não fosse o bastante para seu espírito inquieto e ambicioso.

Incomodava-a, sobremaneira, a falta de notoriedade do marido, decorrente do comodismo e da falta de vontade dele próprio em modificar esse cenário. Ela esperava que o ingresso dele na política o estimulasse a desenvolver sua capacidade para iniciativas e, por conseguinte, provocasse ruidosas discussões na Câmara, a ponto de estas o tornarem famoso em todos os ambientes e salões. No entanto, Numa nem sequer expressava suas opiniões na tribuna, cuidava apenas de obedecer às orientações do sogro. Desse modo, o nome de seu esposo continuava a ser tão desconhecido quanto antes da entrada dele para a família Cogominho, os jornais não emitiam nenhuma nota a seu respeito, seja os de tendência a se alinharem à situação ou os de oposição. Tal obscurantismo não favorecia que seu esposo ficasse conhecido nem mesmo entre suas amigas. “Ainda há dias a Hortênsia não lhe tinha perguntado: ‘Edgarda, teu marido é deputado?’ Precisava animá-lo; fazia-se mister isso”<sup>338</sup>.

Nessa perspectiva, ao apreender a incapacidade de Numa, Edgarda não desiste de estimulá-lo a ir à busca de projeção do próprio nome. Em parte porque, como já visto, era uma espécie de cumprimento de sua ocupação de esposa e, em outra, dizia respeito à perspicácia e à habilidade para tomar iniciativas que ela trazia em sua personalidade. Além do mais, segundo o narrador, a instrução das freiras, aliada às pessoas e aos ambientes que frequentava, cujas distinções decorriam do fato de possuírem ou de apenas desfrutarem de regalias econômico-sociais, não permitiam que ela aceitasse figurar entre as mulheres menos ilustres. Assim, ela não esquecia:

[...] do que lhe dissera certo dia a irmã Teresa, com sua voz macia [...]:

– Veja só Edgarda, quase todos os homens importantes do Brasil têm se casado com moças educadas aqui. A mulher do Indalécio, o ministro da Justiça, foi nossa discípula; a Rosinha, que se casou com o Castrioto, do Supremo Tribunal, também; [...]. É rara, minha filha, a educanda nossa que não leva o marido longe.

Nunca se havia esquecido do que lera naquele palimpsesto debaixo de tais palavras; e casara, certa de que Numa ia fazer o seu nome ecoar por todo o país.<sup>339</sup>

Como é possível visualizar no fragmento acima, a aspiração de Edgarda por prestígio social não viera do modo como esperara, ou seja, a partir dos procedimentos notórios que

<sup>338</sup> BARRETO, Lima. *Numa e a Ninfa*, op. cit., p.25.

<sup>339</sup> Id., *ibid.*, p.39-40.

Numa pudesse realizar como figura pública. Se essa eventualidade a frustrou por um lado, por outro, possibilitou que ela tomasse a iniciativa de mudar tal panorama, estimulando, assim, o marido a emitir as próprias opiniões na Câmara.

Nesse aspecto, é interessante observar que o romancista desenhou o talento intelectual do deputado muito mais inclinado para atuação no palco das encenações teatrais do que para a criação propriamente. Desse modo, a proposta de Edgarda em auxiliá-lo com a escrita dos pronunciamentos, sugere tanto uma forma de evitar o risco de Numa cometer algum despropósito e, ao invés de fama, conquistar o fracasso ao falar de improviso, quanto, ou talvez, uma forma de o escritor deslocar, em certo sentido, os lugares sociais ocupados por “seu Numa” e por “sua Ninfa”.

Assim, quando o narrador barretiano informa que no desejo de Edgarda pela projeção de Numa “[...] era sua ambição que se realizava na celebridade do marido”<sup>340</sup>, ele enuncia elementos nos quais se desvela o quanto Lima Barreto era ciente das dificuldades de mobilidade feminina no contexto da escrita de seu romance, sobretudo quando às mulheres era negado o direito de participação nos espaços públicos de decisão, como no caso da política, instância na qual se deliberava sobre questões referentes tanto à vida delas quanto das pessoas em geral, seja as moradoras da cidade, como Edgarda, ou as do campo, e que, em grande parte, eram igualmente excluídas de tal direito.

Dessa maneira, o escritor traça, na personagem de sua ficção, um perfil forte e obstinado. Apesar de Edgarda viver num contexto no qual os limites para as ações femininas fossem bem estritos e demarcados, ela sabia criar, dentro dessas limitações, as próprias condições de mobilidade com vistas a alcançar a posição que tanto queria, num lugar de visibilidade. Sendo assim, se a ela era barrada a possibilidade de atuar no cenário público-político como protagonista, contudo isso não a impedia de, indiretamente, tentar participar de tal espaço de poder como coadjuvante do marido deputado. Nessa direção, conhecendo as inseguranças dele e aproveitando a ocasião em que Numa traz à conversa o elogio ao discurso de Eduardo Caldas, publicado no jornal que ele acabara de ler, ela pergunta e propõe:

- Por que você não fala?
- É... É... Mas...
- Precisa estudar, não é?
- É.
- Eu ajudo.

---

<sup>340</sup> BARRETO, Lima. *Numa e a Ninfa*, op. cit., p.39.

- Como? Você sabe?
  - Não. Vejo os livros – pergunto a papai; você indica outros, tomo notas e depois você as redige. Lê alguns discursos e o resto se arranja.
  - Não vá sair a cousa com algumas inconveniências.
  - Qual! Passo a limpo e você leva a papai, para ver o que há.
- A peça oratória foi assim composta; e, na redação final, Numa ficou muito contente com a habilidade da mulher. Encontrou muitas modificações felizes, muita frase bonita, e cheio de uma intensa alegria, perguntou:
- Você já escreve há muito tempo, Edgarda?
  - Não, nunca escrevi. Por quê? – respondeu a mulher com algum estremecimento na voz.
  - Por quê?... Porque tem muita coisa que você escreveu melhor do que eu.
  - Pois você pode ficar certo de uma cousa: escrevi o que está no teu rascunho, modificando uma ou outra cousa, naturalmente.<sup>341</sup>

Numa Pompílio de Castro seguiu a orientação de Edgarda e, após o consentimento do sogro, proferiu o discurso, que foi bastante celebrado e comentado. Esse acontecimento marcou o registro do nome dele como político eminente, cuja fama saltou do parlamento para outros ambientes. A partir de então, os passeios do casal Castro pelas ruas, salões e cafés passaram a ser acompanhados por felicitações honrosas e olhares de admiração para o ilustre deputado e, por extensão, à sua esposa. Desse modo, finalmente o doutor filho de escriturário entrava para o rol dos célebres figurões da política brasileira. Todavia, tal proeza, conforme o narrador sugere no fragmento acima, decorre devido à precedente propensão de Numa para a representação teatral, e o sucesso dele nessa empreitada só se tornou possível graças ao esforço e criatividade intelectual de Edgarda Cogominho na elaboração do texto a ser desempenhado por ele.

Tatiana Sena, com base nos estudos das relações de gênero elaborados pela filósofa Judith Butler, escreve artigo no qual aborda os lugares sociais ocupados pelas duas personagens barretianas referidas acima. Em tal abordagem, ela observa que, em *Numa e a Ninfa*, Lima Barreto realiza na relação de Edgarda para com Numa uma espécie de “operação de ventriloquismo”<sup>342</sup>. Tal indicação se justifica pelo fato de que a personagem, como mulher, sem direito a figurar ou a expressar sua voz nos altos cargos de prestígio

<sup>341</sup> BARRETO, Lima. *Numa e a Ninfa*...Op. cit., 1989, p.26-27.

<sup>342</sup> SENA, Tatiana. Papéis de gênero e vida pública em *Numa e a Ninfa*, de Lima Barreto. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES,3., Salvador, Campus I da UNEB, 15 a 17 de maio de 2013. *Anais*... Salvador: UNEB, 2013. p.1-9. p.1. Disponível em: < <http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2013/06/Pap%C3%A9is-de-g%C3%AAnero-e-vida-p%C3%BAblica-em-Numa-e-a-Ninfa-de-Lima-Barreto.pdf> >. Acesso em: 22 jun. 2015.

sociopolítico, para conseguir ter sua expressão politicamente ouvida, necessitava que essa voz fosse encenada pelo marido.

Sendo assim, em busca de diminuir suas inquietações a tal respeito, a esperta Edgarda se oferece para auxiliar na redação do texto a ser lido pelo marido na Câmara. Após aprovação dele, ela cumpre muito bem a tarefa, deixando-o surpreso com a qualidade do escrito, mas, na sequência, ela dissimula a própria inteligência e tenta fazê-lo acreditar que apenas melhorou os esboços das ideias dele.

Em tal operação, fica subentendido que Edgarda sabe das regras da distribuição dos lugares sociais “de homem” e “de mulher”, mas também sabe que nelas existe muita porosidade, nem sempre cada um consegue manter-se no nível “adequado”. Nessa perspectiva, como conhecedora das regras do jogo da relação dominador e dominado, ela usa de simulação e reforça para Numa uma imagem de si mesma em conformidade com as convenções sociais que queriam a mulher submissa. Então, disfarça sua real capacidade intelectual, fazendo-o acreditar ser inferior à do marido. Assim, lançando mão de códigos conhecidos, sem publicamente ameaçar a masculinidade dele, ela encontra seu jeito de mobilidade, procedimento que foi compensado, prova disso se dá na repercussão do discurso de Numa Pompílio no parlamento. Para Tatiana Sena, essa estratégia de Edgarda:

Traz à tona o caráter performativo do gênero, visto que o deputado produz um protagonismo público alicerçado no texto que acreditava ser da esposa, cuja face continua invisível e cuja voz permanece restrita à esfera doméstica, embora esse estratagema possa ser lido como uma ação ventríloqua de Edgarda.<sup>343</sup>

Edgarda está situada no contexto histórico da Primeira República, no qual um sem-número de mudanças – de todas as ordens –, advindas desde a segunda metade do século XIX, concorreu para a reformulação de hábitos e procedimentos praticados nas amplas instituições societárias, como a do casamento, por exemplo, que passou a ganhar outros contornos, como os movidos pelos sentimentos e escolhas individuais dos pretendentes, em decorrência da diminuição da força patriarcal-familiar de outrora<sup>344</sup>.

Contudo, as ações e práticas discursivas dos administradores responsáveis pela manutenção da “ordem” e dos “bons costumes”, em tentativas de conter as consequências do alargamento dessas mudanças, trataram logo de reforçar, nas reconfigurações socioeconômicas, político-culturais e espaciais em curso, o caráter de generificação que

<sup>343</sup> SENA, Tatiana. Papéis de gênero e vida pública em *Numa e a Ninfa...*, op. cit., p.6.

<sup>344</sup> SILVA, Jomar Ricardo da. *A educação da mulher em Lima Barreto*, op.cit.

deveriam conter. Assim, se, para o homem, casar poderia significar certo exercício de sua liberdade de escolha, para a mulher, ao contrário, ainda continuava sendo a ausência dessa possibilidade, dada a permanência de sua submissão à dominação masculina.

Desse modo, o estratagema do qual se utiliza Edgarda desvela seu caráter forte e sua vontade perseverante naquele contexto social em que a instituição do matrimônio figurava como um dos muitos mecanismos das forças normatizadoras dos comportamentos femininos, que prendiam as mulheres em suas malhas, e das quais elas dificilmente escapavam, seja porque absorviam tais normatizações, ou porque as condições existentes ainda não lhes permitiam a prática de modos de viver em total ruptura com os procedimentos habituais e com todos os valores impostos. Nessa perspectiva, se o rompimento com o sistema de dominação era difícil, isso não significa que a mulher tenha sucumbido a ele passivamente, sem travar suas batalhas com as “armas” que possuía para criar as condições de saída das amarras. Assim sendo, é com base no repertório do universo por ela vivenciado que Edgarda empreende suas ações para fugir da rotina de um casamento que começava a se organizar de modo abaixo das próprias expectativas.

De modo semelhante, em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, Olga é também uma mulher cuja vida de casada lhe apresenta muitas inquietações e conflitos. E estes podem ser compreendidos como elementos que a autorizam, em certa medida, a agir de maneira distante das convenções regradadas, pois em suas atitudes, mais que seguir as prescrições, ela se orientava pelo próprio bom senso. Assim, nessas ações, inscreve-se tanto sua independência de pensamento em relação ao esposo, como se acentua a firmeza de sua personalidade diante dos acontecimentos vividos.

Esses aspectos avizinham o perfil de Olga do da filha de Neves Cogominho, mas, diferente de Edgarda que, quando solteira, de algum modo, já havia traçado sua perspectiva para a existência matrimonial, ela, ao contrário, não vislumbrava o casamento com tanta objetividade, mesmo quase às vésperas de seu enlace, Olga não sabia responder com exatidão, nem para si mesma, a razão por que ia se casar.

A imprecisão a tal respeito vem à tona quando, em visita ao padrinho Policarpo Quaresma, ela comunica-o sobre o noivado, e este devolve a informação perguntando se ela de fato gostava do noivo. Ali, naquele momento, sucede uma série de autoquestionamentos, a partir dos quais Olga parece se dar conta de que o fato de gostar ou não do futuro marido talvez não fosse o verdadeiro motivo que a conduzia à vida de casada e, tampouco, esta era uma necessidade manifestada em seu íntimo:

E por que se casava? Não sabia... Um impulso do seu meio, uma coisa que não vinha dela – não sabia... Gostava de outro? Também não [...].

Casava por hábito de sociedade, um pouco por curiosidade e para alargar o campo de sua vida e aguçar a sensibilidade. Lembrou-se disso tudo rapidamente e respondeu sem convicção ao padrinho:

– Gosto.<sup>345</sup>

Segundo o narrador, Olga era admiradora de pessoas de caráter forte, de personalidades desprendidas e voltadas para grandes causas humanitárias, mas devido à fase de juventude na qual se encontrava, onde razão e sentimento se confundem, e à pouca experiência de vida, ela ainda não conseguia definir, entre essas características, quando estas se apresentavam em relevo em um indivíduo. Sabia, entretanto, que os rapazes a quem conheceu não lhe arrebataram os sentimentos nessa direção, assim sendo, o casamento se apresentava para ela como um caminho no qual podia satisfazer suas *curiosidades* e expandir os horizontes de sua vida.

Esse último aspecto do pensamento de Olga pode ser consequência da forte moralização existente sobre a mulher, cuja expansão se impregnava pelos espaços físicos frequentados por ela, limitando suas possibilidades de movimento e resultando muito difícil sua presença em ambientes de lazer, como teatros, salões e bailes se não fosse acompanhada da tutela masculina, pois o discurso polarizador do comportamento feminino incutia a prevalecente visão moralizada de que apenas a degenerada ou a “mulher pública” podia frequentar tais lugares desacompanhadas.

No que tange a esse aspecto, tal visão facultava a apreensão de uma suposta liberdade feminina na condição de casada, em comparação com a solteira, pois, em seu novo estado civil, deixava o domínio paterno, adquiria “autorização” para ir aos referidos espaços sociais – agora, em companhia do marido – e para experimentar os prováveis prazeres da vida a dois. Entretanto, como solteira, sendo moça de “boa família”, deveria evitar esses ambientes, em nome do recato sexual, que lhe conferia a reputação de decente e honrada. Contudo, tal noção prescreve, tanto a uma como à outra, a subjugação às regras morais que elegiam e universalizavam um único modelo de comportamento feminino como adequado e, assim, subtraía delas a oportunidade de realizar as múltiplas vontades individuais.

De todo modo, assim como a relação entre Edgarda e Numa de Castro, o casamento de Olga não deixa de ser baseado na conveniência. Seguindo os *hábitos de sociedade*, ela buscava atingir realizações pessoais – sem se esquecer também das causas grandiosas – cuja

---

<sup>345</sup> BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*, op. cit., p.161-162.

concretização talvez fosse dificultada por sua condição socioeconômica e solteirice, sobretudo quando, como já visto, os estigmas e estereótipos marcavam negativamente as moças que, em “idade de casar”, adiavam o casamento, seja por obrigação ou por tentarem seguir as próprias orientações que as desviavam da rota matrimonial traçada e naturalizada para elas. Por seu turno, o médico Armando Borges, que não possuía bens materiais, mas tinha um alto juízo de si por conta do título de “doutor”, ao se unir a uma moça rica como Olga Coleoni “[...] via diante de si uma larga estrada de triunfos nas posições e na indústria clínica”<sup>346</sup>.

Do alto de sua “estirpe”, Armando Borges acreditava que sua formação acadêmica tinha sido o fator decisivo para a esposa se encantar com a simbologia social que esta representava e, então, aceitar casar-se com ele, mas Olga, ao contrário da crença de Armando, não foi movida ao matrimônio pelo fato de ele ser doutor. Ela não desconsiderava o título, achava-o importante, mas, segundo o narrador, ela se empolgou a princípio com a própria criação da imagem de um homem inteligente e dedicado à ciência<sup>347</sup>.

A presunção personificada no marido da afilhada do major Quaresma figura como um recurso por meio do qual Lima Barreto se serve para criticar a recorrente mania das novas elites constituídas no regime republicano que, ávidas por demonstrar seu pertencimento às altas posições hierárquicas no novo contexto socioeconômico brasileiro, valorizavam sobremaneira o título de doutor e todo um conjunto de signos e emblemas eleitos como elementos de distinção social. Nessa caracterização de Armando, como em algumas outras passagens da narrativa de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, é possível visualizar que o narrador barretiano contrapõe o perfil do esposo ao de Olga, e nessa operação, se acentua para o leitor a intercessão dele em favor da personagem feminina.

Olga é filha de Vicente Coleoni, um imigrante italiano de origem humilde que ganhava a vida no Rio de Janeiro como vendedor ambulante e, por meio desse ofício, travou contato com Policarpo Quaresma e a irmã deste, dona Adelaide, com quem o major morava. Certa feita, passando por apuros, se viu na iminência de perder a cabeça e o pequeno comércio, pois pretendia fazer uma atrocidade com o colega responsável por sua perda de crédito na praça. No entanto, desistiu da má ideia graças à sábia orientação de Quaresma e ao empréstimo em dinheiro que este lhe concedera. De posse do capital, Coleoni “[...] pôs uma quitanda, ganhou uns contos de réis, fez-se logo empreiteiro, enriqueceu, casou, veio a

<sup>346</sup> BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*, op.cit., p.207.

<sup>347</sup> Id., ibid., p.208.

ter aquela filha, que foi levada à pia pelo seu benfeitor”<sup>348</sup>. A menina foi crescendo ativamente, tornou-se adulta e, nesse percurso, no qual também pôde conviver com o padrinho, passou a acomodar em si um sentimento de grande estima por ele, principalmente porque:

Sentia confusamente nele alguma coisa de superior, uma ânsia de ideal, uma tenacidade em seguir um sonho, uma ideia, um voo enfim para as altas regiões do espírito que ela não estava acostumada a ver em ninguém do mundo que frequentava. Essa admiração não lhe vinha da educação. Recebera a comum às moças de seu nascimento. Vinha de um pendor próprio [...].<sup>349</sup>

Nesse fragmento se destacam a inteligência espontânea e a sensibilidade desenhadas no perfil da afilhada do major, e ambas se constituem em aspectos fundamentais desenvolvidos na trama do romance que apontam para a apreensão de Olga como uma mulher possuidora de independência de pensamento e de espírito de solidariedade, o que lhe facultava ser uma das poucas personagens a compreender a obstinação do padrinho em lutar pelos motivos nacionais e patrióticos nos quais acreditava e, por isso, tem por ele uma admiração e afeto sinceros. De certo modo, Quaresma personifica tudo aquilo que ela mais admirava numa pessoa, como a capacidade de se desprender na projeção de grandes causas coletivas. Além disso, as características do caráter do padrinho, expressos no recorte acima, também trazem à cena elementos de contraposição entre este e o esposo dela, Armando Borges.

Essa contraposição é flagrada por Olga durante seu casamento, no qual à monotonia dos dias transcorridos se junta, também, a sua decepção em relação ao marido. Armando Borges trabalhava em hospital particular onde, por três vezes por semana, atendia os pacientes em apressadas consultas e, de pronto, logo os despachava com as receitas elaboradas quase com antecedência. Em sua ambição, além de riqueza, queria projeção, e via no carreirismo uma das pontes para conseguir realizar seu intento, assim, para ele, era imperioso pertencer aos quadros do governo, “[...] queria ter um cargo oficial, médico, diretor ou mesmo lente da faculdade. E isso não era difícil, desde que arranjasse boas recomendações, pois já tinha certo nome, graças à sua atividade e fertilidade de recursos”<sup>350</sup>.

Investido de esforços para entrar nos altos postos públicos, Borges, passou a comprar muitos livros para lhe servir de auxílio na escrita de artigos e tratados clínicos que enviava para publicação nos jornais e, por meio deles, ia ganhando renome. De acordo com o

---

<sup>348</sup> BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*, op.cit., p.115.

<sup>349</sup> Id., *ibid.*, p.116.

<sup>350</sup> Id., *ibid.*, p.260.

narrador, essa tarefa do aspirante a ilustre doutor era algo bastante dificultoso de ser realizado, porque, a bem da verdade, o genro de Vicente Coleoni tinha pouca disposição para os estudos sistemáticos e profundos, assim sendo, suas produções intelectuais não passavam de embustes. O acervo montado na biblioteca da casa do casal, para ele, não tinha tanto o significado de fontes para o aprendizado, mas uma espécie de palco no qual precisava convencer-se a si mesmo e a Olga da suposta grande inteligência que possuía.

Todavia, a afilhada de Quaresma, com sua sagacidade, não demorou muito a perceber o quão dissimulado era seu esposo. Desde quando noiva, na verdade, ela já desconfiava que o amor aos estudos e a dedicação à ciência, por ele apregoados, eram de fato bem superficiais. Mas a desconfiança só pôde ser constatada no convívio conjugal, sucedendo-lhe uma grande decepção por ele, sobretudo porque para ela, na atitude de Armando, residiam dois agravantes imperdoáveis: a ganância e a ausência de honestidade da parte dele. A apreensão e a mistura de sentimentos de Olga por Armando podem ser acompanhadas no fragmento narrado a seguir:

Desde muito que a mulher lhe entrara na sua simulação de inteligência, mas aquela manobra indecorosa indignou-a. Que necessidade tinha ele disso? Não era já rico? Não era moço? Não tinha o privilegio de um título universitário? Tal ato pareceu à moça mais vil, mais baixo que a usura de um judeu, que o aluguel de uma pena...

Não foi desprezo, nojo que ela teve pelo marido; foi um sentimento mais calmo, menos ativo; desinteressou-se dele, destacou-se de sua pessoa. Ela sentiu que tinham cortado todos os laços de afeição, de simpatia, que prendiam ambos, toda a ligação moral, enfim.<sup>351</sup>

Nesse trecho, mais uma vez, o narrador enfatiza a inteligência sensível de Olga, a qual permite vir à tona seu senso de justiça que a faz se interrogar sobre os manejos interesseiros de Armando, movimento no qual se evidenciam as condutas opostas dos dois. Assim, tal inquirição é uma espécie de elemento que faz desencadear nela, ou talvez acentuar a percepção da própria diferença, desprendida tanto de sua condição de gênero quanto dos valores que considerava fundamentais para serem cultivados entre os indivíduos. Em tais aspectos, reside a inscrição *estranha e diferente* de Olga, seja em relação a Armando ou à maioria das pessoas com quem convivia no universo burguês. Nessa dimensão, não é à toa que ela se compadece do incompreendido major Policarpo Quaresma, talvez porque reconheça nele o mesmo sentimento de estranheza vivido por ela e que os unia e aproximava para além dos mútuos laços sentimentais entre afilhada e padrinho.

---

<sup>351</sup> BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*, op.cit., p.262.

Nessa dimensão, é importante observar que diferente de Armando e Quaresma, que realizam suas ações nos espaços públicos, Olga está circunscrita ao universo doméstico, mas este, longe de ser considerado tranquilo, é também um ambiente no qual se desenrolam inquietação e conflito. Se, como homem, o admirado padrinho podia tentar, quem sabe, projetar publicamente seu desejo de realizar seus *sonhos* e *ideias* diferentes, talvez com menos obstáculos – ainda que esse estivesse se constituindo numa figura estranha aos olhares normatizados e tendo, por isso, de pagar um alto preço. Ela, como mulher, mesmo seguindo a convenção da vida matrimonial, em alguma medida, também podia encontrar meios de manter sua postura independente.

Se, por um lado, ao descobrir a simulação do marido, sugere a aceitação e o respeito aos limites do comportamento burguês, ao não seguir o impulso de desafiá-lo ou mesmo confrontá-lo com seus questionamentos<sup>352</sup>, por outro, não perde sua dignidade e, deliberadamente, se *destaca* da *pessoa* dele. Desse modo, realiza, numa dimensão subjetiva, seu embate contra as forças que ele representa, assim, se destaca de Armando e assume sua diferença, coloca-se em deslocamento contra a falta de honradez e valores corrompidos e busca construir “outro lugar”<sup>353</sup> no qual pudesse viver não fora do mundo a que pertencia, mas fazer deste mesmo mundo a possibilidade de um espaço onde a rigidez dos moldes instituídos não ganhe acomodação suficiente a ponto de deixá-la anular sua individualidade. De acordo com o narrador, antes de chegar à decisão de proceder dessa forma consigo e em relação ao esposo, Olga até cogitou a ideia de ser adúltera:

Passou-lhe um pensamento mau, mas de que valeria essa quase indignidade?... Todos os homens deviam ser iguais; era inútil mudar deste para aquele ...

Quando chegou a essa conclusão, sentiu um grande alívio, e a sua fisionomia se iluminou de novo como se já estivesse de todo passada a nuvem que empanava o sol de seus olhos.<sup>354</sup>

Nesse enunciado, é possível observar, claramente, os desassossegos conjugais experimentados pela afilhada de Policarpo Quaresma, decorrentes dos aspectos já levantados anteriormente. Nessa dimensão, os ditames da placidez da vida privada feminina não ressoavam totalmente em Olga Coleoni Borges, nela, ao contrário, essa experiência lhe

<sup>352</sup> GAY, Peter. *A educação dos sentidos: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*: São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.63.

<sup>353</sup> FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In:\_\_\_\_\_. *Ditos e escritos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. v.3.

<sup>354</sup> BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*, op. cit., p.262.

provocava intranquilidade, mas ao mesmo tempo, ainda que sem necessariamente romper com a domesticidade do lar, tal intranquilidade a instigava a buscar alternativas para uma existência mais significativa. Disso decorre, então, sua ideia de trair o marido com outro.

Entretanto, ela avalia que esse procedimento seria *inútil*, pois supõe que, dificilmente, não se depararia com algum outro *homem* da mesma feitura do esposo. Olga parece compreender, assim, que não é do exterior e tampouco de uma presença masculina, representada na figura de um amante, que depende a mudança a ser empreendida na própria vida; seguir por esse caminho seria como uma espécie de repetição do mesmo “erro”. Dessa maneira, apreende que a saída e a possibilidade de realizar outro modo de existência, capaz de fissurar o modelo opressor instituído e que vivencia, poderiam ser exequíveis a partir de si mesma, da transmutação de seus questionamentos em conduta nessa direção. Assim, lança-se numa jornada heterotópica na qual “[...] ela dissimulava os seus sentimentos, mais por dignidade e delicadeza que mesmo por qualquer outro motivo”<sup>355</sup>. E seu marido, Armando, como já visto, de inteligência bem distinta da de Olga, não teve sensibilidade para identificar sua transformação, tanto mais que “[...] a ele faltavam a sagacidade e finura necessárias para descobri-los sob o seu esconderijo”<sup>356</sup>.

A conduta de Olga sugere a criação de modos nos quais ela reelabora o próprio cotidiano e inventa jeito de constituir a própria autonomia feminina e individualidade na vida conjugal. Se, por um lado, a retidão de seu caráter não tolera os ardis do esposo, por outro, a “indissolubilidade” do casamento, desencadeia a possibilidade de pensar formas de se alcançar o meio termo, assim, na sutileza de sua indiferença em relação a Armando, encontra a maneira oportuna de protagonizar sua mobilidade ante a situação de impasse vivida em seu lar. Nessa dimensão, o procedimento de Olga Coleoni pode ser apreendido à luz das formulações de Judith Butler acerca dos processos das discursividades de gênero. Para essa estudiosa, em tal trilha há múltiplas constituições de sujeitos, e essa variação em grande parte se relaciona às ações, significações e reconfigurações que eles mesmos produzem dentro das condições e no contexto em que vivem. Sendo assim:

Não é um sujeito transcendental que permite a ação [...]. Não há *eu* que seja anterior à convergência ou que mantenha uma “integridade” anterior à sua entrada nesse campo cultural conflituoso. Há apenas um pegar as

---

<sup>355</sup> BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*, op.cit., p.262-263.

<sup>356</sup> Id., *ibid.*, p. 263.

ferramentas onde elas estão, sendo esse próprio “pegar” facultado pela ferramenta que ali está.<sup>357</sup>

Nessa dimensão, importa considerar que Olga, em sua experiência, vivencia todo um sistema de regulação sobre si, imposto nas normatizações burguesas e, como pessoa desse mesmo universo burguês, ela repetia os códigos aprendidos ao longo de sua vida. Entretanto, eles não a determinaram, pois, em sua rotina doméstica, ela aprendeu a criar alternativas para possibilitar suas ações, como sua atitude de se *destacar* da figura de Armando, de evidenciar sua condição de gênero diferente da dele.

Como mencionado acima, a mudança de comportamento de Olga por muito tempo passou despercebida a Armando, mesmo porque, como sugere o narrador, ele de fato pouco conhecia as ideias da esposa. A surpresa em relação às independentes opiniões dela ocorre por ocasião em que o casal e Vicente Coleoni comentam sobre as ações dos envolvidos na Revolta da Armada instigados pela leitura de *O País*, na qual ficam sabendo que o major Quaresma havia telegrafado a Floriano Peixoto informando que ia se juntar às tropas do exército. Coleoni considera uma loucura essa decisão do compadre em abandonar a vida de aposentado e os projetos agrícolas nos quais investira tanto tempo e economias no sítio em que agora morava, para voltar a compor os quadros militares e proteger os interesses do governo. Já para Armando Borges, não importava se aposentado, com idade avançada ou não, pensava que era obrigação de todo patriota defender a República.

Olga, por seu turno, a princípio até quase censurou Quaresma em pensamento, mas reavaliou e compreendeu que o padrinho apenas estava sendo coerente consigo e com as próprias ideias, das quais fizera seu estilo de vida. Na troca de opiniões entre os dois homens, ela interpela sobre aqueles que estão do outro lado da revolta, pois a conversa sobre patriotismo a conduz à observação de que tal fenômeno estava sendo compreendido como direito exclusivo dos combatentes contra os revoltosos, por isso, para ela, tal compreensão era bastante questionável. À sua interpelação, Armando responde:

Se eles [também] fossem patriotas não estariam a despejar balas para a cidade, a entorpecer, a desmoralizar a ação da autoridade constituída.

– Deviam continuar a presenciar as prisões, as deportações, os fuzilamentos, toda a série de violências que se vêm cometendo, aqui e no Sul?

– Você, no fundo, é uma revoltosa – disse o doutor, fechando a discussão.

---

<sup>357</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p. 209.

Ela não deixava de ser. A simpatia dos desinteressados, da população inteira era pelos insurgentes.<sup>358</sup>

A essa demonstração de autonomia de pensamento de Olga se soma também sua atitude independente quando se trata de agir em defesa de um injustiçado que, nesse caso se refere a Policarpo Quaresma, a quem – em sua ingênua crença de que, com sua participação na revolta podia acessar os gestores da República com suas ideias de transformar o Brasil num grande e reconhecido país agrícola – a sucessão dos acontecimentos relacionados à insurreição dos marinheiros fez prisioneiro como traidor da pátria e condenado à morte, exatamente quando ele se indispôs contra o sistema arbitrário de condenação dos revoltosos durante o período em que esteve como carcereiro na Ilha das Enxadas. Por intermédio de Ricardo Coração dos Outros é que Olga se inteira de tais acontecimentos que a enchem de uma mistura de sentimentos como pena, revolta e piedade.

Todavia, o solidário violeiro, professor de modinhas de Policarpo Quaresma, não fora até a casa da afilhada com o propósito de ouvir lamúrias, mas de encontrar meios de salvar o pobre amigo do cruel destino imposto, e isso Olga sabia. Então, com toda disposição, procurou lembrar, entre todas as suas relações, quem poderia auxiliá-la, mas quase em desespero foi descartando-as, pois em cada amiga que lembrava encontrava algum empecilho. Conhecendo o caráter de Armando e estando este já em serviço para o governo, achava muito pouco provável que pudesse contar com a ajuda dele. Então, resolve ela mesma, acompanhada de Ricardo, ir ao Itamarati intervir pelo padrinho. Já prestes a sair de casa, o marido, que acabara de chegar, pergunta aonde ela estava indo, após a resposta, de modo tranquilo, mas persuasivo, ele tenta demovê-la da ideia:

– Fazes mal.

– Por quê? – perguntou ela com calor.

– Vais comprometer-se. Sabes que...

Ela não lhe respondeu logo e mirou-o um instante com os seus grandes olhos cheios de escárnio; mirou-o um, dois minutos; depois, riu-se um pouco e disse:

– É isto! “Eu”, porque “eu”, porque “eu”, é só “eu” para aqui, “eu” para ali... Não pensas noutra coisa... A vida é feita para ti... Muito engraçado! De forma que eu (agora digo “eu” também) não tenho direito de me sacrificar, de provar a minha amizade, de ter na minha vida um traço superior? É interessante! Não sou nada, nada! Sou alguma coisa como um móvel, um adorno, não tenho relações, não tenho amizades, não tenho caráter? Ora!...<sup>359</sup>

<sup>358</sup> BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*, op.cit., p. 264.

<sup>359</sup> Id., ibid., p.358.

Com seu procedimento sempre centrado em si mesmo, em busca de alcançar suas ambições, Armando pouco se dera ao trabalho de conviver mais tempo e se aproximar da esposa, por isso, diante dos argumentos e irritação de Olga, ele se surpreende como se estivesse diante de uma desconhecida. Diante da surpresa, e pretendendo fazê-la desabar as defesas, ele ironiza na sequência do diálogo:

– Estás no teatro?

Ela lhe respondeu logo:

– Se é só no teatro que há grandes coisas, estou.

E acrescentou com força:

– É o que eu te digo: vou e vou, porque devo, porque quero, porque é do meu direito.

Apanhou a sombrinha, consertou o véu e saiu solene, firme, alta e nobre. O marido não sabia o que fazer. Ficou assombrado e assombrado e silencioso viu-a sair pela porta a fora.<sup>360</sup>

O espanto de Armando se dá porque sua visão sobre a esposa corresponde exatamente àquilo de que ela o acusa, de ser para ele um mero *adorno*, uma “menina”<sup>361</sup> incapaz de agir de tal modo por vontade própria. Nessa medida, a ação protagonizada por Olga subverte a noção equivocada e negativa sobre a capacidade feminina de autonomia de pensamento. Na trama de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, o narrador barretiano conduz o leitor do romance à apreensão de que a senhora Armando Borges é, na verdade, uma mulher cujo instrumental intelectual sensível lhe permite olhar para o mundo ao seu redor, observar o funcionamento e a ordem das coisas e nem sempre aceitá-las do modo como foi convencionalizada a fazer. Dessa forma, quem acaba passando por ingênuo é seu esposo, que não soube captar o processo de transformação dela entre os dias de noivado e aquele momento. Olga, entretanto, sabe exatamente com quem está lidando e, tal como Edgarda, simula o cumprimento de sua posição social de esposa cordata.

Pontualmente, Lima Barreto realiza o desfecho da simulação de Olga no diálogo entre o casal Borges inscrito no trecho acima, no qual o leitor do romance pode observar que a afilhada de Quaresma, como pessoa inteirada sobre o modo como o marido fabricara uma ilusória imagem de si para ser encenada publicamente, serve-se da mesma linguagem que ele conhece, mas, diferente dele, num jogo de cena em que ela não precisa esconder os recursos de sua atuação. Naquele momento, ela se recusa a ser submissa às opiniões e vontades dele e

<sup>360</sup> BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*, op.cit., p.358.

<sup>361</sup> Id., loc. cit.

demonstra ser capaz de imprimir um *traço superior* na própria vida em que seu lugar de atuação pode ser, também, o de protagonista.

A apreensão de Olga sobre a autorrepresentação produzida por Armando – da imagem dele como homem público, afinado com os conhecimentos científicos, reforçando expectativas externas e as dele próprio em torno de si – e a possibilidade de ela mesma construir outro modo de viver no qual pudesse se deslocar das regras instituídas, conduz à interpretação de que, na relação de ambos, estão postas as construções sociais em torno do “ser homem” e do “ser mulher”. E estas podem ser compreendidas, mais uma vez, em consonância com as proposições de Judith Butler de que “[...] os atributos de gênero não são expressivos, mas performativos”<sup>362</sup>.

Desse modo, como “elaborações culturais”, os lugares sociais generificados se baseiam “numa construção dramática e contingente de sentido”<sup>363</sup>. Sendo assim, quando Armando pergunta para Olga: “– Estás no teatro?” e esta lhe responde: “– Se é só no teatro que há grandes coisas, estou”<sup>364</sup>, parece não ter sido por acaso que o narrador faz alusão ao espaço por excelência de encenação ser destaque na fala dos dois, como uma espécie de operação na qual se desnuda o processo que engendra a construção das supostas características naturais de gênero. Nessa medida, a conexão entre o trecho barretiano e a proposição de Butler permite compreender que os atributos de diferenciação entre eles não são essenciais, mas decorrem de construções performáticas generificadas que podem naturalizar ou não as determinações sociais.

A desilusão de Olga quanto ao casamento, principalmente ao se dar conta da “verdadeira face” de Armando, tanto trouxe à tona a consciência de sua própria singularidade, quanto a impulsionou a buscar, na possibilidade de um relacionamento extraconjugal, uma forma de acalantar o desencanto com a vida de casada. Entretanto, como visto anteriormente, a ela falou mais alto a suposta apreensão de que todos os homens eram iguais, ou ao menos os do seu meio social, assim sendo, escolheu como trilha alternativa uma espécie de exílio particular, no qual buscou transformar ou recriar sua existência fora daquele espaço matrimonial e das relações pautadas nos valores que a descontentavam. Nessa perspectiva, se para Olga a experiência do adultério não chegou a se concretizar, o mesmo não ocorreu com Edgarda de *Numa e a Ninfa*, que vivenciou tal experiência com o primo Benevenuto.

---

<sup>362</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de gênero...*, op.cit., p. 201.

<sup>363</sup> Id. *ibid.*, p. 199.

<sup>364</sup> BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*, op.cit., p.358.

Em *Numa e a Ninfa*, o narrador apresenta ao leitor as condições que, de certa forma, propiciam a compreensão do nascimento da relação entre a esposa de Numa Pompílio de Castro e seu amante, assim sendo, importa levar em consideração os aspectos apontados para este caminho. Edgarda e Benevenuto conviveram juntos quando crianças, no entanto, ela não chegara a conhecer bem o primo, pois em suas juventudes estiveram um tanto afastados, principalmente porque as opiniões políticas dele, contrárias às de Neves Cogominho, eram censuradas em sua casa e, como ela ainda era bem jovem e muito influenciada pelas observações do pai, acabou por não ampliar a própria opinião sobre o parente.

A provável relação de companheirismo interrompida entre os dois e outros fatores elencados pelo narrador permitem apreender o processo de amadurecimento de Edgarda que, de algum modo, estabeleceram as bases para ela construir, com Benevenuto, um novo tipo de relacionamento.

Seu casamento com Numa, destituído dos laços amorosos sentimentais, com o passar dos dias, concorreu para ela divisar, de modo mais flagrante, os atributos negativos do marido, mas também sua experiência acumulada na sucessão dos eventos vividos e, ainda, o fato de, após o enlace com o deputado, assumir seu *status* de casada, agindo como uma mulher em desobrigação com a autoridade paterna, mais “livre”, portanto, para agir de acordo com a própria opinião. Nessa perspectiva, no contato reestabelecido com o primo, ambos perceberam as mudanças um do outro, descobriram afinidades entre eles e, por essa ocasião, Edgarda passou a repará-lo também com olhos de mulher.

Diferente da relação que tem com Numa, em Benevenuto, Edgarda encontra uma pessoa da qual ela se envaidece por fazer parte de seu convívio, com quem troca opiniões, confessa inquietações quanto às próprias expectativas e, acima de tudo, alguém com quem partilha sentimentos comuns:

De volta de Sepotuba, esquecida ou já não tão dominada pelas primeiras concepções, acolheu o primo com grande efusão, admirou-o, apagando de todo a ponta de diabolismo que encontrava nele e amaram-se sem saber como, sem determinar o começo, ora parecendo amor antigo, ora um recente capricho.<sup>365</sup>

Benevenuto é apresentado na narrativa como pertencente ao mesmo grupo social de Edgarda, mas, diferente de Numa e de Neves Cogominho, ele não tinha se encaminhado para a carreira política, principalmente porque, em sua inteligência e sagacidade, enxergava a

---

<sup>365</sup>BARRETO, Lima. *Numa e a Ninfa*, op. cit., p.90.

hipocrisia estabelecida nos bastidores desse universo, no qual os oportunismos, a corrupção de favores e outros mecanismos empregados por boa parte dos políticos contribuíam para reduzir as funções desses homens públicos à busca pelo “poder” com vistas a atenderem os próprios interesses, enquanto a maioria das pessoas, que não participavam de tamanho espetáculo, permanecia em condições de privação e submissa. Assim, diante de tal quadro, o primo de Edgarda preferia preservar a liberdade de pensamento a alinhar-se a tais conluios.

Esse breve histórico de Benevenuto demonstra o quanto ele se contrapõe à maioria dos homens ou mesmo das pessoas com quem Edgarda convivera e, da mesma forma, dos princípios que ela aprendera e absorvera ao longo de seu trajeto. Entretanto, ele, diferente da prima, pôde estudar até se formar e se desvencilhar das regras do jogo do poder com as quais não concordava – embora sua postura, apesar da ampla visão de mundo, fosse um tanto acomodada – e, além disso, buscou aproveitar a vida com a liberdade permitida a pessoas do seu sexo e condição social, pois, como homem rico, se permitiu o direito de viver de herança. Enquanto ela, por seu turno, como já visto, teve sua mobilidade bastante limitada à esfera da domesticidade burguesa, na qual fora instrumentalizada por uma educação que pouco a auxiliou a expandir os horizontes para longe dos valores equivocados, difundidos nos ambientes “contaminados” nos quais convivera durante sua vida.

No romance, também é outorgada a Benevenuto a função de construtor dos discursos de Numa Pompílio de Castro, porém a manifestação de tal informação não acontece imediatamente no primeiro pronunciamento do deputado. Na sucessão dos acontecimentos colocados em boa parte da narrativa, tudo leva a crer que, de fato, é Edgarda a autora das peças oratórias do marido, apenas a partir do capítulo no qual são narrados a entrada do primo na trama e o relacionamento entre os dois, pontuado também com conversas sobre política, é que há a deixa para a possibilidade de não ser somente ela quem as confecciona, e, em outra ocasião narrada no livro, a suspeita se confirma, quando esta solicita, por telefone, a opinião de Benevenuto sobre qual o procedimento que Numa deveria adotar para o escrutínio na Câmara.

Como visto anteriormente, Benevenuto e Edgarda tinham apreensões um tanto quanto distintas sobre assuntos de política, pois enquanto um tinha uma visão mais ampla a tal respeito, o outro tinha um olhar mais imediato e utilitário. Entretanto, apesar das diferenças de pontos de vista entre os dois, a construção dos discursos de Numa, seja de autoria ou só de colaboração do primo, sugere a parceria existente entre o casal de amantes, resultando da convergência de características afins entre ambos, como a vivacidade e a inteligência.

Nessa medida, a apresentação de Benevenuto como mentor da construção do texto e do “eloquente” deputado Numa Pompílio de Castro não anula a compreensão de Edgarda do modo como realizado, antes, no presente texto. Até porque, para o primo, o empenho de Edgarda em fazer do esposo um político renomado era bastante esquisito:

Verdadeiramente amava-a, tinha necessidade dela na sua vida e no seu pensamento; mas, sempre lhe foi difícil compreender por que razão íntima Edgarda teimava em fazer figurar o marido como orador, um orador ilustrado. Por meio do marido, parecia, ela dava expansão à sua necessidade de domínio; era ingênuo, porém, fazê-lo, portanto Numa com a sua irremediável preguiça mental nem ao menos os autores que citava, lia e deles compreendia alguma coisa. A sua atonia de inteligência requeria uma artificial alimentação intelectual e esta ainda não havia sido inventada.<sup>366</sup>

No enunciado narrado acima, destacam-se os sentimentos de Benevenuto pela prima, sua incompreensão sobre a razão que levava Edgarda a teimar em tornar o marido *um orador ilustrado*, bem como, mais uma vez, a caracterização da capacidade intelectual do genro de Neves Cogominho. Nessa perspectiva, o narrador barretiano conduz o leitor à apreensão de que se trata de certa ingenuidade de Edgarda querer se figurar como pessoa superior, por meio desse subterfúgio. Entretanto, tal apreensão não se trata de condenação moral, antes se trata de considerar a fragilidade do meio de que ela se utiliza, por conta da medíocre inteligência de Numa Pompílio de Castro. Essa compreensão sobre o deputado é também a forma como Benevenuto concebe o esposo de Edgarda, no entanto, ele não tenta fazê-la abrir mão de sua vontade.

Tanto é que, no avançar da leitura do romance, é possível acompanhar a completa dependência de Numa das orientações e dos discursos elaborados pela esposa para a manutenção de sua carreira de ilustre e expressivo deputado. Já ao final do livro, o narrador traz para o foco da narrativa a cena em que o genro de Cogominho volta para casa após um dia não muito favorável para ele na Câmara em consequência da tentativa de se pronunciar sem os habituais estudos de texto que vinha praticando.

E, tão logo ele chega, Edgarda observa a fisionomia do marido e sente que há algo de errado, receosa, pergunta sobre o motivo da aflição dele. Numa, então, conta-lhe o ocorrido. Frustrado, ele pensa que é preciso, com urgência, desfazer a má impressão causada na assembleia ou, então, seria o fim do sucesso de sua carreira política. Ela, mais uma vez, se prontifica a ajudá-lo. Na sequência da narrativa, o deputado finalmente descobre como se dava o processo de redação dos discursos proferidos por ele:

---

<sup>366</sup>BARRETO, Lima. *Numa e a Ninfa*, op. cit., p.190-191.

Pensou em ir ver a mulher; em ir agradecê-la com um abraço o trabalho que estava tendo por ele. Calçou as chinelas e dirigiu-se vagarosamente, pé ante pé, até ao aposento onde ela estava. Seria uma surpresa. As lâmpadas dos corredores não tinham sido apagadas. Foi. Ao aproximar-se ouviu um cicio, vozes abafadas... Que seria? A porta estava fechada. Abaixou-se e olhou pelo buraco da fechadura. Ergueu-se imediatamente... Seria verdade? Olhou de novo. Quem era? Era o primo... Eles se beijavam, deixando de beijar, escreviam. As folhas de papel eram escritas por ele e passadas logo a limpo pela mulher. Então era ele? Não era ela? Que devia fazer? Que descoberta! Que devia fazer? A carreira... o prestígio... presidente... Ora bolas!

E Numa voltou, vagarosamente, pé ante pé, para o leito, onde sempre dormiu tranquilamente.<sup>367</sup>

Essa cena é bastante ilustrativa de toda a ausência de juízo moral conduzida na narrativa de *Numa e a Ninfa* diante do adultério de Edgarda, e cujo desfecho da trama não se dá por meio do trágico recurso no qual o marido, em nome da preservação da honra, cometia o assassinato da mulher. É certo que a descoberta do caso extraconjugal da esposa chateou o deputado, mas, para ele, pesou o fato de que um ato impulsivo poderia significar a perda de oportunidade de manutenção e ampliação de uma *prestigiada* carreira política, quem sabe até a possibilidade de conquistar o posto de *presidente* da República. Sendo assim, Numa deixa falar mais alto sua ambição por glória e, então, escolhe fingir que não havia descoberto o relacionamento entre Edgarda e Benevenuto.

Por meio do enunciado presente no recorte acima e, também, em toda a relação de Edgarda e Numa ao longo do romance, Lima Barreto também problematiza, em seu *Numa e a Ninfa*, as forças dominantes instituídas que, neste caso, são responsáveis por estabelecer e proliferar, entre os indivíduos, um modelo de matrimônio baseado exatamente nos valores e interesses materiais e na busca por prestígio social. Assim, com o adultério de Edgarda, o escritor macula a ideia tradicional burguesa de casamento e denuncia a hipocrisia muitas vezes existente nessas uniões conjugais. Nesse movimento, evidencia o nexo entre sua literatura e o contexto da produção de sua escrita.

De acordo com Durval Muniz de Albuquerque Júnior, no processo de horizontalização das relações sociais ocorrido na República brasileira até meados do século passado, a infidelidade conjugal passou a ser um item recorrente do repertório das forças conservadoras que tentavam conter tal processo. Nessa medida, o adultério feminino, especialmente, foi adquirindo cada vez mais uma evidência pública, como uma espécie de símbolo no qual

---

<sup>367</sup> BARRETO, Lima. *Numa e a Ninfa*, op. cit., p.224.

estavam impressos o desrespeito e a infidelidade à ordem hierárquica tradicional estabelecida<sup>368</sup>.

Nessa perspectiva, quando Lima Barreto apresenta Edgarda como a “infiel”, e não, o marido Numa Pompílio de Castro, ele delata os mecanismos de manipulação das condutas femininas e afronta as regras estabelecidas, subvertendo os modelos feminino e masculino dominantes, ao deslocar sua personagem da posição social feminina imposta na tradição. Seguindo nessa direção, Carlos Erivany Fantinati, no artigo “Lima Barreto e a mulher”, observa que o adultério feminino colocado na ficção barretiana “[...] é também uma forma de contestar o casamento, como está estabelecido: o contrato efetuado como meio para o homem ampliar os seus bens e, entre estes, inclui-se o ‘objetivo’ mulher”<sup>369</sup>.

Nessa perspectiva, como tem sido possível acompanhar no presente texto, Edgarda é a inteligência articuladora do casal. Sem ela, Numa Pompílio de Castro não passaria de uma figura apagada e sem nenhuma projeção, assim sendo, não é à toa que ele tenha preferido não confrontar a esposa em sua “infidelidade”, tanto mais que, talvez com sua atitude – como sugere o narrador –, entre eles, publicamente, tudo iria permanecer como antes. E, assim, o medo de Numa de que ele pudesse ser desmoralizado se sua carreira se desfizesse, não passaria de um segredo íntimo do casal.

Edgarda, junto com outros tantos aspectos da literatura de Lima Barreto, se constitui num dos itens no qual o escritor se prontificou a colocar a caneta em punho a fim de aclarar as prováveis incompreensões acerca dos elementos contidos em seus textos. Esse é o caso presente na minuta de carta a João Ribeiro, escrita no dia três de junho de 1917, na qual o romancista, fazendo valer sua concepção de escritor-crítico, recusa a apreensão da personagem a partir de juízos morais:

Não costumo discutir as críticas aos meus livros, nem devo. Mas permita, como todo o romancista que se preza, eu tenho amor e ódio pelos meus personagens. Por isso eu pedia licença para protestar contra o qualificativo de velhaca que o senhor apôs à minha Edgarda. Eu não a quis assim. Ela é vítima de uma porção de influências sociais, de terrores em tradições familiares, quando aceita o casamento com o Numa. Depois... Nós, dado a fraqueza do nosso caráter, não podemos ter uma heroína de Ibsen e, se eu a fizesse assim, teria fugido daquilo que o senhor tanto gabou em mim: o senso da vida e da realidade circundante.<sup>370</sup>

---

<sup>368</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo”*: uma história do gênero masculino (1920-1940). São Paulo: Intermeios, 2013.

<sup>369</sup> FANTINATI, Carlos Erivany. Lima Barreto e a mulher. *Literatura e Autoritarismo*, n. 12, jul./dez.2008. Disponível em: < [http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num12/art\\_08.php](http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num12/art_08.php)>. Acesso em: 3 jul. 2015.

<sup>370</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*, op.cit., v.2, p. 33.

Ao apresentar os argumentos em defesa da filha de Neves Cogominho, Lima Barreto expõe, no excerto, traços de seu pensamento estético-literário, exatamente ao lembrar a seu interlocutor que sua escrita dialoga com o mundo concreto, pois nela se manifesta seu *senso da vida*. Sendo assim, sugere a apreensão de “sua” Edgarda em conexão com o contexto no qual ela está inserida, o de um universo tipicamente arrivista e corrompido e em cujos valores ela foi criada.

Seguindo essa lógica, é preciso levar em consideração os aspectos contidos nos espaços do qual Edgarda é oriunda e por onde circula, bem como observar as influências sociais sofridas por ela em seu processo constitutivo, não para se construir imagens a seu respeito como vítima ou como heroína, mas, antes, como uma personagem capaz de se avizinhar da mulher da *realidade circundante* – a ele e ao interlocutor – que, tal como ela, também convive com a imposição dos valores morais regrados e com as exigências para situar sua conduta dentro de padrões idealizados. Assim, em sua ressalva, Lima Barreto “[...] tende a aproximar a narrativa e os seus elementos da realidade retratada, integrando o leitor ao contexto no qual as personagens sugerem indivíduos reais e não modelos de perfeição”<sup>371</sup>.

A vivência com os valores equivocados, mas talvez aprendidos como certos, e a imposição de limites para a mobilidade feminina deslindam as ações de Edgarda no romance. Desse modo, mesmo sendo uma mulher de caráter forte e obstinada na realização de seus anseios, ela, em grande medida, age de acordo com as expectativas sobre as mulheres de sua posição. Diante de tais aspectos, nos argumentos a João Ribeiro, Lima Barreto sugere a apreensão de sua personagem de *Numa e a Ninfa* não com uma visão formatada, moralizada e preconcebida sobre ela, mas a partir da teia de elementos contidos no livro que, levados em consideração, facultam ao leitor adquirir uma compreensão mais ampla do mundo feminino.

Em tal sugestão, o próprio escritor permite que se abra o leque interpretativo de sua personagem – desde que destituído de preconceitos. Nessa perspectiva, a relação de Edgarda com o primo Benevenuto pode ser compreendida como uma válvula de escape do universo convencional e regrado no qual ela vivia e com a qual se guarnecia de satisfação e segurança. Nessa medida, como salienta Peter Gay, “[...] o que os moralistas contemporâneos chamavam precipitada e prazerosamente de ‘hipocrisia’ era na realidade uma forma de abrir espaço para as paixões – dentro dos limites da razão”<sup>372</sup>.

---

<sup>371</sup> PINTO, Rose Maria. *O discurso às avessas em Numa e a Ninfa de Lima Barreto*. 2012. 99 f. Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2012. p.65.

<sup>372</sup> GAY, Peter. *A educação dos sentidos...*, op.cit., p.85.

Lima Barreto, como já visto, apresenta em Olga e Edgarda duas mulheres em que as inteligências se sobressaem às de seus respectivos maridos, pois tanto Armando quanto Numa são “doutores”, mas, diferentemente das esposas, ambos são retratados com capacidade intelectual dirigida principalmente para a realização de atividades cerebrais de repetição. No tocante a esses aspectos, o escritor inscreve em sua ficção a inversão dos lugares sociais do masculino e do feminino, distribuídos na visão de mundo tradicional generificada.

Segundo essa lógica convencional, por serem portadores de titulações acadêmicas, em comparação com elas, os homens é que “deveriam” ter o intelecto acentuado. Entretanto, na ficção barretiana, é nas duas mulheres em apreço que, sem acesso à mesma educação intelectual dada aos homens, se personifica o raciocínio desencadeador de múltiplas conexões entre leitura e realidade – mesmo tendo suas ações limitadas ao recôndito doméstico.

Ao acompanhar os históricos de Olga e Edgarda presentes nas narrativas dos dois romances, o leitor pode constatar que a agudeza de inteligência de ambas era fornecida pelas leituras que faziam. Como mulheres de estrato econômico privilegiado, sem a necessidade de exercerem trabalho remunerado para se sustentarem e apesar do cumprimento das agendas domésticas, sobravam-lhes muitas horas ociosas ao longo do dia, com as quais se serviam para ler os jornais e, sobretudo, livros.

O narrador de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* indica os nomes dos franceses Goncourt, Anatole France, Daudet, Maupassant como autores cujas obras eram muito apreciadas por Olga, enquanto Armando, em seu pedantismo intelectual, ao se deparar com as criações de tais autores, não conseguia atinar os motivos da predileção da esposa por elas, já que “[...] ele [mesmo] não compreendia a grandeza daquelas análises, daquelas descrições, o interesse e o valor delas, revelando a todos, à sociedade, a vida, os sentimentos, as dores daqueles personagens, um mundo!”<sup>373</sup>. Em *Numa e a Ninfa*, no tocante a esse respeito, Numa também tem opinião muito parecida com a de Armando em relação a Edgarda, eram espantosas para ele as leituras às quais a mulher se dedicava, pois “[...] não sabia bem que prazer ela pudesse encontrar nos livros com os quais [ele] só lidou por obrigação”<sup>374</sup>. E, embora pensasse desse modo, Numa não perdeu a oportunidade de usufruir da impressão de leitor “estudioso e homem de bom gosto”<sup>375</sup> que causava ao comprar os livros para ela.

A leitura, entre fins do século XIX e o início do século XX, era algo já bastante recorrente nos hábitos cotidianos femininos, e isso graças, principalmente, às transformações

<sup>373</sup> BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*, op.cit., p.261.

<sup>374</sup> BARRETO, Lima. *Numa e a Ninfa*, op. cit., p.24.

<sup>375</sup> Id., loc. cit.

tecnológicas ocorridas nesse período, que colaboraram para a popularização das publicações da imprensa. Em grande parte, esse público leitor feminino estava situado entre as mulheres dos estratos médios e altos. É uma questão crucial para a consolidação desse lamentável panorama no Brasil, entre outros motivos, talvez se explique porque a instrução escolar, naquele contexto, era distribuída de modo desigual entre homens e mulheres e, entre estas últimas, além da diferenciação de gênero, se acrescia também a diferença de classe. Assim, entre as ocupantes das camadas empobrecidas que tiveram o acesso à educação negado, existia um grande número de analfabetas, o que, por consequência, lhes sequestrava o direito à leitura.

Fabiana Câmara Furtado, com base nos estudos de Michele Perrot, mostra que, para a mulher burguesa do período mencionado acima, a leitura é, em grande medida, um recurso por meio do qual ela se serve para escapar à realidade. Normalmente, envolta nas restrições morais, essa leitora tem no livro a oportunidade de mergulhar no universo dos romances e experimentar, com as múltiplas personagens, os mesmos sonhos e desejos e sentir os mesmos sentimentos. Desse modo, com as leituras, ela se permite desfrutar a “[...] parte romanesca da sua existência e através delas [...] ir[á] viver o que não é permitido, de realizar a parte de si mesma que teve que sacrificar”<sup>376</sup>.

A consideração levantada por Furtado fornece elementos para se pensar o modo como Lima Barreto transfigurou tal perfil de leitoras em Olga e Edgarda, como visto acima, a partir da narrativa das impressões dos esposos das duas personagens. O ato de ler para elas, mais que fonte de entretenimento, era algo que lhes aguçava a curiosidade, que as ajudava a alimentar a fome de conhecimento, de aprendizado sobre o mundo e também sobre as artes literárias. Diferentes de seus maridos doutores, as duas sabiam apreciar e diferenciar não apenas o conteúdo apresentado, mas também o valor estético das obras literárias que liam. Em *Numa e a Ninfa*, o narrador apresenta uma cena na qual se pode avistar a maneira pela qual o escritor traçou a competência intelectual e a relação de Edgarda com os livros:

Dona Edgarda, mulher de Numa, não andou muito contente uns dias e ela os passou recolhida em sua biblioteca a ler e a pensar.

Os livros estavam fora dos seus lugares nas estantes; viviam pelas mesas, pelo chão, abertos, com marcas à vista; e um tal aspecto era mais o da biblioteca de um sábio em desesperada polêmica que o da de uma senhora que faz plácidas leituras.<sup>377</sup>

<sup>376</sup> FURTADO, Fabiana Câmara. *Perfis da Belle Époque brasileira...*, op. cit., p.68.

<sup>377</sup> BARRETO, Lima. *Numa e a Ninfa...*, op. cit., p.24.

Nessa passagem narrada, a capacidade intelectual de Edgarda se apresenta por meio do manuseio do acervo bibliográfico e do uso desse espaço, assim o leitor pode observar que o gosto e intelecto da mulher supostamente a direcionam apenas para as *plácidas leituras*, para aquelas leituras sem desprendimento de grandes inquietações, aquisição de conhecimento ou promoção de reflexões, por conseguinte, o lugar em que ela as realiza é, provavelmente, um ambiente asséptico e organizado. Entretanto, com traços de sua fina ironia, Lima Barreto desenha sua personagem como alguém de inteligência superior e, ao apresentá-la servindo-se do espaço da biblioteca e dos livros tal como um *sábio*, ele desmobiliza a visão de mundo tradicional sobre a racionalidade feminina.

Nas décadas iniciais do século passado, as mulheres compunham uma parcela bastante considerável do público leitor-consumidor dos contos e romances publicados nos jornais em circulação. Nessa perspectiva, importa reiterar que *Numa e a Ninfa* e *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, antes de serem editados como livros, foram lançados na imprensa como folhetins. Segundo Silviano Santiago, a linguagem exigida por esse formato de publicação acarretou um delineamento bastante particular de seu consumidor que, ao ler um romance, esperava encontrar os elementos com os quais havia se habituado no gênero folhetim, como a diminuição da complexidade da narrativa e a presença dos núcleos repetitivos contidos nela. Sendo assim, conforme o estudioso, em tal perfil está inscrito “[...] o leitor comum [e este] não teoriza sobre sua leitura”<sup>378</sup>.

Como personagens criadas em conexão com as mulheres reais, Olga e Edgarda também liam os jornais que partilhavam com seus respectivos pais e cônjuges. Entretanto, na narrativa dos dois romances, não há menção indicando, exatamente, qual ou quais seções desses veículos eram lidas por elas. Mas as referências a respeito de seus gostos literários, seja através da indicação dos autores preferidos ou do modo como elas se apropriavam das leituras que faziam, permitem identificar que os perfis nelas inscritos estão longe de serem os de um leitor comum. Em *Numa e a Ninfa*, sobre Edgarda, o narrador informa: “[...] ela lia poetas, lia os romances, e foi alargando o campo de leitura [...]. Apanhara bem a relação que há entre a vida que não vivera, e o livro que lia; entre a realidade e a expressão”<sup>379</sup>.

Nesse enunciado, desenha-se a criação do retrato de leitora de Edgarda que, assim como Olga, também expandiu seus horizontes para além de seu universo pessoal por meio da leitura que escolhia fazer, tendo por critério de escolha aquela capaz de possibilitar sua

<sup>378</sup> SANTIAGO, Silviano (apud VASCONCELLOS, Eliane. *Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999. p. 190).

<sup>379</sup> BARRETO, Lima. *Numa e a Ninfa*, op. cit., p.48.

capacidade de *pensar*, de conectar arte e *realidade*. Desse modo, visualizam-se, nas imagens das duas personagens, os vestígios do pensamento de seu criador, que cartografa com elas seu desejo de transformação do panorama literário brasileiro, principalmente a partir da constituição ou consolidação de um público leitor afinado com essa mudança, porque não aceita subestimar a própria inteligência e, também, se inquieta diante das normas e regras impostas com vistas a fazer o mundo funcionar sempre dentro da mesma lógica excludente e mantenedora das múltiplas assimetrias entre as pessoas.

Esse anseio do romancista permite pensar sobre os elementos que ele busca desconectar ao desenhar “suas” duas mulheres com altas capacidades de raciocínio. Como se pode depreender, as imagens com que Lima Barreto as apresenta, diferem daquelas que criara sobre as parcelas femininas com quem conviveu durante seu percurso de vida. Neste sentido, o estudo dessas personagens suscita a reflexão sobre o que o escritor buscou fazer funcionar com Olga e Edgarda, no tocante aos aspectos leitura e intelecto. Assim sendo, nelas se manifesta sua crítica à ampla publicidade e ao espaço para as artes literárias-passatempo em detrimento da exiguidade de espaço para a literatura que fugia a tal modelo, como a produção dele próprio e a de muitos outros autores de quem ele era admirador dos trabalhos.

Essa distribuição desigual de espaço para publicação, como visto anteriormente, era entrelaçada, pela divulgação dos modismos literários na imprensa, ao gosto dominante, que se retroalimentavam, dificultando, assim, a oportunidade para a mudança de tal panorama. Em boa parte do público que sustentava tal processo, incluíam-se muitas mulheres afeitas a tais leituras. Nessa medida, talvez por isso Lima Barreto tenha querido fornecer a seu leitor e, particularmente a sua leitora, através de Olga e Edgarda, o entendimento de que há muitas outras produções literárias fora daquelas dos padrões normatizados e autenticados. E, também, talvez advertir que a leitura de tais produções não doutrina sua capacidade intelectual e, por isso, pode possibilitar a ampliação de seus horizontes e lhes facultar, quem sabe, a criação de outros modos de existir, nos quais ela pode, astuciosamente, mesmo vivendo sob restrições, engendrar suas mobilidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em toda a produção de Afonso Henriques de Lima Barreto, cuja realização aconteceu entre as duas primeiras décadas do século XX, inclui-se uma pluralidade de aspectos que se traduzem como fontes fecundas para o estudioso interessado em investigar os eventos ocorridos nesse período pontilhado por uma série de mudanças na sociedade brasileira, como a reurbanização do Rio de Janeiro que, em seu conjunto, apresentou itens como a administração científico-tecnológica com vistas a “remodelar” a geografia do lugar e o comportamento dos indivíduos. Tal reurbanização prescrevia a redistribuição e (re)locação das pessoas, instalando-as nos espaços físicos e sociais produzidos com base em parâmetros de classe e gênero, segregando, assim, os pobres dos ricos, as mulheres dos homens naquele contexto histórico do qual o escritor foi contemporâneo e, sobre tais ocorrências, lançou suas apreensões e as imprimiu em sua redação.

O conjunto desses acontecimentos provocou intensas transformações nos comportamentos dos indivíduos, principalmente no que diz respeito à demarcação de limites das mobilidades entre eles, baseada na distribuição generificada dos lugares sociais, marcando as vidas das mulheres e homens desse momento por intensas inquietações, ansiedades e conflitos. As mulheres acenavam, então, com a oportunidade de quebrar as fronteiras prescritas e ampliar sua atuação para além dos lugares impostos, enquanto os homens viam na mobilização delas uma ameaça de perda dos tradicionais espaços a eles reservados. Temerosos, eles reagiram e, de muitos modos, tentaram conter os avanços das conquistas femininas.

Especialmente, esse panorama acima apontado disponibilizou elementos para situar o contexto da obra de Lima Barreto nas análises realizadas nesta pesquisa, que buscou apreender os lugares do feminino inscritos em seus textos. Nessa medida, foi importante realizar o estudo da experiência de vida do escritor e compreender sua singularidade como efeito dos afetos experimentados ao longo de seu trajeto. O seguimento de tal trilha interpretativa permitiu pensar sobre as diferenças entre mulheres e homens na época, reforçadas pelas elaborações culturais que polarizavam a espacialização entre elas e eles e contribuía, assim, para o aumento das tensões entre ambos.

Dessa forma, situar Lima Barreto em tal contexto serviu para se considerar que, no escritor, também se inscrevia sua diferença de gênero. Assim, importou compreender que seus textos não falavam *pelas* mulheres de seu tempo, mas falavam *de* mulheres a partir de sua

perspectiva, que foi atravessada por aspectos culturais, simbólicos, sociais, históricos e sexuais acumulados em sua trajetória. Desse modo, a inscrição de figuras femininas em sua narrativa não se construiu linearmente, porque, em sua escrita, se instalou suas múltiplas subjetividades em constante deslocamento.

Nessa dimensão, foi também relevante considerar a variedade de lugares para o feminino, inscrita na narrativa barretiana, como elaborações que ocorreram em consonância com os afetos experimentados nos diversos contextos vividos pelo escritor, nos quais se entrecruzaram a exterioridade e a interioridade que o autorizaram na escolha dos aspectos com os quais cartografar a presença feminina em sua obra. Assim, os múltiplos enfoques sobre as mulheres enunciados por Lima Barreto abriram a possibilidade para se inferir que sua apreensão sobre o mundo feminino se fez por meio da peculiaridade de suas experiências, e essa peculiaridade se constituiu, como diz Michel Foucault “[...] no espaço de uma exterioridade selvagem”<sup>380</sup>.

Em tal dimensão, nesta pesquisa, tentou-se identificar essas variadas apresentações do mundo feminino relacionadas com os contatos que o autor estabeleceu com as mulheres nos múltiplos espaços nos quais ele viveu a experiência de ser mulato, pobre, literato, funcionário público e homem, exatamente naquele momento em que se acirravam as tensões entre os gêneros na disputa pelos mesmos espaços.

Assim, foram levados em consideração, na pesquisa, a visão de mundo, a compreensão de arte e literatura de Lima Barreto, sua posição nos espaços vividos e seu desejo em ver transformado o panorama econômico, societário e artístico cultural do País. O estudo de tais anseios do escritor forneceu elementos não apenas para identificar que, em sua narrativa, se entrelaçaram suas expectativas individuais com as da coletividade contemporânea a ele, como também que, com sua escrita, ele buscou romper com o estabelecido, além de ocupar diversos lugares de sujeito, nos quais, de algum modo, pôde alcançar certa visibilidade da qual se considerava merecedor.

Na tentativa de cumprir o grande sonho de figurar seu nome nos espaços de projeção das artes literárias brasileiras Lima Barreto encontrou muitos obstáculos e, diante deles, empreendeu sua luta contra as formas de dominação que dificultavam as mobilidades para aqueles que, como ele, se constituíam diferentes dos padrões disseminados na visão de mundo dominante.

---

<sup>380</sup> Para Michel Foucault: “É sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma ‘polícia’ discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos”(FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996. p.35).

Dessa maneira, o escritor identificou, no arrivismo carreirista, na instituição da administração técnico-científica republicana, na supervalorização das literaturas beletristas e na corrupção de favores, o vasto conjunto que oprimia e reforçava a desigualdade de oportunidades existente no País, ao se distribuir direitos entre as pessoas. Na verdade, mesmo naqueles tempos em transição, nos quais se processava a implantação da “moderna” sociedade brasileira, ainda se tomava por critério de distribuição de tais oportunidades as aparências externas dos indivíduos – como as baseadas na cor da pele.

Neste sentido, as análises realizadas nesta pesquisa seguiram um percurso no qual se tentou colocar em foco as mudanças ocorridas no País durante o tempo da produção do autor, identificando nelas, especialmente, as desencadeadoras da desestabilização espaço-social entre mulheres e homens que desenrolaram não só um progressivo movimento de inserção feminina nos lugares públicos, bem como a (re)criação de discursos contrários a tal movimento. Por isso, a proliferação de toda uma série de itens referendados na medicina social com vistas a reforçar a diferença entre os sexos, para se evitar a expansão das mobilidades femininas, garantindo assim a manutenção da mulher nas esferas privadas e a do homem nas esferas públicas.

Seguindo nessa direção, as reflexões empreendidas no trabalho primeiramente se lançaram sobre os textos barretianos nos quais estão focalizados, na narrativa, os aspectos do feminino que, em certo sentido, redundavam na universalização de características naturalizadas na visão de mundo que apreendia negativamente a mulher. Nessa dimensão, as crônicas selecionadas compuseram um importante meio da apreciação de tais aspectos, nelas se flagrando a postura antifeminista do escritor, da qual ele mesmo tratou de proclamar na fabulação.

Seu antifeminismo, como argumentava Lima Barreto, sucedia da discordância da agenda do movimento feminista centralizada apenas na reivindicação das mulheres de condição socioeconômica privilegiada, como o direito ao voto e o acesso ao emprego público. A partir dessa constatação, o escritor lançou luz em seus escritos sobre os diversos e importantes trabalhos – que estavam sendo ocultados, também, pelas emancipacionistas – executados por muitas mulheres pobres, esquecidas nas reclamações do movimento. Dessa maneira, buscou demonstrar, em seu discurso, que sua postura não era contra a mulher, mas contra as medidas que fortaleciam a desigualdade entre a rica e a pobre, aprofundando o abismo entre elas e distanciando, cada vez mais, esta última da inserção na cidadania.

O estudo dessa fabulação antifeminista propiciou se discernir, nos textos estudados, os posicionamentos do escritor em relação às mulheres que atuavam no espaço das repartições

públicas. Nessa medida, como integrante do funcionalismo público que almejou ascender na carreira, mas que teve sua oportunidade negada, diante da crescente entrada feminina em tais esferas, o amanuense-escritor partiu para o embate com elas, como uma forma de defender seu espaço no serviço público.

Na experimentação desses afetos, Lima Barreto reagiu ao temor e ansiedade sentidos e instalou em seus textos retratos negativos sobre a mulher, como o da mulher inábil para ocupar os postos de trabalho no funcionalismo. Em contraponto, iluminou as trabalhadoras das parcelas femininas pobres, aquelas esquecidas pela reivindicação feminista branca e burguesa – embora as integrantes desse grupo, tal como as primeiras, compusessem a parcela dominada no jogo da relação desigual entre elas e os homens – e executantes de ofícios, igualmente esquecidos e ocultados pela maioria das pessoas, mas que, curiosamente, não se constituíam numa ameaça às funções públicas “masculinas”.

Do mesmo modo, este estudo procurou analisar a participação de Lima Barreto nos espaços nos quais exerceu sua atividade de literato, seja como produtor ou como crítico. Instrumentos como cartas, artigos jornalísticos entre outros, se compuseram em fontes para o entendimento das apreensões barretianas de mundo e sociedade, de arte e fazer literário, e, nestas, entre a riqueza de possibilidades interpretativas que seus textos autorizam, foi possível se constatar, mais uma vez, o entrecruzamento de suas concepções com seu posicionamento em relação às mulheres pertencentes aos estratos econômicos privilegiados. Estas conviviam com ele no mesmo universo das artes literárias, espaço feminino que Lima Barreto buscava ocupar e, praticando nele sua escrita baseada nos princípios éticos que defendia, esperava alcançar uma reconhecida posição social de autoria.

Assim, tornou-se relevante levar em consideração que o escritor foi contemporâneo de um momento no qual se disseminou amplamente uma visão de mundo constituída a partir das elaborações e práticas discursivas pautadas nas relações desiguais entre os gêneros. Tais questões, relacionadas a poder, conhecimento ou projeção nas esferas públicas, foram largamente difundidas como sendo típicas do universo masculino. Com essa compreensão, foram demarcados lugares físicos e sociais de uso e atuação das pessoas, com base nos supostos atributos “naturais” de cada uma. Seguindo essa lógica, ocupar cargos na política, compor o parlamento, desempenhar carreiras profissionais na medicina e engenharia, integrar os postos de trabalho do funcionalismo, exercitando esforços “cerebrais”, eram coisas consideradas exclusivas “de homem”.

Entretanto, muitas mulheres, seja nas suas atuações cotidianas ou nas ações planejadas, se insubordinaram quanto a essas restrições e, de muitos modos, conseguiram

deslocar as fronteiras impostas e atuar fora dos espaços privados, ocupando os lugares que lhes foram interditados, como a carreira no funcionalismo. Por meio de afrontas à configuração da dominação imposta as mulheres do início do século XX, conseguiram rasurar esse panorama, desprendendo conquistas como o direito de prestar concurso para o serviço público.

Na presente pesquisa, o estudo da troca epistolar entre Lima Barreto e a escritora Albertina Bertha ofereceu um momento oportuno para alcance da afronta feminina às forças instituídas. Embora simbólica e socialmente demarcada como feminina, a carreira literária ainda era um caminho bastante estreito para a mulher ocupar outras posições, além daquela que ocupava nos espaços da domesticidade. O lugar social de prestígio, de reconhecimento intelectual por meio das letras ainda era largamente reservado para o autor homem. Nessa medida, foi possível visualizar nas cartas trocadas entre eles, pode-se dizer, um jogo de relação de poder, pois ambos disputavam os mesmos lugares de visibilidade e mobilidade social no espaço das letras brasileiras.

Desse modo, seguindo esse horizonte interpretativo, partiu-se da compreensão de que, nas linhas do escritor-crítico para a escritora, residia também certa tensão por parte do Lima Barreto autor, em grande medida, um desprestigiado nos espaços majoritários de divulgação das artes literárias e em busca de reconhecimento e projeção de seu nome como tal, ao se ver diante da possibilidade de continuidade do panorama de valorização das produções de caráter beletrista, que obstruíam a oportunidade de divulgação de outros fazeres literários como o seu, e cujo traço ele encontrava na obra de Bertha, a autora.

Por sua vez, em sua resposta, ela não deixou de se apresentar a ele como alguém capaz de elaborar e defender as próprias opiniões. Em tal defesa, demonstrou que sabia se apropriar das práticas de sua arte. Nessa medida, as palavras de Bertha a seu interlocutor puderam ser interpretadas como uma espécie de um sutil conflito entre eles, no qual ela parecia saber que, como mulher ocupante dos espaços literários, precisava combater o fantasma do “Anjo do Lar”<sup>381</sup> para garantir seu lugar social de autoria que, em grande medida, disputava com os literatos como Lima Barreto.

---

<sup>381</sup> A escritora inglesa Virginia Woolf usa essa expressão tomada de empréstimo ao poeta Coventry Patmore que, por sua vez, direcionou-a à sua esposa, numa espécie de elogio, por ela ser muito dedicada ao lar e à felicidade dele, a ponto de renunciar a própria opinião. Woolf, refletindo sobre sua trajetória como escritora, narra sobre o obstáculo psicológico que teve de enfrentar na carreira: a convivência com o fantasma do “Anjo do Lar”, essa noção de mulher “perfeita” e cordata a tudo. Ela, então, escreve que, para seguir na profissão, foi preciso matar tal fantasma dentro de si (WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre: L&PM, 2013).

Dando continuidade à investigação, após tais análises, o percurso da pesquisa se encaminhou para o estudo das personagens femininas da ficção barretiana: Margarida Pestana, Edgarda Castro e Olga Borges dos respectivos romances *Clara dos Anjos*, *Numa e a Ninfa* e *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. E, através do exame dessas figuras, foi se desnudando a denúncia do escritor em relação à instituição das forças com as quais se processava o rebaixamento dos contingentes femininos, seja pela imposição da ideia do casamento, que obrigava a mulher a encaminhar sua vida nessa direção como único destino possível, seja pelo desequilíbrio na disponibilização do direito à instrução escolar entre as parcelas femininas e masculinas. Tais aspectos estavam articulados com a desqualificação da inteligência feminina e com a desvalorização das atividades profissionais desempenhadas por esse segmento, as quais foram estigmatizadas como “trabalhos de mulher”.

Nesta perspectiva, o estudo dessas três personagens tanto propiciou a confirmação da multiplicidade do olhar barretiano sobre a mulher, quanto manifestou a compreensão de que, por meio delas, o autor se autorizou a construir em sua literatura outra geografia do mundo feminino, um mundo inaudito, diferente do conhecido, mas nele ancorado. Nessa medida, importou considerar, na presente investigação o caráter sociológico da concepção de arte literária do escritor, porque esta propiciou a compreensão de que ele, manifestadamente, quis construir “suas” três mulheres em conexão com a mulher da realidade circundante a ele e a de seu/sua leitor/a, na qual ela sofre uma série de imposições sobre si, pois a queria dominada ao homem e às forças que este representa.

O escritor construiu em Margarida, Edgarda e Olga personagens que, em certo sentido, se constituíam fora dos padrões normatizados. Imprimiu nelas sua crítica quanto à forte hierarquização existente na sociedade brasileira, sobretudo aquela baseada na relação desigual entre os gêneros. Dessa maneira, ele as fez encontrar meios de atingirem alguma mobilidade, mesmo vivendo em universos tão opressores de sua condição feminina.

Todavia, tal realização não deixa de possibilitar a inferência de que na mesma, talvez, resida uma das ambivalências de Lima Barreto, posta na apreensão de que ele como intelectual foi simpatizante das ideias anarquistas e socialistas contrárias à formatação das pessoas, por outro lado, foi homem de seu tempo, e assim, inscreveu “suas” três mulheres, analisadas aqui, no espaço da domesticidade. Entretanto, foi neste mesmo espaço que as autorizou a encontrar fissuras às prescrições normativas, a se deslocarem nele e engendrem suas heterotopias.

## REFERÊNCIAS

### 1 Fontes

#### 1.1 Artigos, crônicas e outros:

BARRETO, Lima. Alguns reparos (*A Estação Teatral*, Rio de Janeiro, 17 jul. 1911). In: \_\_\_\_\_. *Impressões de leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p.276-279.

BARRETO, Lima. A amanuensa (A. B. C., Rio de Janeiro, 05 out. 1918). In: \_\_\_\_\_. *Coisas do Reino do Jambon*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p.51-53.

BARRETO, Lima. A minha candidatura (*Careta*, Rio de Janeiro, 18 ago.1921). In: \_\_\_\_\_. *Marginália*. Disponível em: <<http://www.letraseletras.com.br/home/livros/categorias/autores/lima-barreto/margin%C3%A1lia.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2015.

BARRETO, Lima. Amplius! In: \_\_\_\_\_. *História e sonhos*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1999. p.21-25.

BARRETO, Lima. A poliantéia das burocratas (*Rio-Jornal*, Rio de Janeiro, 26 e 27 set. 1921). In: \_\_\_\_\_. *Coisas do Reino do Jambon*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p.60-65.

BARRETO, Lima. Apresentação da Revista Floreal (*Floreal*, Rio de Janeiro, nº1, 25 out. 1907). In: \_\_\_\_\_. *Impressões de leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 180-184.

BARRETO, Lima. As mulheres na Academia (*Careta*, Rio de Janeiro, 19 fev. 1921). In: \_\_\_\_\_. *Coisas do Reino do Jambon*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p.156-157.

BARRETO, Lima. Esta minha letra... In: \_\_\_\_\_. *Feiras e Mafuás*. Rio de Janeiro/São Paulo: Mérito, 1956. p.303-308.

BARRETO, Lima. Estudos (*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 26 out. 1920). In: \_\_\_\_\_. *Impressões de Leitura* (crítica). São Paulo: Brasiliense, 1956. p.117-122.

BARRETO, Lima. Henrique Rocha. In: \_\_\_\_\_. *Bagatelas*. Rio de Janeiro: Empresa de Romances Populares, 1923. p.129- 135.

BARRETO, Lima. Literatura militante (A. B. C., Rio de Janeiro, 07 set. 1918). In: \_\_\_\_\_. *Impressões de leitura* (crítica). São Paulo: Brasiliense, 1956. p.71-74.

BARRETO, Lima. O destino da literatura. In: \_\_\_\_\_. *Impressões de leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p.51-69.

BARRETO, Lima. O Doutor Frontin e o Feminismo (*Careta*, Rio de Janeiro, 12 fev. 1920). In: \_\_\_\_\_. *Coisas do Reino do Jambon*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p.55-57.

BARRETO, Lima. O feminismo em ação (*Careta*, Rio de Janeiro, 08 abr. 1922). In: \_\_\_\_\_. *Coisas do Reino do Jambon*. Prefácio de Olívio Montenegro. São Paulo: Brasiliense, 1956. p.73-74.

BARRETO, Lima. O nosso feminismo (*Careta*, Rio de Janeiro, 16 abr. 1921). In: \_\_\_\_\_. *Coisas do Reino do Jambon*. Prefácio de Olívio Montenegro. São Paulo: Brasiliense, 1956. p.53-55.

BARRETO, Lima. Pela “secção livre”. In: \_\_\_\_\_. *Bagatelas*. Rio de Janeiro: Empresa de Romances Populares, 1923. p.155-159.

BARRETO, Lima. Uma coisa puxa a outra... (A *Estação Teatral*, Rio de Janeiro, 08 abr. 1911). In:\_\_\_\_\_. *Impressões de leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p.262-266.

### 1.2 Romances:

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Penguin: Companhia das Letras, 2012.

BARRETO, Lima. *Numa e a Ninfa*. Belo Horizonte: Rio de Janeiro: Garnier, 1989.

BARRETO, Lima. *Diário do Hospício; O cemitério dos vivos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. 2.ed. São Paulo: Penguin Classics: Companhia das Letras, 2010.

BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Penguin: Companhia das Letras, 2011.

BARRETO, Lima. *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. São Paulo: Ática, 1997.

### 1.3 Memórias e correspondências:

BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*. Prefácio de Antônio Noronha Santos. São Paulo: Brasiliense, 1956. v.1.

BARRETO, Lima. *Correspondência, ativa e passiva*. Prefácio de B. Quadros. São Paulo: Brasiliense, 1956. v.2.

BARRETO, Lima. *Diário do Hospício; O cemitério dos vivos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

### 1.4 Outros livros de Lima Barreto:

BARRETO, Lima. *Coisas do Reino de Jambon* (sátira e crônicas). São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Feiras e Mafuás* (crítica e crônicas). Rio de Janeiro/São Paulo: Mérito, 1953.

BARRETO, Lima. *História e Sonhos* (contos). 2.ed. São Paulo: Ática, 1999.

BARRETO, Lima. *Impressões de leitura* (crítica). São Paulo: Brasiliense. 1956.

BARRETO, Lima. *Marginália* (artigos e crônicas). Disponível em: <<http://www.letraseletras.com.br/home/>>. Acesso em: 28 set. 2014.

BARRETO, Lima. *Vida Urbana* (artigos e crônicas). Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000161.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2014.

## 2 Bibliografia geral:

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo”*: uma história do gênero masculino (1920-1940). São Paulo: Intermeios, 2013.
- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 10.ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2012.
- BARBOSA, Francisco de Assis. Bovarismo. In: \_\_\_\_\_. *A vida de Lima Barreto*. 10.ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2012. p.155-168.
- BARBOSA, Francisco de Assis. Prefácio. In: BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. 2.ed. São Paulo: Penguin: Companhia das Letras, 2010. p. 37-52.
- BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BARROS, Manoel de. *O livro das ignoranças*. 12.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos um Haussmann tropical*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura; Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.
- BOSI, Alfredo. Figuras do *eu* nas recordações de Isaías Caminha (introdução). In: BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. 2.ed. São Paulo: Penguin Classics: Companhia das Letras, 2010. p. 9-36.
- BOSI, Alfredo. Lima Barreto e Graça Aranha. In: \_\_\_\_\_. *O pré-modernismo: a literatura brasileira*. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1967. p.93-112.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Organização de Sérgio Miceli. 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da História Oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006. p.183-191.
- BOURDIEU, Pierre. O mercado de bens simbólicos. In: \_\_\_\_\_. *A economia das trocas simbólicas*. Organização de Sérgio Miceli. 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. p.99-181.
- BRANDÃO, Luís Alberto. *Teorias do Espaço Literário*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: FAPEMIG, 2013.
- BRANDÃO, Vanessa Ribeiro. Mito, literatura e ecologia: as ninfas na obra de Lima Barreto e outros elementos greco-latinos. In: SANTOS, Ana Cristina Fonseca dos; BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro (Org.). *Tradução e tradição clássica na América Latina*: v. 2: Lima Barreto. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011, p.79-93. Disponível em: < <http://150.164.100.248/vivavoz/data1/arquivos/tradu%C3%A7%C3%A3o%20e%20tradi%C3%A7%C3%A3o%20cl%C3%A1ssica%20v.%202-site.pdf> >. Acesso em: 22 jun.2015.
- BRASIL. *Código Civil de 1916*. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L3071impressao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L3071impressao.htm) >. Acesso em: 25 set. 2014.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

- CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura 1900-1945 (panorama para estrangeiros). In: \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. 9.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 117-145.
- CANDIDO, Antonio. Os olhos, a barca, o espelho. In: \_\_\_\_\_. *A educação pela noite e outros ensaios*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1989. p. 39-50.
- CARVALHO, José Murilo de. Cidadãos ativos: a Revolta da Vacina. In: \_\_\_\_\_. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 91-139.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. 2.ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.
- CORBIN, Alain. A obrigação da virilidade, fonte de ansiedade e angústia. In: \_\_\_\_\_. et al. (Dir.). *História da virilidade: o triunfo da virilidade – o século XIX*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013. v.2, p. 439-461.
- DALVI, Camila David. *O Bovarismo de Jules Gaultier (na ficção e na vida): fontes e vertentes*. 2008. 125f. Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, 2008.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka, por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- DEL PRIORE, Mary (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- DIAS, Regina Maria Santos. *Lima Barreto: uma máquina de guerra na cidade do Rio de Janeiro*. Curitiba: Appris, 2013.
- DIAS, Regina Maria Santos. Máquinas de guerra x práticas catitas: inspirações barretianas nos estudos da subjetivação. *Mnemosine*, Clio-Psyché-Programa de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia. v.1, n.1, p.123-151, 2005. Disponível em: < [http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/view/48/pdf\\_34](http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/view/48/pdf_34) >. Acesso em: 28 jul. 2014.
- D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (Org.); PINSK, Carla Bassanezi (Coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. 9.ed. 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2009. p. 223-240.
- ENGEL, Magali Gouveia. Gênero e política em Lima Barreto. *Cadernos Pagu*, Campinas, São Paulo, n.32, p.365-388, jan./jun. 2009 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n32/n32a12.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2014.
- FANTINATI, Carlos Erivany. Lima Barreto e a mulher. *Literatura e Autoritarismo*, n. 12, jul./dez.2008. Disponível em: < [http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num12/art\\_08.php](http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num12/art_08.php)>. Acesso em: 17 out. 2014.
- FARAGE, Nádia. Um dever de Antígona: o nexos entre feminino e animal na obra de Lima Barreto. *Labrys: Estudos Feministas*, v. 24, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.labrys.net.br/labrys24/antispecisme/nadia.htm>>. Acesso em: 7 maio 2015.

- FERNANDES, Ana Helena Cobra. O feminino nas crônicas de Lima Barreto: Rio de Janeiro 1905-1922. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: O LUGAR DA HISTÓRIA, 17., 6 a 10 set. 2004, Campinas, São Paulo. *Anais...* Campinas: ANPUH/SP/UNICAMP, 2004. CD-ROM.
- FERREIRA, Antônio Celso. Literatura: a fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p.61-91.
- FONSECA, Cláudia. Honra, humor e relações de gênero: um estudo de caso. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Org.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p.310-333.
- FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORE, Mary (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2009. p.510-553.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. *O que é um autor?* 3.ed. Lisboa: Ed.Vega, 1992. p.127-160
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 23.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: n-1 edições, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 3.ed. Lisboa: Ed.Vega, 1992.
- FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: \_\_\_\_\_. *Ditos e escritos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. v.3, p. 411-422.
- FURTADO, Fabiana Câmara. *Perfis da Belle Époque brasileira. Uma análise das figuras femininas de Lima Barreto*. 2003. 132f. Dissertação. (Mestrado em Teoria Literária)- Universidade Federal do Pernambuco (UFPE), Recife, 2003.
- GAY, Peter. *A educação dos sentidos: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- GAY, Peter. Experiências burguesas, burguesófobos. In: \_\_\_\_\_. *Guerras do Prazer: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.35-57.
- GAY, Peter. *O cultivo do ódio: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 6.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- HANSEN, João Adolfo. Autor. In: JOBIM, José Luís (Org.). *Palavras da Crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p.11-43.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Prefácio. In: BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Penguin Classics: Companhia das Letras, 2012. p. 35-47.
- HUNT, Lynn. História, cultura e texto (apresentação). In: \_\_\_\_\_. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.1-29.

- JERÔNIMO, Rosa Nadir Teixeira; GONÇALVES, Teresinha Maria. O processo de apropriação do espaço e produção da subjetividade. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 24, n. 2, p.195-200, 2008.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da História Oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006. p. 167-182.
- LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- LIMA, Jacqueline de Cassia Pinheiro. Harmonia e dissonância na imprensa carioca. *História e-história*, Campinas, São Paulo, Unicamp, 19 jul. 2005. Disponível em: < <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=29> >. Acesso em: 13 ago. 2014.
- LIMA, Oliveira. Prefácio. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Penguin: Companhia das Letras, 2011. p.57-62.
- LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
- MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto: um pensador social na primeira República*. Goiânia: Ed. UFG; São Paulo: Edusp, 2002.
- MAIA, Cláudia de Jesus. *A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral-Minas Gerais (1890-1948)*. 2007. 319f. Tese (Doutorado em História)-Universidade de Brasília (UNB), Brasília, DF, 2007.
- MANSANO, Sonia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. *Revista de Psicologia da UNESP*. Assis, São Paulo, v. 8 n. 2, p. 110-117, 2009. Disponível em: <<http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/139/172>>. Acesso em: 4 set. 2014.
- MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. v.3, p. 367-421.
- MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michelle (Org.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. v.4, p.193-261.
- MARTINS, Anna Faedrich. *O romance de introspecção no Brasil: o lugar de Albertina Bertha*. 2009. 110f. Dissertação (Mestrado em Letras)-Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), Porto Alegre, 2009.
- MENESES, Lená Medeiros de. Nas trilhas do progresso: Pereira Passos e as posturas municipais (1902-1906). In: SOLLER, Maria Angélica; MATOS, Maria Izilda S. (Org.). *A cidade em debate*. São Paulo: Olho D'água, 1999. p.109-127.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.
- MICELI, Sérgio. Introdução. In: \_\_\_\_\_. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979. p.xv-xxvii.
- MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na República Velha: estudo clínico dos anatolianos*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Tradução Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Fátima Maria. *Correspondência de Lima Barreto: à roda do quarto, no palco das letras*. Rio de Janeiro: Caetés, 2007.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. Tradução de Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1990.

PERROT, Michelle. À margem: solteiros e solitários. In: \_\_\_\_\_. *História da Vida Privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. v.4, p.287-303.

PERROT, Michelle. Funções da família. In:\_\_\_\_\_ (Org.). *História da Vida Privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. v.4, p. 105-119.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Introdução. In: BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Penguin Classics: Companhia das Letras, 2012. p. 25-34.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O efeito do espelho: da cidade maravilhosa ao país das maravilhas. In: \_\_\_\_\_. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. 2.ed. Porto Alegre: UFRG, 2002. p.157-245.

PINTO, Rose Maria. *O discurso às avessas em Numa e a Ninfa de Lima Barreto*. 2012. 99 f. Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa/MG, 2012.

PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *Lima Barreto: uma autobiografia literária*. São Paulo: Editora 34, 2012.

RAGO, Margareth. A colonização da mulher. In: \_\_\_\_\_. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (Brasil 1890 – 1930)*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 61-116.

RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu: trajetórias do gênero, masculinidades...*, Campinas, São Paulo, n.11, p.89-98, 1998. Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.ifch.unicamp.br/pagu/files/pagu11.08.pdf>>. Acesso em: 20 set.2014.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 578-606.

RESENDE, Beatriz. Em defesa de Clara dos Anjos (apresentação). In: BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Penguin Classics: Companhia das Letras, 2012. p.9-24.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. p.2. Disponível em: <[objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/livros.../alma\\_encantadora\\_das\\_ruas.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros.../alma_encantadora_das_ruas.pdf)>. Acesso em: 8 jun. 2014.

ROCHA, Décio. Agenciamentos coletivos de enunciação em O homem que copiava. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.12, n.2, p.403-413, maio/ago. 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a22.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2014.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2011.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. 3.ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Numa “encruzilhada de talvezes” um grande romance aos pedaços (introdução). In: BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Penguin: Companhia das Letras, 2011. p.13-55.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCHWARCZ, Lilia M.; GARCIA, Lúcia; GALDINO, Pedro. Pesquisa e notas. In: BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Penguin: Companhia das Letras, 2011.

SENA, Tatiana. Papéis de gênero e vida pública em *Numa e a Ninfa*, de Lima Barreto. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 3., 15 a 17 de maio de 2013, Salvador. Salvador: UNEB/Campus I, 2013. p. 1-9. Disponível em: < <http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2013/06/Pap%C3%A9is-de-g%C3%AAnero-e-vida-p%C3%ABblica-em-Numa-e-a-Ninfa-de-Lima-Barreto.pdf> >. Acesso em: 22 jun. 2015.

SCOTT, Joan Wallach. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992. p. 63-95.

SERRES, Michel. *Filosofia mestiça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. A Capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 513-619.

SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Scipione, 1993.

SEVCENKO, Nicolau (Org.). Introdução: o prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: \_\_\_\_\_. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. v.3, p.7-48.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SILVA, Jomar Ricardo da. *A educação da mulher em Lima Barreto*. 2007. 197f. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, 2007.

SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: DEL PRIORE, Mary (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2009. p.362-399.

SOIHET, Rachel. Violência simbólica, saberes masculinos e representações femininas. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, v. 5, n. 1, p. 7-30, 1997. Disponível em: <<http://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12558/11703>>. Acesso em: 24 set. 2014.

VASCONCELLOS, Eliane. *Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

VASCONCELLOS, Eliane. Lima Barreto: misógino ou feminista? Uma leitura de suas crônicas. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 255-269.

WILLIAMS, Raymond. Literatura. In: \_\_\_\_\_. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p.50-59.

WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre: L&PM, 2013.